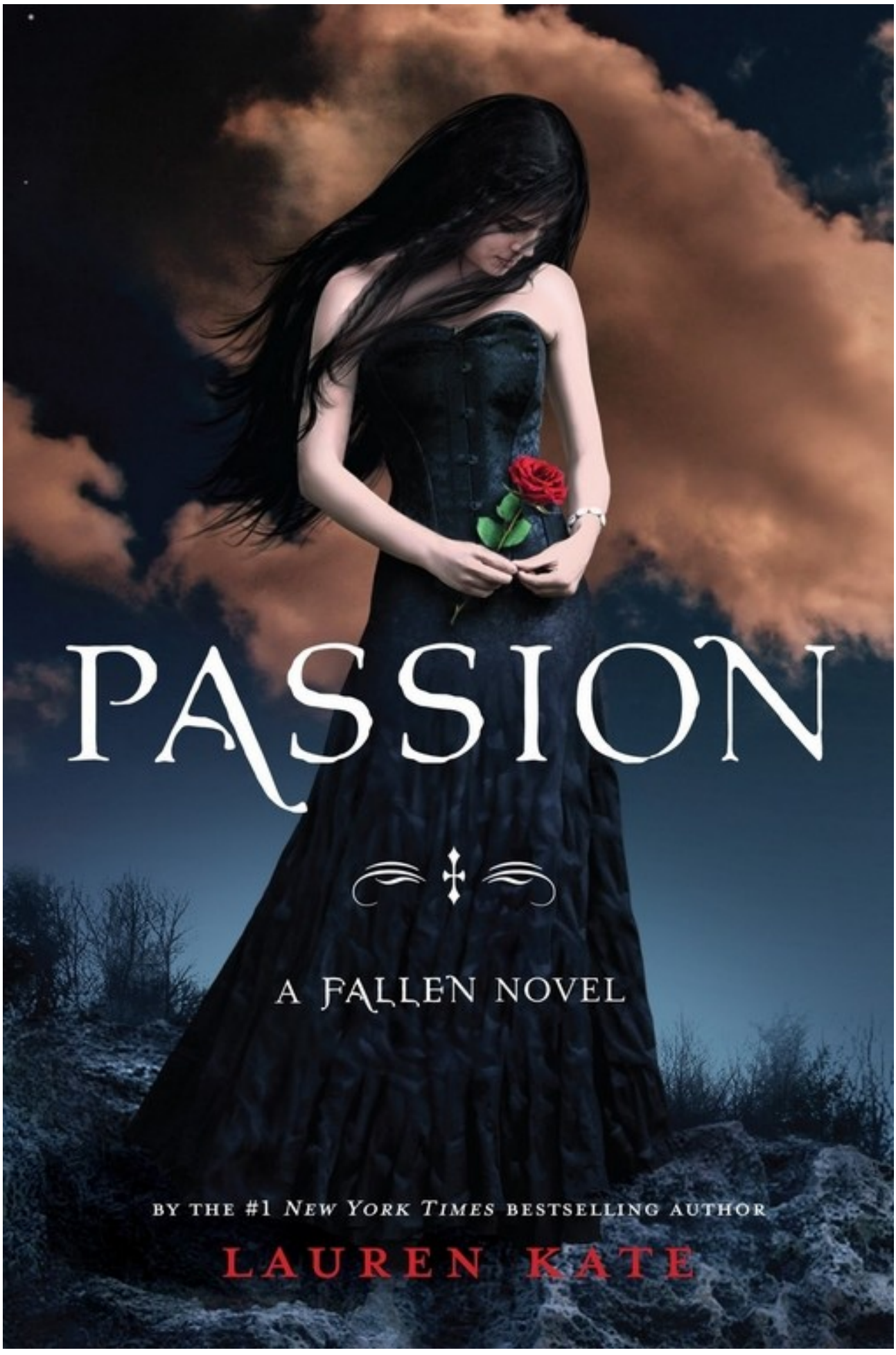
PASSION
A FALLEN NOVEL
BY THE #1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
LAUREN KATE

TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS
traduzido por fã da serie, baseado nas versões em inglês e espanhol.
O livro ainda não foi lançado no Brasil. Mas assim que for comprem.

PRÓLOGO

CAVALO ESCURO.

Lousville, Kentucky • 27 de Novembro, 2009.

Um tiro soou alto. Um amplo portão se escancarou. O bater de cascos de cavalos ecoou ao redor da pista como um massivo soar de trovão.

"E eles se foram!"

Sophia Bliss ajustou a aba larga do seu chapéu de penas. Era uma cor de malva mate, vinte e sete polegadas de diâmetro, com um véu de chiffon pendurado. Largo o bastante para fazê-la parecer uma entusiasta por corridas de cavalos, não tão berrantes a ponto de chamar indevida atenção.

Três chapéus haviam sido especialmente encomendados do mesmo modista em Hilton Head para a corrida aquele dia. Um - gorro amarelo manteiga - que cobria a cabeça branco neve de Srta Sophia, enquanto ela aproveitava seu sanduíche de carne enlatada. O outro chapéu que parecia um mar de espuma verde com uma enorme fita de cetim de bolinhas coroava a cabeleira negra de Vivian Sole, que se sentava parecendo enganosamente acanhada com suas mãos cobertas por luvas brancas que se cruzavam sobre seu colo à direita da Srta Sophia.

"Glorioso dia para uma corrida," Lyrica falou. Aos 136 anos de idade, ela era a mais nova dos anciãos de Zhsmaelim. Ela limpou uma mancha de mostarda do canto da sua boca. "Você consegue acreditar que é minha primeira vez nas pistas?"

"Shhh," Sophia chiou. Lyrica era uma brincalhona. O dia de hoje não era nada sobre cavalos, mas sim sobre encontros clandestinos de grandes mentes. E daí se a outra grande mente não havia aparecido ainda? Eles estariam aqui. Naquela perfeita locação neutra que foi passada adiante em convites de letras douradas que Sophia havia recebido de um desconhecido remetente. Os outros estariam ali para se revelarem e criarem um plano de ataque juntos.

A qualquer minuto agora. Ela esperava

"Adorável dia, adorável esporte," Vivina falou secamente. "Uma pena que nosso cavalo nessa corrida não correr tão facilmente em círculos como aliados. Não é mesmo, Sophia? É difícil apostar aonde a Luce puro sangue vai acabar."

"Eu disse shhhh," Sophia sussurrou. "Morda sua arrogante língua. Há espiões por toda a parte."

"Você é paranoica." Vivina falou, fazendo Lyrica soltar uma risada alta.

"Eu sou o que resta." Sophia falou.

Costumavam ser tantos mais - vinte e quatro Anciões no auge do Zhsmaelim. Um grupo de mortais, imortais e alguns transeternos, como a própria Sophia. Uma aliança de conhecimento e paixão e fé com um único objetivo: restaurar o mundo ao seu estado pré queda, aquele breve, glorioso momento antes da queda dos anjos. Para o melhor ou para o pior. Foi escrito, claro como o dia, no código que eles escreveram juntos e cada um deles assinou: Para o melhor ou pior.

Porque realmente, podia ir para qualquer um dos lados.

Cada moeda tinha dois lados. Cara e coroa. Luz e escuridão. Bom e - Bem, o fato dos outros Anciãos não terem se preparado para ambas as opções não era culpa de Sophia. Era, no entanto, sua cruz para carregar quando um por um manaram avisos de suas desistências. Seus propósitos haviam ficado sombrios demais. Ou: Os princípios da Organização haviam caído. Ou: Os Anciãos haviam se afastado demais do seu código original. A primeira leva de cartas chegou previsivelmente dentro de uma semana após o incidente com a garota Pennyweather. Eles não conseguiam suportar aquilo que eles clamavam ser a morte de uma pequena e insignificante criança. Um momento descuidado com a adaga e de repente os Anciões estavam correndo assustados, todos eles temendo a ira da Escala.

Covardes.

Sophia não temia a Escala. Eles eram encarregados de cuidar dos caídos e não dos certos. Anjos de segundo escalão tais como Roland Sparks e Arriane Alter. Contanto que um não estragasse o céu, aquele estava livre para pender um pouco. Tempos desesperados praticamente imploravam por isso. Sophia quase ficado vesga lendo as desculpas esfarrapadas dos outros Anciões. Mas mesmo que ela quisesse - o que ela não queria - não havia nada a ser feito.

Sophia Bliss - bibliotecária de escola que somente havia servido de secretária para banca do Zhsmaelim - estava agora no mais alto ranking social entre os Anciões. Restava somente doze deles. E nove não podiam ser confiados.

Então isso deixava três deles aqui hoje em seus enormes chapeis pastel, colocando falsas apostas nas corridas. E esperando. Era patético, as profundezas que eles haviam afundado.

Uma corrida chegou ao fim. O anunciante de estatísticas anunciou no auto falante os ganhadores e as probabilidades para a próxima corrida. Pessoas bem vestidas e bêbados ao redor deles festejaram ou se afundaram ainda mais em seus assentos.

E uma garota, aproximadamente dezenove anos, com um rabo de cavalo loiro platinado, casaco marrom e espessos óculos escuros subiu vagarosamente os degraus de alumínio até os Anciões.

Sophia enrijeceu. Por que ela estaria aqui?

Era quase impossível dizer em qual direção a garota estava olhando, e Sophia estava tentando muito não ficar encarando. Não que isso importasse, a garota não seria capaz de vê-la. Ela era cega. Mas então - A Excluída acenou com a cabeça uma vez em direção à Sophia. Ah sim - aqueles tolos conseguiam ver o queimar da alma de uma pessoa. Era tênue, mas a força vital de Sophia devia ainda estar visível.
A garota se sentou na fileira vazia em frente aos Anciãos, ficando de frente para as pistas sacudindo um ticket de aposta de cinco dólares embora seus olhos cegos fossem incapazes de lê-lo.

"Olá." A voz da Excluída era monótona. Ela não se virou para trás.

"Eu realmente não sei por que você está aqui." Miss Sophia falou. Era um dia úmido de Novembro em Kentucky, mas uma camada de suor havia se formado através da sua testa. "Nossa colaboração acabou quando o seu consorte falhou em reaver a garota. Nenhuma quantidade de baboseira que vier daquele se proclama Philip irá mudar nosso pensamento." Sophia se inclinou para a frente, próximo à garota, e franziu o nariz. "Todos sabem que os Excluídos não são confiáveis - "

"Nós não estamos aqui à negócios com vocês," a Excluída falou, olhando para frente. "Você não foi nada além de um receptáculo para nos levar para perto de Lucinda. Nós continuamos desinteressados em 'colaborar' com vocês."

"Ninguém mais se importa com a organização de vocês hoje em dia." passos nas arquibancadas.

O garoto era alto e magro, com a cabeça raspada e um casaco de chuva para combinar com o da garota. Os óculos escuros dele eram do tipo feitos de plástico barato encontrados próximos às baterias em uma farmácia.

Philip se sentou na arquibancada ao lado de Lyrica Crisp. Assim como a garota Excuida, ele não se virou para olhar para elas quando falou.

"Não estou surpreso em encontrá-la aqui, Sophia." Ele abaixou os óculos escuros através do seu nariz revelando dois olhos brancos e vazios. "Apenas desapontado por você não achar que poderia me contar que também foi convidada."

Lyrica engasgou com as horríveis extensões brancas por trás dos óculos. Até Vivina perdeu sua compostura e se encolhei para trás. Sophia borbulhava por dentro.
A garota Excluída ergueu um cartão dourado - o mesmo convite que Sophia recebeu - preso entre os dedos dela.

"Eu recebi isso." Só que aquele parecia que estava escrito em Braille. Sophia esticou a mão querendo ter certeza, mas com um movimento rápido, o convite desapareceu dentro do casaco da garota.

"Olha aqui, seu pilantrinha. Eu marquei suas starchots com o emblema dos Anciões. Você trabalha para mim - "

"Correção," Philip falou. "Os Excluídos trabalham para ninguém além deles mesmos."

Sophia assistiu ele esticar levemente o pescoço, fazendo de conta que seguia um cavalo ao redor das pistas. Ela sempre achou estranho o modo como eles davam a impressão de que podiam enxergar. Quando todo mundo sabia que, com um estalar de dedos, ele atingiu a muitos deles com a cegueira

"Uma pena que você fizeram um trabalho tão ruim em capturar ela." Sophia sentiu sua voz mais alta do que ela sabia que deveria estar, chamando a atenção de um casal idoso do outro lado da arquibancada. "Era para nós estarmos trabalhando juntos," ela repreendeu, "caçar ela e - e vocês falharam."

"Não teria feito diferença de um jeito ou de outro."

"Como é que é?"

"Ela ainda estaria perdida no tempo. Sempre foi o destino dela. E os Anciãos ainda estariam à perigo. Isso é seu."
Ela queria se avançar nele, queria estrangular ele até aqueles grandes olhos brancos saltassem para fora. Sua adaga parecia que estava queimando através da sua bolsa de couro sobre o seu colo. Se ela ao menos tivesse uma starshot. Sophia estava se erguendo do seu acento na arquibancada quando uma voz veio por detrás deles.

"Por favor fique sentada." a voz ecoou. "Foi dado início à essa reunião, agora."

A voz. Ela sabia de primeira quem era. Calma e autoritária. Absolutamente humilhante. Fez as arquibancadas tremerem.

Os mortais por perto não notaram nada, mas uma onda de calor subiu atrás do pescoço de Sophia. Pinicou através do seu corpo a amortecendo. Aquele não era nenhum medo comum. Era uma terror incapacitante e de fazer seu estômago doer. Ela ousava se virar para trás?

A mais sutil espiada pelo canto dos seus olhos revelou um homem em terno preto feito sob medida. Seus cabelos escuros estavam cortados curtos embaixo do seu chapéu negro.

A face, gentil e atraente, não era particularmente memorável. Rosto barbeado, nariz reto, com olhos castanhos que pareciam familiares. Ainda assim Miss Sophia nunca o havia visto antes. E ainda assim ela sabia quem ele era, sabia no centro de seus ossos.

"Onde está Cam?" A voz de trás perguntou. "Foi enviado um convite para ele."
"Provavelmente brincando de Deus dentro dos Anunciadores. Assim como o resto dele," Lyria deixou escapar. Sophia bateu nela.

"Brincando de Deus, você disse?"

Sophia procurou por palavras que concertasse uma gafe daquelas. "Muitos dos outros seguiram Lucinda de volta no tempo," ela falou eventualmente. "Incluindo dois Nefilins. Nós não temos certeza de quantos outros."

"Ouso perguntar," a voz falou, repentinamente gelada, "Por que nenhum de vocês se prontificaram para ir atrás dela?"

Sophia lutou para engolir, para respirar. Seus movimentos mais intuitivos ficaram congelados pelo pânico. "Nós não podemos exatamente, bem ,,, Nós não temosa capacidade para - "

A garota Excluída a interrompeu. "Os Excluídos estão no processo de - "

"Silencio," a voz comandou. "Poupe suas desculpas. Elas não importam mais, assim como vocês não importam mais."

Por um longo tempo, o grupo dele permaneceu quieto. Era aterrorizante não saber como agradá-lo. Quando ela finalmente falou, sua voz era mais suave, mas não menos letal. "Muita coisa em risco. Eu não posso deixar mais nada à sorte."

Uma pausa.

Então suavemente, ele falou. "O tempo para eu tomar as rédeas chegou."
Sophia mordeu seu engasgo em dois para esconder deu terror. Mas ela não conseguia parar os

tremores do seu corpo. O envolvimento direto dele? Realmente, era o prospecto mais aterrorizante. Ela não podia imaginar trabalhar para ele -
"O resto de vocês vai ficar fora disso," ele falou. "Isso é tudo."

"Mas - " Foi um acidente, mas a palavra escapou os lábios de Sophia. Ela não podia retirar o que havia falado. Mas todas as suas décadas de trabalho. Todos os planos dela. Seus planos!

O que veio à seguir foi um longo rosnado de fazer a terra tremer.

Reverberou através das arquibancadas, parecendo viajar ao redor da pista de corrida em menos de um segundo. Sophia se encolheu. O barulho parecia quase bater de encontro à ela, através da sua pele e até seu centro mais profundo. Ela sentiu como se seu coração tamborilado em pedaços.

Lyrica e Vivina ambas se pressionaram um contra a outra, olhos fechados. Até os Excluídos tremeram.

Justo quando Sophia pensou que o som nunca fosse acabar, que finalmente seria sua morte, o rugido sumiu até ficar tudo em extremo silencio.

Por um momento.

Tempo o bastante para olhar ao redor e ver que as outras pessoas nas pistas de corrida não haviam escutado nada.

No ouvido dela ele sussurrou, "Seu tempo nesta empreitada acabou. Não se atreva a ficar no meu caminho."

Do lado de baixo, um tiro ressoou alto. O amplo portão se escancarou de novo. Só que desta vez, o bater dos cascos dos cavalos contra a terra soava como praticamente nada, como a mais leve chuva caindo nas copas das árvores.
Antes que os cavalos de corrida tivessem atravessado a linha de chegada, a figura atrás deles havia sumido, deixando somente a marca cor de carvão dos seus passos sobre as tábuas das arquibancadas.

UM

UNDER FIRE

Moscou • 15 de Outubro de 1941

- Lucinda!

As vozes a atingiram na turva escuridão.

- Volte! Espere!

Ela os ignorou, prosseguindo ainda mais. Seu nome ecoou para o exterior das paredes escuras do anunciador, o calor ondulando sua pele. Aquela seria a voz de Daniel ou de Cam? Ariane ou Gabbe? Foi Roland implorando que ela voltasse, ou foi Miles?
As vozes ficaram difíceis de identificar, até Luce não conseguir distingui-los mais: bons ou maus. Inimigos ou amigos. Seria mais fácil se estivessem separados, agora nada fazia sentido. Tudo o que tinha sido preto e branco agora estava acinzentado.
Naturalmente, ambos os lados concordavam em uma coisa: Todo mundo queria tirá-la daquele anunciador. Para sua proteção, eles diriam.

Não, obrigado.

Agora não.

Não depois de terem destruído o quintal de seus pais, o transformando em mais um de seus campos poeirento de batalha. Ela não podia pensar em seus pais, sem querer voltar atrás. Mesmo assim, de qualquer maneira não saberia como voltar. Além disso, já era tarde demais. Cam tinha tentado matá-la. Ou o que parecia ser ela. E Miles tinha a salvo, mas isso não foi tão simples. Ele só foi capaz de lançar o seu reflexo, porque se preocupava muito com ela.

E Daniel? Será que se importa o suficiente? Ela não sabia dizer.

No final, quando um Pária se aproximou dela, Daniel e os outros encararam Luce como se fosse ela quem lhes devia algo.

”Você é a nossa entrada para o Céu”, um Pária tinha lhe dito. O preço. O que isso significa? Até algumas semanas atrás, ela não sabia da existência desses Párias. E, no entanto, eles queriam algo dela, mal o suficiente para combater Daniel. Algo que teria a ver com a maldição, a única que manteve Luce vida após vida reencarnando. Mas o que eles achavam que Luce podia fazer?
Será que a resposta está enterrada em algum lugar?

Seu estômago deu uma guinada quando caiu sem sentido de dentro da sombra fria, lá no fundo do abismo daquele anunciador escuro.

- Luce

As vozes começaram a desaparecer, até serem apenas sussurros. Quase como se eles tivessem desistido.

Até...

Novamente começarem a falar mais alto. Mais alto e mais claro.

- Luce

Não. Ela forçava os olhos fechados para tentar bloqueá-los.

- Lucinda

- Luce

- Luschka

Ela estava fria, cansada e não queria ouvi-los. Pela primeira vez, queria que a deixassem sozinha.

Luschka! Luschka! Luschka!

Seus pés acertaram algo.

Algo muito, muito frio.

Ela estava de pé em terra firme. Ela sabia que não estava mais caindo, embora ela não conseguia ver nada à sua frente, exceto a enorme escuridão. Então olhou para seus tênis Converse.

E ficou sem reação.

Eles estavam enterrados em um manto de neve que subia por suas pernas. A frieza úmida que ela estava acostumada do túnel obscuro por onde tinha viajado, fora de seu quintal, na forma do passado, dava para outra coisa. Algo absolutamente frio.
A primeira vez em que Luce havia atravessado um anunciador, foi de seu quarto até Las Vegas, com seus amigos Shelby e Miles. No final da passagem encontraram uma barreira: uma cortina escura e sombria entre eles e a cidade. Como Miles foi o único que tinha lido sobre os anunciadores, ele começou a fazer movimentos circulares até que a sombra escura se reduziu a flocos pretos. Luce não tinha percebido até agora que Miles tinha ajudado bastante.

Desta vez, não havia nenhuma barreira. Talvez porque ela estava viajando sozinha, por meio de um anunciador chamado por sua própria vontade. Mas a saída foi tão fácil. Fácil demais. O véu de escuridão simplesmente se separou.
Uma explosão de frio a atingiu, e Luce abraçou os joelhos pra tentar bloquiá-lo. Suas costelas endureceram e seus olhos lacrimejaram ao vento, súbito e acentuado.

Que lugar é esse?

Luce estava se arrependendo de ter viajado através do tempo. Sim, ela precisava de uma fuga, e sim, ela quis traçar seu passado, para salvar suas encarnações antigas de toda a dor, para compreender que tipo de amor que teve com Daniel todas as outras vezes. Para sentir ao invés de apenas ouvir sobre isso. Para entender e depois tentar corrigir o que a maldição havia feito aos dois.

Mas não desse jeito, congelada, sozinha, e completamente despreparada para quando e onde ela estava.

Ela podia ver uma rua coberta de neve a sua frente e um céu cinzento acima dos edifícios brancos. Ela podia ouvir algo estrondoso distante. Mas não queria pensar o significado.

"Espere", ela sussurrou para o anunciador.

A sombra já estava longe de seu alcance. Tentou agarrá-la, mas ela a iludiu, indo pra mais longe. Ela pulou tentando pegá-la, mas ficou apenas com um pequeno pedaço úmido entre os dedos.

Então, em um instante, o anunciador se partiu em fragmentos moles e pretos, caindo na neve.

Eles desbotaram, e sumiram.

"Ótimo", ela murmurou. "E agora?"

À distância, havia uma estrada estreita curvada para a esquerda encontrando um cruzamento sombrio. A neve nas calçadas parecia ter sido empilhada com uma pá, e estava entre dois bancos perto de longos edifícios de pedra branca. Eles eram marcantes, diferente de tudo que Luce já tinha visto,com fachadas esculpidas com brilhantes brancos em colunas retorcidas.

Todas as janelas estavam escuras. Luce teve a sensação de que a cidade inteira estava vazia. A única luz vinha de um lampião a gás. Se havia alguma lua, estava escondida por uma espessa camada de nuvens. Novamente algo retumbou no céu. Trovão?

Luce cruzou seus braços ao redor do peito. Ela estava congelando.

"Luschka!"

Uma voz de mulher. Rouca e áspera, como de alguém que passara a vida inteira gritando ordens. Mas a voz também tremia.

"Luschka, sua idiota. Onde você está? "

Ela parecia mais perto agora. Será que ela estava falando com Luce? Havia algo a mais naquela voz. Algo diferente, que Luce não conseguia identificar.

Quando uma figura chegou mancando, virarando a esquina da rua de neve, Luce olhou para a mulher. Ela era muito pequena e um pouco curvada, parecia ter uns sessenta anos. Sua roupa volumosa parecia grande demais para seu corpo. O cabelo dela estava escondido sob um grosso lenço preto. Quando viu Luce, fez uma careta.

"Onde você estava?"

Luce olhou a sua volta. Ela era a única pessoa na rua. A velha senhora estava falando com ela.

"Bem aqui", ela se ouviu dizer.... em russo.

Ela colocou a mão sobre a boca. Então era isso que parecia tão bizarro sobre a voz da velha: Um idioma que Luce não sabia. E, no entanto, não apenas podia entender cada palavra, como também pronunciá-las.

"Eu poderia matá-la", disse a mulher, ofegante enquanto corria em direção a Luce e jogou seus braços ao redor dela.

Para uma mulher de aparência frágil, seu abraço era forte. O calor de outro corpo pressionando Luce depois de um intenso frio quase a fez chorar. E então a abraçou de volta.

"Vovó", sussurrou no ouvido da mulher, de alguma forma, sabendo quem ela era.

"Perdi noites de trabalho te procurando", disse a mulher."E encontro você andando pela rua como uma maluca? Você ainda vai trabalhar hoje? Onde está sua irmã? "

Houve o estrondo no céu novamente. Parecia uma tempestade se aproximando. Se movendo rapidamente. Luce colocou as mãos nos ouvidos.

"Ah", disse a mulher. "Não precisa se preocupar." Ela piscou para Luce e , em seguida, afastou-a para obter um olhar mais atento. "Meu Deus, o que você está vestindo?"

A avó de sua vida passada observava sua calça jeans, e correu os dedos nodosos sobre os botões de sua camisa de flanela. Ela segurou o curto e ondulado cabelo de Luce, . "Às vezes te acho tão louca como o seu pai, que descanse em paz."

"Eu só" Luce mal conseguia falar com os dentes batendo. "Eu não sabia que estaria tão frio."

A mulher cuspiu na neve para mostrar sua desaprovação. Ela tirou seu casaco. "Coloque isso antes que congele." Ela colocou o casaco em volta de Luce, cujos dedos estavam meio congelados e teve que lutar com os botões. Então, a avó desamarrou um lenço do pescoço e amarrou ao redor da cabeça de Luce.

Um grande estrondo no céu assustou as duas. Agora Luce sabia que não era um trovão. "O que é isso?" perguntou assustada.

A idosa olhou para ela. "A guerra. Você perdeu o juízo, junto com suas roupas? Agora venha. Temos que ir. "

À medida que entravam na rua de neve, sobre a calçada com postes desalinhados, Luce percebeu que a cidade não estava vazia. Poucos carros estavam estacionados ao longo da estrada, mas, ocasionalmente, até as ruas laterais escurecidas, ela ouviu o relinchos de cavalos de carruagem à espera de ordens, a respiração gelada por causa do ar. Silhuetas de pessoas saiam em disparada por cima dos telhados. Num beco, um homem com um casaco rasgado ajudou três crianças pequenas a se esconderem em um porão.

No final da rua estreita, havia um caminho aberto para uma larga avenida. Árvores alinhadas davam uma visão ampla da cidade. Os únicos carros estacionados aqui eram veículos militares. Se ostentavam à moda antiga, quase absurda, como relíquias em um museu de guerra: os jipes da capota com para-choques gigantes, volantes de ossos finos, e o símbolo foice e martelo pintado nas portas pelos soviéticos. Mas, além de Luce e sua avó, não havia mais pessoas na rua. Tudo, exceto o terrível estrondo no céu, era fantasmagórico, estranhamente calmo.

À distância se podia ver um rio, e depois dele, uma grande construção. Mesmo na escuridão, ela podia fazer a sua elaboração de pináculos de diversos tamanhos e ornamentados com cúpulas arredondadas, que lhe pareceu familiar e mítico ao mesmo tempo. Levou um momento para seu medo chegar ao máximo.

Ela estava em Moscou.

A cidade era uma zona de guerra.
Fumaça negra subia pelo céu cinzento, marcando toda a cidade, que já havia sido atingida: à esquerda do vasto Kremlin, e mais toda a distância do lado direito. Não havia combate nas ruas, nenhum sinal de que os soldados inimigos tinham atravessado para a cidade ainda vivos.
Mas os edifícios queimados, o cheiro incendiário de guerra em toda parte, e a ameaça de mais por vir, estavam, de alguma forma, ainda pior.
Esta foi de longe a maior loucura que Luce fez em sua vida, provavelmente em qualquer uma de suas vidas. Seus pais a mataria se soubessem onde ela estava. Daniel poderia nunca mais falar com ela.
Mas então: E se eles nem sequer teriam a chance de ficarem furiosos com ela? Ela poderia morrer, aqui nesta zona de guerra.
Por que ela fez isso?
Porque ela tinha que fazer.

Mesmo sendo difícil com tanto pânico, sentia um pouco de orgulho.
Ela atravessou. Por conta própria. Em um lugar distante e um tempo distante, no passado em que ela precisava entender. Isso foi o que ela queria. Ela foi empurrada como uma peça de xadrez por tempo suficiente.
Mas o que ela deveria fazer agora?
Ela pegou o ritmo segurando firme a mão de sua avó. Estranho, essa mulher não tinha noção do que Luce estava passando, nenhuma idéia de quem ela realmente era, e mesmo assim a única coisa que mantinha Luce em movimento era seu aperto firme.

"Para onde vamos?" Luce perguntou enquanto sua avó a puxava por outra rua escura. Os paralelepípedos, os cones e a
estrada não pavimentada tornaram-se escorregadios. A neve tinha encharcado os tênis de Luce, e seus dedos estavam começando a queimar com o frio.
"A procura de sua irmã Kristina." A velha fez uma careta. "Aquela que trabalha à noite cavando trincheiras do exército com suas mãos, para que você possa obter o seu descanso de beleza. Lembra-se dela?"

Onde pararam, não havia poste iluminando a estrada. Luce piscou algumas vezes para ajustar sua visão. Elas estavam em frente do que parecia ser uma vala antiga, bem no meio da cidade.
Deve haver centenas de pessoas lá. Todas elas embrulhadas até às orelhas. Alguns ajoelharam, cavando com
pás. Alguns cavavam com as mãos. Alguns ficavam imóveis, olhando o céu. Aos poucos soldados carregaram carrinhos de mão com terra e rochas para adicionar à barricada de entulho no final da rua.

Seus corpos escondidos sob espessos casacos de lã do Exército na altura de seus joelhos. Sob seus chapéus de aço, seus rostos eram magros como todos os outros civis.
Lucinda entendia que eles estavam trabalhando juntos, os homens de uniforme, as mulheres e crianças, transformando sua cidade em uma fortaleza, fazendo tudo o que podiam, até o último minuto, para manter os tanques inimigos longe.

"Kristina", sua avó a chamou, com a mesma preocupação na voz como quando procurava por Luce. Uma menina apareceu ao seu lado quase que instantaneamente. "Por que você demorou tanto?" Alta e magra, com cabelos negros escapando por debaixo do chapéu, Kristina era tão bonita, que Luce ficou com um nó na garganta. Imediatamente ela reconheceu a menina como sua irmã.

Vendo Kristina lembrou-se de Vera Lúcia, irmã de outra vida passada. Luce deve ter tido uma centena de irmãos ao longo do tempo. Milhares. Todos eles teriam passado por algo semelhante. Irmãs e irmãos, pais e amigos que deveriam ter a amado, em seguida, a perdido. Nenhum deles sabiam o que estava por vir. Todos eles foram deixados para trás, lamentando.

Talvez houvesse uma maneira de mudar isso, e tornar mais fácil para as pessoas que a amava. Talvez isso seria parte do que Luce poderia fazer em suas vidas passadas.
O grande boom de algo explodindo soou em toda a cidade. Perto o suficiente para que o chão balançasse sob os pés, e Luce sentiu como se seu tímpano estivesse se estourando. No canto, sirenes de defesas civis começaram a soar.

"Baba". Kristina pegou o braço de sua avó, quase chorando. "Os nazistas, eles estão aqui, não estão?"

Os alemães.

Luce percorrendo pelo tempo sozinha e foi parar na Segunda Guerra Mundial. "Eles estão atacando Moscou?"
Sua voz tremeu. "Essa noite?"

"Nós deveríamos ter deixado a cidade com os outros", disse Kristina amargamente."Agora é tarde demais."

"E também abandonar seu avô e seus pais?" Baba balançou a cabeça."Deixá-los sozinhos em seus túmulos?"

"Nos ajuntar a eles seria melhor?" Kristina cuspiu de volta. Ela pegou Luce, apertando seu braço dela. "Será que você sabe sobre os acontecimentos ?
Você e seu amigo “kulak”(termo pejorativo usado no linguajar político soviético para se referir a camponeses relativamente ricos do Império Russo.)?
É por isso que você não veio trabalhar esta manhã? Você estava com ele, não é? "

De quem será que sua irmã estava falando? Daniel?

É claro. Luschka devia estar com ele agora. Sua família pensava que Luce era Luschka...
Sentiu um aperto no peito. Quanto tempo ela tinha antes de morrer? O que Luce poderia descobrir sobre Luschka antes disso acontecer?

"Luschka."
Sua irmã e sua avó olharam para ela.

"O que há de errado com ela hoje?" Kristina perguntou.

"Vamos." Baba fez uma careta. "Você acha que os Moscovites ficaram com seu portão aberto pra sempre?"

O barulho longo das hélices de um grande avião soou no céu. Tão perto que Luce conseguia ver a suástica pintada claramente nas asas, mesmo estando escuro. Ela ficou arrepiada. Em seguida, outro boom abalou a cidade, e o ar se encheu de uma fumaça escura. Elas tiveram que se apoiar em coisas por perto. Mais duas fortes explosões fizeram a terra tremer sob seus pés.

Foi um caos nas ruas. A multidão nas trincheiras estavam desaparecendo, todos se dispersaram por uma dúzia de ruas estreitas. Alguns apressadamente desciam as escadas da estação de metrô da esquina, para escapar das bombas no subsolo; outros desapareciam em portas escuras.

Há um quarteirão de distância, Luce viu o semblante de alguém: uma menina, aparentando ter sua mesma idade, com um chapéu vermelho e um casaco longo de lã. Ela virou a cabeça por apenas um segundo antes de correr. Mas foi tempo suficiente para perceber aquela era ela: Luschka.

Ela lutou para se soltar do braço de Baba. "Sinto muito. Eu tenho que ir. "
Luce respirou fundo e correu pela rua, em direção a intensa fumaça, para o mais pesado bombardeio.

"Você ficou doida?" Kristina gritou. Mas não a seguiu. Elas teriam que ser loucas para isso.
Os pés de Luce estavam dormentes enquanto ela tentava fugir pela alta neve branca na calçada. Quando chegou à esquina, reconheceu um chapéu vermelho passando, e diminuiu o ritmo prendendo a respiração.

A sua frente, um edifício de pedras brancas riscado de grafite, que ocupava metade do quarteirão desabou.
A explosão cuspiu um monte de destroços irreconhecíveis de dentro do edifício. A neve estava riscada de vermelho. Luce recuou quando percebeu que era sangue e não fitas de seda. Aquele edifício parecia ter sido uma alfaiataria. Várias prateleiras de roupas chamuscadas foram espalhadas na rua. A manequim estava em uma vala ao seu lado. Mais uma explosão. Luce cobriu a boca com o lenço de sua avó para não engasgar com a fumaça. Em todos os lugares que ela pisava, tinha pedra e vidros quebrados na neve.

Ela deveria voltar, suas avó e irmã, iriam ajudá-la a chegar ao abrigo, mas ela não podia. Tinha que seguir Luschka. Ela nunca esteve tão perto de uma de suas versões passada antes. Luschka pode ser capaz de ajudá-la a entender porque sua vida como Luce está diferente.

Por que Cam atirou uma sete estelar em sua reflexão, pensando que era ela, e disse a Daniel: "Foi um final melhor para ela."? O melhor final o quê?
Ela virou-se lentamente, tentando avistar o flash do chapéu vermelho no meio da noite.
Ali.

A menina foi correndo ladeira abaixo em direção ao rio. Luce começou a correr atrás.
Elas corriam precisamente do mesmo jeito. Quando Luce abaixou ao som de uma explosão, Luschka também abaixou estranhamente igual a Luce. E quando chegaram à margem, já dando pra ver a cidade, Luschka congelou exatamente na mesma posição rígida de Luce.

A cinquenta metros na frente de Luce, sua outra versão começou a soluçar.
Grande parte de Moscou estava em chamas. Assim, muitas casas foram derrubadas. Luce tentou sondar outras vidas sendo destruídas em toda a cidade esta noite, mas eles estavam distantes e inacessíveis, como se estivesse lendo um livro de história.
Luschka voltou a correr. Tão rápido, que Luce não a alcançaria se quisesse. Elas correram em torno de crateras gigantes divididas na estrada de paralelepípedos. Correram passando por prédios em chamas, estalando a cada vez que se espalhava por um outro alvo.

Luschka virou em uma rua à esquerda e Luce a perdeu de vista.
A adrenalina por dentro de Luce a fez correr mais, batendo mais forte e mais rápido seus pés na rua coberta de neve. As pessoas só corriam desesperadas quando algo maior as estimulavas.
Luschka só poderia ter corrido em direção a uma coisa.

"Luschka"

Sua voz.
Onde ele estava? Por um momento, Luce esqueceu seu próprio passado, esqueceu a menina russa, cuja vida estava em perigo de acabar a qualquer momento, esqueceu que este Daniel não era, de certa forma, seu Daniel. Mas claro que era.

Ele nunca morreu. Ele sempre esteve lá. Ele sempre foi dela e ela sempre foi sua.Tudo o que ela queria era estar a seu alcance para se enterrar em seus braços. Ele sabia o que ela esta fazendo, ele seria capaz de ajudá-la. Por que ela duvidou dele antes?

Ela correu na direção de sua voz. Mas ela não podia ver Daniel em qualquer lugar. Nem Luschka.
Um quarteirão de distância do rio, Luce parou em um cruzamento vazio.
Sentiu sua respiração sufocada em seus pulmões congelados. Com frio, sentiu uma dor latejante profunda dentro de suas orelhas, e alfinetadas de gelo apunhalando seus pés de forma insuportável.

Mas para qual caminho ela deveria ir?

Estava tudo muito vasto e vazio, uma grade de ferros separada os entulhos do lado da rua. Mas mesmo em um momento como este, Luce podia dizer que algo tinha sido demolido, e não destruído por uma bomba dos ataques aéreos. Parecia apenas um declive, feio e abandonado. Ela não sabia por que ainda estava de pé em sua frente. O por que parou de correr atrás da voz de Daniel.

Até que ela segurou a cerca, e viu um flash de algo brilhante. Uma igreja. Uma majestosa igreja branca neste buraco. Um enorme tríptico de arcos de mármore na fachada frontal. Cinco torres de ouro estendidas em direção ao céu. E no interior fileiras de bancos de madeira muito bem encerados. Um altar ao lado direito de escadas brancas.

E todas as paredes e tectos altos e arqueados cobertos com afrescos maravilhosamente ornamentado. Anjos em toda parte.
A Igreja de Cristo Salvador.

Como Luce sabia disso? Como ela sentia dentro de si que aquilo já foi uma formidável igreja?

Porque já tinha estado ali antes.

Ela viu marcas de uma mão na cinza sobre o metal: Luschka havia parado aqui também, tinha olhado para as ruínas da igreja e sentiu alguma coisa.

Luce agarrou o corrimão e piscou novamente e se viu como Luschka. Ela estava sentada em um dos bancos da igreja com um vestido branco rendado. O homem bonito a sua esquerda poderia ser seu pai, e a mulher ao lado dele, sua mãe. Havia a avó que Luce tinha acabado de conhecer, e sua irmã Kristina. Ambos pareciam mais jovens. Luce lembrou que sua avó havida dito que seus pais estavam mortos.

Mas aqui pareciam tão vivos.

DOIS

ENVIADOS DO CÉU

MOSCOU • 15 de outubro de 1941

"Lucinda"

Daniel gritou novamente, mas tarde demais: Naquele instante ela se foi. Ele tinha acabado de sair para a desoladora paisagem de neve.
Ele sentiu uma luz cinza atrás dele e o calor de um incêndio nas proximidades, mas tudo o que podia ver era Luce. Ele correu na direção dela na rua escura. Ela parecia minúscula com um casaco desgastado de outra pessoa. Ela olhou assustada. Ele a observou, enquanto ela abria uma sombra e, em seguida...

"Não!"

Um míssil bateu em um prédio atrás dele. O chão tremeu, a rua Bucked foi dividida, e estilhaços de vidro, aço e concreto
espalhados no ar.

Depois disso, a rua ficou um silêncio. Mas Daniel mal notou. Ele apenas ficou em descrença entre os escombros.

"Ela voltou ainda mais", ele murmurou, tirando a poeira de seus ombros.
"Ela voltou ainda mais", disse alguém.

Aquela voz. Sua voz. Um eco?
Não, muito perto de um eco. Muito óbvio ter vindo de dentro de sua cabeça.
"Quem disse isso?" Ele andou passando por um emaranhado de andaimes aonde Luce estava.
Dois suspiros.
Daniel estava de frente para si mesmo. Uma versão anterior de si mesmo, uma versão menos cínica de si mesmo. Mas de quando?
Onde ele estava?

"Não toque!" Cam gritou para os dois. Ele estava vestindo um uniforme de guerra, botas de combate, e um casaco volumoso preto. Com a visão de Daniel, seus olhos brilharam.
Inconscientemente, Daniel chegou mais perto para reparar sua outra versão, andando a sua volta.
Recuaram.
"Fique longe de mim", a versão antiga advertiu a mais recente. "É perigoso."
"Eu sei que," Daniel disse. "Você não acha que sei que..." Só de estar tão perto, sentiu uma guinada no estômago.
"Eu estive aqui antes. Eu sou você.”
"O que você quer?"
"Eu." Daniel olhou ao redor, tentando se orientar. Após milhares de anos de vida, de amar Luce e perdê-la, sua memória ficou bagunçada. Era duro recordar o passado. Mas este cenário não aconteceu há muito tempo. Cidade desolada. Neve nas ruas. Fogo no céu. Poderia ser uma das centenas de guerras.

O local na rua onde a neve tinha derretido. A cratera branca no mar escuro. Daniel caiu de joelhos e

pegou as cinzas pretas manchadas no chão. Fechou os olhos. E lembrou da forma precisa que ela tinha morrido em seus braços.

Moscou. 1941.

Então era isso que ela estava fazendo, viajando em suas vidas passadas. Na esperança de entender. Não tinha nenhuma rima ou razão para suas mortes. Daniel sabia disso, mais do que ninguém. Mas havia certas vidas em que ele tentou lançar alguma luz para ela, esperando que as coisas mudassem.
Às vezes, ele esperava para mantê-la viva mais tempo, embora isso nunca realmente funcionou. Às vezes, como desta vez durante o cerco em Moscou, preferia que tudo acontecesse rápido. Para poupá-la. Para que seu beijo fosse a última coisa que ela sentiria nessa vida. E essas foram as vidas mais sofridas ao longo das eras. Essas são as vidas que se destacam, e que puxam Luce como um imã através dos anunciadores. Essas vidas onde ele revelou a Luce o que ela precisava saber, apesar de que isso a destruiria.

Como sua morte, em Moscou.
Se lembrou de tudo e se sentiu um tolo. As palavras ousadas ele sussurrou, o beijo profundo que ele tinha dado nela. A felicidade em seu rosto quando morreu. Ele não mudou nada. Seu fim foi exatamente o mesmo de sempre.
E Daniel ficava exatamente o mesmo depois disso: Isolado. No escuro. Vazio. Eviscerado. Inconsolável.
Gabbe deu um passo à frente para chutar a neve sobre as cinzas onde Luschka tinha morrido. Suas asas leve como pluma brilhavam no meio da noite e uma brilhante aura rodeava seu corpo enquanto se abaixava na neve. Ela estava chorando. Todos os outros estavam: Cam, Roland, Molly e Ariane.

E Daniel preferiu sair de perto de seu grupo heterogêneo.

"Se você está aqui para nos avisar algo," Ariane o chamou. "então diga e vai embora." Suas asas iridescentes dobradas para a frente, como se estivesse se protegendo. Ela entrou na frente de Daniel, que parecia assustado.
Era ilegal e não era normal para os anjos interagirem com suas versões anteriores. Daniel se sentiu estranho e impotente por estar revivendo uma das mortes de Luce, e por estar tão perto do seu eu anterior, que ficava difícil dizer algo.

"Nos avisar?" Molly zombou, andando em círculo ao redor de Daniel. "Por que Daniel Grigori sairia do seu caminho para nos alertar sobre alguma coisa?"
Ela fixou seus olhos em seu rosto, provocando-o com suas asas cor de cobre. "Não. Sei o que ele está fazendo, esta pulando séculos passados. Sempre buscando, sempre atrasado. "

"Não", sussurrou Daniel. Não era isso. Ele estava atrás de Luce, e não tinha a intenção de encontrá-los.
"A pergunta certa seria: o que aconteceu para você vir aqui? Tem vindo sempre?" Roland disse a Daniel.
"Eu tinha quase esquecido", disse Cam, massageando as têmporas. "Ele está atrás de Lucinda. Ela está viajando pelo tempo."

Virou-se para Daniel, levantando uma sobrancelha. "Talvez agora você vai deixar de ser orgulhoso e pedir nossa ajuda né?"
"Eu não preciso de ajuda."
"Parece que precisa," Cam zombou.
"Fique fora disso", Daniel cuspiu. "Você já irá dificultar as coisas pra nós mais tarde."

"Oh, como é divertido." Cam aplaudiu. "Você me deu algo para olhar para frente."
"Este é um jogo perigoso pra se jogar, Daniel", disse Roland.
"Eu sei disso."
Cam riu sinistramente. "Então. Nós finalmente chegamos ao fim do jogo, não é mesmo? "
Gabbe interferiu. "Então ... algo mudou?"
"Ela descobriu isso!" Arriane disse. "Ela está abrindo anunciadores e percorrendo por eles. Ela ainda está viva!"
Os olhos de Daniel brilhavam cor violeta. Ele se afastou de todos, olhando para as ruínas da igreja. O primeiro lugar onde ele colocou seus olhos em Luschka.
"Não posso ficar aqui. Tenho que achá-la."

"Bem, pelo que lembro", Cam disse suavemente, "você nunca vai. O passado já está escrito, irmão."
"O seu passado, talvez. Mas não o meu futuro. " Daniel não conseguia pensar direito. Suas asas queimavam dentro de seu corpo, doendo, querendo se abrir. Ela havia ido. A rua estava vazia. Ninguém mais para se preocupar.
Ele jogou os ombros para trás e deixou suas asas saírem suavemente. Que leveza! Mais profundo que a liberdade. Ele poderia pensar mais claramente agora. O que ele precisava era de um momento a sós. Consigo mesmo. Ele olhou mais uma vez para sua outra versão e saiu em direção ao céu. Momentos depois, ouviu o som de novo: o mesmo “whoosh” desfraldando outro par de asas. Seu outro eu estava ao seu lado no céu.
"Onde?"
Sem palavras eles se instalaram na borda do terceiro andar perto da lagoa do Patriarca, no telhado em frente à janela do quarto de Luce, onde eles costumavam vê-la dormir. Sua memória estaria mais fresca, mas a vaga lembrança de Luce deitada debaixo das cobertas, sonhando, ainda enviava uma onda de calor em suas asas.

Tudo estava sombrio. Na cidade bombardeada, ele estava triste. Era irônico seu prédio ter sido poupado, e ela não. Os dois ficaram em silêncio na noite fria, mantendo o cuidado de dobrarem suas asas para trás, para não se tocarem acidentalmente.
"Como estão as coisas para ela no futuro?"
Daniel suspirou. "A boa notícia é que algo está diferente nesta vida. De alguma forma, a maldição foi alterada... ".
"Como?" Daniel olhou para cima, com uma esperança que brilhava em seus olhos escuros.
"Quer dizer que em sua vida atual, ela ainda não fez um pacto?"
"Pensamos que não. Isso é parte dela. Parece que uma brecha se abriu e a permitiu de viver além do seu tempo usual."
"Mas é tão perigoso." Daniel falou rápido, freneticamente, expelindo o mesmo discurso que tinha sido executado pela mente do Daniel de sempre, desde a noite na Espada & Cruz, quando percebeu que desta vez tudo estava diferente:
"Ela poderia morrer e não voltar. Poderia ser o fim. Muita coisa está em jogo agora.”
"Eu sei".

Daniel parou, se recompôs. "Sinto muito. Claro que você sabe. Mas ... a questão é, será que ela vai entender por que esta vida está diferente?"
Daniel olhou para as mãos vazias. "Um dos Sábios de Zhsmaelim chegou a ela, a interrogou. Antes Luce não sabia nada sobre seu passado. Lucinda reconhece que todo mundo está focado no fato de que ela não foi batizada ... mas há muita coisa que ela não sabe."
Daniel deu um passo à beira do telhado e olhou para a janela escura. "Então qual é a má notícia?"

"Temo que também exista muita coisa que eu não sei. Eu não posso prever as consequências de sua “viagem” trás no tempo se eu não estou com ela pra detê-la antes que seja tarde demais."
Na rua, uma sirene soou. O ataque aéreo tinha acabado. Logo os russos estariam vasculhando a

cidade, à procura de sobreviventes.
Daniel vasculhava os fragmentos de sua memória. Ela estava indo pra mais longe... mas para que vida? Ele se virou olhando sério para seu outro eu: "Você se lembra, também, não é?"
"Lembro... ela vai voltar?"
"Sim. Mas quão longe? "Eles falaram ao mesmo tempo, olhando para a rua escura.
"E onde ela vai parar?" Daniel disse de repente, afastando-se da borda. Ele fechou os olhos e respirou fundo.
"Luce está diferente agora."
Ele quase podia sentir o cheiro dela. Forte, limpo e puro, como a luz do sol.
"Algo fundamental mudou. Normalmente nós só temos uma única chance. Eu nunca estive tão contente... nem sentindo tanto pavor."
“Daniel?”
Ele abriu os olhos assustado:
"Sim?"
"O que você está esperando?" Seu outro eu perguntou com um sorriso. "Vá buscá-la."
E com isso, Daniel abriu um anunciar na longa borda do telhado, e entrou.

TRÊS

FOOLS RUSH IN

MILÃO, ITÁLIA • 25 de maio de 1918

Luce cambaleou para fora do anunciar ao som de explosões. Ela se abaixou tampando os ouvidos. Rajadas violentas abalaram o chão. Um boom pesado após o outro, cada um mais espetacular e paralisante que o anterior, até o som e os tremores repercutirem de modo que parecia não ter ruptura no asfalto. Não tinha como escapar do barulho, parecia sem fim.
Luce tropeçou na escuridão ensurdecedora tropeçando em si mesma, tentando proteger seu corpo. As explosões zumbia em seu peito, cuspindo terra em seus olhos e boca.
Tudo isso antes que ela tivesse a chance de ver onde tinha parado. A cada explosão brilhante, ela via silhuetas em movimento, andando por bueiros e cercas em ruínas. Mas então a claridade desapareceria e ela voltava a não ver nada.
Bombas. Elas ainda estavam explodindo.
Algo estava errado. Luce tinha viajado mais uma vez pelo tempo, para ficar longe de Moscou e da guerra. Mas parecia que tinha voltado para o mesmo lugar do início. Roland tinha avisado a ela sobre isso, sobre os perigos da viagem através dos anunciadores. Mas ela foi teimosa demais para

ouvir.
No escuro como breu, Luce tropeçou em alguma coisa dura e caiu, de bruços no chão.
Alguém resmungou. Luce tinha caído sobre alguém.
Ela ofegou e se distanciou de onde tinha caído, sentindo uma pontada aguda no quadril. Mas quando ela viu o homem deitado no chão, esqueceu sua própria dor.
Ele era jovem, parecia de sua idade. Pequeno, com traços delicados e tímidos olhos castanhos. Seu rosto estava pálido. Sua respiração era ofegante. A mão em concha sobre o seu estômago estava imóvel suja preta. E abaixo de sua mão, seu uniforme estava ensopado de sangue vermelho escuro.

Luce não conseguia desviar os olhos da ferida. "Eu não deveria estar aqui", ela sussurrou para si mesma.
Os lábios do menino tremiam. Ele levou a mão suja de sangue sobre o peito, e fez o sinal da cruz.
"Oh, eu morri", disse ele, olhando para ela de olhos arregalados. "Você é um anjo. Eu tenho morri e estou no Céu?"
Estendeu a mão tremula para ela. Ela queria gritar ou vomitar, mas tudo o que podia fazer era cobrir segurar as mãos do menino, e pressiona-las para trás sobre o buraco em seu intestino. Outra explosão sacudiu. Os dedos de Luce ficaram sujos de sangue.
"Eu sou Giovanni", ele sussurrou, fechando os olhos. "Por favor. Ajude-me. Por favor. "
Só então Luce perceber que ela não estava mais em Moscou. O chão abaixo dela estava mais quente. Não coberto de neve, mas sim de grama com algumas falhas, expondo o solo negro. O ar estava seco e poeirento. Este menino tinha falado com ela em italiano, e assim como foi em Moscou, ela entendeu.
Sua visão tinha se ajustado. Ela podia ver holofotes a distância. E além das colinas, um céu noturno estava coberto de estrelas brancas e brilhantes. Luce se afastou. Ela não conseguia ver as estrelas sem pensar em Daniel, e ela não conseguia pensar direito em Daniel agora. Não com as mãos postas na barriga do menino, não com ele a ponto de morrer.
Pelo menos ele não estava morto ainda. Ele só pensava que estava.
Ela não podia culpá-lo. Depois de ter sido atingido, ele provavelmente entrou em choque. E talvez ele a tinha visto surgir através do anunciador, um túnel negro que apareceu no ar. Ele deve ter ficado aterrorizado.
"Você vai ficar bem." disse ela, usando o italiano perfeito que ela sempre quis aprender. Sentindo-se surpreendentemente natural com sua língua. Sua voz, também, saiu mais macia e suave do que ela esperava. Luce se perguntou o que será que ela tinha sido nesta vida.

Tiros ensurdecedores a fez pular. Intermináveis, um após o outro, brilhavam atravessando o céu, formando linhas brancas por onde passavam, seguidos por um monte de gritos em italiano. Em seguida, o baque de passos no chão. Se aproximando.
"Estamos recuando," o menino resmungou. "Isso não é bom."
Luce olhou em direção ao som de soldados correndo em sua direção e percebeu, pela primeira vez, que ela e o soldado ferido não estavam sozinhos. Pelo menos haviam uns dez outros homens leigos ferido em torno deles, gemendo, tremendo e sangrando na terra preta. Suas roupas estavam chamuscadas
e desfiadas pela mina que estava na terra. O cheiro de podridão, suor e sangue estava pesado no ar. Tudo estava tão horrível. Luce teve que morder o lábio para não gritar.
Um homem uniformizado correu na direção dela. "O que ela está fazendo aqui? Esta é uma zona de guerra, não um lugar para enfermeiros. Já que quer ajudar, seja útil. Precisamos carregar os feridos.

Ele se distanciou antes que Luce pudesse responder. Abaixo dela, os olhos do menino estavam começando a se fechar e todo o seu corpo tremia. Ela olhou em volta desesperada, pedindo por ajuda.
Há uns metros de distância havia uma estrada estreita de terra, dois antigos caminhões estavam estacionados perto de duas pequenas ambulâncias.

"Eu volto já", Luce disse ao menino, apertando as mãos com mais força contra o seu estômago, para controlar a hemorragia. Ele gemeu quando ela se afastou.

Ela correu para os caminhões, tropeçando em seus pés e em escudos jogados pelo chão.
Um grupo de mulheres com uniformes brancos estavam reunidas em torno de um dos caminhões. Enfermeiros. Eles saberiam o que fazer, como ajudar. Mas quando Luce chegou perto o suficiente para ver seus rostos, seu coração se afundou. Elas eram meninas. Algumas delas pareciam ter no máximo quatorze anos. Seus uniformes pareciam fantasias.
Ela examinou o rosto, olhando para si mesma em um deles. Deve haver alguma razão pela qual ela entrou neste inferno. Mas ninguém lhe parecia familiar. Era difícil imaginar a calma das meninas, com expressões claras. Nenhuma delas mostrou o terror que Luce sabia que demonstrava em seu rosto. Talvez elas já tinham visto o suficiente da guerra para se acostumar com o que foi feito.
"Água". Uma voz de mulher mais velha veio de dentro do caminhão."Bandages. Gaze."
Ela estava distribuindo suprimentos para as meninas, que começaram a montar uma clínica improvisada na lateral da estrada. Uma fileira de homens feridos já havia sido movida para trás do caminhão, para o tratamento. Mais estavam a caminho. Luce se juntou à linha de suprimentos. Ela podia sentir agora o stress das jovens enfermeiras. Elas devem ter sido treinadas para manter um equilíbrio, para passarem impressão de que estavam calmas para os soldados, mas quando a menina na frente de Luce pegou os suprimentos, suas mãos tremiam.
Em torno delas, pares de soldados carregavam os feridos debaixo dos braços e pelos pés. Alguns homens murmuravam perguntas sobre a batalha, querendo saber o quanto eles tinham sido atingidos. Esses não eram os mais gravemente feridos, outros cujos lábios não podiam fazer perguntas por estarem ocupados demais gritando, tiveram que ser carregados pela cintura, porque uma ou ambas as pernas tinham sido arrancadas por uma mina.

"Água". Um jarro foi jogado nos braços de Luce. "Bandages. Gaze." A enfermeira chefe despejou os suprimentos mecanicamente, e quando estava pronta para passar para a menina, algo a fez parar. Ela olhou Luce de cima a baixo. Luce percebeu que ainda usava o pesado casaco de lã da avó de Luschka, em Moscou. O que era bom, já que por debaixo dele haviam apenas seu jeans e uma camisa de botões.
"Uniforme", a mulher finalmente disse no mesmo tom, jogando para Luce um vestido branco e um chapéu de enfermeira, iguais aos que as outras meninas vestiam.
Luce assentiu com gratidão, em seguida, se escondeu atrás de um caminhão para se trocar. Era um vestido branco esvoaçante, que chegava aos tornozelos e cheirava fortemente a água sanitária. Ela tentou limpar o sangue de suas mãos, usando o casaco de lã, e em seguida o jogou atrás de uma árvore. Enquanto ela abotoava o uniforme de enfermeira, arregaçava as mangas e prendia o cinto em volta da cintura. Ela pegou os suprimentos e correu de volta pela a estrada. A cena diante dela era horrível. Havia pelo menos uma centena de homens que precisavam de ajuda. Ela olhou para os suprimentos nos braços e se perguntou o que estava fazendo.
"Enfermeira!" Um homem gritou. Ele estava empurrando uma maca na parte traseira de uma ambulância.
"Enfermeira! Este precisa de uma enfermeira. "
Luce percebeu que ele falava com ela. "Oh", ela disse fracamente. "Eu?" Ela olhou para dentro da ambulância. Estava apertado e escuro lá dentro. O espaço parecia que tinha sido feito para duas pessoas, mas agora havia seis. Os soldados feridos foram colocados nas macas cobertas em ambos os lados. Não havia lugar para Luce, exceto no chão. Alguém estava a empurrando para o lado: um homem, deslizando outra maca para o pequeno espaço vazio. O soldado deitado nela, estava inconsciente, com o cabelo preto sobre seu rosto. "Vá em frente", o soldado disse para Luce. “Pode ir ."

Como ela não se moveu, ele apontou para um banquinho de madeira no interior da porta traseira da ambulância com uma corda atravessada. Ele se curvou e fez um estribo com as mãos para ajudar

Luce a subir até o banquinho. Outra explosão sacudiu o chão, e Luce não poderia segurar o grito que escapou de seus lábios.
Ela olhou para o soldado se desculpando, respirou fundo e pulou.
Quando ela estava sentada no banquinho minúsculo, ele entregou o jarro de água e uma caixa de gaze e ataduras. Ele começou a fechar a porta. "Espere", sussurrou Luce. "O que eu faço?"
O homem fez uma pausa. "Você sabe quanto tempo a viagem para Milão é. Cuide das feridas para mantê-los confortáveis. Faça o melhor que puder."
A porta bateu com Luce lá dentro. Ela teve que se segurar para não cair em cima do soldado a seus pés. A ambulância
estava quente. Cheirava terrível. A única luz vinha de uma pequena lanterna pendurada com um prego no canto. A única janela estava atrás de sua cabeça. Ela não sabia o que poderia ter acontecido com Giovanni, o garoto com a bala em seu estômago.
Se ela o veria novamente. Se ele sobreviveria esta noite.
O motor foi ligado. Com a troca da marcha, a ambulância foi para frente. O soldado em uma das macas começou a gemer.

Depois de terem atingido uma velocidade constante, Luce ouviu o som tamborilar de um vazamento. Algo estava pingando. Ela se inclinou para frente no banco, apertando os olhos por causa da luz fraca.
Era o sangue do soldado na beliche superior escorrendo em cima do soldado na beliche de meio, que estava de olhos abertos, assistindo a queda de sangue em seu peito. Seu ferimento era tão grave que não conseguia se afastar. Ele se manteve em silêncio, até que os pingos de sangue se transformaram em um rio.
Luce choramingou, junto com o soldado. Ela tentou se equilibrar para chegar até o ferido, mas não teria como fazer isso sem pisar no soldado abaixo. Cuidadosamente, ela colocou seus pés ao lado de seu peito. Como a ambulância estremeceu ao longo da estrada esburacada, ela segurou a lona esticada na maca de cima segurando um punhado de gaze contra o sangramento. Seus dedos ficaram ensangüentados em segundos.
"Me ajude!", Ela chamou o motorista da ambulância, mesmo sem ter certeza que ele a ouviria.
“O que houve?” O motorista tinha um forte sotaque regional.
“Este homem está tendo uma hemorragia. Acho que ele está morrendo.”
“Estamos todos morrendo, linda”, disse o motorista.
Um segundo depois, ele se virou olhando pra ela através da abertura atrás do bando do motorista.
“Olha, me desculpe. Mas não há nada a fazer. Eu tenho que levar os outros homens para o hospital.”
Ele estava certo. Já era tarde demais. Quando Luce tirou sua mão da maca, o sangue começou a jorrar novamente. Tão forte que não parecia algo possível.
Luce não tinha palavras de conforto para o menino na maca do meio, cujos olhos estavam arregalados e seus lábios sussurrando Ave Maria. O fluxo de sangue do outro soldado escorria do seu lado.

Luce queria fechar os olhos e desaparecer. Ela queria vasculhar as sombras lançadas pela lanterna, para convocar um anunciador que a levaria pra qualquer outro lugar. Como a praia nas rochas abaixo da linha costeira do campus. Onde Daniel a levou para dançar sobre o oceano, sob as estrelas. Ou para o vislumbre que teve de uma de suas vidas passadas, quando ela estava usando um maiô amarelo e mergulhou junto de Daniel. Ela preferia ser levada a Espada & Cruz, até mesmo pros momentos mais duros, como a noite em que ela tinha ido encontrar Cam naquele bar. Como quando ela o beijou. Ela preferia até mesmo voltar para Moscou, do que ficar na ambulância. Isso era pior. Ela nunca enfrentou algo assim antes. Com exceção de - é claro que ela tinha. Ela deve ter vivido algo quase exatamente assim. Foi por isso que ela foi parar ali. Em algum lugar neste mundo dilacerado pela guerra, ela era a menina que morreu e voltou à vida. Ela estava certa disso, e perdeu a vontade de vomitar. Ela ganhou forças ao pensar sobre a Luce que tinha vivido isso antes.
O fluxo de sangue começou a pingar, se tornando cada vez mais lento. O rapaz debaixo tinha

desmaiado, deixando Luce assistindo aquilo sozinha. Até que as gotas pararam completamente. Então Luce estendeu a mão com uma toalha molhada e começou a limpar o soldado do meio. Luce o limpou suavemente e mudou a bandagem em torno de sua cabeça. Quando ele voltou a si, Luce o deu goles de água. Sua respiração normalizou, e ele parou olhando para cima. Ele parecia estar mais confortável.
Luce limpou o rosto do soldado de cima, que havia morrido. Ela não sabia explicar o porquê. Queria que ele fosse em paz.
Era impossível dizer quanto tempo tinha passado. O que Luce sabia era que estava escuro, que suas costas doíam, sua garganta estava seca e ela estava exausta. Ela havia agido melhor do que todos os homens a sua volta.

Ela tinha deixado o soldado na maca inferior à sua esquerda por ultimo. Ele tinha sido gravemente ferido no pescoço, e Luce estava preocupada de que ele iria perder sangue ainda mais se ela tentasse refazer o curativo. Ela fez o melhor que podia, sentada ao lado da sua maca passando uma esponja pelo seu rosto sujo, tirando um pouco do sangue de seus cabelos loiros. Ele era bonito embaixo de toda a sujeira. Muito bonito. Mas ela estava distraída com seu pescoço, que ainda estava sangrando através da gaze. Toda vez que ela chegava perto do pescoço, ele gritava de dor.
"Não se preocupe," ela sussurrou. "Você irá conseguir".
"Eu sei." Seu sussurro veio tão silenciosamente, e parecia tão incrivelmente triste, que Luce não tinha certeza se tinha ouvido direito. Até então, ela achava que ele estava inconsciente, mas algo em sua voz parecia chegar até ele. As pálpebras de seus olhos tremulavam. Então, lentamente, eles abriram.

Eles eram violeta.

O jarro de água caiu de suas mãos.

Daniel.

Seu instinto era de aninhar-se ao lado dele e cobrir os seus lábios com beijos, para fingir que ele não tinha sido tão gravemente ferido como estava. Ao tê-la visto, os olhos de Daniel se arregalaram e ele começou a sentar-se. Mas, então, o sangue começou a fluir de seu pescoço e a cor havia sido drenada de seu rosto. Luce não tinha escolha, a não ser contê-lo.
"Shhh". Ela apertou seus ombros de volta contra a maca, tentando levá-lo a relaxar. Ele se contorcia sob seu controle. Toda vez que ele se mexia, sangue novo e brilhante floresceia através da atadura.
"Daniel, você tem que parar de lutar", ela implorou. "Por favor, pare de lutar. Por mim."

Eles trocaram olhares por um longo e intenso momento e depois a ambulância fez uma parada abrupta. A porta dos fundos se abriu. Uma lufada de ar fresco chocante fluiu para dentro. As ruas estavam quietas, mas o lugar dava a sensação de ser uma grande cidade, mesmo no meio da noite. Milão. Que foi para onde o soldado tinha dito que eles estavam indo quando ele colocou ela na ambulância. Eles devem estar em um hospital em Milão.
Dois homens com uniformes do Exército apareceram na porta e começaram a deslizar as macas com uma rápida precisão. Dentro de minutos, os feridos
foram colocados em carrinhos com rodas.

Os homens empurraram Luce para fora do caminho para que pudesse facilitar a saida da maca de Daniel. Suas pálpebras estavam vibrando novamente, e ela pensou que ele tinha estendido a mão para ela. Ela assistiu ele partir da parte de trás da ambulância, até que ele desapareceu de sua vista. Então ela começou a tremer.

"Você está bem?" Uma menina pôs a cabeça para dentro. Ela era doce e bonita, com uma boca

vermelha pequena e com longos cabelos escuros puxados de forma enrolada para o lado. Seu vestido de enfermeira era mais bem feito do que o que Luce estava usando e tão branco e limpo que fez Luce perceber o quanto ensanguentada e enlameada ela estava.

Luce pulou de pé. Ela se sentiu como se tivesse sido pego fazendo algo embaraçoso. "Estou bem", disse ela rapidamente. "Eu só–" "Você não tem que explicar", disse a menina. Seu rosto caiu enquanto olhava o interior da ambulância. "Posso dizer, este foi um dos feios."

Luce olhou como a menina soltou um balde de água na ambulância, e depois entrou para dentro. Ela começou a trabalhar imediatamente, esfregando as macas ensanguentadas, esfregando o chão, enviando ondas de água tingida de vermelho pela porta dos fundos. Ela substituiu a roupa suja na armário com as limpas e acrescentou mais gás para a lanterna. Ela não poderia ter mais de treze anos. Luce levantou-se para ajudar, mas a menina acenou com ela. "Sente-se. Descanse. Você acabou de ser transferida cá, não é?" Hesitante, Luce assentiu.

"Você estava sozinha?" A menina parou de limpeza por um momento, e quando ela olhou para Luce, os olhos cor de avelã brilhando com compaixão. Luce começou a responder, mas sua boca estava tão seca que ela não podia falar. Como podia ter levado tanto tempo para perceber que ela estava olhando para si mesma?

"Eu estava", ela conseguiu sussurrar. "Eu estava completamente sozinha." A menina sorriu. "Bem, você não está mais. Há um monte de gente aqui no hospital. Temos todas as enfermeiras mais legais. E os mais bonitos pacientes. Você não vai se importar, eu acho. "Ela começou a estender a mão, mas depois olhou para baixo e percebi o quão suja estava. Ela deu uma risadinha e pegou o esfregão novamente. "Eu sou Lúcia."

Luce teve que impedir-se de dizer “Eu sei”. "Eu sou–". Sua mente ficou em branco. Ela tentou pensar em um nome, qualquer nome que iria funcionar. "Eu sou Doree–Doria", ela finalmente disse. Quase o nome de sua mãe. "Sabe onde é que eles levam os soldados que estavam aqui?"
"Uh-oh. Você ainda não está apaixonada por um deles, está?" Lúcia brincou. "Os pacientes novos são levados para a ala leste, para checar os sinais vitais."
"A ala leste," Luce repetiu para si mesma.
"Mas você deve ir ver Miss Fiero na estação das enfermeiras. Ela faz o registro e o agendamento", Lúcia riu novamente e baixou a voz dela, inclinando-se para Luce "e o médico, nas tardes de terça-feira!" Tudo o que Luce podia fazer era olhar para Lúcia.

De perto, o seu próprio passado era tão real, tão vivo, tão do tipo de menina que Luce teria ajudado de imediato, se as circunstâncias tivessem sido no mínimo normais. Ela queria chegar e abraçar Lúcia, mas ela foi superada por um medo indescritível. Ela limpou as feridas de sete soldados semimortos, incluindo o amor de sua vida, mas ela não sabia o que fazer quando se tratava de Lúcia. A menina parecia jovem demais para saber qualquer um dos segredos que Luce estava sobre a maldição. Luce temia que ela poderia apenas assustar Lúcia se ela começasse a falar sobre a reencarnação e o céu. Havia algo sobre os olhos de Lúcia, algo sobre sua inocência... Luce percebeu que Lúcia sabia menos ainda do que ela. Ela desceu da ambulância e se afastou.

"Foi bom te conhecer, Doria," Lúcia chamado.
Mas Luce já tinha ido.

Após três quartos errados, três soldados assustados, e um armário de remédios derrubado, Luce o encontrou.

Daniel estava dividindo um quarto na ala leste, com dois outros soldados. Um deles era um homem silencioso, cujo rosto tinha sido todo enfaixado. O outro
estava roncando alto, com uma garrafa de uísque não muito bem escondida debaixo do travesseiro, com as duas pernas quebradas levantadas numa tipoia. A sala em si estava nua e estéril, mas tinha uma janela que dava para uma ampla avenida ladeada de árvores de laranja. Ao pé de sua cama, observando-o dormir, Luce pôde imaginar. A forma como o amor deles teria florescido aqui. Ela imaginou Lúcia trazendo a refeição de Daniel, e ele acordando lentamente para ela. Sendo um par inseparável enquanto Daniel se recuperava. E isso fez ela se sentir ciumenta, culpada e confusa, porque ela não poderia dizer agora se o seu amor era uma coisa bonita, ou se este era mais um exemplo de como era muito errado.

Se ela era tão jovem quando eles se conheceram, eles devem ter tido um longo relacionamento nesta vida. Ela deveria ter passado anos com ele antes de acontecer. Antes que ela morreu e foi reencarnada em outra vida completamente. Ela deve ter pensado que ficariam para sempre juntos E não deve nem mesmo ter entendido o que para sempre quis dizer. Mas Daniel sabia. Ele sempre soube.

Luce afundou ao lado de sua cama, cuidando para não acordá-lo. Talvez ele não tivesse sido sempre assim fechado e de difícil acesso. Ela tinha acabado de ver, em sua vida em Moscou, ele sussurrando algo para ela no momento crítico antes de ela morrer. Talvez se ela pudesse falar com ele nesta vida, ele a trataria de maneira diferente do que sempre o fez. Ele não poderia esconder muito dela. Ele poderia ajudá-la a entender. Pode dizer a verdade, para uma mudança.

Então ela poderia voltar para o presente e não teria que ter mais segredos. Era tudo o que ela realmente queria: que os dois pudessem se amar abertamente. E não para ela morrer. Ela estendeu a mão e tocou seu rosto. Ela amava sua bochecha. Ele foi surrado e ferido e, provavelmente, tinha uma concussão, mas seu rosto estava quente
e suave e, principalmente, era de Daniel. Ele era tão lindo como sempre. Seu rosto era tão pacífico no seu sono que Luce poderia tê-lo observado
de todos os ângulos por horas, sem nunca ficar entediada. Ele era perfeito para ela. Seus lábios perfeitos eram exatamente os mesmos. Quando ela tocou-lhes
com o dedo, eles eram tão suaves que ela teve de se inclinar para baixo por um beijo.

Ele não se mexeu. Ela traçou a linha de sua mandíbula com os lábios, beijou o lado do pescoço que não estava machucado e em toda a sua clavícula. No topo do seu ombro direito, seus lábios pararam em uma pequena cicatriz branca. Teria sido quase imperceptível para outra pessoa, mas Luce sabia que este era o lugar de onde as asas de Daniel se estendiam. Ela beijou o tecido cicatricial. Era tão difícil vê-lo deitado indefeso na cama do hospital, enquanto ela sabia do que ele era capaz. Com suas asas aninhadas em torno dela, Luce sempre perdia a noção de tudo. O que ela não daria para vê-las se abrirem agora, em um vasto esplendor branco que parecia roubar toda a luz de um lugar! Ela deitou a cabeça no ombro dele, a cicatriz quente contra sua pele.

Sua cabeça disparou. Ela não tinha percebido que ela tinha adormecido até a maca gemer e acordá-la. Que horas eram? A luz do sol entrava pela janela para a lençóis brancos sobre as camas. Daniel ainda estava dormindo. A cicatriz acima do seu ombro parecia mais branca na luz da manhã. Luce queria ver o outro lado, a cicatriz correspondente, mas foi envolvida em gaze. Pelo menos, a ferida parecia ter parado de sangrar.

A porta se abriu e Luce levantou. Lúcia estava em pé na porta, segurando três bandejas empilhadas em seus braços.
"Oh! Você está aqui. "Ela parecia surpresa. "Então eles já tiveram o café da manhã? "
Luce corou e balançou a cabeça. "Eu-uh"

"Ah." Olhos de Lúcia iluminaram-se. "Eu conheço esse olhar. Você tem uma queda por alguém." Ela colocou as bandejas em um carrinho e veio para o lado de Luce. "Não se preocupe, não vou dizer a ninguém, eu aprovo." Ela inclinou a cabeça para olhar para Daniel, e olhou por um longo tempo. Ela não se moveu ou respirou.

Observando a menina olhar para Daniel, Luce não sabia o que sentir. Empatia. Inveja. Tristeza. Tudo isto estava ali.
"Ele é divino." Lúcia soou como se pudesse chorar. "Qual o nome dele?"
"O nome dele é Daniel."
"Daniel", a menina mais nova repetiu, tornando o som da palavra santo assim que sairam de seus lábios. "Algum dia, vou encontrar um homem assim. Algum dia, eu vou deixar todos eles loucos. Assim como você faz, Doria ".
"O que você quer dizer?" Luce perguntou.
"Há aquele outro soldado, duas portas para o lado?" Lúcia se dirigiu a Luce sem nunca tirar os olhos de Daniel. "Você sabe, Giovanni?"
Luce balançou a cabeça. Ela não sabia.
"Ele está prestes a ir para a cirurgia e fica perguntando sobre você."

"Giovanni". O menino que tinha sido baleado no estômago. "Ele está bem?"
"Claro." Lúcia sorriu. "Eu não vou dizer a ele que você tem um namorado." Ela piscou para Luce e apontou para baixo em bandejas de café da manhã. "Eu vou deixar você fazer as refeições ", disse ela andando para fora. "Encontre-me mais tarde? Eu quero ouvir tudo sobre você e Daniel. Toda a história, tudo bem? "
"Claro", Luce mentiu, seu coração afundando um pouco.
Sozinha com Daniel, novamente, Luce estava nervosa. No quintal de seus pais, após a batalha com os Renegados, Daniel parecia tão assustado quando a viu passar pelo Anunciador. Em Moscou, também. Quem saberia o que esse Daniel faria quando ele abrisse os olhos e a encontrasse? Isso se ele abrisse os olhos.

Ela inclinou-se sobre sua cama novamente. Ele teria que abrir os olhos, não é? Os anjos não podem morrer. Logicamente, ela pensou que era impossível, mas
e se ela ter vindo para o passado tivesse estragado alguma coisa? Ela tinha visto nos filmes de viagem no tempo, e ela estudou nas aulas de física quântica. O que ela estava fazendo aqui era, provavelmente, bagunçando o espaço-tempo contínuo. E Steven Filmore, o demônio em Shoreline, tinha dito algo sobre a alteração do tempo.

Ela realmente não sabia o que significava, mas ela sabia que poderia ser muito ruim.
Como apagar-toda-sua-existência ruim. Ou talvez matar-meu-namorado-anjo ruim.
Foi quando Luce entrou em pânico. Agarrou os ombros de Daniel, ela começou a sacudi-lo. Devagar e suavemente, afinal ele tinha passado por uma guerra. Mas o suficiente para deixá-lo saber que ela precisava de um sinal. Neste momento.
"Daniel", ela sussurrou. "Daniel?"

Ali. Suas pálpebras começaram a tremer. Ela soltou a respiração. Seus olhos se abriram lentamente, como na noite passada. E como ontem à noite, quando eles
viu a menina em sua frente, eles se arregalaram. Seus lábios se separaram. "Você está ... velha."

Luce corou. "Eu não estou", disse ela, rindo. Ninguém nunca tinha chamado ela de velha.
“Sim, você está. Você está muito velha. "Ele parecia quase desapontado. Ele esfregou sua testa.
"Quero dizer... Quanto tempo eu estive...?"
Então se lembrou: Lúcia era vários anos mais jovem. Mas Daniel não tinha sequer conhecido Lucia

ainda. Como ele teria sabido quantos anos ela tinha?

"Não se preocupe com isso", disse ela. "Eu preciso lhe dizer uma coisa, Daniel. Eu sou... Eu não sou quem você pensa que eu sou. Quer dizer, eu sou, eu acho, eu sempre
fui, mas desta vez, eu vim ... uh ... "
O rosto de Daniel se contorceu. "É claro. Você atravessou para chegar aqui. "
Ela assentiu com a cabeça. "Eu tinha que fazer."
"Eu tinha esquecido", ele sussurrou, confundindo ainda mais Luce. "De quão longe? Não. Não me diga ". Acenou para ela, recuando em sua cama como se ela tivesse algum tipo de doença. "Como isso é possível? Não há falhas na maldição. Você não deveria ser capaz de estar aqui. "
"Falhas?" Luce perguntou. "Que tipo de falhas? Eu preciso saber "
"Eu não posso te ajudar", disse ele, e tossiu. "Você tem que aprender por si mesma. Essas são as regras. "

"Doria." Uma mulher que Luce nunca tinha visto estava de pé na porta. Ela era mais velha, loira e séria, com uma touca presa em angulo na sua cabeça, com o símbolo da Cruz Vermelha. No começo, Luce não percebeu que a mulher estava se dirigindo a ela. "Você é Doria, não é? A nova transferida? "
"Sim", disse Luce.
"Nós precisamos fazer a sua papelada, esta manhã," a mulher disse secamente. "Eu não tenho nenhum de seus registros. Mas, primeiro, você vai me fazer um favor. "
Luce assentiu. Ela poderia dizer que ela estava com problemas, mas ela tinha coisas mais importantes para se preocupar do que esta mulher e sua papelada.
"Soldado Bruno está indo para uma cirurgia", disse a enfermeira.
"Ok." Luce tentou se focar na enfermeira, mas tudo o que ela queria era voltar para sua conversa com Daniel. Ela estava finalmente chegando em algum lugar, finalmente encaixando uma outra peça no quebra-cabeça de sua vida!

"Soldado Giovanni Bruno? Ele pediu que a enfermeira de plantão estivesse em sua cirurgia. Ele diz que é uma doce enfermeira que salvou sua vida. O seu anjo? "A mulher deu a Luce um olhar duro.
"As meninas me dizem que é você."
"Não", disse Luce. "Eu não sou–"
"Não importa. É o que ele acredita. "A enfermeira apontou para a porta. "Vamos".
Luce se levantou da cama de Daniel. Ele estava olhando para longe dela, fora da janela.

Ela suspirou. "Eu tenho que falar com você", ela sussurrou, embora ele
não tenha desviado seu olhar. "Eu já volto."

A cirurgia não foi tão terrível quanto poderia ter sido. Tudo que Luce tinha que fazer era segurar a mão de Giovanni, pequena e macia, sussurrar coisas, passar alguns
instrumentos para o médico e tentar não olhar quando ele chegou na massa vermelha escura do intestino exposto de Giovanni. Se o médico desconfiou de sua evidente falta de experiência, ele não disse nada. Ela ficou fora por menos de uma hora. Apenas o tempo suficiente para voltar para a cama de Daniel e encontrá-la vazia.

Lúcia estava trocando os lençóis. Ela correu em direção Luce, e Luce pensei que ela ia abraçá-la. Em vez disso, ela desabou.
"O que aconteceu?" Luce perguntou. "Onde ele foi?"
"Eu não sei." A menina começou a chorar. "Ele partiu. Ele acabou de sair. Eu não sei para onde.
"Ela olhou para Luce, lágrimas molhando seus olhos cor de avelã. "Ele

disse para te dizer adeus. "
"Ele não pode ter ido", disse Luce baixinho. Eles ainda não tinham tido a oportunidade de conversar–

É claro que eles não tinham. Daniel sabia exatamente o que estava fazendo quando ele saiu. Ele não queria contar a ela toda a verdade. Ele estava escondendo algo. Quais eram foram as regras que ele tinha mencionado? E a falha?

O rosto de Lúcia estava ensopado. Seu discurso foi interrompido por soluços. "Eu sei que não deveria estar chorando, mas eu não posso explicar isso. ... Eu me sinto como se alguém tivesse morrido. "
Luce reconheceu o sentimento. Elas tinham isso em comum: Quando Daniel partia, as duas meninas ficavam inconsoláveis. Luce fechou seus punhos, sentindo-se irritada e deprimida.
"Não seja infantil."
Luce piscou, pensando que a menina estava falando com ela, mas depois ela percebeu que Lúcia estava ralhando com ela mesma. Luce se endireitou, mantendo seus ombros para o alto, como se ela estivesse tentando recuperar o calmo equilíbrio que as enfermeiras tinham mostrado.
"Lúcia". Luce falou para a menina, movendo-se para abraçá-la.

Mas a garota se afastou, desviando de Luce para olhar a cama vazia de Daniel. "Eu estou bem." Ela voltou a dobrar os lençóis. "A única coisa podemos controlar é o trabalho que fazemos. Enfermeira Fiero sempre diz isso. O resto está fora de nossas mãos. "
Não. Lúcia estava errada, mas Luce não sabia como corrigi-la. Luce não entendia muito, mas ela entendia que, sua vida não tinha que estar fora de suas mãos. Ela poderia moldar seu próprio destino. De alguma forma. Ela não tinha descobrido ainda, mas ela podia sentir uma solução se aproximando. De que outra forma ela teria parado neste lugar? De que outra forma ela teria sabido que agora era hora de
seguir em frente?

À luz do final da manhã, uma sombra estendeu-se a partir do almoxarifado no canto. Parecia que ela poderia usá-la, mas ela não estava inteiramente confiante de suas habilidades para convocar. Ela se concentrou por um momento e esperou para ver o lugar onde ela vacilaria. Ali. Ela assistiu a sombra se contorcer. Lutando contra o nojo que ela ainda sentia, ela agarrou-a.

Do outro lado da sala, o foco de Lúcia estava em arrumar os lençóis, se esforçando para não mostrar que ela ainda estava chorando. Luce trabalhou rápido, moldando o Anunciador em uma esfera, e então trabalhando para fora com os dedos mais rapidamente do que ela já fez antes.

Ela prendeu a respiração, fez um pedido, e desapareceu.

QUATRO

O TEMPO CURA TODAS AS FERIDAS

Milão, Itália • 25 de Maio de 1918

Daniel se sentiu vigilante assim que ele saiu do Anunciador.

Ele não sabia como descobrir rápido quando e onde estava, e o que deveria fazer. Sabia que pelo menos uma versão de Luce deveria estar por perto, e deveria precisar dele.
O quarto era branco. Lençóis brancos sob a cama em frente a ele, cortinas brancas na janela do canto, a luz branca do sol batendo no pano. Por um momento, tudo estava quieto. Mas então o turbilhão de memórias veio a tona.

Milão.

Ele estava de volta ao hospital onde ela tinha sido sua enfermeira durante a primeira das guerras mundiais. Ali, na cama do canto, estava Traverti, seu companheiro de quarto de Salerno que havia pisado uma mina terrestre em seu caminho para a cantina. Ambas as pernas de Traverti tinham sido queimadas e quebradas, mas ele era tão charmoso que todas as enfermeiras traziam garrafas de uísque escondidas para ele. Ele sempre tinha uma piada para Daniel. E lá, no outro lado do quarto, estava Max Porter, o britânico com o rosto queimado, que nunca falou um pio até que ele gritou e se descabelou quando tiraram suas ataduras.

Agora, ambos antigos companheiros de quarto de Daniel estavam em seus cochilos matinais induzidos pela morfina.
No meio da sala estava a cama onde ele tinha ficado depois que a bala encontrou o seu pescoço perto do rio Piave. Foi um ataque estúpido; tinha andando direto para ele. Mas Daniel apenas alistou-se na guerra porque Lúcia era uma enfermeira, então tudo bem. Ele esfregou o dedo no lugar onde ele tinha sido atingido. Ele podia sentir a dor quase como se tivesse acontecido ontem.

Se Daniel tivesse permanecido tempo suficiente para deixar a ferida cicatrizar, os médicos teriam se surpreendido com a ausência de uma cicatriz. Hoje, seu pescoço estava suave e sem falhas, como se nunca tivesse sido baleado.
Ao longo dos anos, Daniel tinha sido espancado, golpeado, jogado de varandas, levado um tiro no pescoço, no intestino e na perna, torturados com brasa quente, e arrastado por uma dúzia de ruas da cidade. Mas um estudo minucioso de cada centímetro de sua pele revelaria apenas duas pequenas cicatrizes: duas finas linhas brancas acima de seus ombros, de onde suas asas se espadiam.
Todos os anjos caídos adquiriram essas cicatrizes quando eles tomaram seus corpos humanos. De certa forma, as cicatrizes eram tudo que qualquer um deles tinha que mostrar para se provarem.

A maioria dos outros se deliciava com sua imunidade a cicatrizes. Bem, exceto para Arriane, mas a cicatriz no pescoço foi outra história. Mas Cam e mesmo Roland iriam pegar as brigas mais horríveis com apenas cerca de ninguém na Terra. É claro, eles nunca perderam para os mortais, mas eles pareciam gostar de ficar quebrados durante algum tempo. Em um par de dias, eles sabiam que teriam a aparência impecável novamente.

Para Daniel, uma existência sem cicatrizes era apenas uma indicação de que seu destino estava fora de suas mãos. Nada do que ele já fez faz diferença. O peso de sua própria futilidade foi esmagadora, especialmente quando se tratava de Luce.
E ele de repente se lembrou de vê-la aqui, de volta em 1918. Luce. E lembrou-se de ter fugido do hospital.

Essa era a única coisa que poderia deixar uma cicatriz em Daniel, em sua alma.
Ele havia se confundido por vê-la naquela época, assim como ele estava confuso agora. Na época, ele achava que não havia maneira de a mortal Lucinda ser capaz de fazer isso de andar desordenadamente através do tempo, visitando seus velhos eus. Nenhum jeito de ela ficar vida.
Agora, é claro,
Daniel sabia que algo tinha mudado com a vida de Lucinda Price, mas o que era? Tudo começou com sua falta de aliança com o Céu, mas havia mais–

Por que não conseguia descobrir isso? Ele conhecia as regras e os parâmetros da maldição melhor do que conhecia qualquer outra coisa, então como a resposta poderia escapar a ele–

Luce. Ela deve ter operado a mudança em seu próprio passado. A realização fez o seu coração vibrar. Deve ter acontecido durante estes voos dela através do anunciadores. Claro, ela deve ter mudado alguma coisa para tornar tudo isso possível.
Mas quando?
Onde?
Como?
Daniel não poderia interferir em nada disso.

Ele tinha que encontrá-la, assim como ele sempre prometeu que iria. Mas ele também tinha que ter certeza de que ela conseguiria fazer tudo o que ela tinha que fazer,
trabalhar em qualquer mudança em seu passado para que Lucinda Price – sua Luce – pudesse acontecer.

Talvez se ele pudesse alcançá-la, ele poderia ajudar. Ele poderia conduzi-la para o momento em que ela mudou as regras do jogo. Ele tinha acabado de perdê-la em Moscou, mas ele iria encontrá-la nesta vida. Ele só tinha que descobrir por que ela tinha desembarcado aqui. Há sempre uma razão, algo guardado no interior, em dobras profundas de sua memória–
Oh.

Suas asas queimaram e ele se sentiu envergonhado. Esta vida na Itália tinha sido uma morte escura e feia para ela. Uma das piores. Ele nunca iria parar de responsabilizar-se pela maneira horrível com que ela tinha deixado esta vida.

Mas isso foi anos depois de onde Daniel estava hoje. Este foi o hospital onde eles se conheceram, quando Lúcia era tão jovem e adorável, inocente e atrevida na mesma respiração. Aqui ela o amou instantaneamente e completamente. Apesar de ela ser muito jovem para Daniel demostrar que ele a amava de volta, ele nunca havia desencorajado seu afeto.
Ela costumava deslizar a mão dentro de sua quando passeava sob as árvores de laranja no Piazza della Repubblica, mas quando ele apertava a mão dela, ela corava. Ela sempre o fez rir, o jeito que ela poderia ser tão ousada, então de repente, tão tímida. Ela costumava dizer-lhe que queria se casar com ele algum dia.

"Você está de volta!"

Daniel virou-se. Ele não tinha ouvido a porta atrás dele se abrindo. Lúcia saltou quando o viu. Ela

estava radiante, mostrando uma perfeita linha de pequenos dentes brancos. Sua beleza lhe tirou o fôlego.

O que ela quis dizer, ele estava de volta? Ah, isso foi quando ele tinha se escondido de Luce, com medo de matá-la por acidente. Ele não tinha permissão para revelar nada a ela, ela tinha de descobrir os detalhes por si mesma. Se ele mesmo desse uma dica ampla, ela poderia simplesmente queimar. Se ele tivesse ficado, ela poderia ter-lhe convencido e forçado a dizer a verdade ... Ele não se atreveria. Então, seu eu anterior tinha fugido. Ele deve estar em Bolonha neste momento.

"Você está se sentindo bem?" Lúcia perguntou, andando em direção a ele. "Você realmente deveria se deitar. Seu pescoço ", ela estendeu a mão para tocar a
lugar onde ele tinha sido atingido a 90 anos atrás. Seus olhos se arregalaram e ela recuou a mão. Ela balançou a cabeça. "Eu pensei, eu poderia jurar –"

Ela começou a abanar o rosto com a pilha de arquivos ela estava segurando. Daniel pegou sua mão e levou-a a sentar-se na beira da cama com ele.

"Por favor", disse ele, "você pode me dizer, estava lá uma menina aqui"
Uma garota como você.
"Doria?" Lúcia perguntou. "A sua amiga ...? Com o cabelo muito curto e os sapatos engraçados? "
"Sim". Daniel exalando. "Você pode me mostrar onde ela está? É muito urgente. "
Lúcia balançou a cabeça. Ela não conseguia parar de olhar para o pescoço.

"Há quanto tempo estou aqui?", Perguntou.
"Você só chegou na noite passada", disse ela. "Você não lembra?"
"As coisas estão embaralhadas," Daniel mentiu. "Eu devo ter levado uma pancada na cabeça."
"Você foi gravemente ferido" Ela balançou a cabeça. "A enfermeira Fiero não achou que você conseguiria sobreviver até de manhã, quando os médicos chegassem– "

"É" Ele se lembrava. "Ela não achou."
"Mas depois você conseguiu, e nós estávamos tão felizes. Acho que Doria ficou com você a noite toda. Você se lembra disso? "
"Por que ela faria isso?" Daniel disse agudamente, Lucia se surpreendeu.

Mas é claro Luce tinha ficado com ele. Daniel teria feito a mesma coisa.

Ao seu lado, Lúcia fungou. Ele tinha magoado ela, quando na verdade era de si mesmo que tinha que estar com raiva. Ele colocou um braço em volta de seu ombro, sentindo-se
quase tonto. Como era fácil se apaixonar por cada momento de sua existência! Se forçou a inclinar-se para trás para se concentrar.

"Você sabe onde ela está agora?"
"Ela foi embora." Lúcia mastigado no lábio, nervosa. "Depois que você saiu, ela ficou chateada, e ela se enfiou em algum lugar. Mas eu não sei onde. "

Então, ela já havia fugido de novo. Que tolo Daniel foi, andando através do tempo, enquanto Luce estava correndo. Ele tinha que pegá-la, embora; talvez ele poderia ajudar a conduzi-la em direção a esse momento em que ela poderia fazer toda a diferença. Então, ele nunca iria sair do seu lado, nunca deixar qualquer dano chegar a ela, só estar com ela e amá-la sempre.

Ele saltou da cama. Ele estava na porta quando a mão da moça o puxou de volta.
"Onde você está indo?"

"Eu tenho que ir."
"Atrás dela?"
"Sim".
"Mas você deve ficar um pouco mais." Sua palma estava úmida contra a dele. "Os médicos, todos eles disseram que você precisa descansar um pouco", disse ela em voz baixa. "Eu não sei o que está acontecendo comigo. Eu apenas não posso suportar se você for ".

Daniel se sentiu horrível. Ele apertou sua mão pequena contra o seu coração. "Nós nos encontraremos novamente."
"Não." Ela balançou a cabeça. "Meu pai disse que, e meu irmão, e então eles foram para a guerra e eles morreram. Eu não tenho ninguém. Por favor não vá ".

Ele não podia suportar. Mas se ele quisesse encontrá-la novamente, deixá-la agora era sua única chance.
"Quando a guerra acabar, você e eu nos encontraremos novamente. Você vai para Florença num verão, e quando estiver pronta, você vai me encontrar nos jardins Boboli"
"Vou fazer o quê?"

"Logo atrás o Palácio Pitti, no final da pista de aranha, onde as hortênsias florescem. Olhe para mim."
"Você deve estar febril. Isso é loucura! "

Ele balançou a cabeça. Ele sabia que era. Ele detestava que não havia alternativa para o destino dessa menina, linda e doce, e que estava tomando um curso tão feio. Ela tinha que ir para os jardins, assim como Daniel tinha que ir atrás de Lucinda agora.
"Eu vou estar lá, esperando por você. Confie em mim".

Quando ele beijou sua testa, seus ombros começaram a tremer em soluços. Contra cada instinto, Daniel se virou, lançando-se para fora para encontrar um anunciador que poderia levá-lo de volta.

CINCO

FORA DO TRAJETO

Helston, Inglaterra • 18 de junho de 1854

Luce correu como um carro em alta velocidade fora de controle para o anunciador.
Ela saltou e foi empurrada contra seus lados sombrios, sentindo como se tivesse sido jogada para baixo de uma rampa de lixo. Ela não sabia onde estava indo, ou o que fazer quando chegar, só que este anunciador parecia mais estreito e menos flexível que o último. Foi arrastada por um vento molhado, cada vez mais fundo no túnel escuro.
Sua garganta estava seca e seu corpo cansado por não ter dormido no hospital. Cada vez, sentia-se mais perdida e insegura. O que ela estava fazendo neste anunciador?

Ela fechou os olhos e tentou pensar em Daniel: o forte aperto de mãos, a intensidade de seus olhos, a forma como todo seu rosto mudava quando a via. O conforto macio de suas asas, voando alto, deixando o mundo e as preocupações bem longe.
Como foi tola em correr! Naquele noite em seu quintal, percorrer anunciadores parecia a coisa certa a se fazer, a única coisa a se fazer. Mas por quê? Por que ela fez isso? Que ideia estúpida a levou a pensar que seria uma jogada inteligente?
E agora ela estava longe de Daniel, e de todos que ela se preocupava. E foi tudo culpa dela.
"Você é uma idiota!", gritou ela para o escuro.
"Ei", uma voz gritou. Era rouca e sem corte, parecia vir de seu lado direito. "Não há necessidade de insultar!"
Luce foi rígida. Não poderia haver ninguém dentro da escuridão do seu anunciador. Certo? Ela deve ter ouvido coisas. Ela deu um impulso pra frente, mais rápido.
"Desce devagar, sim?"
Ela prendeu a respiração. Quem quer que fosse não parecia ilegível ou distante, como se alguém estivesse falando através da sombra. Não, alguém estava ali dentro. Com ela. "Olá?" Ela chamou, engolindo em seco. Nenhuma resposta.

O vento chicoteando no anunciador ficou mais alto, berrando em seus ouvidos. Ela cambaleou para frente no escuro, com bastante medo, até que o último ruído de ar soprando morreu e foi substituído por um outro som, um barulho de estática. Algo como ondas quebrando a distância.
Não, o som era muito firme para ser ondas, Luce pensou. Uma cachoeira.
"Eu disse devagar"
Luce se encolheu. A voz estava de volta. Há centímetros da sua orelha, e mantendo o mesmo ritmo que ela enquanto corria. Desta vez, a voz parecia irritada.
"Você não aprenderá nada se continuar andando em círculos desse jeito."
"Quem é você? O que você quer?", Ela gritou envergonhada.
Sua bochecha bateu em algo frio e duro. Uma cachoeira corria ao lado de sua orelha, o suficiente para sentir gostas frias sobre sua pele. "Onde estou?"
"Você está aqui. Você está em.... a voz pausou. "Já ouviu falar em parar para cheiras as peônias?"
"Você quis dizer rosas." Luce sentia ao seu redor na escuridão, um cheio que parecia ser mineral, que não era desagradável ou estranho, apenas confuso.
Ela percebeu então que ainda estava no meio de uma escuridão, que ainda não tinha ido parar no meio de uma vida, o que só poderia significar que ela ainda estava dentro do anunciador.
Estava muito escuro, mas seus olhos começaram a se ajustar. O anunciador tinha tomado a forma de uma espécie de caverna, e um fluxo de água escorreu. Pelo que ouvia, a cachoeira estava em algum lugar acima. E abaixo dela? Havia apenas uma borda de pedras e nada mais. Além, é claro, da escuridão.
"Eu não fazia ideia de que você poderia fazer isso." Luce sussurrou pra você mesma.
"O que?" A voz rouca disse.
"Uma parede dentro de um anunciador", disse ela. Luce não tinha falado com aquela voz. O fato de ter parado onde quer que ela esteja e com quem ela desconhecia, era um grande motivo de nervosismo. Mas mesmo assim ela não podia deixar de ficar maravilhada com a sua volta.

"Eu não conhecia um lugar como este. Um lugar assim."
Um pigarro. "Você podia ter lido um livro com todas as coisas que você não sabe, menina. Na verdade, eu acho que alguém já o escreveu. Mas não está nem aqui e nem lá." Uma tosse. "E, a propósito, eu queria dizer peônias."
"Quem é você?" Luce sentou e se recostou na parede. Ela esperava descobrir de onde toda aquela voz vinha e não podia ver. Suas pernas tremiam.
"Quem? Eu?", Perguntou ele. "Eu sou apenas... eu. Estou aqui há muito tempo."
"Ok... fazendo o que?"
"Ah, você sabe, andando por ai a fora." Ele limpou a garganta, e parecia que alguém fazia gargarejo

com pedras.
“Eu gosto daqui. É agradável e calmo. Alguns destes anunciadores podem ser zoológicos. Mas não o seu, Luce. Ainda não, de qualquer maneira.”
“Estou confusa.” Mais do que confusa, Luce estava com medo. Ela deveria mesmo estar falando com um estranho?
Como ele sabia o nome dela?
“Na maior parte, eu sou apenas um observador casual, mas às vezes me comunico com os viajantes.”
Sua voz chegou mais perto, fazendo Luce tremer. “Igual agora. Veja, eu estive por aí por algum tempo, e às vezes os viajantes precisam de pequenos conselhos. Você já reparou na cachoeira? Muito cênica. A medida em que a cachoeira vai.”
Luce balançou a cabeça. “Mas você disse que este anunciador é meu? Com mensagens do meu passado. Então, por que você estaria aqui?”
“Bem! DESCULPE!” A voz ficou mais alta, indignada. “Mas eu só posso levantar uma questão: Se sua ida ao passado é tão preciosa, por que você deixa seus anunciadores abertos para que todo mundo possa pular dentro? Hein? Por que você não os bloqueia?”
“Eu não, hum...” Luce não tinha ideia que havia deixado alguma coisa aberta. E não sabia que os anunciadores podiam ser bloqueados.
Ela ouviu um barulho, como roupas ou sapatos sendo jogados dentro de uma mala, mas ela ainda não conseguia ver nada.
“Vejo que já permaneci tempo demais aqui. Não irei desperdiçar o seu.” A voz soava de repente engasgada. E depois suavemente, de longe: “Adeus"

A voz desapareceu na escuridão. Estava tudo silencioso dentro do anunciador. Apenas o som suave da cascata de cachoeira acima. Apenas o bater desesperado do coração de Luce. Por apenas um momento, ela não estava sozinha. Com aquela voz ao seu lado, ela estava nervosa, preocupada, no limite... mas não estava sozinha.
“Espere!” Ela chamou, se levantando.
“Sim?” A voz estava de volta ao seu lado.
“Eu não tive a intenção de expulsá-lo”, disse ela. Por alguma razão, Luce não estava pronta para simplesmente deixar aquela voz desaparecer. Havia algo nela. Ele a conhecia. Aquela voz chamou pelo seu nome. “Eu só queria saber quem é você.”
“Ah, inferno”, ele disse, “Você pode me chamar de... Bill.”
“Bill”, ela repetiu, apertando os olhos pra tentar enxergar mais do que as paredes escuras da caverna ao seu redor.
“Você está invisível?”
“Ás vezes. Nem sempre. Na verdade não preciso ser. Por quê? Você prefere me ver?”
“Pode tornar as coisas um pouco menos estranhas.”
“Independente de como eu seja?”
“Bem” Luce começou a dizer.
“Então”, sua voz soava como se ele estivesse sorrindo “Como quer me ver?”
“Eu não sei.” Luce encostou na parede. Seu lado esquerdo estava úmido por causa do spray da cachoeira.
“Eu tenho opções. Você provavelmente quer que eu apareça como algo bonito. Estou certo?”
“Acho que...”
“Tudo bem”, murmurou a voz. “Huminah, huminah, huminah, hummm”.
“O que está fazendo?”
“Colocando meu rosto.”
Ocorreu uma luz cinza. A explosão teria feito Luce cair pra trás, se não tivesse encostada na parede. Cinzas caíram em uma pequena bola de luz branca. Com sua iluminação ela pôde perceber a proporção da explosão vendo pedras cinzentas sob seus pés. Água escorrendo em sua cara. E lá no chão, na sua frente, havia uma pequena gárgula.

“Ta-da”, disse.
Ele estava agachado com os braços cruzados e os cotovelos apoiados nos joelhos.

Sua pele era da cor da pedra, mas quando ele acenou pra ela, Luce podia ver pelos seus músculos que ele era bastante ágil. Ele parecia um tipo de estátua que estampa o telhado de uma igreja católica. Suas patas e unhas eram longas e pontudas, como pequenas garras.
Suas orelhas eram pontudas e perfuradas com pequenos aros feitos de pedras. Ele tinha duas pequenas saliências como dois chifres, na parte superior da testa. Seus lábios eram grandes e franzidos em uma careta, que o fazia parecer um bebê muito velho.
“Então você é o Bill?”
“Isso mesmo”, disse ele. “Eu sou o Bill.”
Bill era uma coisa de aparência estranha, mas certamente não alguém para se ter medo. Luce circulou a sua volta e notou as vértebras salientes de sua coluna vertebral. E um pequeno par de asas cinzas escondidas atrás das costas de modo que as duas pontas ficavam entrelaçadas.
“O que achou?”, Perguntou.
“Ótimo”, Luce disse categoricamente. Um olhar pra qualquer outro par de asas, mesmo que sendo as de Bill, a fazia sentir saudades de Daniel, a ponto de sua barriga doer.
Bill se levantou, era estranho ver seus braços e pernas feitos de pedra e com movimento muscular.
“Você não pareceu gostar. Eu posso fazer melhor”, disse ele, desaparecendo em um outro flash de luz.
“Espere um pouco.”

FLASH

E Daniel estava diante dela, envolvido por uma aura brilhante de luz violeta. Suas asas se abriram gloriosas e macias, acenando de forma convidativa. Ele estendeu a mão, e Luce prendeu a respiração. Ela sabia que algo sobre sua presença estava estranho. Aconteceu no momento que faria uma outra coisa, mas ela não conseguia se lembrar o quê ou com quem. Sua mente se sentiu confusa, sua memória obscura. Mas nada disso importava. Daniel estava ali. Ela queria chorar de felicidade. Ela deu um passo em sua direção, e ele segurou sua mão.
“Não”, disse ele em voz baixa.” Isso, era essa sua reação que eu estava procurando.”

“O quê?” Luce sussurrou, confusa. Algo em sua mente disse para se afastar. Mas os olhos de Daniel prendia sua atenção, não permitindo que ela se afastasse, fazendo-a esquecer de tudo e lembrar apenas do gosto de seus lábios.
“Me beije”. Sua voz estava estridente. Bill.
Luce gritou e deu um passo pra trás. Ela parecia voltar a si depois de um sono profundo. O que aconteceu? Como ela viu o Daniel em Bill? Ele tinha a enganado. Ela puxou sua mão de volta, ou quem sabe ele largou a mão dela, quando se transformou em um grande e verrugoso sapo.
Ele resmungou dois “ribbits”, e em seguida, pulou até a fonte de água que escorria na parede da caverna. Sua língua correu em direção ao córrego.
Luce estava ofegante e tentando não demonstrar o quanto se sentiu devastada.
“Pare com isso”, disse ela bruscamente. “Volte a forma de gárgula. Por favor.”
“Como quiser.”

FLASH

Bill estava de volta, agachado com os braços cruzados sobre os joelhos. Ainda como pedra.
“Pensei que tivesse gostado” , disse ele.
Luce desviou o olhar, envergonhada e ao mesmo tempo com raiva. Ele parecia ter gostado.
“Agora que está tudo resolvido” , disse ele, correndo para mais perto, o suficiente para que ela pudesse enxergá-lo novamente. “o que você gostaria de aprender primeiro?”

“Sobre você? Nada. Eu não tenho ideia do que você está fazendo aqui.”
“Eu estou te chateando”, Bill disse, estalando seus dedos de pedra. “Sinto muito. Eu só estava tentando aprender sobre seus gostos. Eu sei o que você gosta: Daniel Grigori, que é mais bonito que gárgulas.” Ele contou nos dedos. “Não gosta: sapos. Isso não passou de um negócio engraçado.” Ele abriu suas asas que esvoaçavam-se em seu ombro. Eram pesadas. “Apenas truques do comércio”, ele sussurrou “Eu não preciso de truques”.

“Então... você nem sabe como bloquear um anunciador para manter o mau longe. Você, pelo menos, sabia sobre isso?”
Luce levantou uma sobrancelha para ele. “Por que você está me ajudando?”
“Você não é a primeira a viajar no passado, e como sabe, todo mundo precisa de um guia. Sorte sua, você me encontrou aqui. Você poderia ter ficado presa como Virgílio”.
“Virgílio?” Luce perguntou, tendo um flashback de sua aula do segundo ano. “Como nacara que levou Dante aos nove círculos do inferno?”
“Essa é uma opção. Essa história pelo livro dá um sono. De qualquer forma, não estamos viajando pelo Inferno agora”, explicou ele encolhendo os ombros.
“É como uma temporada turística.”
Luce relembrou do momento em que viu Luschka explodindo em Moscou, e da dor que sentiu quando Lúcia disse que Daniel tinha desaparecido no hospital em Milão.
“Às vezes parece que isso é o inferno”, disse ela.
“Isso porque levou tanto tempo pra acontecer.” Bill estendeu devagar a mão de pedra em direção a dela.
Luce ficou imóvel. “Então, de que, hum, lado você está?”
Bill assobiou. “Alguém não te disse que é mais complicado que isso? Que as fronteiras entre o “bem” e o “mal” se confundiram há milênios?”
“Eu sei tudo isso, mas...”
“Olha, se isso te faz se sentir melhor, você já ouviu falar da escala?”
Luce balançou a cabeça.
“São como monitores dentro dos anunciadores, que fazem os viajantes chegarem onde estão indo. Membros da Escala são imparciais, de modo que não há diferença entre o Céu ou o Inferno. Entendeu?”
“Entendi” Luce assentiu. “Então, você está na escala?”
Bill piscou. “Estamos quase lá, calma.”
“Quase lá onde?”
“Na próxima vida que você conhecerá, aquela que lançou esse anunciador em que estamos.”
Luce passou a mão pela água correndo na parede. “Esse anunciador é diferente.”
“Se for, é porque você quer que seja. Se você quiser uma caverna dentro no anunciador, ele fará isso pra você.”
“Eu não queria isso.”

“Não, mas você precisava disso. Anunciadores podem captar isso. Além do mais, eu estou aqui ajudando, fazendo em seu nome.” O gárgula encolheu seus ombros, e Luce ouviu um som de pedras batendo umas contras outras.
“O interior de um anunciador não é o mesmo em qualquer lugar. É como um eco escuro que traz alguma coisa do passado. Cada um é diferente do outro, se adaptando às necessidades de seus viajantes, desde que eles estejam dentro.”
Havia algo selvagem sobre a ideia de que o anunciador funcionava como um eco do passado. Luce podia saber o que quisesse ou precisava de uma maneira melhor.
“Então, por quanto tempo as pessoas ficam dentro de um anunciador?” ela perguntou “Dias? Semanas?”
“Não existe um tempo. Não do jeito que você está pensando. Dentro dos anunciadores, o tempo real não passa. Mas, ainda assim, você não quer ficar muito tempo aqui. Você poderia esquecer de onde

está vindo, e se perder pra sempre. E isso é ruim. Lembre-se, anunciadores são portais e não destinos."
Luce descansou a cabeça contra a parede de pedra úmida. Ela não sabia o que fazer com Bill.
"Então, o seu trabalho é este. Servir como guia para viajantes como eu?"
"Claro, exatamente." Bill estalou os dedos. O atrito fez sair faísca. "Você acertou em cheio."
"Como uma gárgula consegue ficar presa fazendo isso?"
"Desculpe, tenho orgulho do meu trabalho."
"Quero dizer, quem te contratou?"
Bill pensou por um momento. Seus olhos de mármore rolaram pra frente e pra trás em suas órbitas.
"Pense em mim como um voluntário. Eu sou bom em anunciadores de viagens. E não tem nenhuma razão para não espalhar minha experiência ao redor." Ele se virou para Luce, com a palma da mão em concha no queixo de pedra.
"Quando é que iremos, afinal?"
"Quando é que...?" Luce olhou confusa para ele.
"Você não faz ideia, não é mesmo?" Ele deu um tapa na testa.

"Você não faz ideia, não é mesmo?" Ele deu um tapa na testa.
"Você está me dizendo que ganhou um presente, sem fazer idéia do quando conhecimento pode conseguir? Não é um mistério para você sempre acabar da mesma forma?"
"Como eu poderia descobrir?" Luce disse. "Ninguém me disse nada!"
Bill relaxou seus ombros. "Você está certa. Está certa. Vamos voltar ao básico."
Ele parou em frente a Luce, com as grossas mãozinhas na cintura. "Então. Vamos lá: O que é que você quer?"
"Eu quero... estar com Daniel." , disse ela lentamente. Havia mais, mas ela não sabia como explicar.
"Hum!" Bill parecia duvidar, com sua testa pesada, lábios de pedra e nariz pontudo fez um olhar natural. "Pelo que parece, quando você fugiu do seu próprio tempo, Daniel estava do seu lado. Não estava?"
Luce deslizou pela parede e sentou, sentindo um forte arrependimento. "Eu tive que fazer isso. Ele não queria me contar nada sobre o nosso passado, então resolvi tentar descobrir por mim mesma."
Ela esperava que Bill fosse discutir com ela, mas ele simplesmente disse: "Então, está me dizendo que você está em uma missão."
Luce sentiu um leve sorriso entre os lábios. Missão. Ela gostou do termo.
"Então, vejo que quer alguma coisa." Bill completou. "Ok, uma coisa que deve saber é que os anunciadores são convocados para você com base no que está acontecendo aqui." Bill bateu com seu punho de pedra no peito. "Eles são mais ou menos como tubarões: puxados por seus desejos mais profundos."
"Certo" Luce lembrou das sombras em Shoreline, que agiam como se tivessem escolhido ela, e não o contrário.
"Sabe quando você passa por anunciadores que parecem tremer diante de você, implorando para que você os peguem? Eles na verdade vão para onde sua alma deseja ir."

"Então, o "eu" que estava em Moscou, e em Milão, e todas as outras vidas que vislumbrei antes, eu desejei vistá-las?"
"Precisamente", disse Bill. "Você apenas não sabia disso. Os anunciadores sabem. Você vai ficar melhor nisso também. Logo irá sentir, se praticar seus conhecimentos. Por mais estranho que possa parecer, eles são como partes de você."
Como uma dessas frias e escuras sombras, são partes dela? Era súbito e inesperado, mas fazia sentido. Ele explicou desde o princípio, e mesmo quando se assustava, Luce não seria capaz de impedir de entrar nas sombras. Mesmo quando Roland avisou que eles são perigosos.
Mesmo quando Daniel olhou para ela, como se ela tivesse cometido algum crime horrível. Os anunciadores sempre a fazia sentir como se estivesse abrindo portas. Será isso que eles realmente são? Seu passado, outrora tão irreconhecível, estava lá fora e tudo o que Luce tinha que fazer era

passar por estas portas, certo? Ela podia ver como Daniel agia com ela, por que seu amor havia sido condenado, como ele amadureceu e mudou ao longo do tempo. E, o mais importante, como eles estariam no futuro.
“Já estamos em algum lugar.” Bill disse, “mas agora que sabe do que você e seus anunciadores são capazes, na próxima vez que percorrer, você precisa pensar sobre o que quer.”
“Ok”. Luce estava tentando transformar o emaranhado de emoções dentro dela, em palavras que poderiam fazer qualquer sentido em voz alta.
“Por que não experimenta agora?” disse Bill. “Só pratique. Poderia nos dar uma ideia sobre o que vamos enfrentar. Pense sobre o que quer agora.”
“Compreender”, disse ela lentamente.
“Bom”, disse Bill. “O que mais?”
Uma energia nervosa percorreu Luce, como se ela estivesse à beira de fazer algo muito importante.
“Eu quero saber por que Daniel e eu estamos amaldiçoados. E quero quebrar essa maldição. Quero impedir o amor de me matar, para que finalmente possamos ficar realmente juntos."

“Uau, uau, uau.” Bill começou a balançar as mãos como um homem acenando no acostamento de uma estrada escura. “Assim ficaremos loucos. Essa condenação é muito longa. Você e Daniel, são como... eu não sei, mas você não pode simplesmente estalar os dedos e acabar com tudo isso: Você tem que começar aos poucos.”
“Certo”, disse Luce. “Ok. Eu deveria começar conhecendo os meus “eus” passados. Chegar de perto e ver o seus relacionamentos com o Daniel acontecerem. Ver se elas sentem as mesmas coisas que eu sinto.”
Bill estava balançando a cabeça com um sorriso maluco se espalhando em seus grandes lábios. Ele a levou até a borda.
“Eu acho que você está pronta. Vamos embora.”
Vamos? A gárgula estava indo com ela? Saindo de um anunciador e indo para um outro passado? Sim, Luce poderia precisar de sua ajuda, mas ela mal conhecia esse cara.
“Você está se perguntando por que deve confiar em mim, não é?” Bill perguntou.
“Não, eu...”
“Eu entendo”, disse ele, pairando no ar à sua frente. “Eu sou como um gosto adquirido. Especialmente em comparação com a ideia que costuma manter. Eu não sou nenhum anjo.” Ele bufou. “Mas posso te ajudar a fazer esta viagem valer a pena. Podemos fazer um acordo, se quiser.”
Ele estendeu sua mão com longas garras. Luce estremeceu. A mão de Bill era dura como cistos rochosos e com crostas de líquen, como uma estátua em ruínas. A última coisa que ela queria fazer era segurar sua mão. Ela poderia ficar melhor com ele do que sem ele.
Olhou para seus pés. A borda curta e molhada debaixo deles acabava onde ela estava. Um brilho, que a fez piscar, chamou sua atenção. O chão estava mudando... amolecendo... balançando sob seus pés.
Luce olhou para trás. A laje de pedra estava desintegrando, até a parede da caverna. Ela tropeçou, oscilando na borda que começou a se quebrar, desaparecendo rápido. Até que um ar fresco escovou suas costas, e Luce pulou, agarrando as garras de Bill com sua mão direita. Apertando-a no ar.

SEIS

A MULHER DE BRANCO

Helston, Inglaterra • 18 de Junho de 1854

No momento em que Daniel chegou a Helston, ele estava com raiva.
Ele reconheceu a paisagem de uma só vez, logo que o Anunciador o ejetou sozinho para os bancos de cascalho do Loe. O lago ainda estava refletindo grandes pares de nuvens cor de rosa no céu noturno. Assombrados com a sua súbita aparição, um par de beija-flor decolaram do campo de trevos e foram parar em uma árvore torta ao lado da estrada principal. A estrada levava, ele sabia, à pequena cidade onde ele passou um verão com Lucinda.

Estar de pé novamente nesta terra verde rica tocou um lugar macio dentro dele. Por mais que ele tenha trabalhado para fechar todas as portas de seu passado, por mais que ele se esforçasse para ir além de cada uma de suas mortes dilacerantes – algumas importavam mais do que as outras. Ele ficou surpreso com quão claramente ele ainda
recordava do seu tempo no sul da Inglaterra. Mas Daniel não estava aqui de férias. Ele não estava aqui para se apaixonar pela bonita filha do comerciante de cobre. Ele estava aqui para parar uma menina imprudente de ficar tão perdida nos momentos sombrios do seu passado que pudessem a matar. Ele estava aqui para ajudá-la a desfazer sua maldição, de uma vez por todas. Ele começou a longa caminhada em direção à cidade.

Era uma noite de verão quente e preguiçosa em Helston. Nas ruas, senhoras com gorros e batas rendadas falavam em baixa e educadas vozes para os homens de terno de linho com que estavam de braços dados. Casais paravam em frente a vitrines de lojas. Eles se demoravam para falar com seus vizinhos. Eles paravam nas esquinas e levavam dez minutos para dizer adeus. Tudo sobre essas pessoas, a partir de seus trajes para o ritmo de seus passeios, era tão irritantemente lento. Daniel não teria como se sentir mais diferente dos transeuntes na rua.

Suas asas, escondidas sob o casaco, queimavam com sua impaciência quando ele se apressou pelas pessoas. Havia um lugar à prova de falhas, onde ele sabia que poderia encontrar Lucinda – ela visitava o gazebo no jardim de trás de sua casa quase todas as noites, logo após o anoitecer. Mas onde ele poderia encontrar Luce – aquela entrando e saindo de anunciadores, a que ele precisava encontrar – essa, não havia como saber.
As outras duas vidas que Luce tinha visitado faziam algum sentido para Daniel. No grande esquema, eles eram ... anomalias. Momentos passados, quando ela tinha chegado perto de desvendar a verdade de sua maldição pouco antes de morrer. Mas ele não conseguia descobrir por que o Anunciador dela a trouxe aqui.

Helston tinha sido uma época tranquila para eles. Nesta vida, seu amor tinha crescido lentamente, naturalmente. Até mesmo sua morte havia sido privada, apenas entre os dois. Uma vez, Gabbe tinha usado a palavra para respeitável para descrever o final de Lucinda em Helston. Esta morte, pelo menos, foi só deles.
Não, não fazia sentido ela revisitar esta vida, que significava que ela poderia estar em qualquer lugar na aldeia.

"Ora, Sr. Grigori", uma voz aguda chamou da rua. “Que surpresa maravilhosa te encontrar aqui na cidade." Uma mulher loira, em um longo vestido azul parou em frente diante Daniel,

surpreendendo-o. Ela segurava a mão de um menino atarracado, sardento
e de oito anos de idade, que parecia miserável em uma jaqueta de cor creme com uma mancha debaixo da gola. Finalmente ocorreu-lhe: Sra. Holcombe e seu talento filho Edward, a quem ele tinha dado aulas de desenho para por algumas semanas dolorosas
enquanto estava em Helston.

"Olá, Edward." Daniel inclinou-se para apertar a mão do menino, então, curvou-se à sua mãe. "Sra. Holcombe. " Até aquele momento, Daniel tinha dado pouca atenção ao seu guarda-roupa enquanto ele viajava no tempo. Ele não se importava que alguém na rua
pensasse que sua calça cinza moderna ou se o corte de sua camisa branca oxford parecia estranha em comparação com qualquer outro homem na cidade. Mas se ele
iria andar entre para as pessoas que ele realmente conhecia a 200 anos atrás, vestindo as roupas que ele tinha usado dois dias atrás, para a Ação de Graças dos pais de Luce, deveria começar se preocupar.

Daniel não queria chamar a atenção para si mesmo. Nada poderia estar no caminho de encontrar Luce. Ele simplesmente tinha que encontrar outra coisa para vestir. Não que os Holcombes tenham notado. Felizmente Daniel voltou para uma época em que ele tinha sido conhecido como um "excêntrico" artista.
"Edward, mostre ao Sr. Grigori o que Mama acabou de comprar", disse a Sra. Holcombe, alisando o cabelo rebelde de seu filho. O garoto relutantemente tirou um kit de pintura de uma pequena mochila. Cinco potes de vidro de tinta a óleo e um longo pincel de cabo de madeira vermelha. Daniel fez os elogios de praxe, sobre como Edward era um menino de sorte, alguém cujo talento agora tinha as ferramentas necessárias – enquanto tentava passar pela conversa rapidamente de maneira não obvia.

"Edward é um menino tão talentoso," Sra. Holcombe insistiu, tomando o braço de Daniel. "O problema é que ele acha suas aulas de desenho um pouco menos emocionantes do que um menino da sua idade espera. É por isso que eu pensei que um conjunto de pintura adequada poderia permitir que ele realmente se expressasse por conta própria. Como um artista. Você deve entender, não é Sr. Grigori? "
"Sim, sim, é claro." Daniel a cortou. "Dê a ele o que quer que o faça querer pintar. Brilhante plano– " Um frio se espalhar por meio dele e congelou suas palavras em sua garganta.

Cam tinha acabado de sair de um pub do outro lado da rua.

Por um momento, Daniel ficou com raiva. Ele tinha sido claro o suficiente sobre não querer ajuda dos outros. Suas mãos se fecharam em punhos, e ele deu um passo em direção a Cam, mas então– É claro. Este era o Cam da era Helston. E pelo que parecia, Cam estava tendo o melhor tempo de sua vida em suas calças listradas e seu boné vitoriano. Seu cabelo preto era longo, caindo em cascata sob seus ombros. Inclinou-se contra a porta do pub, brincando com outros três homens. Cam tirou um charuto com ponta de ouro para fora de uma caixa de metal quadrado. Ele não tinha visto Daniel ainda. Assim que ele visse, ele iria parar de rir.
Desde o início, Cam tinha viajado através do anunciadores mais do que qualquer um dos anjos caídos. Ele era um especialista em formas que Daniel jamais poderia ser:
E que foi um presente para quem tinha passado para o lado de Lúcifer – eles teriam talento para viajar através da sombras para o passado.
Um olhar para Daniel faria o Cam vitoriano saber que seu rival era um anacronismo.
Um homem fora do tempo.
Cam iria perceber que algo grande estava acontecendo. Em seguida, Daniel nunca seria capaz de se livrar dele.

"Você é tão generoso, Sr. Grigori." Sra. Holcombe ainda estava falando, ainda estava agarrada à Daniel. A cabeça de Cam começou a girar em sua direção.
"Não foi nada." As palavras correram para fora de Daniel. "Agora, se você me desculpar", ele soltou os dedos dela "Eu tenho que... comprar algumas roupas novas. "
Ele fez uma curva rápida e correu pela porta da loja mais próxima.
"Sr. Grigori " Sra. Holcombe estava praticamente gritando seu nome. Silenciosamente, Daniel xingou, fingindo que estava fora do alcance da voz, o que só a fez chamar mais alto. "Mas isso é uma costureira, o Sr. Grigori! ", Ela gritou, colocando as mãos sobre a boca.

Daniel já estava dentro. A porta de vidro da loja bateu atrás dele, o sino que estava ligado à dobradiça soou. Ele poderia se esconder aqui, pelo menos por alguns minutos, na esperança de que Cam não o tenha visto ou ouvido a voz estridente da Sra. Holcombe.
A loja estava tranquila e tinha cheiro de lavanda. Sapatos de salto alto tinham desgastado seus pisos de madeira, e as prateleiras ao longo das paredes foram empilhadas até o teto com tecidos coloridos.
Daniel baixou a cortina de renda sobre a janela de modo que ele seria menos visível da rua.
Quando ele se virou, ele viu de relance no espelho uma outra pessoa na loja.
Ele engoliu um gemido de alívio.

Ele tinha encontrado a encontrado.

Luce estava experimentando um vestido branco longo. Em pescoço estava presa uma fita amarela, realçando a cor de avelã incrível de seus olhos.
Seu cabelo estava amarrado para trás, para um lado, cortado com um pino de contas floral. Ela estava de pé, examinando-se a partir de todos os ângulos que podia no espelho. Daniel adorava todos eles.
Ele queria ficar ali, admirando-a para sempre, mas depois lembrou-se de si mesmo. Ele caminhou em sua direção e agarrou-a pelo braço.

"Isso já foi longe o suficiente." Mesmo enquanto falava, Daniel se sentiu superado pela sensação deliciosa de sua pele contra a sua mão. A última vez ele a tocou foi na noite em que ele pensou que a tinha perdido para os Renegados. "Você tem alguma ideia do que um susto que você me deu? Você não está segura aqui por conta própria ", disse ele.

Luce não começou a discutir com Daniel, como ele esperava. Em vez disso, ela gritou e bateu-lhe em todo o rosto.
Porque ela era Luce. Ela era Lucinda.
E, o que era pior, eles nem sequer tinham se conhecido ainda nesta vida. Ela deve ter acabado de voltar de Londres com sua família. Ela e Daniel devem estar prestes a se conhecer na festa de solstício de verão dos Constances.
Ele podia ver tudo isso agora, como o choque registrado no rosto de Lucinda.

"Que dia é hoje?", Perguntou ele desesperadamente.

Ela iria pensar que ele estava louco. No outro lado da sala, ele deve ter estado muito cego de paixão para notar a diferença entre a menina que ele já tinha perdido e a garota que ele tinha que salvar.
"Sinto muito", ele sussurrou. Isto mostrava exatamente porque ele era tão terrível como um anacronismo. Ele ficava completamente perdido nas menores coisas.

Um toque de sua pele. Um olhar em seus profundos olhos castanhos. Um cheiro do pó perfumado ao longo de sua face. Uma respiração compartilhada na espaço apertado desta pequena loja.

Lucinda estremeceu quando ela olhou para seu rosto. No espelho, era vermelho vivo, onde ela deu

um tapa nele. Seus olhos viajaram para encontrar os seus – e seu coração parecia que ia desabar. Seus lábios rosa se separaram sua cabeça inclinou-se levemente para a direita. Ela estava olhando para ele como uma mulher profunda apaixonada.

Não.
Havia uma maneira que era suposta para acontecer. A maneira como tinha que acontecer. Eles não deveriam se encontrar até a festa. Daniel amaldiçoou sua sorte, ele não iria perturbar a vida que ela tinha vivido antes. Elas eram o que a manteve a voltar para ele.

Ele tentou olhar tão desinteressado quanto possível. Cruzando os braços sobre o peito, deslocando seu peso para criar mais espaço entre eles, mantendo os olhos em todos os lugares, menos onde gostaria que estivessem. Nela.
"Sinto muito", disse Lucinda, pressionando as mãos sobre o coração. "Eu não sei o que deu em mim. Eu nunca fiz nada parecido..."
Daniel não ia discutir com ela agora, embora ela lhe tenha dado um tapa tantas vezes ao longo dos anos que Arriane mantinha um registro em caderno espiral.

"Meu erro", disse ele rapidamente. "E-eu pensei que você fosse outra pessoa." Ele já tinha interferido muito no passado, primeiro com Lúcia em Milão, e agora aqui. Ele começou a recuar.
"Espere." Ela chamou para ele. Seus olhos eram de um castanho amável com um brilho que o puxava de volta. "Eu me sinto quase como se nós conhecêssemos um ao outro, embora eu não me lembre".
"Creio que não."

Ele chegou à porta e foi abriu a cortina na janela para ver se Cam ainda estava lá fora. Ele estava. O Cam do passado estava em uma loja, e ele estava fazendo gestos animados, contando uma história fabricada na qual ele foi certamente o herói. Ele poderia virar-se à menor provocação. Em seguida, Daniel seria pego.

"Por favor, senhor... Pare." Lucinda correu para Daniel. "Quem é você? Eu acho que eu conheço. Por favor. Espere. "
Ele teria que correr o risco na rua. Ele não poderia ficar aqui com Lucinda. Não quando ela estava agindo assim. Não quando ela foi tinha se apaixonado pela versão errada de si mesmo. Ele viveu essa vida antes, e não era assim que tinha acontecido. Então, ele teve de fugir.

Matou Daniel ter que ignorá-la, ter que ir para longe de Lucinda quando tudo em sua alma estava dizendo-lhe para virar-se e voar de volta para o som de sua voz, ao abraço de seus braços e ao calor de seus lábios, para o poder fascinante de seu amor.

Ele deixou a porta da loja aberta e fugiu pela rua, correndo no sol, correndo por tudo o que valia a pena. Ele não se importava nada do que ele parecia a mais alguém na cidade.

Ele estava correndo para o fogo de suas asas.

SETE

SOLSTÍCIO

Helston, Inglaterra • 21 de Junho de 1854

As mãos de Luce estavam arranhadas e calejadas.
Desde que ela chegou na propriedade do Constances em Helston, três dias antes, ela tinha feito pouco mais do que lavar uma pilha infinita de pratos. Ela trabalhou de sol a sol, esfregando pratos e tigelas e exércitos inteiros de talheres de prata, até que, no final do dia, sua nova chefe, Miss McGovern, entregava o jantar para o pessoal da cozinha: um prato triste de carnes frias, pedaços secos de queijo, e alguns rolinhos duros. Toda noite, depois do jantar, Luce cairia em um sono sem sonhos atemporal na cama do sótão que ela dividia com Henrietta, sua companheira de cozinha, uma menina dentuça, com cabelos cor de palha e seios grandes, que tinham vindo de Penzance para Helston.
A enorme quantidade de trabalho era surpreendente.

Como poderia uma casa sujar pratos suficiente para manter duas meninas trabalhando 12 horas direto? Mas os pratos sujos continuavam vindo, e Miss McGovern mantinha os olhos em Luce lavando-os. Na quarta-feira, todos na fazenda estavam agitados com a festa do solstício naquela noite, mas para Luce, só queria dizer mais pratos. Ela olhou para a banheira de água suja, cheio de ódio.
"Isto não é o que eu tinha em mente", ela murmurou para Bill, que estava pairando, sempre, na borda do armário ao lado de seu tanque. Ela ainda não tinha se acostumado a ser a única na cozinha que podia vê-lo. Ele deixava ela nervosa toda vez que pairava sobre os colegas de trabalho, fazendo piadas sujas que só Luce conseguia ouvir e ninguém – além de Bill – ria.
"Vocês filhos do milênio não têm absolutamente nenhuma ética de trabalho", disse ele. "Aliás, mantenha a sua voz baixa."

Luce cerrou sua mandíbula. "Se esfregar esta sopa nojenta tivesse algo a ver com a compreensão do meu passado, minha ética de trabalho iria fazer sua cabeça girar. Mas isso é inútil. "Ela balançou uma frigideira de ferro fundido na frente de Bill. Seu cabo estava liso com graxa de porco. "Para não mencionar nauseante".

Luce sabia que sua frustração não tinha nada a ver com os pratos. Ela, provavelmente, havia falado como uma criança. Mas ela mal viu o lugar desde que ela começou a trabalhar aqui. Ela não tinha visto o Daniel de Helston nenhuma vez desde o vislumbre no jardim, e ela não tinha ideia onde seu Eu passado estava. Ela estava solitária e apática e deprimida de uma maneira que não tinha estado desde aqueles dias terríveis em Sword & Cross, antes que ela tivesse Daniel, antes que ela tivesse alguém com que pudesse realmente contar.
Ela abandonou Daniel, Miles e Shelby, Arriane e Gabbe, Callie, e seus pais, tudo para quê? Para ser um copeira? Não, para desvendar essa maldição, algo que ela nem sabia que ela era capaz de fazer.
Então, Bill pensou que ela estava sendo preguiçosa. Ela não podia ajudá-lo. Ela estava a centímetros de distância de um colapso.
"Eu odeio este trabalho. Eu odeio este lugar. Eu odeio essa estupida festa do solstício e este estúpido soufflé "
"Lucinda estará na festa hoje à noite," Bill disse de repente. Sua voz era irritantemente calma. "E ela parece adorar o soufflé dos Constances. "Ele voou até sentar de pernas cruzadas sobre a bancada, com a cabeça torcendo assustadoramente em 360 graus ao redor do pescoço para se certificar de que

os dois estavam sozinhos.

"Lucinda vai estar lá?" Luce deixou a frigideira e sua escova caírem na banheira com sabão. "Eu vou falar com ela. Vou ficar fora desta cozinha, e vou falar com ela. "
Bill balançou a cabeça, como se este tivesse sido o plano o tempo todo. "Basta lembrar a sua posição. Se uma versão futura de si mesma tivesse aparecido em alguma
festa de sua escola e lhe dissesse – "
"Eu teria gostado de saber", disse Luce. "O que quer que fosse, eu teria insistido em saber tudo. Eu teria morrido para saber. "
"Mmm-hmm. Bom. "Bill encolheu os ombros. "Lucinda não. Eu posso garantir isso. "
"Isso é impossível." Luce balançou a cabeça. "Ela é ... eu."
"Nope. Ela é uma versão de você que foi criada por pais completamente diferentes em um mundo muito diferente. Vocês compartilham uma alma, mas ela não é
nada como você. Você vai ver. " Bill deu-lhe um sorriso enigmático. "Basta proceder com cautela."
Os olhos de Bill dispararam em direção à porta da frente da cozinha, que se abriu abruptamente.
"Pareça animada, Luce!"

Ele pulou de pé na banheira e soltou um suspiro, e logo Miss McGovern entrou, puxando Henrietta pelo cotovelo.
A empregada estava ouvindo as instruções para a refeição da noite. "Depois de as ameixas cozinharem ..."
Do outro lado da cozinha, Luce sussurrou para Bill. "Nós não terminamos esta conversa." Os pés de pedra espirraram sabão em seu avental.
"Posso aconselhá-la a parar de falar com seus amigos invisíveis enquanto você está trabalhando? As pessoas vão começar a pensar que você é louca."
"Estou começando a me perguntar o mesmo" Luce suspirou e ficou em linha reta, sabendo que era tudo que ia conseguir de Bill, pelo menos até que os outros tenham saído.
"Vou esperar que você e Myrtle estejam elegantes, esta noite," Miss McGovern disse em voz alta para Henrietta, olhando rapidamente para Luce.

Myrtle. O nome de Bill tinha colocado em suas cartas de referência.
"Sim, senhorita," Luce disse categoricamente.
"Sim, senhorita!" Não havia sarcasmo na resposta de Henrietta. Luce gostava o suficiente de Henrietta, se ela esquecesse o fato de que a menina precisava de um banho.

Uma vez que a senhorita McGovern apressou-se para fora da cozinha e as duas meninas estavam sozinhas, Henrietta pulou em cima da mesa ao lado Luce, balançando
suas botas pretas para lá e para cá. Ela não tinha idéia de que Bill estava sentado bem ao lado dela, imitando seus movimentos.
"Aceita uma ameixa?" Henrietta perguntou, puxando duas bolas cor de vinho do bolso do avental e segurando uma para Luce. O que Luce mais gostava sobre a garota era que ela nunca fazia mexia um dedo para trabalhar a menos que o patrão estivesse por perto.
Cada uma deu uma mordida, sorrindo quando o suco doce escorria pelos lados de suas bocas.
"Pensei ter ouvido você falando com alguém antes", disse Henrietta. Ela levantou uma sobrancelha.
"Arranjou um companheiro, Myrtle? Oh, por favor, não diga que é Harry dos estábulos! Ele é um canalha, ele é."

Mas então, a porta da cozinha se abriu novamente, fazendo com que ambas as meninas pulassem, deixassem as frutas caírem e fingissem esfregar o próximo prato.
Luce estava esperando a senhorita McGovern, mas ela congelou quando viu duas belas meninas com vestidos de seda branca, rindo alto, enquanto entravam na cozinha suja.

Uma delas era Arriane.

A outra – Luce levou um momento para reconhecer – era Annabelle. A menina de cabelo pink que Luce tinha encontrado no Dia dos Pais, em Sword & Cross. Ela se apresentou como irmã de Arriane.
Algum tipo de irmã.
Henrietta manteve os olhos para baixo, como se isto na cozinha fosse uma ocorrência normal, como se ela pudesse ter problemas se ela ao menos demonstrasse ter visto as duas meninas – que certamente não tinham reparado em Luce ou Henrietta. Eram só os servos misturados com as panelas sujas.

Ou então Arriane e Annabelle estavam rindo demais. À medida que chegaram na mesa, Arriane pegou um punhado de farinha da superfície de mármore e jogou-a no rosto de Annabelle.
Por meio segundo, Annabelle olhou furiosa, então ela começou a rir ainda mais alto, pegando um punhado e jogando em Arriane.
Elas estavam com falta de ar quando passaram pela porta dos fundos, para o jardim pequeno, o que levava ao jardim grande, onde o sol estava brilhando, onde Daniel poderia estar e onde Luce estava morrendo para ir.

Luce não poderia ter definido o que ela estava se sentindo, se tentasse – choque ou constrangimento, maravilha ou frustração?
Tudo isso deveria estar estampado em seu rosto, porque Henrietta olhou-a consciente e se inclinou para sussurrar, "Essas chegaram na noite passada. Primas de alguém de Londres, estão na cidade para a festa." Ela foi até a mesa de doces. "Elas quase destruiuram a torta de morango com suas travessuras. Oh, deve ser maravilhoso, ser rico. Talvez em nossas próximas vidas, né, Myrtle? "
"Ha." Era tudo Luce conseguia dizer.
"Estou indo lá fora para arrumar a mesa, infelizmente", disse Henrietta, embalando uma pilha de louça debaixo do braço carnudo. "Por que não deixar um punhado de farinha pronta para atirar, apenas no caso dessas garotas voltarem desse jeito? "Ela piscou para Luce e empurrou a porta, e depois desapareceu pelo o corredor.

Alguém apareceu em seu lugar: um menino, também na roupa de um servente, com o rosto escondido atrás de uma caixa gigante de mantimentos. Ele colocou-as na mesa do outro lado da cozinha de Luce.
E então ela viu seu rosto. Pelo menos, por ter acabado de ver Arriane, ela estava um pouco mais preparada.
"Roland!"
Ele estremeceu quando olhou para cima, então se recompôs. Enquanto caminhava em direção a ela, eram as suas roupas que Roland não conseguia parar de olhar. Ele apontou para seu avental. "Por que você está vestida assim?"
Luce puxou o empate no avental, tirando-o. "Eu não sou quem você pensa que eu sou."

Ele parou na frente dela e olhou, virando a cabeça ligeiramente para a esquerda, depois para a direita. "Bem, você é a cara de outra menina que eu conheço. Desde quando os Biscoes trabalham na cozinha? "
"O Biscoes?"
Roland levantou uma sobrancelha para ela, divertido. "Oh, eu entendi. Você está brincando de ser outra pessoa. Como você está chamando a si mesma? "
"Myrtle," Luce disse miseravelmente.
"E você não é a Lucinda Biscoe a quem eu servi um quince tart (um tipo de torta) no terraço há dois dias?"
"Não." Luce não sabia o que dizer, como convencê-lo. Ela se virou para Bill para procurar ajuda,

mas ele tinha desaparecido até mesmo de sua visão. Claro. Roland, como era um anjo caído, teria sido capaz de ver Bill.

"O que o pai da senhorita Biscoe iria dizer se visse sua filha aqui em baixo, até os cotovelos de graxa?" Roland sorriu. "É uma bom trote para fazer para ele. "
"Roland, não é um..."
"De quem você está se escondendo lá em cima, afinal?" Roland sacudiu a cabeça em direção ao jardim.
Um estrondo metálico na despensa aos pés de Luce revelou para onde Bill tinha ido. Ele parecia estar enviando-lhe algum tipo de sinal, só que ela não tinha nenhuma idéia do que era. Bill, provavelmente, queria que ela mantivesse a boca fechada, mas o que ele iria fazer, sair e detê-la?
Um brilho de suor era visível no rosto de Roland. "Estamos sozinhos, Lucinda?"
"Absolutamente".

Ele inclinou a cabeça para ela e esperou. "Eu não sinto que nós estamos."
A única outra presença única na cozinha era Bill. Como poderia Roland senti-lo quando Arriane não tinha?
"Olha, eu realmente não sou a garota que você acha que eu sou", disse Luce novamente. "Eu sou uma Lucinda, mas eu estou aqui do futuro, é difícil de explicar, na verdade. " Ela tomou uma respiração profunda. "Eu nasci em Thunderbolt, Georgia ... em 1992."
"Oh". Roland ponderou. "Bem, bem." Fechou os olhos e começou a falar muito lentamente: "E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como figos arrancado uma árvore em um vendaval ... "

As palavras eram enigmáticas, mas Roland recitou-as profundamente, quase como se estivesse citando uma frase favorita de um blues antigo. O tipo de música que ela tinha ouvido ele cantar em uma festa de karaokê na Sword & Cross. Naquele momento, ele parecia ser o Roland que ela conhecia, como se ele tivesse saído deste personagem vitoriano por pouco tempo.
Só que, havia algo mais sobre suas palavras. Luce reconheceu-as de algum lugar. "O que é isso? O que significa isso? ", Ela perguntou.
O armário sacudiu novamente. Mais alto desta vez.

"Nada." Olhos de Roland se abriram e ele estava de volta ao seu eu vitoriano. Suas mãos estavam duras e calejadas e seus bíceps eram maiores do que ela estava acostumada a ver. Suas roupas estavam encharcadas de suor contra a sua pele escura. Ele parecia cansado. Uma tristeza pesada caiu sobre Luce.
"Você é um servo aqui?", Perguntou ela. "Os outros – Arriane – podem correr por ai ... Mas você tem que trabalhar, não é? Simplesmente porque você é– "
"Negro?" Roland disse, segurando o seu olhar até que ela desviou o olhar, desconfortável. "Não se preocupe comigo, Lucinda. Sofri coisas piores do que isso. Além disso, eu vou ter meu dia."
"Ficará melhor", disse ela, sentindo que qualquer garantia que ela desse seria banal e sem substância, esperando que o que ela tinha dito fosse realmente verdade. "As pessoas podem ser horríveis."

"Bem. Não podemos nos preocupar muito com eles, podemos? "Roland sorriu. "O que a trouxe de volta aqui, afinal, Lucinda? Daniel não sabe? Cam sabe? "
"Cam está aqui também?" Luce não deveria ter sido surpreendida, mas ela estava.
"Se o meu timing está certo, ele provavelmente está rodando pela cidade."
Luce não poderia se preocupar com isso agora. "Daniel não sabe, ainda não," ela admitiu. "Mas eu preciso encontrá-lo, e Lucinda, também. Eu tenho que saber–"

"Olha", disse Roland, afastando-se de Luce, com as mãos levantadas, quase como se ela fosse radioativa. "Você não me viu aqui hoje. Nós não tivemos esta conversa. Mas você não pode

simplesmente ir até Daniel "
"Eu sei", disse ela. "Ele vai surtar."
" 'Surtar?' " Roland falou a palavra, estranhando-a, quase fazendo Luce rir. "Se você quer dizer que ele poderia se apaixonar por essa você " ele apontou para ela," então sim. É realmente muito perigoso. Você é uma turista aqui ".
"Tudo bem, então eu sou uma turista. Mas eu posso pelo menos falar com eles. "
"Não, você não pode. Você não habita esta vida. "

"Eu não quero habitar nada. Eu só quero saber por que– "
"Sua presença aqui é perigosa para você, para eles, para tudo. Você entende? "
Luce não entendia. Como ela poderia ser perigosa? "Eu não quero ficar aqui, eu só quero saber por que isso continua acontecendo entre eu e Daniel, quero dizer, entre esta Lucinda e Daniel. "
"Isso é precisamente o que eu quero dizer." Roland arrastou a mão pelo rosto, deu-lhe um olhar duro. "Ouça-me: você pode observá-los de uma distância. Pode – não sei – olhar através das janelas. Enquanto você souber que nada aqui é seu. "
"Mas por que eu não posso simplesmente falar com eles?"

Ele foi até a porta, a fechou e trancou. Quando ele voltou, seu rosto estava sério. "Escuta, é possível que você pode fazer algo que mude o seu passado, algo que forme ondulações ao longo do tempo e reescreva-o para que você – Lucinda do futuro – seja diferente. "
"Então, eu vou ter cuidado"
"Não há cuidado. Você é um touro em loja de porcelana do amor. Você não tem nenhuma maneira de saber o que você quebrou ou quão precioso pode ser. Qualquer mudança que você promulgar não vai ser óbvia. Não haverá nenhum grande sinal onde você leia: SE VOCÊ VIRAR À DIREITA SERÁ UMA PRINCESA versus SE VOCÊ VIRAR À ESQUERDA SERÁ UMA COPEIRA PARA SEMPRE. "

"Vamos lá, Roland, você não acha que eu tenho metas ligeiramente mais elevadas do que acabar uma princesa?" Luce disse rispidamente.
"Eu poderia arriscar um palpite de que existe uma maldição a que você quer colocar fim?"
Luce piscou para ele, sentindo-se estúpida.
"Certo, então, boa sorte!" Roland riu brilhantemente. "Mas mesmo se você tiver sucesso, você não vai saber, minha cara. O momento que você mudar no seu passado? Esse evento será como sempre foi. E tudo o que vem depois será como sempre foi. O tempo de modula sozinho. E você é parte dele, assim você não vai saber a diferença. "

"Eu teria que saber", disse ela, esperando que dizer isso em voz alta tornasse verdade. "Certamente eu teria alguma pista"
Roland balançou a cabeça. "Não. Mas certamente, antes que você pudesse fazer algo de bom, você iria distorcer o futuro, tornando o Daniel desta vida apaixonado por você ao invés de pela pretensiosa Lucinda Biscoe. "
"Eu preciso conhecê-la. Eu preciso ver porque eles se amam "
Roland balançou a cabeça novamente. "Seria ainda pior se envolver com o seu próprio passado, Lucinda. Daniel, pelo menos, conhece os perigos de modo a não alterar drasticamente o tempo. Mas Lucinda Biscoe? Ela não sabe nada. "
"Nenhuma de nós sabia", disse Luce com um nó se formando na garganta.

"Esta Lucinda, ela não tem muito tempo sobrando. Deixe-a gastá-lo com Daniel. Que ela seja feliz. Se você atravessar em seu mundo e mudar alguma coisa para ela, poderia mudar para você, também. O que poderia ser mais infeliz. "
Roland soou como uma versão mais agradável, menos sarcástico de Bill. Luce não queria ouvir mais sobre todas as coisas que ela não podia fazer, não deveria fazer. Se ela pudesse apenas

conversar com o seu eu passado– "E se Lucinda pudesse ter mais tempo?", Perguntou ela. "E se–"

"É impossível. De qualquer efeito que possa ter, será só de apressar seu fim. Você não vai mudar nada por ter uma conversa com Lucinda. Você vai apenas fazer uma bagunça de suas vidas passadas, como a sua atual. "
"Minha vida atual não é uma bagunça. E eu posso consertar as coisas. Tenho que consertar. "

"Suponho que isso possa ser feito. A vida de Lucinda Biscoe está no fim, mas o seu final ainda não foi escrito. " Roland espanou as mãos nas calças. "Talvez haja alguma mudança que você possa trabalhar em sua vida, para a grande história de você e Daniel. Mas você não vai fazer isso aqui. "
Enquanto Luce sentiu seus os lábios endurecem em uma linha fina, rosto de Roland suavizou.
"Olhe", disse ele. "Pelo menos eu estou contente que você está aqui."
"Está?"
"Ninguém mais vai dizer isso, mas estamos todos torcendo por você. Eu não sei o que te trouxe aqui, ou como a viagem foi ao menos possível. Mas eu tenho que pensar que é um bom sinal. " Ele a estudou até que ela se sentiu ridícula. "Você está vindo por si mesma, não é?"
"Eu não sei", disse Luce. "Eu acho que sim. Eu só estou tentando entender. "
"Bom".

Vozes no corredor fizeram Roland se afastar de repente de Luce, em direção à porta. "Eu vou te ver esta noite", disse ele, destrancando a porta e silenciosamente escorregando para fora.
Assim que Roland tinha ido embora, a porta do armário se abriu, batendo atrás de sua perna. Bill saiu, sugando o ar em voz alta como se ele tivesse prendido a respiração o tempo todo.
"Eu poderia torcer seu pescoço agora mesmo!", Disse, o peito arfando.
"Eu não sei porque está arfando. Não é como se ao menos respirasse. "
"É para o efeito! Todos os problemas que eu atravessei para camuflar você aqui e você se revela ao primeiro cara que passa pela porta. "

Luce rolou os olhos. "Roland não vai fazer grande coisa por me ver aqui. Ele é legal. "
"Oh, ele é tão legal", disse Bill. "Ele é tão inteligente. Se ele é tão legal assim, por que ele não lhe disse o que eu sei sobre não manter-se afastada de um eu passado? Sobre ir para"-ele fez uma pausa dramática, ampliando os olhos de pedra" dentro? "
Agora, ela se inclinou em direção a ele. "O que você está falando?"
Ele cruzou os braços sobre o peito e balançou a sua língua de pedra. "Eu não estou dizendo".
"Bill!" Luce implorou.
"Ainda não, de qualquer maneira. Primeiro vamos ver como se sai hoje à noite. "

Perto do crepúsculo, Luce viu sua primeira brecha em Helston. Um pouco antes do jantar, Miss McGovern anunciou à cozinha inteira que a os funcionários da recepção precisariam de algumas mãos extras ajudando. Luce e Henrietta, a duas empregadas mais jovens da copa e as duas mais desesperados para ver a festa de perto, foram as primeiras a levantar a mão se voluntariando.
"Tudo bem, tudo bem." Miss McGovern anotou os nomes de ambas as meninas, com os olhos persistindo no cabelo oleoso de Henrietta. "Com a condição de que você tome banho. As duas. Vocês cheiram cebola. "
"Sim, senhorita," as duas meninas falaram, embora, logo que a supervisora havia deixado a cozinha, Henrietta virou-se para Luce. "Tomar um banho antes da festa?
E arriscar que meus dedos fiquem todos enrugados? Isso é loucura! "

Luce riu, mas estava secretamente em êxtase enquanto ela enchia a banheira redonda atrás da adega. Ela só poderia levar água fervente o suficiente para deixar o banho morno, mas ainda assim ela se deliciou na espuma com a idéia de que esta noite, finalmente, ela poderia ver Lucinda. Será que ela

conseguiria ver Daniel, também? Ela vestiu um vestido de empregada limpo, que havia emprestado de Henrietta para a festa. Às oito horas da noite, os primeiros convidados começaram a chegar através do portão na entrada norte da propriedade.

Assistindo da janela do corredor da frente como as caravanas de carruagens eram conduzidas pela estrada, Luce estremeceu. O saguão estava quente com a atividade. Ao seu redor os outros servos zumbiam, mas Luce estava parada. Ela podia sentir isso: um tremor no peito que lhe disse – Daniel estava por perto.
A casa estava linda. Luce tinha dado um passeio muito breve com Miss McGovern pela manhã, mas agora, sob o brilho de tantos lustres, ela quase não reconheceu o lugar. Era como se ela tivesse pisado em um filme de Merchant-Ivory. Potes altos de lírios violeta
estavam alinhados na entrada, e os móveis estofados de veludo foram empurrado para trás contra a parede de estampa floral para abrir espaço para os convidados.

Eles chegaram pela porta da frente em pares e trios, alguns tão antigos quanto a senhora Constance de cabelos brancos e outros tão jovens quanto a própria Luce. Mulheres em mantos brancos de verão acenavam para os homens em ternos elegantes e coletes. Garçons vestidos de preto andavam através do saguão amplo e aberto, oferecendo champanhe em taças de cristal cintilante.
Luce e Henrietta encontravam-se perto das portas do salão principal, que parecia um canteiro de flores: Extravagantes vestidos coloridos, de todas as cores, em organza, tule e seda, com faixas gorgorão, enchiam a sala. As senhoritas mais jovens seguravam ramalhetes de flores, deixando a casa inteira com cheiro de verão.

A tarefa de Henrietta era coletar os xales das senhoras quando elas entravam. A de Luce era distribuir os pequenos e caros cartões de dança, com o brasão da família Constances costurado na capa e a lista do repertório orquestra escrita dentro.
"Onde estão todos os homens?" Luce sussurrou para Henrietta.
Henrietta bufou. "Essa é a minha garota! Na sala de fumar, é claro. "Ela jogou a cabeça à esquerda, onde um corredor levava para as sombras.
"Onde eles vão ser inteligentes de permanecer até a refeição ser servida, se você me perguntar. Quem quer ouvir tudo acerca de uma guerra na Crimeia? Não estas senhoras. Não eu. Não você, Myrtle. "Então, as sobrancelhas finas de Henrietta se levantaram e ela apontou na direção das janelas francesas.
"Oof, falei muito cedo. Parece que um deles escapou. "

Luce se virou. Um único homem estava de pé na sala cheia de mulheres. Estava de costas para eles, mostrando nada além de um cabelo preto e um casaco de cauda longa. Ele estava conversando com uma mulher loira em um vestido de baile cor de rosa. Seus brincos de diamante brilharam quando ela virou a cabeça e olhos se encontraram com os de Luce.
Gabbe.
A bonita anja piscou algumas vezes, como se tentando decidir se Luce era uma aparição. Em seguida, ela inclinou a cabeça levemente para o homem que estava com ela, como se estivesse tentando enviar-lhe um sinal. Antes mesmo que ele se virasse Luce o reconheceu.

Cam.

Luce ofegou, deixando cair todos os cartões de dança. Ela se abaixou e começou a juntá-los desajeitadamente do chão. Então ela os colocou nas mãos de Henrietta e se esquivou para fora da sala.
"Myrtle!" Henrietta disse.
"Eu já volto", sussurrou Luce, correndo pela escada longa e curva antes mesmo de Henrietta poder responder.

Miss McGovern iria despedir Luce logo que ela soubesse que Luce tinha abandonado seu posto e deixados os cartões caros caírem no chão. Mas isso era o menor dos problemas de Luce. Ela não estava preparada para lidar com Gabbe, não quando ela precisava se concentrar em encontrar Lucinda.

E ela não queria estar perto de Cam. Em sua própria vida ou em qualquer outra. Ela estremeceu lembrando a maneira como ele atirou a flecha diretamente para o que ele pensava que era ela na noite em que os Renegados tentaram levá-la para longe.
Se apenas Daniel estivesse aqui ...
Mas ele não estava. Tudo o que Luce podia fazer era esperar que ele estaria esperando por ela – e não muito irritado – quando ela descobrisse o que ela precisava fazer e voltasse para casa no presente.
No topo das escadas, Luce disparou para dentro do primeiro quarto que ela viu. Ela fechou a porta atrás dela e encostou-se para recuperar a respiração.

Ela estava sozinha em uma sala enorme. Era uma sala maravilhosa com um assento de plush marfim e um par de cadeiras de couro. Cortinas vermelho escuro abraçavam as três grandes janelas ao longo da parede. Um fogo crepitava na lareira.
Ao lado de Luce havia uma parede de estantes, prateleiras após prateleiras, com livros em capas de couro, e se estendia do chão ao teto, tão alta que havia até uma daquelas escadas que eram usadas para alcançar as prateleiras mais altas.
Um cavalete estava no canto, e algo sobre ele chamou atenção de Luce. Ela nunca tinha estado no andar de cima da propriedade dos Constance, e ainda: Ao pisar no tapete persa alguma parte de sua memória a dizia que ela poderia ter visto tudo isso antes.
Daniel. Luce recordou a conversa que tivera com Margaret no jardim. Eles estavam falando sobre sua pintura. Ele estava fazendo sua vida como artista. O cavalete no canto deve ter sido onde ele trabalhava.

Ela caminhou na direção do cavalete. Ela tinha que ver o que ele estava pintando.
Pouco antes de ela chegar a ele, um trio de vozes altas a fez saltar.
Elas estavam vindo de fora da porta.
Ela congelou, observando a maçaneta da porta girar. Ela não tinha escolha a não ser escorregar para trás da grossa cortina de de veludo vermelho e se esconder.
Houve um barulho de tafetá, o bater de uma porta e um suspiro. Seguido de uma rodada de risos.
Luce, com a mão sobre a boca, inclinou-se ligeiramente para fora, apenas o suficiente para dar uma olhada para fora da cortina.

A Lucinda de Helston estava a dez metros de distância. Ela estava vestida em um vestido branco fantástico, com um corpete de seda e um corset expostos para trás.
Seu cabelo escuro estava preso no alto de sua cabeça em uma matriz de cachos com brilhantes incrustados. Seu colar de diamantes brilhava contra sua pele pálida,
dando-lhe um ar tão real que Luce quase perdeu o fôlego.
Seu próprio passado era a criatura mais elegante Luce já tinha visto.

"Você está brilhando esta noite, Lucinda", disse uma voz suave.
"Thomas chamou você de novo?" Outra brincou.
Eram outras duas meninas – Luce reconhecia uma como Margaret, a filha mais velha dos Constance, aquela que tinha andado com Daniel no jardim.
A outra, uma réplica mais nova de Margaret, deveria ser a irmã mais nova dela. Ela aparentava ser da idade de Lucinda. Elas brincavam com se fossem boas amigas.
E ela estava certa, também, Lucinda estava brilhando. Tinha que ser por causa de Daniel.

Lucinda se deixou cair no banco de marfim e suspirou de um jeito que Luce nunca suspiraria, um suspiro melodramático que implorava por atenção. Luce soube imediatamente que Bill estava certo: Seu eu passado e ela não eram absolutamente nada parecidas.
"Thomas?" Lucinda franziu o nariz pequeno. "O pai de Thomas é um comerciante comum"
"Não é assim!" A menina mais jovem chorou. "Ele é um comerciante muito raro! Ele é rico. "
"Ainda assim, Amelia", disse Lucinda, espalhando sua saia em torno de seus tornozelos finos. "Ele é praticamente da classe trabalhadora."
Margaret estava empoleirada na beirada do assento. "Você não pensava tão mal dele na semana passada, quando ele te trouxe esse gorro de Londres. "

"Bem, as coisas mudam. E eu realmente amo gorro bonito. "Lucinda franziu o cenho. "Mas gorros de lado, eu devo dizer ao meu pai que não lhe permitam me chamar novamente. "
Assim que ela terminou de falar, Lucinda abriu um sorriso sonhador e começou a cantarolar. As outras garotas assistiam, incrédulas, enquanto ela cantava baixinho para si mesma, acariciando a borda de seu xale e olhando para fora da janela, apenas a centímetros de distância do esconderijo de Luce.

"O que aconteceu com ela?" Amelia sussurrou em voz alta para sua irmã.
Margaret bufou. "Quem poderia saber."
Lucinda se levantou e caminhou até a janela, fazendo Luce recuar para trás da cortina.
Luce congelou, ela podia ouvir o cantarolar suave da voz de Lucinda Biscoe apenas a centímetros de distância. Então enquanto ouviu os passos de Lucinda afastando-se da janela a sua canção abruptamente parou.

Luce ousou outra espiada por trás da cortina. Lucinda tinha ido para o cavalete, ela olhava paralisada.
"O que é isso?" Lucinda levantou a lona para mostrar às suas amigas. Luce não conseguia ver de forma muito clara, mas parecia bastante comum. Apenas algum
tipo de flor.
"Isso é trabalho do Sr. Grigori, " Margaret disse. "Seus esboços eram tão promissores quando ele chegou pela primeira vez, mas agora estou receosa que algo aconteceu. Já fazem três dias inteiros de nada a não ser peônias. " Ela deu de ombros. "Artistas são tão esquisitos. "
"Oh, mas ele é bonito, Lucinda." Amelia pegou Lucinda pela mão. "Temos que apresentá-la ao Sr. Grigori hoje à noite. Ele tem cabelos loiros tão bonitos, e seus olhos ... Oh, seus olhos podem fazer você derreter! "

"Se Lucinda é boa demais para Thomas Kennington e todo o seu dinheiro, eu duvido muito que um pintor simples será." Margaret falou tão agressivamente que ficou claro para Luce que ela deve ter sentimentos por Daniel.
"Eu gostaria muito de conhecê-lo", disse Lucinda, escorregando para trás cantarolando suavemente.
Luce prendeu a respiração. Então, Lucinda não tinha sequer o conhecido ainda? Como isso era possível sendo que ela estava tão claramente apaixonada?

"Vamos, então," Amelia disse, puxando a mão de Lucinda. "Nós estamos perdendo metade da festa fofocando aqui em cima."
Luce tinha que fazer alguma coisa. Mas pelo que Bill e Roland tinham dito, era impossível ela salvar sua vida passada. Perigoso demais para sequer tentar. Se ela conseguisse, de alguma forma, o ciclo de Lucindas que viveram após esta poderiam ser alteradas. Luce poderia ser alterada. Ou pior. Eliminada.

Mas talvez houvesse uma forma de Luce, pelo menos, avisar Lucinda. Para que ela não entrasse nesse relacionamento já cego pelo amor. De modo que ela não morresse sem sequer uma mínima

compreensão. As meninas estavam quase fora da porta quando Luce teve coragem para sair de trás da cortina.
"Lucinda!"
Seu próprio passado virou-se; Seus olhos se estreitaram quando caíram no vestido de servente de Luce. "Você estava nos espiando?"
Nenhuma faísca de reconhecimento registraram-se em seus olhos. Era estranho que Roland tinha confundido Luce com Lucinda na cozinha, mas Lucinda não parecia ver nenhuma semelhança entre elas. O que Roland podia ver que esta menina não podia? Luce respirou fundo e forçou-se a continuar com seu plano frágil. "N– Não espiando, não," ela gaguejou. "Preciso falar com você."
Lucinda riu e olhou para suas duas amigas. "Perdão?"
"Você não é quem deveria distribuir os cartões de dança?" Margaret perguntou a Luce. "Mamãe não vai ficar muito feliz em saber que você está negligenciando as suas funções. Qual o seu nome? "

"Lucinda". Luce se aproximou e baixou a voz. "É sobre o artista, Mr. Grigori ".
Lucinda fixou os olhos com Luce, e algo tremulou entre eles. Lucinda parecia incapaz de se afastar.
"Vão em frente sem mim", ela disse a suas amigas. "Eu vou em um momento."
As duas meninas trocaram olhares confusos, mas ficou claro que Lucinda era a líder do grupo. Suas amigas deslizaram para fora da porta sem falar nada.

Dentro da sala, Luce fechou a porta.
"O que é tão importante?" Lucinda perguntou, em seguida, afastou-se dando um sorriso. "Ele perguntou sobre mim?"
"Não se envolva com ele", disse Luce rapidamente. "Se você encontrá-lo hoje à noite, você vai pensar que ele é muito bonito. Você vai querer se apaixonar por ele. Não faça isso." Luce sentia-se horrível por falar de Daniel em termos tão duros, mas era a única maneira de salvar a vida de seu eu passado.

Lucinda Biscoe bufou e se virou para sair.
"Eu conheço uma garota de, ahn – Derbyshire," Luce continuou, "que me contou todos os tipos de histórias sobre sua reputação. Ele magoou um monte de garotas antes. Ele – ele as destruiu. "
Um som chocado escapou dos lábios rosa de Lucinda. "Como você ousa abordar uma senhorita assim! Quem você pensa que é? Se eu me enamorar com este artista ou não não lhe diz respeito. "
Ela apontou o dedo para Luce. "Você está apaixonada por ele não é, sua pequena meretriz?"
"Não!" Luce andou para trás como se tivesse sido esbofeteada.

Bill tinha avisado a ela que Lucinda era muito diferente, mas este lado feio de Lucinda não poderia ser tudo o que havia nela. Caso contrário, por que Daniel a amava? Como ela poderia ser uma parte da alma de Luce?
Algo mais profundo deveria conectá-las.
Mas Lucinda estava curvada sobre uma mesa, rabiscando um bilhete sobre um pedaço de papel. Ela se endireitou, dobrou-o em dois, e empurrou para as mãos de Luce.

"Eu não vou relatar o seu atrevimento para a Sra. Constance", disse ela, olhando altivamente para Luce, "se você entregar este bilhete ao Sr. Grigori. Não perca a sua
chance de salvar seu emprego. "Um segundo depois, ela nada mais era que uma silhueta branca deslizando pelo corredor, descendo as escadas, de volta à festa.
Luce abriu o bilhete.

_____
Querido Sr. Grigori,
Desde que conhecemos um ao outro na costureira no outro dia, eu não consigo tirar você da minha mente. Você me encontraria no
gazebo esta noite, às nove horas? Eu estarei esperando.

Eternamente sua,
Lucinda Biscoe

_____

Luce rasgou a carta em pedaços e jogou-os no fogo da lareira. Se ela nunca desse o bilhete a Daniel, Lucinda ficaria sozinha no gazebo. Luce poderia ir lá e esperar por ela e tentar avisá-la novamente. Ela correu para o corredor e fez uma curva acentuada para a escada dos empregados que dava para a cozinha. Ela passou correndo pelos cozinheiros e Henrietta.
"Você colocará todos nós em apuros, Myrtle!" A menina chamou Luce, mas Luce já estava do lado de fora da porta.
O ar da noite estava fresco e seco contra o rosto de Luce enquanto ela corria. Eram quase nove horas, mas o sol ainda estava sobre o bosque de árvores
no lado ocidental da propriedade. Ela derrubou um pé de rosas que estavam ao lado do caminho, o jardim estava transbordando com o aroma doce e inebriante das rosas.

Seus olhos caíram sobre o lugar onde ela saiu do Anunciador nesta vida. Seus pés pararam no caminho em direção ao gazebo vazio. Ela tinha acabado de parar quando alguém a pegou pelo braço.
Ela se virou.
E acabou cara a cara com Daniel.

Um vento leve soprava seus cabelos loiros na testa. Em seu terno preto formal, com a corrente de um relógio de ouro e uma pequena peônia branca presa à lapela, Daniel era ainda mais lindo do que ela se lembrava. Sua pele era clara e brilhante no brilho do sol poente. Seus lábios se abriam a pequeno sorriso. Seus olhos queimando em violeta quando viram ela.

Um suspiro escapou de seus lábios. Ela queria inclinar-se alguns centímetros mais perto para colocar seus lábios nos dele. Para envolver os braços ao redor dele e sentir o lugar, em seus ombros largos, de onde suas asas abriam. Ela queria esquecer o que ela tinha vindo fazer aqui e apenas ser abraçada. Não haviam palavras para descrever o quanto ela tinha saudades dele.

Não. Esta visita era sobre Lucinda.
Daniel, seu Daniel, estava muito longe agora. Era difícil imaginar o que ele estaria fazendo ou pensando no momento. Era ainda mais difícil imaginar seu encontro com ele no final de tudo isso. Mas não era para isso sua missão? Descobrir o suficiente sobre seu passado para que ela pudesse realmente estar com Daniel no presente?

"Você não deveria estar aqui", disse ela para o Daniel de Helston. Ele não poderia saber que a Lucinda de Helston queria encontrá-lo aqui. Mas ali estava ele. Era como se nada pudesse ficar no caminho de seu encontro, eles eram atraídos um para o outro, não importava o quê.

A risada de Daniel era exatamente a risada que Luce estava acostumada, e que ela tinha ouvido pela primeira vez em Sword & Cross, quando Daniel beijou ela, era a risada que ela amava. Mas este Daniel não sabia dela. Ele não sabia quem ela era, de onde ela estava vindo, ou o que ela estava tentando fazer.

"Você não deveria estar aqui, também." Ele sorriu. "Primeiro, nós deveríamos ter uma dança lá dentro e, mais tarde, depois de termos chegado a conhecer um ao outro, eu a levaria para um passeio ao luar. Mas o sol ainda nem se pôs. O que significa que ainda há uma boa dose de dança a ser feita. "Ele estendeu a mão. " Meu nome é Daniel Grigori."

Ele ainda não tinha notado que ela estava vestida com um uniforme de empregada doméstica, invés de um vestido de baile, e que ela não agia como qualquer menina britânica.
Ele apenas colocou os olhos sobre ela, mas como Lucinda, Daniel já estava cego pelo amor.
Vendo tudo isso por um novo ângulo deixou uma estranha clareza sobre as suas relações. Era maravilhoso, mas era tragicamente míope. Era realmente Lucinda quem Daniel amava e vice-versa, ou era apenas um ciclo que não podia ser quebrado?

"Não sou eu", Luce disse-lhe tristemente.

Ele pegou suas mãos. Ela derreteu um pouco.
"É claro que é você", disse ele. "É sempre você."
"Não", disse Luce. "Não é justo com ela, você não está sendo justo. E, além disso, Daniel, ela é má. "
"De quem está falando?" Parecia que ele não poderia decidir se a levava a sério ou ria.
Do canto do olho, Luce viu uma figura de branco andando em direção a eles da parte de trás da casa.

Lucinda.
Vindo ao encontro de Daniel. Era cedo. Sua mensagem dizia nove horas, pelo menos ela dizia nove horas antes de Luce ter jogado seus fragmentos no fogo.

O coração de Luce começou a saltar. Ela não podia ser pega aqui quando Lucinda chegasse. E, no entanto, ela não poderia deixar Daniel tão cedo.

"Por que você a ama?" As palavras de Luce saíram com pressa. "O que fez você se apaixonar por ela, Daniel?"
Daniel pôs a mão em seu ombro – o que era maravilhoso. "Devagar", disse ele. "Nós acabamos de nos conhecer, mas posso prometer-te que não há ninguém que eu amo ninguém, exceto–"
"Você aí! Serva! "Lucinda os tinha descoberto, e pelo tom de sua voz, ela não estava feliz com isso.
Ela começou a correr em direção ao gazebo, xingando o vestido, arrastando-o na sujeira da grama.
"O que você fez com a minha carta, menina?"

"A-aquela garota, que está vindo para cá", gaguejou Luce ", sou eu, em certo sentido. Eu sou ela. Você nos ama, e eu preciso entender "
Daniel virou-se para assistir a Lucinda, a que ele tinha amado – amaria nesta época. Ele podia ver seu rosto claramente agora. Ele podia ver que eram duas dela.
Quando ele olhou para Luce, a mão no ombro dela começou a tremer. "É você, a outra. O que você fez? Como você fez isto"?
"Você! Menina! "Lucinda havia reparado na mão de Daniel no ombro de Luce. Seu rosto estava todo enrugado. "Eu sabia!", Ela gritou, correndo ainda mais rápido. "Afaste-se dele, sua vadia!"

Luce podia sentir o pânico se espalhando por ela. Ela não tinha escolha a não ser correr. Mas primeiro: Ela tocou o lado do rosto de Daniel. "É o amor? ou é apenas a maldição que nos une? "
"É o amor", ele suspirou. "Você não sabe disso?"
Ela se soltou de sua mão e fugiu, correndo rápido e furiosamente através do gramado, de volta através para o bosque de bétulas prateadas onde ela chegou pela primeira vez.

Seus pés viraram e ela tropeçou, caindo de cara no chão. Toda ferida. E ela estava com raiva. Louca de raiva. Com Lucinda por ser tão desagradável. Com Daniel pela maneira como ele se apaixonei sem nem pensar. Com sua própria impotência de fazer qualquer coisa que fizesse um pouco de diferença. Lucinda ainda morreria – Luce ter estado aqui não importava. Batendo os punhos no chão, ela soltou um gemido de frustração.

"Ei, foi um grande esforço. Você realmente tentou lá fora, nas trincheiras desta vez. Mas... " Bill- encolheu os ombros "agora acabou ".
Luce se sentou e olhou para ele. Sua expressão presunçosa fez querer marchar direito lá atrás e dizer a Lucinda quem ela realmente era – lhe dizer como eram as coisas.
"Não." Luce se levantou. "Não acabou."
Bill a puxou de volta para baixo. Ele era surpreendentemente forte para uma criatura tão pequena.
"Oh, isso acabou. Vamos, para o Anunciador".
Luce virou para onde Bill estava apontando. Ela ainda não tinha notado o portal preto flutuando na frente dela. Seu cheiro mofo a fez se sentir doente.
"Não."
"Sim", disse Bill.

"Você é aquele que me disse para ir devagar, em primeiro lugar."
"Olhe, deixe-me te dar os spoilers: Você é uma cadela nesta vida e Daniel não se importa. Chocante! Ele corteja você por algumas semanas, há algumas trocas de flores. Um grande beijo e depois kaboom. Ok? Não há muito mais para ver. "
"Você não entende."
"O quê? Eu não entendo que os vitorianos são tão abafados como um sótão e tão chato quanto assistir o papel de parede descascar? Vamos lá, se você estiver indo ziguezaguear através de seu passado, faça valer a pena. Vamos pegar alguns destaques. "
Luce não se moveu. "Existe uma maneira de fazer você desaparecer?"

"Tenho que enfiar você neste Anunciador como um gato em uma mala? Vamos! "
"Eu preciso ver que ele me ama, e não apenas por causa de alguma maldição que ele está vinculado. Eu preciso sentir que há algo mais forte para nos manter juntos. Algo real."

Bill se sentou ao lado de Luce na grama. Então, ele pareceu pensar melhor e se deitou em seu colo. Primeiro ela queria espantar ele, como espanta as moscas que zumbem em torno de sua cabeça, mas quando ele olhou para ela, seus olhos pareciam sinceros.
"Querida, Daniel amar você é a última coisa que você deve estar preocupada. Vocês são malditas almas gêmeas. Essa frase foi inventada para vocês dois. Você não tem que ficar por aqui para ver isso. Esá em cada vida. "
"O quê?"
"Você quer ver o verdadeiro amor?"
Ela assentiu com a cabeça.

"Vamos." Ele a puxou para cima. O Anunciador pairou na frente deles e começou a se transformar em uma nova forma, até que quase se assemelhava com uma tenda. Bill flutuou no ar, pegou uma corda invisível e puxou. O Anunciador reequilibrou-se, baixando-se como uma ponte levadiça até que Luce pudesse ver um túnel de escuridão.

Luce olhou para trás em direção a Daniel e Lucinda, mas ela não podia vê-los, somente suas formas, borrões de cor pressionados juntos.
Bill fez um movimento amplo com a mão livre para dentro do Anunciador. "Dê um passo para dentro"

E assim ela fez.

OITO

OLHANDO PELAS ASAS

Helston, Inglaterra • 26 de julho de 1854

As roupas estavam realçadas pelo sol e o rosto sujo de areia quando Daniel acordou, na costa da desolada Cornwall. Pode ter passado um dia, uma semana, um mês que ele estava lá fora, vagando sozinho. No entanto muito tempo havia passado, e ele continuava se punindo pelo seu erro. Encontrar Lucinda na costureira tinha sido um erro tão grave, que a alma de Daniel queimava a cada vez que pensava nisso. E ele não conseguia parar de pensar.
Seus lábios planos rosados se ondulando em torno das palavras: “Eu acho que te conheço. Por favor. Espere.”
Tão bonito e tão perigoso. Oh, por que não era algo pequeno? Apenas uma breve troca em seu namoro? Então não importaria tanto. Mas uma visão de que Luce Biscoe tinha sido dele, do Daniel errado. Ele poderia ter comprometido tudo. Ele poderia ter distorcido o futuro tão mal que Luce poderia já ter morrido, por ter alterado além do conhecimento. Mas não: Se fosse assim, ele não teria sua Luce em sua memória. O tempo teria mudado e ele não teria se lamentado em todos os porquês de sua Luce ser diferente. Seu próprio passado deve ter se mostrado a Lucinda Biscoe de uma forma que escondia o erro de Daniel. Ele não conseguia se lembrar de como as coisas começaram, apenas como terminaram. Mas não importava: Ele não iria chegar a lugar nenhum perto do seu próprio passado para adverti-lo, por medo de encontrar Lucinda novamente e causar ainda mais danos. Tudo o que poderia fazer era se afastar e esperar.
Ele é preso a eternidade, mas tem sido um inferno. Daniel perdeu a noção do tempo, se deixando levar pelo som do oceano batendo contra a costa. Por pouco tempo, pelo menos.

Ele poderia facilmente retomar sua busca pisando em um anunciador e perseguir Luce na vida seguinte em que ela tenha ido. Mas por alguma razão, ele ficava preso em torno de Helston, esperando até que a vida de Lucinda Biscoe terminasse aqui. Acordar à noite, o céu cortado por nuvens roxas, Daniel sentia. Pleno verão. A noite ela iria morrer. Ele limpou a areia de sua pele e sentiu uma estranha ternura nas suas asas escondidas. Seu coração palpitava a cada batimento.
Já era tempo.
A morte de Lucinda não iria acontecer até anoitecer. O eu anterior de Daniel estaria sozinho no salão do Constances. Ele desenharia Lucinda Biscoe uma última vez. Suas malas estavam do lado de fora, vazias como de costume para salvar um estojo com capa de couro, alguns cadernos de rascunhos, seu livro sobre Os Sentinelas e um par extra de sapatos. Ele realmente estava planejando navegar na manhã seguinte. O que seria uma mentira. Nos momentos que antecedem sua morte, Daniel raramente era honesto consigo mesmo. Ele sempre se perdeu no seu amor. Toda vez ele enganava a si mesmo, ficando bêbado em sua presença, e perdendo a noção do que deveria ser.
Se lembrou particularmente bem como ele tinha terminado nesta vida em Helston: negando que ela tinha que morrer mesmo, até o instante em que ele a apertou contra as cortinas de veludo rubi e a beijou no esquecimento.
Ele amaldiçoou sua sorte, e em seguida, tinha feito uma cena feia. Daniel ainda podia sentir a agonia, fresca como uma marca de ferro em toda a sua pele, e ele se lembrou da visitação.
Esperando o pôr do sol, ele estava sozinho na praia e deixou a água beijar seus pés descalços. Ele fechou os olhos e abriu os braços permitindo que suas asas estourassem fora das cicatrizes em seus ombros. Elas subiam atrás dele, balançando com o vento e lhe dando um pouco de paz

momentânea. Ele podia ver o brilho que elas faziam no reflexo sobre a água.

Às vezes, quando Daniel estava inconsolável, ele se recusava a deixar suas asas para fora. Era um castigo que ele podia administrar a si mesmo.
O alívio profundo, o sentido, a incrível palpável liberdade de desfraldas suas asas que deu a sua alma, só o fez sentir mais falso, como uma droga. Esta noite ele se permitiu apressar. Ele dobrou os joelhos na areia e arrancou para o ar. A poucos metros acima da superfície da água, ele rapidamente rolou pra que ficasse de costas para o oceano, suas asas se espalhavam debaixo dele como uma magnífica jangada brilhante. Ele encostava na superfície, estendendo seus músculos a cada batida longa de suas asas, deslizando ao longo das ondas até que a água passou de turquesa a azul gelado. Então ele mergulho para baixo sob a superfície. Suas asas estavam quentes, onde o oceano foi legal criando pequenos rastros violeta para cercá-lo. Daniel gostava de nadar. O frio da água, o ritmo imprevisível da corrente, a sincronia do oceano com a lua. Era um dos poucos prazeres terrenos que ele realmente compreendia. Acima de tudo, gostava de nadar com Lucinda.
Com cara golpe de suas asas, Daniel imaginava Lucinda lá com ele, deslizando graciosamente através da água como ela tinha feito tantas vezes antes, aquecendo no quente fulgor cintilante. Quando a lua estava brilhante no céu escuro e Daniel estava em algum lugar da costa de Reykjavik, ele se retirou da água. Para cima, batendo suas asas com uma ferocidade que sacudiu o frio. O vento soprava ao seu lado, secando-o em segundos, enquanto voava mais e mais alto no ar. Ele explodiu um grosso banco cinza de nuvens, e então voltou passando pela costa com extensão para o céu estrelado. Bater suas asas livremente, profundamente forte, com amor e terror, e os pensamentos nela, ondulando a água debaixo dele, brilhante como diamante.

Ele pegou uma tremenda velocidade como a que ele fez sobre as Ilhas Faroé e em todo o Mar da Irlanda. Ele voou para baixo ao longo do Canal de São Jorge e, finalmente, de volta a Helston. Como contra sua natureza para assistir a garota que ele amava aparecer apenas para morrer! Mas Daniel teria que ver além deste momento e desta dor. Ele tinha que olhar para todas as Lucindas que viria após este sacrifício. E aquela a quem ele perseguia, a última Luce, que terminaria este ciclo maldito. A noite da morte de Lucinda era a única maneira que os dois poderiam ganhar, a única maneira de terem uma chance. Pelo tempo que ele chegou à propriedade Constance, a casa estava escura e o ar estava quente e parado. Contraiu suas asas para perto de seu corpo, retardando a sua descida ao longo do lado sul da propriedade. Havia o teto branco de gazebo, uma vista aérea dos jardins. Havia um caminho de pedrinhas ao luar por onde momentos atrás ela teve ter caminhado, desviando da porta de seu pai, depois que todo mundo estava dormindo. De camisola coberta por um longo manto negro, esquecendo sua modéstia com a pressa para encontrá-lo. E não tinha luz na sala, apenas um único candelabro que atraía sua atenção.

As cortinas se separam um pouco. Suficiente para Daniel olhar sem risco de ser visto. Ele chegou à janela da sala no segundo andar da grande casa, deixando seus asas baterem levemente, pairando do lado de fora, como um espião.
Ele estava mesmo lá? Ele inalou lentamente, deixando suas asas se encherem de ar, e pressionou o rosto contra o vidro.
Daniel apenas esboçando furiosamente no seu bloco no canto. Seu próprio passado parecia exausto e desamparado.
Ele conseguia se lembrar exatamente o sentimento. Olhando o relógio preto na parede, esperando o momento em que ela o interromperia pela porta. Ele ficava tão atordoado quando ela furtivamente perto dele, silenciosamente, quase de trás da cortina. Agora, ele ficou chocado quando ela fez de novo. Sua beleza foi além da expectativa mais realista naquela noite. Todas as noites. As bochechas coradas com o amor que ela sentia, mas não entendia. Os cabelos negros caindo de sua trança, muito brilhante. Sua maravilhosa camisola de Sheernes, parecia leve sobre sua pele perfeita.
Só então, o seu próprio passado se levantou e virou. Quando ele teve a belíssima vista antes dele, a dor era evidente em seu rosto. Se houvesse algo que Daniel poderia fazer para chegar e ajudar o seu

próprio passado a passar por isso, ele o teria feito. Mas tudo o que ele pode fazer era ler seus lábios: "O que você está fazendo aqui?"

Luce se aproximava com as bochechas rosadas. Os dois deles movidos juntos como ímãs, puxados por uma força maior, e no momento repelidos com quase o mesmo vigor. Daniel pairava sentindo dor. Ele não podia ver. Ele teve que assistir. A forma como eles chegaram para o outro na tentativa certa, até o momento que sua pele se encontrou com a dela. Então eles se tornaram instantaneamente, avidamente apaixonados. Eles nem sequer se beijaram, apenas estavam conversando. Quando seus lábios estavam quase se tocando, suas almas quase se tocando, uma queimadura, pura, uma aura incandescente se formava em torno deles, que não estavam cientes. Era algo que Daniel nunca tinha testemunhado de fora. Era isso que sua Luce virou depois? Pra visual de como verdadeiro o seu amor foi? Para Daniel, seu amor era tão parte dele como suas asas.
Mas para Luce deve ser diferente. Ela não teve acesso ao esplendor de seu amor. Apenas seu fim ardente. Cada momento seria uma revelação total.

Ele pôs seu rosto contra o vidro, suspirando. No interior, o seu próprio passado foi desmoronando, perdendo a decisão que tinha sido uma farsa desde o início, de qualquer maneira. Suas malas estavam cheias, mas foi Lucinda quem teve que ir.
Agora, o seu passado a tomou nos braços. Mesmo através da janela, Daniel podia sentir o cheiro, rico e doce de sua pele. Invejava-se, beijando seu pescoço, passando as mãos nas suas costas. Seu desejo era tão intenso que poderia ter quebrado a janela se ele não tivesse como se segurar. Oh, ele queria retirá-la de lá. Fazê-la durar mais um pouco. Mais um beijo. Um toque mais doce antes dos terremotos e os anunciadores começarem a tremer em suas sombras. O vidro aquecido contra sua bochecha. Estava acontecendo. Queria fechar os olhos mas não conseguia. Lucinda se contorcia nos braços de sua versão passada. O rosto contorcido de dor. Ela olhou pra cima, e arregalou seus olhos ao ver as sombras dançando no teto. A realização de algo diferente já estava demais para ela.
Ela gritou.
E explodiu em uma torre brilhante de chamas. Dentro da sala, o eu anterior de Daniel foi soprado de costas contra a parede. Ele caiu e ficou encolhido, como nada mais do que o esboço de um homem. Ele enterrou o rosto no tapete e balançou.
Lá fora, Daniel assistia com um temor que ele nunca havia sentido antes. Ele assobiou como um molho fervendo em uma panela e depois desapareceu, sem deixar vestígios dela. Milagrosa. Cada centímetro do corpo de Daniel estava formigando. Se não tivesse destruído completamente seu próprio passado, ele poderia ter encontrado um jeito de impedir a morte da bela Lucinda.

Seu eu passado lentamente se levantou. Sua boca escancarada e, suas asas explodiram do casaco preto que estava vestindo, ocupando a maior parte da sala. Ele ergueu os punhos para o céu e gritou.
Lá fora, Daniel não podia agüentar mais. Ele bateu suas asas através da janela, fazendo cacos de vidro voar para fora na noite.
"O que você está fazendo aqui?" Seu próprio eu ofegante, as bochechas molhadas de lágrimas. Com os dois pares de asas estendidas, lá quase não tinha mais lugar para eles. Eles revertiam seus ombros o máximo possível para se conter longe um do outro. Ambos sabiam o perigo do toque.
"Eu estava assistindo", disse Daniel.
"Você o quê? Você voltou pra assistir?" perguntou seu eu passado. "É isso que queria ver?". A profundidade de sua miséria era simplesmente dolorosa.
"Isso precisava acontecer, Daniel."
"Não me alimente com essas mentiras. Não se atreva. Você voltou a receber conselhos do Cam?"
"Não!" Daniel quase gritou com seu próprio passado. "Ouça:Há um tempo, não tão longe do agora, teremos a chance de mudar esse jogo. Algo mudou, e as coisas estão diferentes. Quando temos a oportunidade de parar de fazer isso mais e mais. Quando, finalmente, Lucinda pode-"
"Quebrar o ciclo?" Seu próprio passado sussurrou.
"Sim." Daniel estava começando a se sentir tonto. Havia muitos dele na sala. Era hora dele ir. "Vai

levar algum tempo". Ele instruiu, voltando à janela. "Mas mantenha a esperança."
Em seguida, Daniel passou pela janela quebrada. Suas palavras – mantenha a esperança – ecoou em sua mente quando ele retornou ao céu, em profundidade as sombras da noite.

NOVE

ASSIM QUE NOS BATEMOS

Taiti • 11 de Dezembro de 1775

Luce encontrou-se equilibrada em uma viga de madeira lascada.
Ela rangeu enquanto inclinava ligeiramente para a esquerda, então rangeu novamente como se virasse muito lentamente para a direita. O balanço foi constante e incessante, como se a viga estivesse conectada a um pêndulo muito curto.
Um vento quente mandou seu cabelo chicoteando em seu rosto e soprou sua touca de servente para fora de sua cabeça. A viga abaixo dela balançava novamente, e seu pé escorregou. Ela caiu de encontro ao feixe e ela mal conseguiu se segurar antes que desabasse- Onde ela estava? Na frente dela estava o azul infinito do céu aberto. Um azul mais escuro para o que deve ter sido o horizonte.
Ela olhou para baixo.
Ela estava incrivelmente alto.
Um poste alagado esticado de uma centena de metros abaixo dela, terminando em um deck de madeira. Oh. Foi um mastro. Luce estava sentada na área superior de um veleiro muito grande.
Um veleiro muito grande naufragado, na costa de uma ilha.
O arco tinha sido esmagado violentamente contra um aglomerado de pedras afiadas de lava que havia deixado uma bagunça pulverizada. A vela principal foi retalhada: pedaços de lona esfarrapada amarelada batendo levemente com o vento. O ar cheirava a manhã, após uma grande tempestade, mas este navio estava tão desgastado, parecia que estava lá há anos.
Toda vez que as ondas atingiam as margens de areia preta, água borrifava dezenas de metros acima da fendas nas rochas. As ondas fizeram a destruição- e a viga que Luce agarrou- balançou tão bruscamente que ela sentiu que poderia estar doente.
Como é que ela iria descer? Como ela iria chegar à praia?
"Aha! Olha quem pousou como um pássaro em uma vara" A voz de Bill ultrapassou o som das ondas quebrando. Ele apareceu na ponta mais distante da área podre do navio, em pé com os braços estendidos ao seu lado, como se estivesse em uma trave de equilíbrio.
"Onde estamos?" Luce estava muito nervosa para fazer qualquer movimento brusco.

Bill sugando uma grande golfada de ar. "–Você não consegue prová-lo? A costa norte do Taiti!" Ele se sentou ao lado de Luce, chutou as pernas curtas, esticou os braços cinzas e curtos para cima, e cruzou as mãos atrás da cabeça. "Não é o paraíso?"
"Eu acho que vou vomitar"
"Absurdo. Você apenas tem que encontrar suas pernas do mar."
"Como chegamos..." Luce olhou ao redor novamente por um Anunciador. Ela não viu uma sombra única, apenas o infinito branco azul do céu vazio.
"Eu cuidava da logística para você. Pense em mim como seu agente de viagens, e de si mesma como em férias!"

“Nós não estamos de férias, Bill”
“Nós não estamos? Pensei que estávamos acompanhando o Grande Tour do Amor.” Ele esfregou sua testa, e flocos duros caíram de seu couro cabeludo. “Será que eu entendi mal?”
“Onde estão Lucinda e Daniel?”
“Espera aí.” Ele pairou no ar na frente de Luce. “Você não quer um pouco de história?”
Luce o ignorou e fugiu na direção do mastro. Esticou um pé instável para o mais alto dos pinos que perfuravam fora dos lados do mastro.
“Você não quer pelo menos uma mão?”
Ela tinha prendido a respiração e tentado não olhar pra baixo enquanto seu pé escorregou, pela terceira vez, no pino de madeira. Finalmente, ela engoliu em seco e estendeu a mão para pegar a fria, áspera garra que Bill estendeu para ela. Quando ela pegou a mão de Bill, ele puxou-a para a frente, então para fora do mastro completamente. Ela gritou enquanto o vento úmido golpeava seu rosto, mandando a saia do vestido esvoaçante em volta da cintura. Ela fechou os olhos e esperou afundar através do deck podre abaixo.
Mas ela não afundou. Ela ouviu um ‘throosh’ e sentiu seu corpo ser pego no ar. Ela abriu os olhos. Asas curtas de Bill tinha aumentado para fora e pegou o vento. Ele estava apoiando o seu peso com apenas uma mão, carregando-a lentamente para a costa. Foi um milagre como ele era ágil, quão leve. Luce ficou surpresa ao encontrar-se relaxando- de alguma forma a sensação de voar era natural para ela agora.

Daniel. Enquanto o ar a cercava, a dor de estar com ele a alcançou. Para ouvir a sua voz e provar seus lábios- Luce não conseguia pensar em mais nada. O que ela não teria dado para estar em seus braços naquele momento!
O Daniel que ela encontrou em Helston, por mais que ele estivesse feliz por vê-la, não tinha realmente a conhecido. Não do modo como seu Daniel conheceu. Onde estava ele agora?
“Se sentindo melhor?” Bill perguntou.
“Porque estamos aqui?” Luce perguntou enquanto planavam sobre a água. Era tão clara que ela podia ver sombras escuras se movendo debaixo d'água- gigante cardumes de peixes, nadando facilmente, seguindo o litoral.
“Vê aquela palmeira?” Bill apontou para a frente com sua garra livre. “A mais alta, a terceira a partir da ruptura no banco de areia?”
Luce assentiu, apertando os olhos.
“Lá é onde o seu pai nessa vida construiu sua cabana. O mais agradável barraco na praia.
Os ingleses nem sequer descobriram este lado da ilha ainda. Então, quando o seu papai está fora pescando, você e Daniel têm o lugar na maior parte para vocês.”
“Daniel e eu ... vivemos aqui ... juntos?”
De mãos dadas, Luce e Bill tocaram na terra, com a elegância suave de dois bailarinos num pas de deux. Luce estava grata- e um pouco chocada- com a forma como suavemente ele tinha sido capaz de levá-la para baixo do mastro do navio, mas logo que ela estava firme no chão, ela retirou a mão da sua garra suja e limpou em seu avental.
Era nitidamente bonito aqui. As águas cristalinas lavadas contra a estranha e encantadora praia de areia negra. Bosques de citros e palmeiras inclinavam-se sobre a costa, pesadas com brilhantes laranja fruta. Além das árvores, montanhas baixas se levantavam entre as brumas da floresta tropical. Cachoeiras cortadas em seus lados. O vento aqui não era tão feroz; melhor ainda, era carregado com o perfume de hibisco. Era difícil imaginar chegar a passar umas férias aqui, e muito menos uma vida inteira.

“Você viveu aqui” Bill começou a caminhar ao longo da costa, deixando marcas de pequenas garras na areia escura. “Seu pai e os outros dez nativos que viviam ao alcance da canoagem, chamavam você - bem, soava como ‘Lulu’”. Luce estava caminhando rapidamente para não perder o ritmo, aglomerando as saias das camadas da sua roupa de servente de Helston para conservá-las de arrastarem na areia. Ela parou e fez uma careta.

“O que?” Bill disse “Eu acho que é fofo, Lulu. Lululululu”
“Pare com isso”
“De qualquer forma, Daniel era uma espécie de explorador desonesto. Aquele barco lá atrás? Seu namorado craque roubou do rebento privado de George Terceiro”.Ele olhou de volta para o naufrágio. “Mas levará alguns anos para o capitão Bligh e sua tripulação amotinada rastrearem Daniel aqui em baixo, e até lá... você sabe.”
Luce engoliu. Daniel provavelmente estaria muito longe até lá, porque Lucinda estaria morta há muito tempo.
Eles atingiram uma lacuna na linha de palmeiras. Um rio salobre fluiu em redemoinhos entre o oceano e uma pequena lagoa de água doce. Luce se deslocou ao longo de algumas pedras planas para atravessar a água. Ela estava suando através de suas saias e pensou em despir-se de seu vestido sufocante e ir direto para o oceano.
“Quanto tempo eu tenho com Lulu?” ela perguntou. “Antes de acontecer?”
Bill ergueu as mãos. “Eu pensei que tudo o que você queria ver era a prova que o amor que você divide com Daniel é verdadeiro”
“Eu quero”
“Para isso, você não precisará de mais de dez minutos”.
Eles vieram sobre um caminho curto de orquídeas alinhadas, que fazia uma curva para outra praia intocada. Uma pequena cabana com telhado de palha apareceu sobre estacas perto da borda da água azul-clara. Atrás da cabana, uma palmeira estremeceu. Bill empoleirou-se acima do ombro dela, pairando no ar. “Examine-a.” Sua garra de pedra apontou para palmeira. Luce assistia com admiração enquanto um par de pés surgia da folhagem alta, tremendo o tronco da árvore.

Em seguida, uma menina vestindo pouco mais que uma saia de tecido e uma lei enorme floral jogou quatro cocos peludos marrom para a praia antes de descer correndo o tronco nodoso para o chão. Seu cabelo era longo e solto, capturando em seus escuros fios, diamantes da luz do sol. Luce conhecia a sensação exata disso, a forma como iria fazer cócegas em seus braços, uma vez que balançavam em ondas passado de sua cintura. O sol tinha transformado a pele de Lulu em um marrom dourado profundo- mais escuro do que Luce nunca esteve, mesmo quando ela passou um verão inteiro na casa de praia da avó em Biloxi- e seu rosto e braços foram gravados com tatuagens escuras e geométricas. Ela existiu em algum lugar entre totalmente irreconhecível e absolutamente Luce.
“Wow” Luce sussurrou no momento em que Bill a empurrou para trás do abrigo de uma arbustiva árvore de flor roxa. “Ei- Ow! O que você está fazendo?”
“Acompanhado-lhe para uma vantagem mais segura” Bill arrastou-a de novo no ar, até que foram subindo ao longo do dossel de folhas. Uma vez que transporam as árvores, ele colocou-a em um ramo alto, resistente e ela podia ver toda a praia.
“Lulu!”
A voz que foi para o fundo da pele de Luce e em linha reta em seu coração. A voz de Daniel. Ele estava chamando por ela. Ele a queria. Precisava dela. Luce moveu-se em direção ao som. Ela nem sequer notou que tinha começado a se levantar de sua cadeira no galho alto, como se ela pudesse apenas andar para fora da copa das árvores e voar para ele- até que Bill agarrou-a pelo cotovelo.
“Precisamente por isso que eu tive que arrastar seu traseiro aqui para cima. Ele não está falando com você. Ele está falando com ela.”
“Oh”. Luce abaixou-se pesadamente. “Certo”.
Na areia preta, a menina com os cocos, Lulu, estava correndo. E mais abaixo na praia, correndo em sua direção, estava Daniel.
Ele estava sem camisa, maravilhosamente bronzeado e musculoso, vestindo apenas calças cortadas azul-marinho que estavam desgastadas nas bordas.

Sua pele brilhava com água do mar, nova a partir de um banho no oceano. Os pés descalços chutaram a areia. Luce invejava a água, invejava a areia. Invejava tudo que chegou a tocar Daniel

enquanto ela estava presa nesta árvore. O que ela mais invejou foi o seu eu passado.
Correndo em direção a Lulu, Daniel parecia mais feliz e mais natural do que Luce lembrou, jamais, tê-lo visto. Isso a fez querer chorar. Eles alcançaram um aos outro. Lulu jogou os braços ao redor dele, e ele levantou-a, girando-a no ar. Ele a colocou de volta em seus pés e a cobriu de beijos, beijando as pontas dos dedos e antebraços, todo o caminho até os ombros, o pescoço, a boca.
Bill reclinou-se no ombro de Luce. "Acorde-me quando chegar a parte boa" disse ele, bocejando.
"Pervertido!" Ela queria bater nele, mas não quis tocá-lo.
"Quero dizer a tatuagem, mente poluída. Eu curto tattoos, ok?"
Quando Luce olhou para o casal na praia, Lulu estava levando Daniel para uma esteira que se espalhava sobre a areia, não muito longe da cabana. Daniel puxou um facão curto do cinto das calças e cortou um dos cocos. Depois de uns poucos cortes, ele tirou o topo e entregou o resto dele para Lulu. Ela bebeu profundamente, o leite gotejando dos cantos de sua boca. Daniel os beijou deixando limpos.
"Não há nenhuma tatuagem, eles estão apenas..."-Luce interrompeu quando seu eu passado desapareceu na cabana. Lulu reapareceu um momento depois carregando uma pequeno pacote embrulhado em folhas de palmeira. Ela desembrulhou um instrumento que parecia um pente de madeira. As cerdas brilhavam ao sol, como se fossem agulhas afiadas. Daniel deitou-se na esteira, assistindo enquanto Lulu mergulhava o pente em uma concha grande e rasa cheia de um pó preto. Lulu deu-lhe um beijo rápido e então começou.
Começando em seu peito, ela apertou o pente em sua pele. Ela trabalhou rapidamente, pressionando forte e rápido, e cada vez que ela moveu o pente ela deixou uma mancha de pigmento preto tatuado em sua pele.

Luce pode começar a entender o desenho: um pequeno escudo decorado. Ele iria ocupar todo o seu peito. A única viagem de Luce para um estúdio de tatuagem tinha sido uma vez em New Hampshire com Callie, que queria um coração pequeno cor de rosa na cintura. Levou menos de um minuto e Callie havia gritado o tempo todo. Aqui, porém, Daniel estava em silêncio, nunca fazendo um som, nunca movendo os olhos de Lulu. Levou um longo tempo, e Luce sentiu o suor escorrer para a parte de baixo das suas costas enquanto ela observava.
"Han? Que tal isso?" Bill cutucou ela. "Será que eu prometi te mostrar amor ou eu prometi mostrar amor?"
"Claro, eles parecem que estão apaixonados." Luce encolheu os ombros. "Mas..."
"Mas o quê? Você tem alguma idéia de como isso é doloroso? Olhe para esse cara. Ele faz ser pintado parecer como se estivesse sendo acariciado por uma brisa suave."
Luce se contorcia sobre o galho. "Essa é a lição aqui? Dor é igual a amor?"
"Me diga você" disse Bill "Você pode ficar surpresa em ouvir isso, mas a senhoras não estão exatamente batendo na porta do Bill"
"Quer dizer, se eu tatuasse o nome de Daniel no meu corpo isso quer dizer que eu o amaria mais do que eu já amo?"
"É um símbolo, Luce." Bill soltou um suspiro áspero. "Você está sendo muito literal. Pense nisso desta maneira: Daniel é o garoto de boa aparência, o primeiro que Lulu já viu. Até ele descer em terra firme há alguns meses atrás, o mundo inteiro desta menina era seu pai e alguns nativos gordos."
"Ela é Miranda" Luce disse, lembrando a história de amor de A Tempestade, que ela tinha lido no seu seminário de Shakespeare na décima série. (corresponde ao 1º ano do Ensino Médio aqui)
"Bastante civilizado da sua parte!" Bill franziu os lábios com a aprovação. "Eles são como Ferdinand e Miranda: Os belos naufrágios estrangeiros em sua costa..."
"Então, é claro que foi amor à primeira vista para Lulu" Luce murmurou. Isso era o que ela temia: o mesmo amor impensado e automático que a incomodou em Helston.

"Certo" disse Bill. "Ela não tinha uma escolha, além de se apaixonar por ele. Mas o que é interessante aqui é Daniel. Você vê, ele não tinha que ensiná-la a fazer uma vela artesanal de tecidos

ou ganhar a confiança de seu pai, produzindo um quantidade digna de peixes para curar" Bill apontou para os amantes da praia "Concordar com tatuagem, todo o seu corpo de acordo com seu costume local. Teria sido suficiente se Daniel tivesse apenas se mostrado. Lulu teria o amado de qualquer maneira."
"Ele está fazendo isso porque..." -Luce pensou em voz alta. "Porque ele quer merecer o seu amor. Porque senão, ele estaria apenas se aproveitando da sua maldição. Porque não importa em que tipo de ciclo eles estão presos, seu amor por ela é... verdadeiro."
Então porque Luce não estava totalmente convencida?
Na praia, Daniel sentou-se. Ele pegou Lulu pelos ombros e começou a beijá-la ternamente. Seu peito sangrou da tatuagem, mas nenhum deles pareceu notar. Seus lábios mal se separaram, seus olhos nunca deixaram o outro.
"Eu quero partir agora" Luce disse de repente para Bill
"Sério?" Bill piscou,ficando de pé sobre o galho da árvore como se ela o tivesse assustado.
"Sim, sério. Eu consegui o que vim saber e estou pronta pra continuar. Agora mesmo" Ela tentou se levantar também, mas o ramo balançou sob seu peso.
"Hum, ok." Bill pegou seu braço para firmá-la. "Para onde?"
"Eu não sei, mas vamos nos apressar." O sol estava se pondo no céu atrás deles, alongando as sombras dos amantes na areia. "Por favor. Quero pegar uma boa memória. Eu não quero vê-la morrer"
O rosto de Bill estava comprimido e confuso, mas ele não disse nada.
Luce não podia esperar mais. Ela fechou os olhos e deixou seu desejo chamar por um Anunciador. Quando ela abriu os olhos novamente, ela podia ver um tremor na sombra de uma árvore de maracujá próxima. Ela se concentrou, convocando-o com toda a força até o Anunciador começar a tremer.
"Vamos" ela disse rangendo os dentes.

Finalmente, o Anunciador libertou-se, zunindo fora da árvore e pelo ar, flutuando diretamente na frente dela.
"Devagar agora" Bill disse, pairando acima do galho. "Desespero e Anunciador- não combinam. Como picles e chocolate."
Luce o encarou.
"Quero dizer: Não fique tão desesperada que você perde de vista o que você quer."
"Eu quero sair daqui" Luce disse, mas ela não conseguia influenciar a sombra em uma forma estável, não importa quão duro ela tentou. Ela não estava olhando para os amantes na praia, mas mesmo assim ela podia sentir a escuridão chegando no céu sobre a praia. Não eram nuvens de chuva. "Me ajuda, Bill?"
Ele suspirou, estendendo a mão para a massa escura no ar, e chamou-a para ele. "Esta é a sua sombra, você percebe. Estou manipulando-a, mas é o seu Anunciador e seu passado."
Luce assentiu
"O que significa que você não tem ideia de onde ele está levando você, e eu não tenho nenhuma responsabilidade".Ela assentiu novamente.
"Ok então" Ele esfregou uma parte do Anunciador até ela ficar mais escura, então ele pegou a mancha escura com uma garra e puxou. Funcionou como uma espécie de maçaneta. O cheiro de mofo inundou para fora, fazendo Luce tossir.
"Sim, eu sinto também" disse Bill. "Este é um antigo." Ele gesticulou para a frente. "Damas primeiro".

Prússia • 7 de Janeiro de 1758

Um floco de neve tocou de leve o nariz de Luce.

Depois outro, e outro, e mais, até que uma tempestade de neve encheu o ar e o mundo todo ficou branco e frio. Ela exalou uma longa nuvem de ar no frio intenso.
De alguma forma, ela sabia que eles acabariam aqui, mesmo que ela não estivesse exatamente certa de onde estavam. Tudo que ela sabia era que o céu da tarde estava escuro com uma furiosa tempestade, e a neve molhada estava penetrando em suas botas de couro preto, machucando os dedos dos pés e arrepiando-a até o osso.
Ela estava andando em seu próprio funeral.
Ela sentiu no instante em que passou através deste último Anunciador.

Uma frieza que se aproximava, implacável como uma folha de gelo. Ela se viu nos portões de um cemitério, todo coberto por neve. Atrás dela estava uma estrada arborizada, os ramos nus arranhando o céu de estanho. Antes dela estava uma pequena elevação de terra coberta de neve, lápides e cruzes salientes no branco como irregulares dentes sujos.
A poucos metros atrás dela, alguém assobiou. “Tem certeza que está pronta para isto?” Bill. Ele parecia sem fôlego, como se ele tivesse acabado de alcançá-la.
“Sim”. Seus lábios estavam batendo. Ela não se virou até Bill aparecer perto dos seus ombros.
“Aqui” disse ele, segurando um casaco de visom escuro. “Achei que você poderia estar com frio.”
“Onde você...”
“Eu peguei de uma casa ampla que vem do mercado lá atrás. Não se preocupe, ela já tinha o suficiente de estofamento natural”.
“Bill!”
“Eii, você precisava disso” Ele encolheu os ombros “Use em boa saúde”
Ele colocou a grossa camada sobre os ombros de Luce, e ela puxou para mais perto. Foi incrivelmente suave e quente. Uma onda de gratidão passou por ela, ela estendeu a mão e pegou sua garra, nem mesmo se importando que era pegajosa e fria.
“Ok” Bill disse, apertando a mão dela. Por um momento, Luce sentiu um estranho calor em seus dedos. Mas então ele se foi, e os dedos de pedra de Bill ficaram frios. Ele respirou profundamente.
“Um. Uh. Prússia, em meados do século XVIII. Você vive em uma pequena aldeia às margens do rio Handel. Muito bom.” Ele limpou a garganta antes de continuar “Eu deveria dizer, er, que você viveu. Você realmente, apenas- bem...”
“Bill?” Ela esticou o pescoço para olhar para ele sentado curvado para a frente em seu ombro.
“Tudo bem” ela disse suavemente. “Você não tem que explicar. Deixe-me só, você sabe, sentir isso”.
“Isso é provavelmente melhor”
Enquanto Luce andou calmamente pelo portão do cemitério, Bill ficou para trás. Ele se sentou com as pernas cruzadas em cima de um santuário cheio de líquen, pegando na areia sob suas garras.

Luce colocou o xale sobre a cabeça dela para obscurecer mais do rosto dela.
À frente haviam pessoas de luto, vestidas de preto e sombrias, pressionadas juntas com tanta força para se aquecer que pareciam uma única massa de tristeza. Exceto por uma pessoa que estava atrás do grupo e de lado. Ele abaixou a cabeça loira descoberta.
Ninguém falou ou sequer olhou para Daniel. Luce não poderia dizer se ele estava incomodado por ser deixado de fora ou se ele preferia isso.
No momento que ela chegou a parte de trás da pequena multidão, o enterro foi chegando ao fim. Um nome foi esculpido em uma lápide cinza plana: Lucinda Müller. Um menino, não tinha mais do que doze anos, com cabelos escuros e pele pálida e as lágrimas escorrendo pelo rosto, ajudou o pai -pai dela desta outra vida?- a empurrar o primeiro monte de terra sobre a sepultura.
Estes homens deviam ter algum parentesco com seu eu passado. Eles devem tê-la amado. Havia mulheres e crianças chorando atrás deles; Lucinda Müller deve ter significado alguma coisa para eles também. Talvez, ela tenha significado tudo para eles.
Mas Luce Price não conhecia essas pessoas. Ela se sentiu estranha e insensível ao perceber que eles não significavam nada para ela, mesmo quando ela viu o mar de dor em seus rostos. Daniel era o

único aqui que realmente importava para ela, aquele para quem ela queria correr, aquele de quem ela teve que se segurar.
Ele não estava chorando. Ele não estava nem olhando para o túmulo como todos os outros. Suas mãos estavam entrelaçadas na frente dele e ele estava olhando para longe, não para o céu, mas longe na distância. Seus olhos eram violeta em um momento, cinza no próximo.
Quando os membros da família tinham atirado umas poucas pás de terra sobre o caixão e espalharam flores, os frequentadores do funeral, se separaram e caminharam vacilantes de volta para a estrada principal. Tudo estava acabado.
Apenas Daniel permaneceu. Tão imóvel quanto um morto.

Luce ficou para trás também, esquivando-se agachada atrás de um mausoléu a alguns lotes de distância, observando para ver o que ele faria.
Foi ao anoitecer. Eles tiveram o cemitério só para eles. Daniel se abaixou de joelhos junto ao túmulo de Lucinda. A neve zumbia baixo no cemitério, revestindo os ombros de Luce, flocos grandes ficando presos em seus cílios, molhando a ponta do seu nariz. Ela se moveu na esquina do mausoléu, seu corpo inteiro tenso.
Será que ele sucumbiria? Será que ele arranharia a terra congelada e esmurraria a lápide e berraria até que não houvesse mais lágrimas que ele pudesse derramar? Ele não podia se sentir tão calmo como ele parecia. Era impossível, uma fachada. Mas Daniel mal olhou para a sepultura. Ele se deitou ao seu lado na neve e fechou os olhos.
Luce olhou. Ele estava tão quieto e lindo. Com as pálpebras fechadas, ela olhou para a paz absoluta. Ela estava meio apaixonada, meio confusa, e ficou assim durante vários minutos- até que ela estava tão congelada que teve que esfregar os braços e selar seus pés para se aquecer.
“O que ele está fazendo?” ela finalmente sussurrou.
Bill apareceu atrás dela e voou ao redor de seus ombros. “Parece que ele está dormindo.”
“Mas porque? Eu nem sabia que os anjos precisavam dormir...”
“Precisar, não é a palavra certa. Eles podem dormir se quiserem. Daniel sempre dorme por dias depois que você morre.” Bill sacudiu a cabeça, parecendo lembrar algo desagradável. “Ok, nem sempre. A maioria das vezes. Deve ser bem difícil perder a única coisa que você ama. Você pode culpá-lo?”
“M-Mais ou menos” Luce gaguejou “Eu sou a que explode em chamas”.
“E é ele quem é deixado sozinho. A antiga questão é: qual é pior?”
“Mas ele nem parece triste. Ele parecia entediado durante todo funeral. Se fosse eu, eu... eu...”
“Você o que?”
Luce foi até o túmulo e parou na terra solta onde sua trama começou. Um caixão estava abaixo deste. Seu caixão. O pensamento causou arrepios em sua espinha.

Ela caiu de joelhos e colocou as palmas viradas para baixo na terra. Era úmida, escura e fria. Ela enterrou as mãos dentro dela, sentindo-se quase que instantaneamente congelada e não se importando, acolhendo a queimadura. Ela queria que Daniel fizesse isso, lamentasse pelo seu corpo na terra. Enlouquecesse querendo-a de volta- viva e em seus braços.
Mas ele estava apenas dormindo, dormindo tão profundamente que ele nem sequer sentiu quando ela se ajoelhou bem ao seu lado. Ela queria tocá-lo, para acordá-lo, mas ela não sabia o que ela diria quando ele abrisse os olhos.
Em vez disso, ela escavou a terra enlameada, até as flores tão bem definidas sobre ela se espalharam e quebraram, até o belo casaco de visom estava sujo e os braços e rosto estavam cobertos de lama. Ela cavou e cavou e jogou de lado a terra, buscando mais profundamente seu eu morto. Ela ansiava por alguma conexão.
Finalmente seus dedos bateram em alguma coisa dura: a tampa de madeira do caixão. Ela fechou os olhos e esperou pelo tipo de flash que ela sentiu em Moscou, o raio de memórias que a tinha inundado, quando ela tocou a porta da igreja abandonada e sentiu a vida de Luschka.
Nada. Apenas o vazio. Solidão. Um vento soprando forte. E Daniel, dormindo e inacessível. Ela se

sentou sobre os calcanhares e soluçou. Ela não sabia nada sobre a menina que tinha morrido. Ela sentiu que nunca saberia.
“Yoo-hoo” Bill disse calmamente de seu ombro. “Você não está lá, sabia?”
“O que?”
“Pense nisso. Você não está lá. Você é um monte de cinzas agora, se você for alguma coisa. Você não tinha um corpo para enterrar, Luce.”
“Por causa do fogo. Oh. Mas então porque...?” ela perguntou e então parou. “Minha família quis isso.”
“Eles são luteranos rigorosos.” Bill assentiu. “Cada Müller por cem anos teve uma lápide nesse cemitério. Portanto, o seu eu passado tem também. Não há nada por baixo. Ou quase nada. Seu vestido favorito. Uma boneca de infância. A sua cópia da Bíblia. Esse tipo de coisa”.

Luce engoliu. Não é à toa que ela se sentia tão vazia por dentro. “Então Daniel...é por isso que ele não estava olhando para o túmulo.”
“Ele é o único aqui que aceita que sua alma está em outro lugar. Ele ficou porque este é o lugar mais próximo que ele pode ir para se agarrar a sua memória.” Bill voou tão perto de Daniel, que o zumbido de suas asas de pedra fazia mexer o cabelo de Daniel. Luce quase empurrou Bill para longe. “Ele vai tentar dormir até que sua alma esteja em outro lugar. Até que você tenha encontrado sua próxima encarnação.”
“Quanto tempo isso vai demorar?”
“As vezes segundos, algumas vezes anos. Mas ele não dormirá por anos. Por mais que ele, provavelmente, quisesse.”
O movimento de Daniel no chão fez Luce pular. Ele se mexeu em seu manto de neve. Um gemido agonizante escapou de seus lábios.
“O que está acontecendo?” Luce disse, caindo de joelhos e estendendo a mão para ele.
“Não acorde ele!” Bill disse rapidamente. “Seu sono é cheio de pesadelos, mas é melhor para ele do que estar acordado. Até que sua alma esteja em uma nova vida, a existência inteira de Daniel é uma espécie de tortura.”
Luce estava dividida entre querer aliviar a dor de Daniel e tentar entender que acordá-lo só poderia piorar as coisas.
“Como eu disse, na ocasião, ele meio que tem insônia ... e é aí que fica realmente interessante. Mas você não iria querer ver isso. Não”
“Eu quero” disse ela, sentando-se. “O que acontece?”
Bochechas carnudas de Bill se contraíram, como se tivesse sido pego em alguma coisa. “Bem, uh, muitas vezes, os outros anjos caídos estão ao redor” disse ele, não encontrando os seus olhos. “Eles entram e eles, você sabe, tentam consolá-lo.”
“Eu os vi em Moscou. Mas não é isso que você está falando. Há algo que você não está me dizendo. O que acontece quando...”
“Você não quer ver aquelas vidas, Luce. É um lado dele...”
“É um lado dele que me ama, não é? Mesmo que seja escuro, ruim ou perturbador, eu preciso vê-lo. Caso contrário, eu não entenderei pelo que ele passa.”

Bill suspirou. “Você está me olhando como se precisasse da minha permissão. Seu passado pertence a você.”
Luce já estava de pé. Ela olhou ao redor do cemitério até que seus olhos caíram sobre uma pequena sombra se estendendo para fora da parte traseira do seu túmulo. Ali. É aquela. Luce foi surpreendida por sua certeza. Isso nunca tinha acontecido antes.
À primeira vista, essa sombra parecia como qualquer outra sombra que ela tinha convocado desajeitadamente na floresta na Shoreline. Mas desta vez, Luce podia ver algo na sombra em si. Não era uma imagem representando qualquer destino específico, mas sim um brilho de prata estranho que sugeriu que este Anunciador iria levá-la onde sua alma precisava ir em seguida. Estava chamando-a.

Ela respondeu, buscando dentro de si, atraindo aquele brilho para guiar a sombra para fora do chão. O fragmento das trevas descascou-se para fora da neve branca e tomou forma enquanto se aproximava. Era preto profundo, mais frio do que a neve caindo ao seu redor, e foi varrido para Luce como uma folha gigante de papel escuro. Seus dedos estavam rachados e dormentes de frio enquanto ela expandiu em uma grande forma controlada. Ela emitiu a rajada familiar de mau cheiro a partir de seu núcleo. O portal era largo e estável antes de Luce perceber que estava fora do ar.
"Você está ficando boa nisso" disse Bill. Havia uma ponta estranha em sua voz que Luce não perdeu tempo analisando.
Ela também não perdeu tempo sentindo-se orgulhosa de si mesma, embora em algum lugar ela poderia reconhecer que, se Miles ou Shelby estivessem aqui, eles estariam fazendo piruetas no momento. Foi de longe a melhor convocação, que ela já tinha feito por conta própria. Mas eles não estavam aqui. Luce estava por conta própria, por isso, tudo que ela podia fazer era passar para a próxima vida, observar mais de Lucinda e Daniel, absorver tudo até que algo começasse a fazer sentido.

Ela sentia em torno das bordas úmidas procurando um trinco ou um botão, alguma forma de entrar. Finalmente, o Anunciador rangeu abrindo.
Luce respirou fundo. Ela olhou para Bill atrás. "Você vem ou o que?"
Solenemente, ele pulou em seu ombro e agarrou sua lapela como as rédeas de um cavalo, e os dois atravessaram.

Lhasa, Tibet • 30 de Abril de 1740

Luce respirou com dificuldade
Ela saiu da escuridão do Anunciador em um nevoeiro com um redemoinho rápido. O ar era fino e frio e a cada respirada esfaqueava seu peito. Ela não conseguia recuperar o fôlego. O vapor da neblina fria soprou o cabelo para trás, rodou ao longo dos seus braços abertos, encharcou suas vestes de orvalho, e depois foi embora.
Luce viu que ela estava de pé na beira do penhasco mais alto que já tinha visto. Ela vacilou e cambaleou para trás, atordoada quando viu seus pés deslocarem um pedregulho. A pedra rolou para a frente alguns centímetros e sobre a borda despencou abaixo.
Ela engasgou novamente, desta vez pelo medo de altura.
"Respire" Bill auxiliou ela. "Mais pessoas desmaiam por aqui ao entrar em pânico por não receber oxigênio suficiente do que de fato não receber oxigênio suficiente."
Luce inalou com cuidado. Isso foi um pouco melhor. Ela baixou o vison sujo em seus ombros e apreciou o sol em seu rosto. Mas ela ainda não conseguia se acostumar com a visão. Estendendo-se do penhasco onde ela estava, um vale enorme marcado com o que pareciam ser terras agrícolas e inundadas plantações de arroz. E para os dois lados, subindo a alturas nebulosas, haviam duas enormes montanhas.
Muito à frente, esculpidas à direita em uma das encostas íngremes, estava um palácio formidável. Majestosamente branco e tampado por telhados vermelho escuro, as suas paredes exteriores foram enfeitadas com mais escadas do que ela poderia contar. O palácio parecia algo saído de um conto de fadas antigos.
"Que lugar é esse? Estamos na China?" Ela perguntou.

"Se nós ficássemos aqui por muito tempo, estaríamos" disse Bill. "Mas agora é Tibet, graças ao Dalai Lama. Aquele lá é o bloco dele." Ele apontou para o palácio monstruoso. "Ostentoso, hein?"
Mas Luce não estava seguindo o seu dedo. Ela ouviu uma risada de algum lugar próximo e tinha se virado para buscar a sua fonte. O seu riso. O riso leve e feliz que ela não sabia que era dela até conhecer Daniel. Ela finalmente avistou duas figuras a algumas centenas de metros de distância ao

longo do penhasco. Ela teria que escalar através de algumas pedras para se aproximar, mas não seria tão difícil. Ela encolheu em seu casaco enlameado e começou a cuidadosamente escolher o seu caminho através da neve, em direção ao som.
“Espere aí” Bill a agarrou pelo colarinho do casaco. “Você vê algum lugar para nós nos abrigarmos?”
Luce olhou ao redor da paisagem descoberta: todos os espaços abertos rochosos e declives. Nada mesmo para servir como abrigo contra o vento.
“Estamos acima da linha das árvores, colega e você é pequena, mas você não é invisível. Você vai ter que ficar para trás aqui.”
“Mas eu não consigo ver nada...”
“Bolso do casaco” Bill disse “De nada”
Ela apalpou em torno do bolso do casaco de pelo o mesmo que ela estava usando no funeral na Prússia e puxou um par de óculos novos, muito caros de ópera. Ela não se incomodou em perguntar ao Bill onde ou quando ele os conseguiu, ela só os colocou nos olhos e torceu o foco.
Lá. Os dois ficaram frente a frente, a vários metros de distância. Os cabelos negros do seu eu passado estavam amarrados em um coque de menina, e seu vestido de linho era o rosa de uma orquídea. Ela parecia jovem e inocente. Ela estava sorrindo de Daniel, balançando para frente e para trás em seus pés como se estivesse nervosa, observando cada movimento seu com uma intensidade sem limites. Olhos de Daniel tinha um olhar provocante neles; um monte de peônias brancas estavam em seus braços e ele estava distribuindo-as para ela, uma por uma, fazendo ela rir mais forte a cada vez.

Observando atentamente através dos óculos de ópera, Luce percebeu que seus dedos nunca se tocaram. Eles mantiveram uma certa distância um do outro. Por quê? Era quase surpreendente.
Na outras vidas que ela espionou, Luce tinha visto tanta paixão e fome. Mas aqui, era diferente. O corpo de Luce começou a zunir, ansiosa por apenas um momento de conexão física entre eles. Se ela não podia tocar Daniel, pelo menos seu velho eu podia. Mas eles estavam ali parados, agora andando em círculos. Nunca ficando mais perto um do outro ou mais afastados. De vez em quando, a risada deles chegavam até Luce de novo.
“Bem?” Bill continuou tentando espremer seu pequeno rosto ao lado do de Luce para que ele pudesse olhar através de uma das lentes do binóculo. “Qual é a história?”
“Eles estão apenas conversando. Estão tipo flertando como se fossem estranhos, mas ao mesmo tempo eles também parecem conhecer um ao outro muito bem. Eu não entendo.”
“Então eles estão indo devagar. O que há de errado com isso?” Bill perguntou. “As crianças hoje só querem que as coisas aconteçam rápido- boom, boom, BOOM”
“Não há nada errado em ir devagar, eu apenas...” Luce interrompeu.
Seu eu passado caiu de joelhos. Ela começou a balançar para trás e para frente, segurando a cabeça, então seu coração. Um olhar horrorizado atravessou o rosto de Daniel. Ele parecia tão rígido em sua calça branca e túnica, como uma estátua de si mesmo. Ele balançou a cabeça, olhando para o céu, seus lábios enfatizando as palavras ‘Não. Não. Não.’
Os olhos castanhos da menina estavam selvagens e ardentes, como se algo a tivesse possuído. Um grito estridente ecoou por toda a montanha. Daniel caiu no chão e escondeu o rosto nas mãos. Ele estendeu a mão para ela, mas sua mão pairava no ar sem nunca conectar-se com sua pele. Seu corpo dobrou-se e estremeceu, e quando mais importava, ele desviou o olhar. Luce foi a única a ver como a menina tornou-se, do nada, uma coluna de fogo. Tão rápido.

A fumaça acre rodou sobre Daniel. Seus olhos estavam fechados. Seu rosto reluzia -molhado de lágrimas. Ele parecia tão miserável como ele sempre parecia todas as outras vezes que ela o observava vê-la morrer. Mas desta vez, ele também parecia doente com o choque. Algo estava diferente. Algo estava errado. Quando Daniel contou pela primeira vez a ela sobre sua punição, ele disse que em algumas vidas um único beijo a tinha matado. Pior, que algo menor que um beijo tinha matado ela. Um único toque.

Eles não tinham se tocado. Luce estava assistindo o tempo todo. Ele tinha sido tão cuidadoso para não chegar perto dela. Será que ele pensava que poderia tê-la por mais tempo mantendo-a longe do calor do seu abraço? Ele pensava que poderia superar a maldição, mantendo-a sempre fora de alcance?
“Ele nem sequer tocou ela” ela murmurou.
“Que pena” Bill disse
Nunca a tocou, nenhuma vez sequer durante todo tempo que eles estavam apaixonados. E agora ele teria que esperar tudo de novo, sem saber se alguma coisa seria mesmo diferente da próxima vez. Como poderia a esperança viver em face desse tipo de derrota? Nada sobre isso fazia sentido.
“Se ele não a tocou, então o que provocou sua morte?” Ela se virou para Bill, que inclinou a cabeça e olhou para o céu.
“Montanhas” disse ele “Lindas!”
“Você sabe alguma coisa” Luce disse “O que é?”
Ele deu de ombros. “Eu não sei nada” disse. “Ou nada que eu possa contar.”
Um grito horrível, desolado ecoou por todo o vale. O som da agonia de Daniel ressoou, e voltou multiplicada, como se cem Daniels estivessem chorando juntos. Luce trouxe o binóculo de volta até seu rosto e o viu jogar as flores em suas mãos no chão.
“Eu preciso ir até ele” ela disse.
“Tarde demais” disse Bill “Aí vem”
Daniel se afastou da borda do penhasco. O coração de Luce bateu por medo do que ele estava prestes a fazer. Ele certamente não ia dormir. Ele teve um começo rápido, ganhando velocidade desumana pelo tempo que ele chegou a beira do precipício, e depois lançou-se no ar.

Luce esperou suas asas desfraldarem. Ela esperou pelo trovão suave de seu grande desdobramento, pela ampla abertura e pegando o ar em sua incrível glória. Ela o tinha visto voar assim no passado, e cada vez, golpeou-a em seu âmago: Como ela o amava desesperadamente.
Mas as asas de Daniel nunca dispararam de suas costas. Quando chegou à beira do precipício, ele caiu como qualquer outro garoto. Luce gritou, um grito alto, longo e apavorado, até Bill bateu com a mão suja de pedra sobre a boca. Ela jogou-o fora, correu para a beira do precipício, e se arrastou para a frente.
Daniel ainda estava caindo. Foi um longo caminho para baixo. Ela observava seu corpo ficar cada vez menor.
“Ele vai estender suas asas, não vai?” Ela engasgou. “Ele vai perceber que ele vai cair e cair até ...” Ela não conseguia nem dizer.
“Não.” Disse Bill
“Mas....”
“Ele vai bater direto no solo que fica a alguns milhares de metros de profundidade, sim” disse Bill. “Ele vai quebrar todos os ossos do seu corpo. Mas não se preocupe, ele não pode se matar. Ele apenas gostaria de poder.” Ele se virou para ela e suspirou. “Agora você acredita o seu amor?”
“Sim” Luce sussurrou, porque tudo o que ela queria fazer naquele momento era mergulhar no penhasco depois dele. Esse era o quanto ela o amava de volta.
Mas não faria nenhum bem.
“Eles estavam sendo tão cuidadoso.” Sua voz estava tensa. “Nós dois vimos o que aconteceu, Bill: nada. Ela era tão inocente. Então, como ela pode ter morrido?”
Bill deu uma risada. “Você acha que sabe tudo sobre ela, só porque você viu os últimos três minutos de sua vida do outro lado de uma montanha?”
“-Você foi quem me fez usar binóculos ... oh!” Ela congelou. “Espere um minuto!”
Alguma coisa a assombrou sobre a maneira como os olhos do seu eu passado pareciam mudar, só por um momento, logo no fim. E de repente, Luce sabia “O que a matou desta vez não era algo que eu poderia ter testemunhado, de qualquer maneira ...”
Bill girou as garras, esperando ela terminar o pensamento.
“Estava acontecendo dentro dela"

Ele aplaudiu lentamente. “Eu acho que você está pronta agora.”
“Pronta para o que?”
“Lembra o que eu mencionei para você em Helston? Depois que você falou com Roland?”
“Você discordou dele... sobre mim chegando perto dos meus eus passados?”
“Você ainda não pode reescrever a história, Luce. Você não pode mudar as narrativas. Se você tentar...”
“Eu sei, isso distorce o futuro. Eu não quero mudar o passado. Eu apenas preciso saber o que acontece... porque eu continuo morrendo. Eu pensei que era um beijo, ou um toque, ou algo físico, mas parece ser mais complicado do que isso.”
Bill puxou a sombra de trás dos pés de Luce, como um toureiro empunhando uma capa vermelha. Suas bordas piscaram com prata. “Você está pronta para colocar a sua alma, onde está sua boca?” Ele perguntou. “Você está pronta para ir em 3-D?”
“Estou pronta.” Luce abriu o Anunciador e se segurou contra o interior do vento salgado. “Espere” ela disse, olhando para Bill pairando ao seu lado. “O que é o 3-D?”
“Oscilação do futuro, garota” ele disse.
Luce deu-lhe um olhar duro.
“Ok, há um termo técnico para isso- clivagem (divisão), mas para mim, 3-D parece muito mais divertido.” Bill mergulhou dentro do túnel escuro e acenou para ela com um dedo torto. “Acredite, você vai adorar.”

DEZ

OS ABISMOS

Lhasa, Tibet • 30 de Abril de 1740

Daniel atingiu o chão correndo. O vento era dilacerante atravessando seu corpo. O Sol parecia severo de encontro a sua pele. Ele estava correndo e correndo e não tinha ideia de onde estava. Ele irrompeu de dentro do Anunciador sem saber, e embora parecesse certo em quase todos os sentidos, algo incomodava em sua memória. Alguma coisa estava errada. Suas asas. Elas estavam ausentes. Não -elas ainda estavam lá, é claro, mas ele não sentiu nenhum impulso de deixá-las sair, nenhum anseio urgente por voar. Em vez do familiar desejo para subir ao céu, a atração que ele sentiu estava abaixo. Uma memória estava surgindo na superfície de sua mente. Ele estava se aproximando de algo doloroso, à beira de algo perigoso. Seus olhos focaram no espaço a sua frente - e não viu nada além de ar. Ele se jogou para trás, braços se debatendo enquanto seus pés derrapavam ao longo do penhasco. Ele caiu no chão de costas e parou um pouco antes de cair em um insondável precipício. Ele prendeu a respiração e então rolou seu corpo em torno com cuidado para que ele pudesse espreitar sobre a borda.
Abaixo dele: um abismo estranhamente familiar. Ele estudou a vasta escuridão abaixo. Ele ainda estava lá? O Anunciador o tinha jogado aqui antes ou depois de ter acontecido?

Foi por isso que suas asas não saíram. Elas se lembraram da agonia desta vida e ficaram em seu lugar.
Tibet. Onde apenas suas palavras a mataram. A Lucinda daquela vida tinha sido criada para ser tão casta, ela nem sequer tocaria nele. Embora ele sofresse pelo desejo da sensação de sua pele na dele, Daniel tinha respeitado seus desejos. Secretamente, ele esperava que sua recusa pudesse ser uma maneira de finalmente enganar sua maldição. Mas ele havia sido um tolo novamente. É claro, tocar não era o gatilho. A punição era muito mais profunda do que isso. E agora ele estava de volta aqui, no lugar onde a morte dela o conduziu a um desespero tão esmagador que ele tentou colocar um fim a sua dor.

Como se isso fosse possível. Todo o caminho abaixo, ele tinha conhecimento que falharia. Suicídio era um luxo mortal não proporcionado aos anjos. Seu corpo tremeu com a memória. Não era apenas a agonia de todos os seus ossos destruídos, ou a maneira como a queda deixou seu corpo preto e azul. Não, isso foi o que veio depois. Ele ficou lá por semanas, seu corpo preso no vazio escuro entre dois enormes pedregulhos. Ocasionalmente ele voltava a si, mas sua mente estava tão repleta de miséria que ele não era capaz de pensar em Lucinda. Ele não era capaz de pensar sobre absolutamente nada. O que tinha sido o ponto.
Mas como era o jeito dos anjos, seu corpo se curou mais rápido e mais completamente do que sua alma jamais poderia. Seus ossos se ligaram novamente, suas feridas se fecharam em nítidas cicatrizes e, ao longo do tempo desapareceram completamente. Seus órgãos pulverizados cresceram saudáveis. Muito breve seu coração estava cheio de novo, forte e batendo.
Foi Gabbe que o encontrou depois de mais de um mês, quem o ajudou a arrastar-se para fora da fenda, quem colocou talas em suas asas e carregou ele para longe deste lugar. Ela o fez prometer jamais fazer isso novamente. Ela fez ele prometer sempre manter a esperança.
E agora ele estava aqui novamente. Ele se levantou e, mais uma vez, oscilou na borda.
“Não, por favor. Oh meu Deus, não! Eu não poderia suportar se você pulasse”.
Não era Gabbe falando com ele agora na montanha. Essa voz pingava com sarcasmo. Daniel sabia antes mesmo de se virar a quem ela pertencia. Cam recostou-se contra uma parede de altos rochedos negros. Sobre a terra incolor, ele havia espalhado um enorme tapete de oração tecido com ricos fios Borgonha e linhas ocres. Ele balançou a perna carbonizada de um iaque e arrancou um pedaço enorme de carne fibrosa.
“Oh, que diabos?” Cam encolheu os ombros, mastigando “Vá em frente e pule. Alguma última palavra que você quer eu passe para Luce?”

“Onde ela está?” Daniel começou a se dirigir a ele, suas mãos fechadas em punho. Era esse Cam se reclinando diante dele deste tempo? Ou ele era um Anacronismo, que voltou no tempo assim como Daniel? Cam jogou fora o osso de iaque no penhasco e se levantou, limpando as mãos gordurosas em sua calça jeans. Anacronismo, Daniel decidiu.
“Você acabou de perdê-la. De novo. Porque demorou tanto?” Cam estendeu um prato de estanho cheio até a borda de comida. “ Bolinho? Eles são divinos!”
Daniel derrubou o prato no chão “Porque você não a impediu?” Ele esteve no Taiti, na Prússia e agora aqui no Tibet em menos tempo que um mortal levaria pra atravessar a rua. Ele sempre sentiu como se estivesse quente na trilha de Luce. E ela sempre estava além do alcance. Como é que ela continua a ultrapassá-lo?
“Você disse que não precisava da minha ajuda”
“Mas você a viu?” Daniel perguntou
Cam assentiu com a cabeça
“Ela te viu?”
Cam balançou a cabeça.
“Bom” Daniel examinou o vazio do topo da montanha, tentando imaginar Luce lá. Ele lançou um olhar rápido ao redor à procura de vestígios dela. Mas não havia nada. Sujeira cinza, pedra preta, o corte do vento, sem vida aqui em cima de qualquer modo- parecia o mais solitário lugar do mundo.

“O que aconteceu?” ele disse fulminando Cam “O que ela fez?”
Cam caminhou em um círculo casual ao redor de Daniel “Ela, ao contrário do objeto de sua afeição, tem um impecável senso de timing. Ela chegou no momento certo para ver a sua própria morte magnífica -que é uma boa, desta vez, parece muito grande contra esta paisagem austera. Mesmo você deve ser capaz de admitir isso. Não?”
Daniel lançou seu olhar para longe.
“De qualquer forma, onde eu estava? Hmm, sua própria morte magnífica, já disse isso ... Ah sim! Ela ficou apenas tempo suficiente para ver você atirar-se sobre a borda do penhasco e esquecer de usar suas asas.
Daniel baixou a cabeça.
“Isso não desceu muito bem.”

A mão de Daniel agarrou Cam pela garganta “Você espera que eu acredite que você apenas assistiu? Que você não falou com ela? Não descobriu onde ela estava indo em seguida? Não tentou pará-la?”
Cam grunhiu e saiu do aperto de Daniel “Eu não estava nem perto dela. No momento em que cheguei a este ponto, ela se foi. Mais uma vez:. Você disse que não precisava da minha ajuda”
“Não preciso. Fique fora disso. Eu lidarei com isso sozinho”
Cam riu e caiu para trás no tapete, cruzando as pernas na frente dele. "A coisa é, Daniel - disse ele, passando um punhado de frutos secos goji nos lábios “Mesmo se eu confiasse que você poderia lidar com isso sozinho, que, com base no seu registro existente, eu não confio- ele sacudiu um dedo -você não está sozinho nessa. Todo mundo está procurando por ela.”
“O que você quer dizer com ‘todo mundo’?”
“Quando você saiu atrás de Luce na noite que nós lutamos com os Exilados, você achou que o resto de nós apenas se sentou em círculo e jogou canastra? Gabbe, Roland, Molly, Arriane e até aquelas duas crianças Nephilim idiotas- eles estão todos em algum lugar tentando encontrá-la”
“Você os deixou fazer isso?”
“Eu não sou a babá de ninguém, irmão”
“Não me chame disso” Daniel estourou “Não acredito nisso. Como eles puderam? Isso é minha responsabilidade”
“Livre arbítrio” Cam encolheu os ombros “É toda a raiva nos dias de hoje”
As asas de Daniel queimaram em suas costas, inúteis. O que ele poderia fazer sobre meia dúzia de Anacronismos estragando, por toda a parte, o passado? Seus colegas anjos caídos saberiam o quão frágil o passado era, tomariam cuidado. Mas Shelby e Miles. Eles eram crianças. Seriam imprudentes. Eles não conheceriam nada melhor. Eles poderiam destruir tudo para Luce. Eles poderiam destruir a própria Luce.
Não. Daniel não daria a eles nenhuma chance de chegar a ela antes dele. E ainda- Cam tinha feito isso. “Como posso confiar que você não interferiu?” Daniel perguntou tentando não demonstrar seu desespero.

Cam rolou os olhos “Porque VOCÊ sabe que EU sei o quanto é perigoso interferir. Nosso objetivo final pode ser diferente, mas nós dois precisamos que ela saia disso viva”
“Me escute, Cam. Tudo está em jogo aqui.”
“Não me rebaixe. Eu sei o que está em jogo. Você não é o único que já lutou por muito tempo.”
“Estou- Estou com medo” Daniel admitiu. “Se ela alterar profundamente o passado...”
“Ele pode mudar quem ela é quando ela retornar para o presente?” Cam disse. “Sim, estou com medo, também.”
Daniel fechou os olhos. “Isso significaria que qualquer chance que ela tinha de se libertar desta maldição...”
“Seria desperdiçada.”
Daniel olhou Cam. Os dois não tinham falado um com o outro assim - como irmãos - em anos. “Ela estava sozinha? Você tem certeza que nenhum dos outros já chegou a ela também?” Por um momento, Cam olhou o passado de Daniel, em um espaço no topo da montanha para além deles.

Parecia tão vazia como Daniel se sentia. A hesitação de Cam fez a parte de trás do pescoço de Daniel coçar.
“Nenhum dos outros chegou a ela” Cam disse finalmente.
“Você tem certeza?”
“Eu sou o único que a vi aqui. Você é o único que nunca aparece na hora certa. E, além disso, ela estar aqui de qualquer modo não é culpa de ninguém, além de sua.”
“Isso não é verdade. Eu não lhe mostrei como usar os Anunciadores.”
Cam riu amargamente. "Eu não quero dizer os Anunciadores, seu idiota. Quero dizer que ela acha que isso é apenas sobre vocês dois. Uma estúpida briga de amantes”

“É sobre nós dois.” A voz de Daniel era tensa. Ele teria gostado de pegar a pedra atrás da cabeça de Cam e jogá-la sobre o seu crânio.
“Mentiroso” Cam saltou de pé, fúria quente piscando em seus olhos verdes. “É muito maior, e você sabe disso.” Ele girou seus ombros para trás e desatou suas asas de mármore gigantes. Elas encheram o ar com a glória de ouro, bloqueando o sol por um momento. Quando curvaram em direção a Daniel, ele recuou, repelido. “É melhor você encontrá-la, antes que ela- ou alguém- entre e reescreva toda a nossa história. E faça você, eu, tudo isso- Cam estalou os dedos - obsoleto.”
Daniel rosnou, desfraldando suas próprias asas branco prateadas, sentindo-as se estenderem para fora e para fora em seus lados, estremecendo enquanto pulsaram perto de Cam. Ele se sentiu mais quente agora, e capaz de tudo. “Eu vou lidar com isso” ele começou a dizer.
Mas Cam já havia decolado, a reação de seu voo enviou pequenos tornados em espiral de sujeira do chão. Daniel protegeu os olhos do sol e olhou para cima como as asas de ouro batiam através do céu, então, em um instante, se foram.

ONZE

COUP DE FOUDRE

Versalhes, França • 14 de fevereiro 1723

Splash.

Luce saiu do anunciador submarino.

Ela abriu os olhos, mas a água quente nublou a visão tão bruscamente que ela prontamente fechou novamente. Suas roupas encharcadas a arrastava para baixo, de modo que ela lutou sair do casaco de vison. Quando ele afundou, ela nadou com dificuldade para a superfície, desesperada por ar.

Estava somente alguns centímetros acima da cabeça.

Ela ofegou, então seus pés encontraram o fundo e ela se levantou. Ela limpou a água de seus olhos. Ela estava em uma banheira.

É claro, era a maior banheira que ela já vira, tão grande quanto uma pequena piscina. Era em forma de rim e feita de uma suave porcelana branca e ela estava sentada sozinha no meio de uma sala gigante que parecia uma galeria em um museu. Os altos tetos eram cobertos por enormes retratos de afrescos de uma família de cabelos escuros que parecia real. Uma guirlanda de rosas douradas emoldurava cada busto e querubins gordinhos pairavam entre eles, tocando trombetas para o céu. Contra cada um das paredes, que tinha papel de parede com redemoinhos elaborados de turquesa, rosa e dourado, havia um grande armário ricamente esculpidos em madeira.

Luce mergulhou na banheira. Onde ela estava agora? Ela usou a mão para passar na superfície, partindo de cerca de cinco centímetros das bolhas de espumante com consistência de creme de Chantilly. Uma esponja do tamanho de um travesseiro flutuava em cima e ela percebeu que não tomava banho desde Helston. Ela estava imunda. Ela usou a esponja para esfregar na sua cara, em seguida, começou a trabalhar lutando com o resto da sua roupa. Ela colocou todas as roupas encharcadas sobre o lado da banheira.

Foi quando Bill flutuo lentamente até sair para fora da água do banho e pairar um pé acima da superfície. A parte da banheira da qual ele havia aparecido estava escura e turva com uma gárgula de areia.

Bill! - ela exclamou. Tenho que te dizer que eu preciso de alguns minutos de privacidade?

Ele levantou uma mão para proteger os olhos. Você já terminou de se movimentar em torno de aqui, tubarão? Com a outra mão, ele limpou algumas bolhas de sua cabeça careca.

Você poderia ter me avisado que eu estava prestes a fazer um mergulho debaixo d'água! Luce disse.

Eu avisei! Ele pulou até a borda da banheira e cambaleou através dela até que ele estava no rosto Luce. Bem quando estávamos saindo do anunciador. Você apenas não me ouvir, porque você estava debaixo d'água!

Muito útil, obrigado.

Você precisava de um banho, de qualquer maneira, disse ele. Esta é uma grande noite para você, querida.

Por que? Que está acontecendo?

Que está acontecendo, ela pergunta! Bill agarrou seu ombro. Somente o mais grandioso baile desde que o Rei Sol saiu! E eu digo, que esse acontecimento tem como anfitrião seu gorduroso filho na puberdade? Isso ainda vai ser sobre o maior e mais espetacular salão de baile de Versalles. Todo muito vai estar lá!

Luce encolheu os ombros. Um baile soava bem, mas não tinha nada a ver com ela.

Eu vou esclarecer, Bill disse. Todo mundo vai estar lá incluindo Lys Virgily. A princesa de Savoy? Soa familiar? Ele tocou no nariz de Luce. Essa é você.

Hum. Luce disse, deslizando a cabeça para trás para descansar contra a parede da banheira com espuma. Soava como uma grande noite para ela. Mas o que eu devo fazer enquanto eles estão todos no baile?

Veja, lembra quando eu lhe disse...

A maçaneta na porta do grande banheiro começou a virar. Bill olhou para dela, gemendo. Isso continua.

Quando a porta se abriu, ele tapou o seu nariz pontudo e desapareceu sob a água. Luce se contorceu e nadou para o outro lado da banheira. Ele ressurgiu, olhou para ela, e começou a flutuar de costas através da espuma.

Bill podia ser invisível para a menina bonita com cachos cor de milho que estava de pé na porta em um longo cor de uva, mas não era para Luce. Vendo de alguém na banheira, a garota recuou.

Oh, Princesa Lys! Perdoe-me! Ela disse em francês. Foi me dito que esta câmara estava vazia. Eu... eu ia preparar um banho para a princesa Elizabeth. Ela apontou para a banheira onde Luce estava imersa. e estava prestes a mandá-la para cima junto com suas damas.

- Bem. Luce elaborou em seu cérebro, desesperada porque saiu mais real do que ela sentia. Você não pode enviá-la para cima. Nem suas damas. Este é o meu quarto, onde eu pretendia banhar me em paz.

Peço perdão, a menina disse, curvando-se, - mil vezes.

Está tudo bem, Luce disse rapidamente quando viu o desespero honesto da menina. Só deve ter sido apenas um mal entendido.

A menina se curvou e começou a fechar a porta. Bill espiou a cabeça com chifres acima da superfície da água e sussurrou: roupa! Luce usou seu pé descalço para empurrá-lo para baixo.

Espere! Luce chamou depois a menina, que lentamente abriu a porta novamente. Eu preciso de sua ajuda. Para me vestir para o baile.

Que aconteceu com suas damas, a princesa Lys? Estão Agatha ou Eloise...

Não, não. As meninas e eu tivemos uma briga, Luce apressou-se, tentando não falar muito por medo de se entregar completamente. Elas escolheram o mais, hum, horrível vestido para eu usar. Então eu as despedi. É um baile importante, você sabe.

Sim, princesa.

Poderia encontrar alguma coisa para mim? Luce perguntou a menina, fazendo um gesto com a cabeça para o armário.

Eu? Ajudá-la a vestir-se?

Você é a única aqui, não? Luce disse, esperando que algo no armário servisse nela. E que parecesse decente para o baile. Qual é seu nome?

Anne Marie, Princesa.

Ótimo. Luce disse, tentando canalizar Lucinda de Helston simplesmente agindo com auto importante. E ela fez um pouco de Shelby com atitude de sabe tudo para uma boa medida. Se apresse, Anne Marie. Eu não vou chegar atrasada por causa de sua lentidão. Seja boa e me traga um vestido.

***

Dez minutos depois, Luce estava diante de um espelho de três placas expansivo, admirando o corte do busto do vestido o primeiro que Anne Marie tinha puxou do armário. O vestido era feito de camadas de tafetá preto, firmemente apertado na cintura, em seguida, abria gloriosamente em forma de sino largo perto do chão. O cabelo de Luce tinha sido puxado para acima em uma volta, debaixo do uma peruca escura de pesados de cachos elaborados. Seu rosto brilhava com uma camada de pó e ruge. Ela estava usando roupas íntimas tantas que me sentia como se alguém tivesse envolto um peso de vinte quilos sobre seu corpo. Como as meninas se moviam nessas coisas? Sobre tudo, dançavam?

Quando Anne Marie puxou o espartilho apertado em torno de seu torso, Luce viu seu reflexo. A peruca fez parecer cinco anos mais velha. E ela tinha certeza que ela nunca aparentara assim antes. Em qualquer de suas vidas.

Por um breve momento, ela se permitiu esquecer seus nervos sobre o encontro de seu próprio passado como princesa e se ela ia encontrar Daniel novamente antes que ela fizesse uma enorme bagunça em seu amor. E simplesmente sentiu o que qualquer outra garota que ai ao baile naquela noite deve ter se sentido: a respiração estava exagerada em um vestido tão maravilhoso como este.

Você está pronta, princesa. Anne Marie sussurrou reverentemente. Vou sair, se me permitir.

Assim que Anne Marie fechou a porta atrás dela, Bill impulsionou-se para fora da água, o enviou um spray frio de espuma de sabão para todos os lado da sala. Ele navegou ao longo dos armário e fio descansar sobre um pequeno tamborete de seda turquesa. Ele apontou para o vestido de Luce, a peruca e então de novo o vestido. Ooh la la. Muito sexy.

Você não viu os meus sapatos. Ela levantou a bainha da saia para mostrar um par pontiagudos de sapatos verde esmeralda saltos com pequenas flores de jade. Eles combinavam com a renda verde esmeralda que recortava o busto do vestido dela e eram facilmente os sapatos mais incríveis que ela já tinha visto, muito menos caiu em seus pés.

Oooh! Bill gritou. Muito rococó.

Então, eu realmente fazer isto? Eu só vou ir lá e fazer de conta...

Não fazer de conta. Bill sacudiu a cabeça. A própria. Própria clivagem, menina, você sabe que você quer.

Ok, eu estou fingindo que você não disse isso. Luce começou a rir e fez uma careta. Então assim que eu descer as escadas farei como ela própria ou o que seja. Mas o que eu faço quando eu encontrar o meu próprio eu passado? Não sei nada sobre ela. Eu só...

Tome sua mão, Bill disse enigmaticamente. Ela vai estar muito emocionada pelo gesto, eu tenho certeza.

Bill estava insinuando alguma coisa, claramente, mas Luce não entendeu. Então se lembrou de suas palavras bem antes de se lançar através do último anunciador.

Me fale sobre ir em 3-D.

Aha. Bill fez uma mimica encostado numa parede invisível no ar. Suas asas eram difusas quando ele voou na frente dela. Você sabe como algumas coisas são muito fora deste mundo para ser imobilizadas por maçantes palavras antigas? Como, por exemplo, a maneira que você desmaia quando Daniel dá para um longo beijo, ou a sensação de calor que se espalha através de seu corpo quando desfralda as asas em uma noite escura.

Não faça isso. A mão de Luce foi para o seu coração involuntariamente. Havia palavras que jamais poderia fazer justiça ao que Daniel a fazia sentir. Bill estava tirando sarro dela, mas isso não significa que doía menos ficar longe de Daniel por tanto tempo.

Mesma coisa com 3-D. Você apenas tem que vivê-la para entender.

Assim que Bill abriu a porta para Luce, os sons da música da orquestra distante e o educado murmúrio de uma grande multidão inundou a sala. Ela sentiu algo puxando lá para baixo. Talvez fosse Daniel. Talvez fosse Lys.

Bill se inclinou no ar. Depois de você, princesa.

Ela seguiu o barulho até duas grandes e sinuosas escadas douradas, a música ficava mais alta a cada passo. A medida que ela avançava de galeria vazia após galeria vazia, ela começou a cheirar os aromas deliciosos de codorna assada, maçãs cozidas e batatas au gratin. E perfume, até o ponto de mal puder inalar sem tossir.

Agora você não está feliz que eu te fiz tomar um banho? Bill perguntou. Uma garrafa a menos de eau de reekette fazendo buracos na camada ozônio.

Luce não respondeu. Ela havia entrado em um longo corredor de espelhos, e na frente dela, um par de mulheres e um homem estavam cruzando para a entrada de uma sala principal. As mulheres não andavam, elas deslizavam. Seus vestidos amarelo e azul praticamente balançavam pelo chão. O homem caminhou entre elas, sua camisa branca de babados atraentes sob o paletó prata longo e saltos quase tão altos quanto os dos sapatos de Luce. Todos os três usavam perucas centímetros mais alto que a cabeça de Luce, que sentia enorme e pesando uma tonelada. Os observando, Luce se sentiu desajeitada, a maneira como suas saias oscilavam de um lado para outro enquanto caminhava.

Eles se voltaram para olhar para ela e todos os três pares de olhos se estreitaram, como se pudessem dizer imediatamente que ela não tinha sido criada para frequentar os bailes da alta sociedade.

Ignore-os, Bill disse. Há esnobes em cada vida. No final, eles não tem nada em você.

Luce acenou com a cabeça, indo atrás do trio, que passou por um conjunto de portas espelhadas para o salão. O salão de baile final. O salão de baile para acabar com todas salas de baile.

Luce não pode deter a si mesma. Ela parou em seu caminho e sussurrou: Wow.

Era majestosa: Uma dúzia de lustres pendurados no teto distante, brilhando com brilhantes velas brancas. Onde as paredes não eram feitas de espelhos, estavam cobertas de ouro. A pista de dança de parquet parecia se estender sobre para a cidade próxima, e na laterais da pista de dança estavam longas mesas cobertas de linho branco, posta com talheres finos e porcelana, pratos de bolos e cookies, e grandes taças de cristal cheias de vinho de cor rubi. Milhares de narcisos brancos apareciam para fora de centenas de vasos vermelhos escuro colocados sobre as dezenas de mesas de jantar.

Do outro lado da sala, uma linha de muito bem vestidas mulheres jovens estavam se formando. Havia cerca de dez delas de pé juntas, cochichando e rindo em frente de uma grande porta de ouro.

Outra multidão se reuniu em torno de um enorme recipiente de cristal cheio de ponche perto da orquestra. Luce serviu-se de um copo.

Com licença? ela pediu a um par de mulheres ao lado dela. Seus artísticos cachos cinzas formavam torres gêmeas em suas cabeças. Por que as meninas estão na fila?

Por que, para agradar o rei, claro. Uma mulher deu uma risadinha. Aquelas demoiselles estão aqui para ver se ele pode agradar-se e se casar.

Casamento? Mas pareciam tão jovem. De repente a pele de Luce começou a ficar quente e arrepiada. Em seguida, ela se deu conta: Lys estava na fila.

Luce engoliu em seco e estudou cada uma das mulheres jovens. Lá estava ela, terceira na linha, magnificamente envolta em um longo vestido preto apenas ligeiramente diferente do que Luce usava. Os ombros estavam cobertos com um xale de veludo preto, e seus olhos nunca se levantaram do chão. Ela não estava rindo com as outras meninas. Ela parecia tão frustrada quanto Luce se sentida.

Bill. Luce sussurrou.

Mas o gárgula voou bem na frente de seu rosto e ela silenciou com um dedo nos lábios de pedra grossa. Somente os loucos falam com os seus gárgulas invisível, ele sibilou, e loucos não são convidados para muitos bailes. Agora, silencio.

Mas o que dizer...

Shhhhhh

E quanto ao 3-D?

Luce respirou fundo. A última instrução que ele lhe dera era tomar Lys pela mão...

Ela caminhou ao longo, cruzando a pista de dança e ignorando os criados com suas bandejas com foie gras e Chambord. Ela esteve prestes a jogar na garota atrás Lys, que estava tentando cortar à frente de Lys na fila fingindo sussurrar algo para uma amiga.

Desculpe-me, Luce disse a Lys, cujos olhos se arregalaram e cujos lábios entreabertos e deixar um pequeno som confuso escapar de sua boca.

Mas Luce não podia esperar por Lys para reagir. Ela se abaixou e agarrou-a pela mão. Se encaixava em sua própria como uma parte de um quebra cabeças. Ela apertou.

O estômago de Luce caiu como se ela descesse a primeira descida da uma montanha russa. Sua pele começou a vibrar e uma sonolenta sensação de balançando suavemente tomou conta dela. Sentiu a vibração das pálpebras, mas algum instinto lhe disse para continuar segurando a mão de Lys.

Ela piscou e Lys piscou e depois ambas piscaram ao mesmo tempo e do outro lado do piscar, Luce

podia ver-se nos olhos de Lys e então pode ver Lys de seus próprios olhos e então.

Ela não podia ver ninguém à sua frente em tudo.

Oh! ela gritou, e sua voz soou como sempre. Ela olhou para suas mãos, que pareciam como sempre. Ela estendeu a mão e sentiu seu rosto, seu cabelo, a peruca, sentia a mesma que tinha antes. Mas algo algo havia mudado.

Ela levantou a bainha de seu vestido e olhou para baixo em seus sapatos.

Eles eram magenta. Com diamante em forma de saltos altos, e amarrados no tornozelo com um arco de prata elegante.

O que ela tinha feito?

Então, ela percebeu o que Bill queria dizer com "ir para 3-D".

Ela literalmente entrou no corpo de Lys.

Luce olhou à sua volta, aterrorizada. Para seu horror, todas as outras meninas na linha estavam imóveis. Na verdade, todas que olharam para Luce estavam congeladas. Era como se todo o baile tivesse sido colocado em pausa.
"Vê?" A voz de Bill veio quente em seu ouvido. "Não há palavras para isso, certo?"

"O que está acontecendo, Bill?" Sua voz estava subindo.

"Neste momento, não muita coisa. Eu tive que colocar um freio na festa, para você não surtar. Assim que estivermos bem com essa coisa de três D, eu vou reiniciar. "

"Então ... ninguém pode ver isso agora?" Luce perguntou, acenando com a mão lentamente na frente do rosto da menina morena bonita que estava de pé na frente de Lys. A moça não vacilou. Ela não piscou. Seu rosto estava congelado em um sorriso sem fim boquiaberto.

"Não". Demonstrado, Bill passou sua língua, perto da orelha de um homem mais velho, que estava congelado com um escargot entre seus dedos, a centímetros da sua boca. "Não até que eu estale os dedos."

Luce exalou, mais uma vez estranhamente aliviada por ter a ajuda de Bill. Ela precisava de alguns minutos para se acostumar com a ideia de que ela estava, realmente estava –
"Estou dentro do meu próprio passado", disse ela.

"Sim".

"Então onde é que eu vou? Onde está o meu corpo? "

"Você está em algum lugar." Ele bateu em sua clavícula. "Você vai sair de novo quando – Bem, quando for a hora certa. Mas, por agora, você está inteiramente dentro do seu passado. Como uma tartaruga bonitinha em uma casca emprestada. Exceto que é mais do que isso. Quando você está no corpo de Lys, seus sentimentos estão interligados, então todos os tipos de coisas boas vem com o pacote. Suas memórias, suas paixões, suas maneiras – sorte para você. É claro, você também tem que lidar com suas imperfeições. Esta, se bem me lembro, coloca o pé na boca com alguma regularidade. Portanto, esteja atenta. "

"Impressionante", sussurrou Luce. "Então, se eu pudesse encontrar Daniel, eu seria capaz de sentir exatamente o que ela sente em relação a ele."

"Claro, eu acho, mas você percebe que uma vez que eu estalar os dedos, Lys tem obrigações nesta festa que não incluem Daniel. Esta não é realmente sua cena, e com isso quero dizer, de jeito nenhum os guardas deixariam um rapaz pobre estar aqui. "

Luce não se importava com nada disso. Menino pobre ou não, ela iria encontrá-lo. Ela não podia esperar. Dentro do corpo de Lys ela poderia abraçá-lo, talvez até beijá-lo. A antecipação era quase irresistível.

"Olá?" Bill bateu um dedo duro contra a sua testa. "Você já está pronta? Chegar lá, ver o que você pode ver – então sair quando as coisas estiverem ficando boas, se é que você me entende."

Luce assentiu. Ela se endireitou no vestido preto de Lys e segurou a cabeça um pouco acima. "Pronto."

"E ... vai." Bill estalou os dedos.

Por uma fração de segundo, a festa arranhou como um disco riscado. Em seguida, cada sílaba de conversa, cada lufada de perfume sendo carregada através do ar, cada gota de saliva deslizando garganta abaixo, cada nota musical de cada músico na orquestra, recomeçaram, e continuaram como se nada no mundo tivesse acontecido.

Apenas Luce havia mudado. Sua mente estava fervilhando com mil palavras e imagens. Uma casa de campo em expansão com telhados de palha na sopé dos Alpes. Um cavalo castanho chamado Gauche. O cheiro de palha em toda parte. Uma longa peônia branca deitada em seu travesseiro. E Daniel. Daniel. Daniel. Voltando com quatro baldes pesados de água, equilibrados por um cabo de madeira através de seu ombros. Encilhando Gauche, a primeira coisa que fazia todas as manhãs, para que Lys pudesse levá-lo para um passeio. Quando não fazia pequenos, e encantadores favores para Luce, Daniel não a esquecia, mesmo no meio de todo o trabalho que ele fazia para seu pai. Seus olhos violeta a encontravam sempre. Daniel em seus sonhos, no seu coração, em seus braços. Era como os flashes de memórias de Luschka que tinham chegado a ela em Moscou quando ela tocou a porta da igreja, mas mais forte, mais avassalador, intrinsecamente uma parte dela.

Daniel estava aqui. Nos estábulos ou no quarto dos empregados. Ele estava aqui. E ela iria encontrá-lo.

Algo roçou perto do pescoço de Luce. Ela pulou.

"Só eu." Bill esvoaçava por cima de sua capeleta. "Você está indo muito bem."

As grandes portas de ouro do salão foram abertas por dois servos, que pararam em guarda em ambos os lados. As meninas na fila com Luce começaram a rir de excitação, e depois um silêncio varreu a sala. Enquanto isso, Luce estava procurando o caminho mais rápido para dar o fora daqui e ir para os braços de Daniel.

"Foco, Luce," Bill disse, como se estivesse lendo sua mente. "Você está prestes a ser posta em serviço."

As cordas da orquestra começaram a tocar os primeiros acordes barrocos do Ballet de Jeunesse, e

toda a sala mudou sua atenção.
Luce seguiu o olhar de todo mundo e suspirou: Ela reconheceu o homem que estava ali na porta, olhando a festa com um tapa-olho.

Era o duque de Bourbon, o primo do rei.
Ele era alto e magro, murcho como uma planta de feijão em uma seca. Seu terno de veludo azul mal ajustado estava ornamentado com uma faixa lilás para combinar com as meias cor de malva em seu fino tornozelo. Sua peruca ostensiva seu rosto branco leitoso eram excepcionalmente feios.
Ela não reconheceu o duque de alguma fotografia em um livro de história. Ela sabia demais sobre ele. Ela sabia de tudo. Como a forma como as damas de companhia reais trocavam piadas picantes sobre o triste tamanho do cetro do duque. Sobre como ele tinha perdido aquele olho (acidente de caça, em uma viagem que ele se juntou para apaziguar o rei). E sobre como agora, o duque ia mandar as meninas a quem ele havia pré-selecionado como materiais adequados de casamento para o rei de doze anos, esperando lá dentro.

E Luce – não – Lys era uma dos favoritas do duque para preencher a vaga. Essa era a razão para o sentimento pesado e dor no peito: Lys não poderia se casar com o rei, porque ela amava Daniel. Ela o amava apaixonadamente há anos. Mas nesta vida, Daniel era um servo, e foram forçados a esconder seu romance. Luce sentiu o medo paralisante de Lys – que se ela chamasse a atenção do rei esta noite, toda a esperança de ter uma vida com Daniel desapareceria.

Bill tinha avisado a ela que ir 3-D seria intenso, mas não havia maneira de Luce ter se preparado para o ataque de tanta emoção: Todo o medo e a dúvida de que já tinha passado pela cabeça de Lys inundava Luce. Toda as esperanças e sonhos. Era demais.

Ela suspirou e olhou ao seu redor para o baile, para qualquer lugar, exceto para o duque. E percebeu que ela sabia tudo que havia para saber sobre este tempo e lugar. De repente, ela entendeu por que o rei estava procurando uma esposa, embora ele já estivesse comprometido. Ela reconheceu a metade das faces se movendo ao seu redor no salão de baile, conhecia suas histórias e sabia quais invejavam ela. Ela sabia como ficar no vestido de espartilho para que pudesse respirar confortavelmente. E ela sabia que, a julgar pelos olhos qualificados que ela lançou sobre os dançarinos, que Lys tinha sido treinada na arte da dança de salão desde a infância.
Era uma sensação estranha, estar no corpo de Lys, como se Luce fosse o fantasma e a mal-assombrada.

A orquestra chegou ao final da canção, e um homem perto da porta deu um passo à frente para ler um pergaminho. "Princesa Lys de Savoy."

Luce levantou a cabeça com mais elegância e confiança do que ela esperava, e aceitou a mão do jovem no colete verde pálido que apareceu para acompanhá-la à sala de recepção do rei.
Uma vez dentro da sala totalmente pastel e azul, Luce tentou não olhar para o rei. Sua alta peruca cinza parecia boba colocada sobre sua pequena e desenhada face. Seus olhos azul pálidos passaram na linha de duquesas e princesas – todas bonitas, todas vestidas primorosamente – da maneira como um homem privado de alimentos pode olhar para um porco no espeto.

A figura no trono era pouco mais que uma criança. Louis XV tinha assumido a coroa quando ele tinha apenas cinco anos de idade. Em conformidade com os desejos de seu pai moribundo, ele tinha sido prometido em casamento para a Princesa Espanhola, a infante. Mas ela ainda era quase um bebê. Era um jogo feito no Inferno. O jovem rei, que era frágil e doente, não era estimado para viver o tempo suficiente para produzir um herdeiro com a Princesa espanhola, que poderia morrer também antes de chegar à idade de engravidar. Então o rei tinha de encontrar uma companheira para produzir um herdeiro. Explicava esta festa extravagante, e as senhoritas alinhadas em exibição.

Luce mexia com as rendas em seu vestido, sentindo-se ridícula. As outras meninas pareciam tão pacientes. Talvez elas realmente quisessem se casar com o cheio-de-acne de doze anos de idade, o Rei Louis, embora Luce não via como isso era possível. Estavam todas tão elegantes e bonitas. Da Princesa russa, Elizabeth, cujo vestido de veludo safira tinha um colar aparado em pele de coelho, até Maria, a princesa da Polônia, cujo pequena nariz de botão e boca vermelha cheia a faziam vertiginosamente atraente, todas elas olhavam para o menino rei com olhos grandes e esperançosos. Mas ele estava olhando direto para Luce. Com um sorriso de satisfação que a fez virar o estômago.

"Aquela". Ele apontou para ela preguiçosamente. "Deixe-me vê-la de perto."

O duque apareceu ao lado de Luce, gentilmente empurrando os ombros para a frente com seus dedos longos e gelados. "Apresente-se, princesa", disse ele silenciosamente. "Esta é uma oportunidade única na vida".

A sua parte Luce gemeu interiormente, mas do lado de fora, Lys estava no comando, e ela praticamente flutuou em frente para saudar o rei. Ela reverenciou com uma curva perfeitamente adequada de cabeça, estendendo a mão para o seu beijo. Era o que sua família esperava dela.

"Você vai engordar?" O rei deixou escapar a Luce, olhando o corset comprimido em sua cintura. "Gosto da maneira como ela parece agora", disse ao duque. "Mas eu não quero que ela engorde. "

Se ela estivesse em seu próprio corpo, Luce poderia ter dito ao rei exatamente o que ela achava de seu físico pouco atraente. Mas Lys tinha uma perfeita compostura, e Luce sentiu-se responder: "Eu espero sempre agradar o rei, com a minha aparência e com o meu temperamento."

"Sim, claro", o duque ronronou, andando em um círculo apertado em torno de Luce. "Tenho certeza que Sua Majestade poderia manter a princesa na dieta de sua escolha. "

"E sobre caçar?" O rei perguntou.

"Sua Majestade", o duque começou a dizer, "não é condizente com uma rainha. Você tem uma abundância de outros companheiros de caça. Eu, por exemplo –"

"Meu pai é um excelente caçador", disse Luce. Seu cérebro estava girando, trabalhando em direção a algo qualquer coisa, que poderia ajudá-la escapar desta cena.

"Devo ir para cama com seu pai, então?" O rei zombou.

"Sabendo suas armas de preferência Majestade", disse Luce, esforçando-se para manter o tom educado, "eu lhe trouxe um presente – o rifle de caça que meu pai mais valoriza. Ele me pediu para trazer para você esta noite, mas eu não tinha certeza de quando eu teria o prazer de fazer conhecê-lo. "

Ela tinha toda a atenção do rei. Ele estava na beira do seu trono.

"Como parece? Existem joias no cabo? "

"O ... o cabo é entalhado à mão em madeira de cerejeira", disse ela, alimentando o rei com detalhes que Bill falava, parado do lado da cadeira de rei. "O cano foi construído por – por–"
"Oh, o que seria impressionante? Por um metalúrgico russo, que desde então passou a trabalhar para o czar. "Bill inclinou-se para o pastel do rei e cheirou com fome. "Este parece suculento."
Luce repetido a frase de Bill e, em seguida acrescentou: "Eu poderia trazê-lo à Sua Majestade, se

você me permitisse ir recuperá-lo da minha câmara– ”

"Um servo pode trazer a arma amanhã, tenho certeza", disse o duque.

"Eu quero vê-la agora." O rei cruzou os braços, parecendo ainda mais jovem do que era.

"Por favor." Luce virou-se para o duque. "Me daria grande prazer apresentar o rifle à Sua Majestade."
"Vá". O rei estalou os dedos, dispensando Luce.

Luce queria girar em seu calcanhar, mas Lys sabia melhor que ninguém nunca mostrar as costas ao rei e ela inclinou-se e caminhou para trás para fora da sala. Ela mostrou a compostura mais graciosa, deslizando ao longo da sala como se ela não tivesse nenhum pé – até que ela chegou ao outro lado da porta espelhada.

Então ela correu.

Através do salão de baile, os casais dançando passadas esplêndidas e a orquestra zumbindo na sala pastel amarela. Ela passou correndo por senhores engasgando e Senhoras grunhindo, mais portas espessas de madeira, opulentos tapetes persas, até as luzes diminuírem e os foliões sumissem, e finalmente ela encontrou as portas com grades que a levariam para fora. Ela empurrou-as, abrindo-as e ofegando em seu corset para sentir o ar fresco da liberdade em seus pulmões. Ela caminhou até uma varanda enorme feita de mármore branco brilhante que tinha sido feita em torno de todo o segundo andar o palácio.

A noite estava brilhante com estrelas, tudo que Luce queria fazer era estar nos braços de Daniel e voar em direção as estrelas. Se ele apenas estivesse aqui para levá-la para longe de tudo isso-

"O que você está fazendo aqui?"

Ela virou-se. Ele veio para ela. Ele estava do outro lado da varanda com roupas simples de servo, olhando confuso e alarmado e tragicamente, perdidamente apaixonado.

"Daniel". Ela correu na direção dele. Ele moveu-se para ela, também, seus olhos violeta iluminando, ele abriu os braços, radiante. Quando eles finalmente se alcançaram, Luce foi embrulhada em seus braços, ela pensou que poderia explodir de felicidade.
Mas ela não explodiu.

Ela só ficou lá, com a cabeça enterrada no peito dele, maravilhosamente amplo. Ela estava em casa. Seus braços estavam envolvidos em torno de costas, descansando na cintura, e ele puxou-a tão próxima dele quanto possível. Ela sentiu-o respirar, e sentiu o cheiro do perfume da palha em seu pescoço. Beijou logo abaixo da orelha esquerda, depois debaixo de seu queixo. Gentis, suaves beijos até chegar em seus lábios, que se separaram contra sua própria vontade. Em seguida, os beijos se tornaram mais longos, cheios de um amor que parecia transbordar das profundezas da sua alma.

Depois de um momento, Luce se afastou e olhou nos olhos de Daniel. "Eu senti tanto a sua falta." Daniel riu. "Eu senti também, nestas últimas... três horas. Você está bem? "

Luce correu os dedos pelos cabelos loiros e sedosos de Daniel. "Eu só precisava tomar um ar, para encontrá-lo." Apertou-o com força.

Daniel apertou os olhos. "Eu não acho que você deveria estar aqui fora, Lys. Eles devem estar esperando você de volta na sala de recepção. "

"Eu não me importo. Eu não vou voltar lá. E eu nunca iria casar com aquele porco. Eu nunca vou casar com ninguém além de você. "

"Shhh". Daniel estremeceu, acariciando seu rosto. "Alguém pode ouvi-la. Eles cortam cabeças por menos que isso. "

"Alguém já ouviu você", uma voz chamou da porta aberta. O duque de Bourbon ficou com os braços cruzados sobre o peito, sorrindo com a visão de Lys nos braços de um funcionário comum. "Acredito que o rei deveria ouvir isso." E então ele se foi, desaparecendo dentro do palácio.
O coração de Luce disparou, impulsionada pelo medo de Lys e dela própria: E se ela tivesse alterado a história? A vida de Lys deveria proceder de forma diferente?

Mas Luce não poderia saber, ela podia? Isso foi o que Roland tinha dito a ela: As mudanças que ela fizesse no tempo, seriam imediatamente parte do que tinha acontecido. Ainda assim Luce estava aqui, então se ela tinha mudado a história, deixando de lado o rei, bem, isso não pareceu importar para a Lucinda Price no século XXI.

Quando ela falou com Daniel, sua voz era firme. "Eu não me importo se que Duque me mate. Prefiro morrer do que desistir de você. "

Uma onda de calor varreu-a, fazendo-a balançar onde ela estava. "Oh," ela disse, apertando a mão em sua cabeça. Ela tinha um reconhecimento distante, como algo que ela tinha visto mil vezes antes, mas nunca tinha prestado atenção.

"Lys", ele sussurrou. "Você sabe o que está vindo?"

"Sim", ela sussurrou.

"E você sabe que eu estarei com você até o fim?" Os olhos de Daniel olhavam dentro dela, cheios de ternura e preocupação. Ele não estava mentindo para ela. Ele nunca mentiu para ela. Ele nunca faria. Ela sabia que agora, podia vê-lo. Ele revelou apenas o suficiente para mantê-la viva mais uns momentos, para sugerir tudo o que Luce já estava começando a aprender sozinha.

"Sim." Ela fechou os olhos. "Mas há tanta coisa que eu ainda não entendo. Eu não sei como impedir que isso aconteça. Eu não sei como quebrar essa maldição. "

Daniel sorriu, mas haviam lágrimas em seus olhos cheios.

Luce não tinha medo. Sentia-se livre. Mais livre do que ela já tinha sentido antes.
Uma estranha, e profunda compreensão desbroava em sua memória. Algo que se tornava visível na névoa de sua cabeça. Um beijo de Daniel abriria uma porta, liberando-a de um casamento sem amor e de uma criança malcriada, da jaula do corpo. Este corpo não era quem ela realmente era.
Era apenas uma casca, parte de um castigo. E assim, a morte deste corpo não era uma tragédia, era simplesmente o fim de um capítulo. A bela libertação necessária.

Passos soaram na escada atrás deles. O duque retornava com seus homens. Daniel agarrou seus ombros.
"Lys, escute-me"

"Beije-me", ela implorou. O rosto de Daniel mudou, como se ele não precisasse ouvir mais nada. Ele ergueu-a do chão e esmagou-a contra seu peito. Um formigamento de calor percorria seu corpo enquanto ela o beijava mais e mais profundamente, deixando-se ir completamente. Ela arqueou as costas e inclinou a cabeça para o céu e beijou-o até que ela estava tonta. Até traços escuros de sombras girarem enegrecendo as estrelas. Uma sinfonia obsidiana. Mas por trás disso: havia luz. Pela primeira vez, Luce podia sentir a luz brilhando através.
Era absolutamente glorioso.
Era hora de ela ir.
Saia quando as coisas estiverem ficando boas, Bill tinha avisado a ela. Enquanto ela ainda estava viva.

Mas ela não podia sair ainda. Não enquanto tudo estava tão quente e encantador. Daniel ainda beijando-a, com uma paixão selvagem. Ela abriu os olhos e as cores de seu cabelo e seu rosto queimavam, e a noite estava mais brilhante e mais bonita, iluminada por um brilho intenso. Radiância que estava vindo do profundo interior de si mesma.

Com cada beijo, todo o seu corpo ia se aproximando da luz. Esta era a única forma verdadeira de volta para Daniel. De uma vida mundana para outra. Luce ficaria feliz em morrer mil vezes, contanto que ela pudesse estar com ele novamente.

"Fique comigo", Daniel implorou enquanto ela sentia-se incandescer.

Ela gemeu. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. O sorriso mais macia separou seus lábios.

"O que é isso?" Daniel perguntou. Ele não parava de beijá-la. "Lys?"

"É ... tanto amor", disse ela, abrindo os olhos, assim que o fogo floresceu através de seu peito. Uma grande coluna de luz explodiu na noite, lançando calor e chamas no alto do céu, tirando Daniel do chão, tirando Luce da morte de Lys e a jogando na escuridão, onde estava gelada e não conseguia ver nada. Uma onda de vertigem passou por ela.

Então: o menor lampejo de luz.

O rosto de Bill apareceu, pairando sobre Luce com um olhar preocupado. Ela estava deitada de bruços em uma superfície plana. Ela tocou a pedra lisa por baixo dela, ouviu a água escorrendo por perto, cheirou o ar mofado. Ela estava dentro de um Anunciador.

"Você me assustou", disse Bill. "Eu não sabia ... Quer dizer, quando ela morreu, eu não sabia ... não sabia se talvez você pudesse estar presa de alguma forma. ... Mas eu não tinha certeza. "Ele balançou a cabeça como se para banir o pensamento.

Ela tentou se levantar, mas suas pernas estavam bambas e tudo nela parecia incrivelmente frio. Ela se sentou com as pernas cruzadas contra o muro de pedra. Ela estava de volta ao vestido de preto com a guarnição verde-esmeralda. As sandálias verde-esmeralda estavam lado a lado no canto. Bill deve ter tirado-as de seus pés deitou depois que ela ... depois que Lys ... Luce ainda não podia acreditar.

"Eu podia ver as coisas, Bill. Que eu nunca soube antes. "

"Como?"

"Como ela estava feliz quando ela morreu. Eu estava feliz. Êxtase. A coisa toda era tão bonita. "Sua

mente correu. "Sabendo que ele estaria lá para mim do outro lado, sabendo que tudo o que eu estava fazendo era escapando do opressivo. Que a beleza do nosso amor dura além da morte, tudo suporta. Foi incrível. "

"Incrivelmente perigoso", disse Bill brevemente. "Não vamos fazer isso de novo, ok?"

"Você não entendeu? Desde que fugi do Daniel no presente, esta é a melhor coisa que aconteceu comigo. E-"

Mas Bill tinha desaparecido na escuridão novamente. Ela ouviu o barulho da cachoeira. Um momento depois, o som de água a ferver. Quando Bill reapareceu, ele tinha feito chá. Ele levou o pote em uma bandeja de metal fina e entregou a Luce uma caneca fumegante.

"Onde você conseguiu isso?", Perguntou ela.

"Eu disse, não vamos fazer isso de novo, ok?"

Mas Luce estava muito envolta em seus próprios pensamentos para realmente ouvi-lo. Isto era o mais próximo que ela conseguiria ver qualquer tipo de clareza. Ela iria 3-D – como ele tinha chamado? Clivagem? – de novo. Ela veria as vidas através de suas extremidades, uma após a outra até que em uma dessas vidas, ela descobriria exatamente por que isso aconteceu.

E depois ela quebraria essa maldição.

DOZE

O PRISIONEIRO

PARIS, FRANÇA • 01 dezembro de 1723

Daniel maldito.

O anunciador o tinha despejado para fora em uma cama de palha suja. Ele rolou e sentou-se, com as costas contra a parede gelada de pedra. Algo do teto estava pingando gotas frias, tinha óleo sobre a testa, mas não havia luz suficiente para ver o que era.

Em frente dele estava uma fenda aberta de uma janela, grosseiramente cortada na pedra e quase não tão larga o suficiente para passar um punho completamente. Deixando entrar apenas uma pequena parte da luz do luar, mas o suficiente do ar da noite tempestuosa para baixar a temperatura perto de zero.

Ele não podia ver os ratos correndo no cubículo, mas ele podia sentir seus corpos viscosos se contorcendo através da palha mofada sob seus pés. Ele podia sentir seus dentes serrilhados e

irregulares no couro de seus sapatos. Ele mal podia respirar o fedor dos seus resíduos. Ele chutou um e ouviu um guincho. Então ele se endireitou debaixo dele e se levantou sobre seus quadris.

-Você está atrasado.

A voz ao lado de Daniel o fez saltar. Ele tinha presumido sem cuidado que ele estava sozinho. A voz era um sussurro seco e áspero, mas de alguma forma ainda familiar.

Então veio um som de raspagem, como o metal sendo arrastado através de pedra. Daniel se enrijeceu quando uma parte mais escura da sombra destacou-se da escuridão e se inclinou para frente. A figura mudou-se para a luz pálida cinza sob a janela, onde, finalmente, a silhueta de um rosto tornou-se vagamente visível.

Seu próprio rosto.

Ele tinha esquecido dessa cela, esquecido esta punição. Portanto, este era o lugar onde ele havia terminado.

De certa forma, o eu anterior de Daniel parecia assim como ele era agora: o mesmo nariz e boca, a mesma distância entre os mesmos olhos cinzentos. Seu cabelo estava desalinhado e duro com graxa, mas era mesmo o ouro pálido de agora. E, ainda assim, o Daniel prisioneiro parecia tão diferente. Seu rosto estava terrivelmente magro e pálido, a testa enrugada de sujeira. Seu corpo parecia magro, e sua pele era frisado com o suor.

Isso era o que sua ausência fez com ele. Sim, ele usava a bola e uma corrente de um prisioneiro, mas o carcereiro real aqui era sua própria culpa.

Lembrou-se de tudo agora. E lembrou-se a visitação de seu próprio futuro, e uma entrevista frustrante, amarga. Paris. A Bastilha. Onde ele tinha sido preso por guardas do duque de Bourbon, depois que Lys desapareceu do palácio. Houveram outras prisões, condições de vida mais cruel, e pior comida da existência de Daniel, mas a inclemência do seu próprio lamento daquele ano na Bastilha era uma das provas mais difíceis que ele já tinha superado.

Alguns, mas não tudo isso, tinha a ver com a injustiça de ser acusado de assassinato.
Mas-

Se Daniel já estava aqui, preso na Bastilha, isso significava que Lys já estava morta. Então Luce já tinha chegado... e se tinha ido.

Seu auto passado estava certo. Já era tarde demais.

-Espere, ele disse para o prisioneiro na escuridão, se aproximando, mas não tão perto que eles arriscassem se tocar. - Como você sabia pelo o que eu voltei?

O raspar da bola sendo arrastado ao redor da pedra significava o seu próprio passado tinha se encostado na parede. -Você não é o único que veio por aqui procurando por ela .

Asas de Daniel queimaram, o envio de calor para baixo lambeu as omoplatas. - Cam .
-Não, Cam, seu próprio passado respondeu. - Duas crianças.

-Shelby? Agora Daniel bateu com o punho no chão de pedra. -E o outro ... Miles. Você não está falando sério? Os Nephilim? Eles estavam aqui?

-Cerca de um mês atrás, eu acho. Ele apontou para a parede atrás dele, onde algumas marcas tortas de contagem foram gravadas na parede. -Eu tentei manter o controle do dia, mas você sabe como é. O tempo passa de maneira engraçada. Isso se afasta de você.

-Eu me lembro. Daniel estremeceu. -Mas os Nephilim. Você falou com eles? Ele acumulou sua memória, e imagens fracas vieram à sua mente de prisão, as imagens de uma menina e um menino. Ele sempre levado para os havia tomado como os fantasmas da tristeza, apenas mais dois dos delírios que o assediavam, quando ela tinha ido e ele estava sozinho novamente.

-Por um momento. A voz do prisioneiro parecia cansada e longe. -Eles não estavam tão interessado em mim.

-Bom.

-Uma vez que eles descobriram que ela estava morta, eles estavam com muita pressa de seguir em frente. Seus olhos cinzentos eram estranhamente penetrante. -Algo que você e eu podemos entender.

-Onde eles foram?

-Não sei. O prisioneiro esboçou um sorriso muito grande para seu rosto fino. -Eu não acho que eles sabiam, também. Você deve ter visto quanto tempo levaram para abrir um anunciador. Parecia casal de tolos incompetentes.

Daniel sentiu-se quase que começam a rir.

Não é engraçado" seu eu passado disse. "Eles se importam com ela."

Mas Daniel não se sentiu sensibilizado pelos Nephilim. "Eles são uma ameaça para todos nós. A destruição que poderiam causar ..." Ele fechou os olhos. "Eles não têm ideia do que estão fazendo."

"Porque você não consegue alcançá-la, Daniel?" Seu eu passado riu secamente. "Nós vimos um ao outro antes, ao longo dos milênios, eu lembro de você correndo atrás dela. E nunca alcançando ela".

"Eu- Eu não sei." As palavras ficaram presas na garganta de Daniel, um longo soluço crescendo por trás. Tremendo, ele o sufocou. "Eu não posso chegar até ela. De alguma forma eu estou sempre chegando um piscar de olhos tarde demais, como se alguém ou alguma coisa estivesse trabalhando nos bastidores para mantê-la longe de mim."

"O seus Anunciadores sempre o levarão onde você precisa estar."
"Eu preciso estar com ela"

"Talvez eles saibam o que você precisa, melhor do que você mesmo."

"O que?"

"Talvez ela não deva ser parada." O prisioneiro sacudiu sua corrente com indiferença. "Ela ser capaz de viajar de qualquer modo significa que algo fundamental foi alterado. Talvez você não possa pegá-la até ela trabalhar essa mudança na maldição original."

"Mas" Ele não sabia o que dizer. O soluço subiu no peito de Daniel, afogando seu coração numa

torrente de vergonha e tristeza. “Ela precisa de mim. Cada segundo é uma eternidade perdida. E se ela der um passo em falso, tudo poderia ser perdido. Ela poderia mudar o passado e deixar de existir...”

“Mas essa é a natureza do risco, não é? Você aposta tudo na mais frágil das esperanças.” Seu eu passado começou a se aproximar, quase tocando o braço de Daniel. Ambos queriam sentir uma conexão. No último instante, Daniel se afastou para longe.

Seu eu passado suspirou. “E se for você, Daniel? E se você é o único que tem de alterar o passado? E se você não puder alcançá-la até que você tenha reescrito a maldição para incluir uma brecha?”

“Impossível.” Daniel bufou.

“Olhe para mim. Olhe para você. Nós somos miseráveis sem ela. Não somos nada quando não estamos com Lucinda. Não há nenhuma razão para que minha alma não quisesse encontrá-la o mais rápido possível”.

Daniel queria voar para longe daqui. Mas algo estava incomodando ele.

“Porque você não se ofereceu para me acompanhar?” Ele finalmente perguntou. “Eu recusaria, é claro, mas alguns dos outros- quando eu me encontrei em outra vida, ele queria participar. Por que você não?”

Um rato se arrastou ao longo da perna do prisioneiro, parando para cheirar as correntes ensanguentadas em torno de seus tornozelos.

“Eu escapei uma vez” ele disse lentamente. “Você se lembra?”

“Sim,” disse Daniel “quando você- quando nós- escapamos, logo no início. Fomos direto para Savoy.” Ele olhou para a falsa esperança oferecida pela luz fora da janela. “Por que fomos lá? Deveríamos ter sabido que estávamos caminhando direito para uma armadilha.”

O prisioneiro se inclinou para trás e sacudiu suas correntes. “Nós não tivemos nenhuma outra escolha. Era o local mais próximo dela.” Ele respirou asperamente.

“É tão difícil quando ela está no meio. Eu nunca sinto que posso ir em frente. Fiquei feliz quando o duque antecipou a minha fuga, descobriu onde eu iria. Ele estava esperando em Savoy, esperando na mesa de jantar do meu patrão com seus homens. Esperando para me arrastar de volta para cá.”

Daniel lembrou. “A punição parecia algo que eu merecia.”

“Daniel.” O rosto desamparado do prisioneiro parecia que tinha recebido um choque de eletricidade. Ele parecia outra vez vivo, ou pelo menos, seus olhos pareciam. Eles brilhavam violeta. “Eu acho que entendi isso.” As palavras correram negligentemente para fora. “Tire uma lição do duque.”

Daniel lambeu os lábios. “Desculpe-me?”

“Todas essas vidas que você diz que tem se arrastado atrás dela. Faça como o duque fez com a gente. Antecipe-a. Não apenas alcance. Chegue lá primeiro. Aguarde-a.”

“Mas eu não sei onde os Anunciadores dela vão levá-la”.

“Claro que sim” Seu eu passado insistiu. “Você deve ter leves lembranças de onde ela vai acabar. Talvez nem todas as etapas ao longo do caminho, mas afinal, tudo tem que terminar onde começou.”

A compreensão silenciosa passou entre eles. Correndo as mãos ao longo da parede perto da janela, Daniel convocou uma sombra. Ela era invisível para ele na escuridão, mas ele podia senti-la movendo-se em direção a ele, e ele habilmente trabalhou em uma forma.
Este Anunciador parecia tão desanimado como ele se sentia. “Você está certo” disse ele, sacudindo o portal aberto. “Há um lugar que ela certamente vai.”

“Sim”

“E você. Você deve tomar o seu próprio conselho e deixar este lugar” Daniel disse severamente. “Você está apodrecendo aqui.”

“Pelo menos essa dor no corpo me distrai da dor em minha alma” Seu eu passado disse. “Não. Desejo-lhe sorte, mas não vou deixar estas paredes agora. Não até que ela se estabeleça em sua próxima encarnação.”

As asas de Daniel eriçaram em seu pescoço. Ele tentou classificar o tempo e as vidas e memórias na cabeça dele, mas ele continuava circulando em torno do mesmo pensamento cansativo.

“Ela, ela deve ter se estabelecido agora. Na concepção. Você não pode sentir isso?”

“Oh” Seu eu passado aprisionado disse suavemente. Ele fechou os olhos. “Eu não sei se eu posso sentir algo mais.” O prisioneiro suspirou pesadamente. “A vida é um pesadelo.”

“Não, não é. Não mais. Eu vou encontrá-la. Vou redimir nós dois” Daniel gritou, desesperado para sair de lá, desesperadamente tomando outro ato de fé através do tempo.

TREZE

STAR – CROSSED

Londres, Inglaterra • 29 de junho de 1613

Algo rangia sob os pés de Luce. Ela levantou a bainha de seu vestido preto: Uma camada de cascas de nozes descartadas no chão era tão espessa que as fibras marrons passavam sobre as fivelas de seu sapato de salto verde-esmeralda.

Ela estava na parte traseira de uma multidão barulhenta de pessoas. Quase todos ao seu redor estava vestido em tons marrons ou cinzas apagado, as mulheres em vestidos longos com corpetes pregueados e punhos largos nas extremidades das mangas de sino. Os homens usavam calças cônicas, amplas capas cobrindo seus ombros e quepes planos feitas de lã. Ela nunca tinha saído de um anunciador em um lugar tão público antes, mas aqui estava ela, no meio de um anfiteatro lotado. Era surpreendente e escandalosamente ruidoso.

Cuidado! Bill agarrou a gola de sua capa de veludo e puxou para trás, a segurando contra um corrimão de madeira de uma escada.

Um batimento cardíaco mais tarde, dois meninos sujos passaram corrido em uma brincadeira irresponsável que enviou um trio de mulheres em seu caminho umas sobre as outras. As mulheres se levantaram e gritaram insultos aos meninos, que zombaram de volta, correndo mais devagar.

Da próxima vez, Bill gritou perto de seu ouvido, colocando suas garras de pedra ao redor da boca, vocês poderiam tentar fazer seus exerci cios de “passar sobre os outros” um pouco mais devagar? Como é que eu vou fazer o seu figurino no meio dessa multidão?

Claro, Bill, eu vou trabalho nisso. Luce disse enquanto os meninos passavam de novo por ali. Onde estamos?

Você está circulando o mundo para encontrar-se no Globe, mi lady. Bill esboçou uma pequena reverência.

O Globe Theatre? Luce perguntou quando uma mulher na frente dela descartava uma perna de peru roída sobre o ombro. Você quer dizer, como, Shakespeare?

Bem, ele afirma estar aposentado. Sabe aqueles tipos de artista. Assim de mal humor. Bill abaixou perto do chão, puxando a bainha de seu vestido e cantarolando para si mesmo.

Othello aconteceu aqui, Luce disse, tirando um momento para incorporar. A Tempestade. Romeu e Julieta. Nós estamos em pé praticamente no centro de todas as grandes histórias de amor já escritas.

Na verdade, você está em pé em cascas de nozes.

Por que você tem que ser tão superficial sobre tudo? Isto é incrível!

Desculpe, eu não percebe que estávamos em um momento de Bardolatria. Suas palavras saíram ciciadas por causa da agulha entre os dentes irregulares. Agora fique parada.

Ai! Luce gemeu quando ele cravou agulha em sua rótula. O que você está fazendo?

Desvestindo você. Essas pessoas pagaram um bom dinheiro para um espetáculo de fenômenos, mas eles estão esperando que esteja no palco. Bill trabalhou rapidamente, discretamente dobrando o tecido, muito drapeado do vestido preto de Versailles em uma série de dobras e frisos para que fosse recolhido ao longo dos lados. Ele tirou fora a peruca preta e puxou o cabelo dela em um pufe crespos. Então, ele olhou para a capa de veludo em volta dos ombros. Ele pegou o tecido delicadamente. Por último, ele pegou uma toalha de papel em uma das mãos, esfregou as palmas das mãos e soldou a capa em um colarinho tipo seculo XIX.

Isso é realmente nojento Bill.

Fique quieta, a espetou. Da próxima vez me dê mais espaço para trabalhar. Você acha que eu gosto de 'Fazer, fazendo'? Pois não, eu não gosto. Ele sacudiu a cabeça para a multidão zombeira. Felizmente a maioria deles estão muito bêbado pra notar a menina saindo das sombras no fundo da sala.

Bill estava certo: Ninguém estava olhando para eles. Todos estavam brigando em quanto eles se apressavam para mais perto do palco. Era apenas uma plataforma, elevada cerca de um metro e meio do chão, e, estando na parte de trás da multidão barulhenta, Luce tinha dificuldade em ver isso claramente.

Vamos, agora! um menino gritou da parte de trás. Não nos faça esperar o dia inteiro!

Acima da multidão tinham três níveis de camarotes, e então nada: O anfiteatro em forma de O se abria um céu azul pálido do meio-dia como um ovo ovo de pintarroxo. Luce olhou em volta por seu próprio passado. Por Daniel.
Nós estávamos na abertura do Globo. Ela pensou de novo nas palavras de Daniel es sob as árvores de pêssego na ' Espada e Cruz'. Daniel me disse que estávamos aqui.

Claro, que vocês estão aqui, Bill disse. Há cerca de 14 anos, empoleirada nos ombros de seu irmão mais velho. Você veio com sua família para ver Júlio César. Bill pairou no ar um pé na frente dela. Foi desagradável, mas, a gola alta em torno do pescoço realmente parecia manter a forma. Ela quase se assemelhava as mulheres suntuosamente vestida nos camarotes superiores.

E Daniel, perguntou ela.

Daniel era um ator.

Hey!

Isso é o que eles chamam de ator. Bill revirou os olhos. Ele estava apenas começando então. Para todos os outros na plateia, sua estreia foi totalmente esquecível. Mas para Lucinda com um pouco mais de três anos de idade... Bill encolheu os ombros. Prendeu fogo em você. Você tem ' morrido por subir no palco' desde então. Essa noite é sua noite.

Sou atriz?

Não. Sua amiga Callie era atriz, não ela. Durante o último semestre de Luce na Escola em Dover, Callie pedira a Luce para tentar um papel em “Nossa Cidade”. As duas tinham ensaiado durante semanas antes da audição.

Luce manteve a linha, mas Callie tinha trazido a casa abaixo com sua interpretação de Emily Webb.

Luce tinha observado dos bastidores, orgulhosa e admirada por sua amiga. Callie teria vendido todas as suas coisas para estar no velho Globe Theatre em um minuto, e muito mais para subir no palco. Mas então Luce se lembrou quando viu o rosto de Callie branco quando assistiu " A Batalha do Anjos, Os Renegados.

O que havia acontecido com Callie após Luce ter a deixado? Onde estavam os renegados agora? Como Luce poderia explicar a Callie, ou seus pais, o que tinha acontecido, isto é, e se Luce nunca fosse voltar ao seu quintal e seu a vida?

Porque Luce agora sabia que ela não ai voltar para essa vida até que ela descobrisse como impedir eu fim. Até que ela desvendasse esta maldição que forçou ela e Daniel a viver esse conto de "amantes desafortunados" de novo e de novo.

Ela deve estar aqui neste teatro por uma razão. Sua alma tinha atrido ela aqui, por que?

Ela abriu passagem no meio da multidão, movendo-se ao longo do lado do anfiteatro até que ela pudesse ver o palco. As tábuas de madeira tinham sido cobertas com um grosso tapete espesso feito para parecer como grama. Dois canhões de tamanho real estavam como guardas perto de qualquer ala, uma fileira de vasos de laranjeiras alinhados na parede do fundo. Não muito longe de Luce, uma escada bamba de madeira levava a um espaço com cortinas: O camarim. Lembrou da aula de teatro que ela teve com Callie. Onde os atores trocam de roupa e se preparam para as suas cenas.

Espere! Bill chamou como ela correu até a escada. Atrás da cortina, o quarto era pequeno e apertado e mal iluminado. Luce passou pilhas de manuscritos e roupeiros aberto, cheio de fantasias, olhos de uma enorme mascara de cabeça de leão e linhas de ouro penduradas e capas de veludo. Então ela congelou: Vários atores estavam em vários estágios de nudez. Rapazes com roupas meio abotoadas, os homens calçando botas de couro marrom. Felizmente, os atores estavam ocupados maquiando seus rostos e freneticamente ensaiando falas, de modo que a sala estava cheia de curtos gritos - fragmentos da peça.

Antes de qualquer dos atores poderia olhar para cima e vê-la, Bill viajou para Luce? Lado es e empurrou-a para um dos guarda-roupas. Roupas fechadas em torno dela.

"O que você está fazendo?", Perguntou ela.

"Deixe-me lembrá-la que você é uma atriz em um tempo que não há atrizes." Bill franziu o cenho. "Você não pertencia aqui como uma mulher. Não que isso parasse você. O seu próprio passado levou alguns riscos muito grandes para conseguir um papel em 'All Is True'".

"All Is True?" Luce repetiu. Ela esperava, pelo menos, reconhecer o título. Não teve essa sorte. Ela espiou para fora do guarda-roupa do comodo.

"Você sabe, como Henry VIII," Bill disse, arrancando-a de volta pelo colarinho. "Mas atenção: Gostaria de arriscar um palpite a respeito de porque seu passado iria mentir e se disfarçar para conseguir um papel."

"Daniel".

Ele tinha acabado de entrar no camarim. A porta para o pátio externo ainda estava aberta atrás dele,

o sol estava em suas costas. Daniel caminhava sozinho, lendo um script manuscrito, dificilmente percebeu os outros atores ao seu redor.

Ele parecia diferente do que tinha sido em qualquer de suas outras vidas. Seu cabelo loiro estava longo e um pouco ondulado, presos com uma faixa preta na nuca. Ele tinha uma barba, bem aparada, um pouco mais escura da cor de seu cabelo.

Luce sentiu uma vontade de tocá-lo. De acariciar seu rosto e passar os dedos pelos cabelos e traçar a parte de trás do seu pescoço e tocar cada parte dele. Sua camisa branca escancarada, mostrando a linha limpa de músculos em seu peito. Calças baggy pretas eram ajustadas na altura dos joelhos com suas botas pretas. Enquanto ele se aproximava, seu coração começou a bater. O rugido da multidão caiu num poço à distância. O cheiro de suor seco das roupas no guarda-roupa desapareceu. Havia apenas o som de sua respiração e seus passos se movendo em direção a ela. Ela saiu do armário.

Na visão dela, Daniel a tempestade cinza dos olhos violetas brilhava. Ele sorriu de surpreso. Ela não conseguia se segurar em qualquer tempo. Correu para ele, se esquecendo de Bill, se esquecendo dos atores, esquecendo o próprio passado, que poderia estar em qualquer lugar, a passos longe, a menina que realmente pertencia a Daniel. Ela tinha se esquecido de tudo, pela sua necessidade de estar com ele.

Ele passou os braços facilmente ao redor de sua cintura, guiando-a rapidamente para o outro lado do guarda-roupa volumoso, onde estavam escondidos os outros atores. Suas mãos encontraram a parte de trás do seu pescoço. Uma corrente morna passou através dela. Ela fechou os olhos e sentiu seus lábios descerem sobre os dela, com apenas uma fresta de luz. Ela esperou para sentir a fome em seu beijo. Ela esperou. E esperou.

Luce avançou mais alto, arqueando o pescoço para que ele a beijasse mais forte, mais profundamente. Ela precisava de seu beijo para lembrá-la porque ela estava fazendo isso, perdendo-se no passado e vendo-se morrer de novo e novamente: por causa dele, por causa deles dois juntos. Por causa de seu amor.

Tocando-o novamente fez lembrar de Versailles. Ela queria agradecê-lo por salvá-la de se casar com o rei. E nunca para pedir que ele se machucasse de novo como ele tinha feito no Tibete. Ela queria perguntar o que ele sonhou quando ele tinha dormido por dias depois que ela morreu na Prússia. Ela queria ouvir o que ele disse a Luschka antes de morrer naquela noite terrível em Moscou. Ela queria derramar o seu amor, e quebrar e chorar, e deixá-lo saber que a cada segundo de cada vida que ela tinha passado, ela tinha perdido ele com todo o seu coração.

Mas não havia maneira de comunicar qualquer coisa a esse Daniel. Nada disso tinha sequer acontecido ainda a esse Daniel. Além disso, ele a levou para a Lucinda nesta época, a menina que não sabia nada das coisas que Luce tinha chegado a conhecer. Não havia palavras para contar a ele.

Seu beijo era a única maneira que ela pode mostrar-lhe que ela entendeu.

Mas Daniel não iria beijá-la do jeito que ela queria. Quanto mais perto ela chegava dele, mais para trás ele inclinava-se. Finalmente, ele afastou-a completamente. Detinha em apenas para as mãos, como se o resto dela fosse perigoso.

"Lady". Ele beijou as pontas de seus dedos, fazendo-a tremer. "Eu seria muito corajoso para dizer que seu o amor a faz grosseira?"

"Sem modos?" Luce corou.

Daniel levou-a de volta em seus braços, lentamente, um pouco nervoso. "Lucinda, bem, você não deve ser encontrada neste lugar vestida como você está. "Seus olhos continuavam retornar ao seu vestido. "Que roupas são essas? Onde está sua fantasia?" Ele chegou em um guarda-roupa e folheou os cabides de roupa.

Rapidamente, Daniel começou a desamarrar as botas, jogando-as no chão com dois estrondos. Luce tentou não engasgar quando ele deixou cair as calças. Usava calças curtas cinzas embaixo o que deixou muito pouco para a imaginação.

Seu rosto queimou quando Daniel rapidamente desabotoou sua camisa branca. Ele arrancou, expondo toda a beleza de seu peito. Luce prendeu sua respiração. As únicas coisas que faltavam eram suas asas desfraldadas. Daniel era tão impecavelmente lindo, e ele parecia não ter ideia do efeito que ele causava sobre ela em pé lá só de cueca.

Ela engoliu em seco, abanando-se. "Está muito quente aqui?"

"Coloque estas até que eu possa buscar sua fantasia", ele disse, jogando as roupas para ela. "Depressa, antes que alguém a veja." Ele correu para o guarda-roupa do canto e vasculhou, tirando um rico verde e dourado manto, uma outra camisa branca, e um par de calças verdes. Ele correu para a roupa nova -Seu traje, adivinhou - Luce quando ela pegou suas descartadas roupas de rua.

Luce lembrava de que havia tomado meia hora da serva em Versalhes para apertá-la neste vestido. Havia cordas e laços e laços em todos os tipos de lugares privados. Não havia como ela ser capaz de tirá-lo com qualquer tipo de dignidade.

"Houve, uma mudança do traje." Luce agarrou o tecido preto da saia. "Eu pensei que este seria agradável para o meu personagem."

Luce ouviu passos atrás dela, mas antes que ela pudesse se virar, a mão de Daniel puxou-a profundamente no guarda-roupa ao lado dele. Estava apertado e escuro e maravilhoso estarem tão perto. Ele fechou a porta como medida e parou diante dela, parecendo um rei com o manto verde e dourado em volta dele.

Ele levantou uma sobrancelha. "Onde você conseguiu isso? É nossa Ana Bolena, de repente de Marte?" Ele riu. "Eu sempre achei que ela veio de Wiltshire."

A mente de Luce correu para alcançá-lo. Ela interpretava Ana Bolena? Ela nunca tinha lido esta peça, mas o traje de Daniel sugeriu que ele estava interpretando o rei, Henry VIII.

"Mr. Shakespeare - ah, Will, pensou que ficaria bom "

"Oh, Will pensou?" Daniel sorriu, não acreditando nela, mas parecendo não se importar. Não era estranha a sensação de que ela poderia fazer ou dizer qualquer coisa e Daniel teria continuado a achar charmoso. "Você está um pouco louca, não é, Lucinda?"

"Eu - bem" Afagou o rosto com as costas do seu dedo. "Eu te adoro".

"Eu adoro você, também." As palavras saíram de sua boca, sentindo-se tão real e tão verdadeiro após os últimos gaguejos de mentiras. Era como dar uma longa respiração. "Eu estive pensando, pensando muito, e eu queria dizer-lhe que-que-"

"Sim?"

"A verdade é que o que eu sinto por você é ... mais profundo do que adoração." Ela apertou as mãos sobre o coração. "Eu confio em você. Confio em seu amor. Agora eu sei o quão forte ele é, e como é bela." Luce sabia que ela não poderia vir a público e dizer o que ela realmente queria dizer, ela era supostamente uma versão diferente de si mesma, e as outras vezes, quando Daniel tinha descoberto quem ela era, de onde ela vinha, ele clamava imediatamente e dizia-lhe para sair. Mas talvez, se ela escolhesse suas palavras com cuidado, Daniel entenderia.

"Eu posso parecer às vezes que eu-eu esqueço o que você significa para mim e o que eu quero dizer a você, bem no fundo ... Eu sei. Eu sei porque estamos destinados a estar juntos. Eu te amo, Daniel."

Daniel parecia chocado. "Você, você me ama?"

"Claro." Luce quase riu de tão óbvio como isso era, mas então lembrou-se: Ela não tinha ideia do momento de seu passado que ela tinha entrado. Talvez nesta vida eles só trocaram olhares.

O peito de Daniel subiu e caiu violentamente e seu lábio começou a tremer. "Eu quero que você venha comigo", ele disse rapidamente. Houve um fio de desespero em sua voz.

Luce queria gritar sim! Mas algo a deteve. Era tão fácil de se perder em Daniel quando seu corpo estava tão perto que ela podia sentir o calor saindo de sua pele e as batidas de seu coração através de sua camisa. Ela sentiu que não poderia dizer-lhe nada agora, de como ela se sentiu gloriosa ao morrer em seus braços em Versalhes e como ela estava devastada agora que ela sabia o quanto ele sofreu. Mas ela se conteve: A menina que estava nesta vida não iria falar sobre aquelas coisas, não saberia. Nem Daniel. Então, quando ela finalmente abriu a boca, sua voz vacilou.

Daniel colocou um dedo sobre os lábios. "Espere. Não proteste ainda. Deixe-me perguntar corretamente. Pouco a pouco, o meu amor".

Ele espiou pela porta guarda-roupa rachado, em direção a cortina. A alegria vinha do palco. A plateia caiu na gargalhada e aplausos. Não tinha sequer percebido que a peça tinha começado.

"Essa é a minha entrada. Eu vou ver você em breve. "Beijou sua testa, em seguida, correu para fora e para o palco. Luce queria correr atrás dele, mas duas figuras vieram e ficaram um pouco além da porta do armário. A porta rangeu aberto e Bill voou para dentro.

"Você está ficando boa nisso", disse ele, em uma peruca um pouco velha.

"Onde você estava se escondendo?"

"Quem, eu? Em nenhum outro lugar. De quem teria que me esconder?", perguntou. "Essa farsa de mudança de traje foi um golpe de gênio hein ", disse ele, levantando a pequena mão para um cinco.

Sempre havia um pequeno zumbido que a fazia lembrar que Bill era uma mosca na parede durante toda a interação com Daniel.

"Você realmente vai me deixar pendurado assim?" Bill lentamente retirou a mão.

Luce ignorou. Sentiu algo pesado e frio em seu peito. Ela ficava ouvindo o desespero na voz de

Daniel quando ele pediu a ela para fugir com ele. O que queria dizer?

"Vou morrer esta noite. Não estou, Bill?"

"Bem ..." Bill lançou os olhos para baixo. "Sim".

Luce engoliu em seco. "Onde está Lucinda? Preciso entrar la de novo para que eu possa entender essa vida."

Ela empurrou a porta do armário, mas Bill pegou a faixa de seu vestido e puxou-a para trás.

"Olha garota, 3D não pode ser um hábito. Pense nisso como uma habilidade para ocasiões especiais." Ele franziu os lábios. "O que você acha que vai aprender aqui?"

"Do que ela precisa fugir, é claro," Luce afirmou. "Do que é que Daniel vai salvá-la? Ela está noiva de outra pessoa? Vive com um tio cruel? Em desgraça com o rei?"

"Uh-oh." Bill coçou o topo da cabeça. Não fez um som irritante, como prego em um quadro. "Eu devo ter feito uma confusão pedagógica em algum lugar. Você acha que há uma razão para a sua morte toda vez?"

"Não há?" Ela podia sentir seu rosto cair.

"Quero dizer, suas mortes não têm sentido, exatamente.... "

"Mas quando eu morri dentro de Lys, eu senti tudo, ela acreditava que a queima até libertou ela. Ela estava feliz porque se casar com o rei teria significado que a sua vida era uma mentira. E Daniel poderia salvá-la por matá-la."
"Oh, querida, é que o que você acha? Que as suas mortes são uma saída para casamentos ruins ou algo assim?"

Ela apertou os olhos contra as lágrimas que pinicavam. "Tem que ser algo assim. Tem que ser. Caso contrário, é apenas inútil."

"Não é inútil", disse Bill. "Você morre por uma razão. Apenas não tão simples razão. Você não pode esperar para entender tudo de uma vez."

Ela grunhiu de frustração e bateu seu punho contra o lado do guarda-roupa.

"Eu posso ver do que se trata", disse Bill finalmente. "Você foi em 3D e acha que desbloqueou o segredo do seu universo. Mas não é sempre tão claro e fácil. Espere o caos. Abrace o caos. Você ainda deve tentar aprender o máximo possível de cada vida que você visita. Talvez no final, tudo vai adicionar alguma coisa. Talvez você vai acabar com Daniel ... ou talvez você decida que não há mais vida para além."

Um sussurro assustou-os. Luce espiou ao redor do porta do armário.

Um homem, cerca de cinquenta, com um cavanhaque grisalho e uma pequena barriga, estava atrás de um ator em um vestido. Eles estavam sussurrando. Quando a menina virou a cabeça um pouco, as luzes do palco iluminaram seu perfil. Luce congelou: um nariz delicado e pequenos lábios feitos com pó cor de rosa. A peruca castanho-escuro com apenas alguns fios de cabelo pretos e longos, mostrando por baixo. O lindo vestido dourado.

Era Lucinda, totalmente fantasiada como Ana Bolena e prestes a entrar no palco.

Luce foi para fora do guarda-roupa. Ela se sentia nervosa e com a língua presa, mas também estranhamente poderosa: se o que Bill tinha dito era verdade, não restava muito tempo.

"Bill", ela sussurrou. "Eu preciso que você faça aquela coisa onde você pausou o tempo para que eu possa... "

"Shhhh!" assobiou Bill fazendo Luce entender que estava por conta própria. Ela teria apenas que esperar até que este homem saísse, de modo que ela pudesse ficar sozinha com Lucinda.

Inesperadamente, Lucinda se moveu em direção ao guarda-roupa, onde Luce estava escondida. Lucinda entrou onde Luce estava escondida. Lucinda entrou. Sua mão se moveu em direção ao manto dourado ao lado do ombro de Luce. Luce prendeu a respiração, se levantado, apertou seus dedos com Lucinda.

Lucinda arfou e abriu a porta largamente, olhando profundamente nos olhos de Luce, à beira de alguma compreensão inexplicável. O chão abaixo delas parecia sacudir. Luce ficou tonta, fechando os olhos e sentindo como se sua alma tivesse deixado seu corpo.

Ela se viu do lado de fora: seu vestido estranho que Bill havia alterado para o momento, o medo em seus olhos. A mão na dela era suave, tão suave que ela mal podia senti-la.

Ela piscou e Lucinda piscou e depois Luce não sentiu qualquer toque. Quando ela olhou para baixo, seu lado estava vazio. Ela tinha se tornado a menina que ela tinha segurado. Rapidamente, ela pegou o manto e o estabeleceu sobre os ombros.

A única outra pessoa na sala do camarim era o homem que tinha sussurrado a Lucinda. Luce sabia então que ele era William Shakespeare.

William Shakespeare. Ela o conhecia. Eles eram, os três - Lucinda, Daniel, e Shakespeare - amigos.

Tinha havido uma tarde de verão, quando Daniel tinha levado Lucinda para visitar Shakespeare em sua casa em Stratford. Era no pôr do sol, eles sentaram-se na biblioteca, e enquanto Daniel trabalhou em seus esboços na janela, Will fazia pergunta após a pergunta, tomando notas sobre quando ela conheceu Daniel, como ela se sentia a respeito dele, se pensava que ela poderia um dia se apaixonar.

Além de Daniel, Shakespeare era o único que conhecia o segredo da identidade de Lucinda - seu gênero e do amor que os atores compartilhavam no palco. Em troca de sua discrição, Lucinda estava mantendo segredo que Shakespeare estava presente naquela noite no Globe. Todos na empresa assumiram que estava em Stratford, que ele entregou as rédeas do o teatro para Master Fletcher. Em vez disso, Will apareceu incógnito à noite para ver a apresentação de abertura.

Quando ela voltou para o seu lado, Shakespeare olhou profundamente nos olhos de Lucinda. "Você mudou".

"Eu - não, eu ainda estou aqui", ela sentiu o brocado suave ao redor seus ombros. "Sim, eu encontrei a capa."

"A capa, não é?" Ele sorriu e piscou um olho. "Ela combina com você."

Então Shakespeare colocou a mão no ombro de Lucinda, do jeito que ele sempre fazia quando ele estava dando instruções de direção: "Ouve isto: Todo mundo aqui já conhece a sua história. Eles vão ver você nesta cena, e você não vai dizer ou fazer muito. Mas Ana Bolena é uma estrela em ascensão na corte. Cada um deles tem uma participação no seu destino." Ele engoliu em seco. "Como assim: Não se esqueça de bater a marca no final de sua fala. Você precisa ser deixada a frente do palco para o início da dança."

Luce podia sentir suas falas na peça correndo através de sua mente. As palavras estariam lá quando ela precisasse delas, quando ela pisasse no palco em frente de todas essas pessoas. Ela estaria pronta.

O público gritou e aplaudiu novamente. Uma corrida de atores saiu do palco e encheram o espaço em torno dela. Shakespeare já havia escapado. Ela pôde ver Daniel na ala oposta do palco. Ele era muito mais alto que os outros atores, majestoso e impossivelmente lindo.

Eu era o seu ponto para andar no palco. Esta era o início da cena da festa na propriedade de Lord Wolsey, onde o rei – Daniel - ia realizar uma elaborada mascarada antes de tomar a mão de Ana Bolena, pela primeira vez. Eles deveriam dançar e apaixonar-se perdidamente. Era suposto ser o início de um romance que mudou tudo. O início.

Mas, para Daniel, não foi o início de tudo. Para Lucinda, no entanto, e para a personagem que ela estava interpretando - foi amor à primeira vista. A imposição dos olhos de Daniel se sentia como a primeira coisa real que já aconteceram para Lucinda, tal como tinha sentido por Luce em Sword & Cross. O mundo dela de repente significava algo de uma forma que nunca tinha antes.

Luce não podia acreditar quantas pessoas estavam lotando o Globe. Eles estavam praticamente em cima dos atores, pressionados tão perto do palco que pelo menos vinte espectadores tinham seus cotovelos apoiados sobre o próprio palco. Ela podia sentir o cheiro deles. Ela poderia ouvi-los respirar.

E ainda, de algum modo, Luce se sentiu calma, mesmo energizada. Como se em vez de entrar em pânico em toda essa atenção, Lucinda estava vindo para a vida.

Era uma cena de festa. Luce estava cercada pelas damas de honra, ela quase riu de como cômicas estavam as "damas" em volta. Estes meninos adolescentes meninos com pomos de Adão cortados, obviamente, sob o brilho das lanternas do palco. O suor formava anéis nos braços de seus vestidos acolchoados. Através do palco, Daniel e sua corte ficaram a observá-la descaradamente, o seu amor puro no rosto. Ela interpretou a sua parte sem esforço, apenas o suficiente para atrair olhares de admiração de Daniel tanto do interesse do público.

Ela até improvisou um movimento de puxar seu cabelo longe de seu muito pálido pescoço, que deu uma dica daquilo que todos sabiam da real Ana Bolena.

Dois atores se aproximaram, acompanhando Luce. Eles eram os nobres da peça, Senhor Sands e Senhor Wolsey.

"Senhora, você não está feliz. De qual cavalheiro, é a culpa? "voz deo Senhor Wolsey cresceu. Ele era o anfitrião da festa e o vilão, o ator a interpretá-lo tinha uma presença de palco incrível.

Então ele se virou e arrastou seu olhar ao redor para olhar Luce. Ela congelou, Lord Wolsey estava sendo interpretado por Cam.

Não tinha espaço para Luce gritar, xingar, ou fugir. Ela era um atriz profissional agora, e se virou para companheiro de Wolsey, Senhor Sands, que entregou suas falas com uma risada.

"O vinho tinto deve ter subir em suas bonitas bochechas, meu senhor ", disse.

Quando foi a vez de Lucinda para entregar sua fala, seu corpo tremia, e ela conseguiu uma olhada em Daniel.

Seus olhos violetas suavizaram a aspereza que ela sentia. Ele acreditava nela.

"Você é um jogador alegre, meu senhor Sands", Luce sentiu-se dizer em voz alta, em um tom de provocação combinando perfeitamente.

Então Daniel se adiantou e um trompete soado, seguido por um tambor. A dança ia iniciar. Ele pegou a mão dela. Quando ele falou, ele falou com ela, não para o público, como os outros atores faziam.

"A melhor mão que eu já toquei", disse Daniel. "A beleza, que até agora eu nunca tinha conhecido." Como se as falas tivessem sido escritas para os dois.

Eles começaram a dançar, e Daniel a bloqueou com os olhos o tempo todo. Seus olhos eram claros e violetas, e a forma como eles nunca se desviaram dos dela apertava o coração de Luce. Ela sabia que ele adorava ela desde sempre, mas até este momento, dançando com ele em um palco na frente de todas essas pessoas, ela nunca tinha realmente pensado sobre o que significava.

Quer dizer que quando o vi pela primeira vez em toda a vida, Daniel já estava apaixonado por ela. Cada tempo. E sempre tinha sido. E cada vez, ela tinha que se apaixonar por ele a partir do zero. Ele jamais poderia pressioná-la ou forçá-la para amá-lo. Ele tinha que conquistá-la novamente a cada vez.

O amor de Daniel por ela era longo, ininterrupto. Era a mais pura forma de amor que havia, mais puro até do que o amor que voltou com Luce. Seu amor fluiu sem quebrar, sem parar. Considerando que o amor de Luce era limpo com cada morte, o de Daniel crescia ao longo do tempo, através de toda a eternidade. Como poderosamente forte deve ser agora? Centenas de vidas de amor empilhadas um em cima do outra? Era quase muito difícil para Luce de compreender.

Ele a amava muito, e ainda em cada vida, uma e outra vez, ele teve que esperar por ela para viver isso novamente. Todo esse tempo, eles tinham dançado com o resto da trupe, pulando dentro e fora das asas nos intervalos na música, voltando ao palco para mais galhardia, para conjuntos mais longos com mais etapas, até que todos estavam dançando.

No final da cena, mesmo que não estivesse no roteiro, apesar de Cam estar parado lá assistindo, Luce segurou firme a mão de Daniel e puxou a dele para ela, contra as árvores envasadas de laranja. Ele olhou para ela como se estivesse louca e tentou puxá-la para a marca ditada por direções do palco.

"O que você está fazendo? "ele murmurou. Ele tinha duvidado dela antes, nos bastidores quando ela tentou falar livremente sobre seus sentimentos. Ela tinha que fazê-lo acreditar nela. Especialmente se Lucinda morreria esta noite, a compreensão da profundidade do seu amor significaria tudo para ele. Iria ajudá-lo a continuar, para manter a amá-la por centenas de anos a mais, através de toda a dor e sofrimento que ela testemunhou, até o presente.

Luce sabia que não estava no script, mas ela não conseguia parar a si mesma: Agarrou Daniel e ela o beijou.

Ela esperava que ele fosse pará-la, mas ao invés disso ele a tomou em seus braços e a beijou de volta. Forte e apaixonadamente, respondendo com tanta intensidade que ela sentia como se estivesse flutuando, embora ela soubesse que seus pés estavam plantados no chão.

Por um momento, a plateia ficou em silêncio. Em seguida, eles começou a gritar e zombar. Alguém atirou um sapato no Daniel, mas ele ignorou. Pelos seus beijos Luce achava que o faria entender a profundidade do seu amor, mas ela queria ter a certeza absoluta.

"Eu sempre vou te amar, Daniel." Só, que as vezes não parece muito certo ou não o bastante. Ela teve que fazê-lo entender, e danem-se as consequências -Se ela mudasse a história, que assim seja. "Eu vou sempre vou escolher você. "Sim, essa era a palavra. "Cada única vida, eu vou escolhê-lo. Assim como você sempre me escolheu. Para sempre."

Seus lábios se separaram. Será que ele acredita nela? Será que ele já sabe? Como uma escolha, uma longa, profunda escolha que ia para além que qualquer outra coisa que Luce fosse capaz de fazer. Era algo poderoso por trás dele. Algo bonito e - Sombras começaram a girar na parte de cima do palco. Tremeu de calor através de seu corpo, fazendo-a convulsionar, desesperada para o lançamento de fogo, ela sabia que viria.

Os olhos de Daniel brilharam com a dor. "Não", ele sussurrou. "Por favor não vá ainda."

De alguma forma, sempre pegava os dois de surpresa. Como o corpo de seu próprio passado irrompeu em chamas, havia um som de tiros de canhão, mas Luce não podia ter certeza.

Seus olhos estavam borrados com brilho e ela foi lançada muito para cima e para fora do corpo de Lucinda, no ar, em trevas.

"Não!" Ela chorou quando as paredes do Anunciador se fecharam em torno dela. Tarde demais.

"Qual é o problema agora?" Bill perguntou.

"Eu não estava pronta. Eu sei que Lucinda tinha que morrer, mas eu - eu era apenas" Ela estava à beira do entendimento algo sobre a escolha que ela fez para amar Daniel. E tudo agora sobre os momentos finais com Daniel tinha ido em chamas junto com seu passado.

"Bem, não há muito mais para ver", disse Bill. "apenas a rotina habitual de um prédio pegando fogo, paredes de fogo, as pessoas gritando e se atropelando para as saídas, atropelando os menos afortunados -Você sabe. O Globe queimou até o chão."

"O quê?", Disse ela, sentindo-se doente. "Eu comecei o fogo no Globe? "Certamente queimar o mais famoso teatro na história inglesa teria repercussões ao longo do tempo.

"Oh, não se dê tanta importância. Aconteceria de qualquer maneira. Se você não tivesse explodido em chamas, o canhão no palco teria falhado e explodiria o lugar inteiro."

"Isso é muito maior do que eu e Daniel. Todas as pessoas"

"Olha, Mãe Teresa, ninguém morreu nessa noite ... além de você. Ninguém ainda se machucou.

Lembre-se do bêbado olhando em você a partir do terceiro ato? Suas calças pegaram fogo. Isso foi o pior. Sentir-se melhor?"

"Na verdade não. Não em tudo."

"Sobre isto: Você não está aqui para adicionar à sua montanha de culpa. Ou para mudar o passado. Há um script, e você tem suas entradas e as saídas".

"Eu não estava pronta para a minha saída."

"Por que não? Henrique VIII é uma porcaria, de qualquer maneira."

"Eu queria dar esperança a Daniel. Eu queria que ele soubesse que eu sempre escolheria ele, sempre o amarei. Mas Lucinda morreu antes que eu pudesse ter certeza que ele tivesse entendido." Ela fechou os olhos. "Sua metade da nossa maldição é muito pior que a minha."

"Isso é bom, Luce!"

"O que você quer dizer? Isso é horrível! "

"Quero dizer pequena joia, "a agonia de Daniel é infinitamente mais horrível do que a minha" é o que você tinha que aprender aqui. Quanto mais você entender, quanto mais próxima você chegar a conhecer a raiz da maldição, mais provável é que você vá finalmente encontrar o caminho para sair dela. Certo?"

"Eu - Não sei."

"Eu sei. Agora vamos lá, você tem papéis maiores para interpretar."

O lado de Daniel da maldição era pior. Luce poderia ver isso agora de forma muito clara. Mas o que isso significa? Ela não se sentia mais perto de ser capaz de quebrá-la. A resposta iludiu ela. Mas ela sabia que Bill estava certo sobre uma coisa: Ela não podia fazer nada mais nesta vida.

Tudo o que ela podia fazer era seguir voltando para trás.

QUATORZE

A ENCOSTA ÍNGREME

Groenlândia Central • Inverno, 1100

O céu estava preto quando Daniel atravessou. Atrás dele, o portal ondulava no vento como uma cortina esfarrapada, se dividindo em pedaços antes de cair na neve azul noturna.

Um arrepio percorreu seu corpo. À primeira vista, parecia não haver nada aqui. Nada além de noites árticas que pareciam durar para sempre, oferecendo apenas o mais ténue vislumbre do final do dia.

Lembrou-se agora: Esses fiordes foram o lugar onde ele e seus companheiros anjos caídos realizavam suas reuniões: penumbra sombria e frio severo, uma caminhada de dois dias ao norte do assentamento dos mortais de Brattahlíõ. Mas ele não iria encontrá-la aqui. Esta terra nunca tinha sido uma parte do passado de Lucinda, então não haveria nada em seus Anunciadores para trazê-la aqui agora.

Apenas Daniel. E os outros.

Ele estremeceu e marchou através da neve do fiorde na direção de um brilho quente no horizonte. Sete deles estavam reunidos ao redor do fogo brilhante laranja. De longe, o círculo de suas asas parecia uma auréola gigante na neve. Daniel não tinha que contar seus contornos brilhantes para saber que estavam todos lá.

Nenhum deles notou ele atravessando a neve em direção a sua reunião. Eles sempre mantinham uma única starshot à mão apenas para caso, mas a ideia de um visitante não convidado ocorrendo em seu conselho era tão improvável que não era mesmo uma ameaça real. Além disso, eles estavam ocupados demais brigando entre si para detectar o Anacronismo espionando agachado, atrás de uma rocha congelada.

“Isso foi um desperdício de tempo.” A voz de Gabbe foi a primeira que Daniel pôde compreender. “Nós não vamos chegar a lugar algum.”

A paciência de Gabbe poderia ser um pavio curto. No início da guerra, sua revolta durou uma fração de segundo em comparação com a de Daniel. Desde então, o seu compromisso para o seu lado era muito profundo.

Ela estava de volta as Graças do Céu, e a hesitação de Daniel foi contra tudo o que ela acreditava. Enquanto ela percorria o perímetro do fogo, as pontas de suas enormes asas brancas com penas arrastaram na neve atrás dela.

“Você é a pessoa que convocou esta reunião” Uma voz baixa lembrou ela. “Agora você quer adiar?” Roland estava sentado em um tronco curto e preto, poucos metros a frente de onde Daniel se agachou atrás de uma pedra. O cabelo de Roland era comprido e despenteado. Seu perfil escuro e suas asas de mármore de ouro preto brilhavam como brasas de um incêndio na escuridão.

Era tudo exatamente como Daniel lembrava.

“Eu chamei a reunião para eles.” Gabbe parou de andar e jogou a sua asa para apontar para os dois anjos sentados ao lado um do outro, no outro lado da fogueira de onde estava Roland.

As asas furta-cor, esguias de Arriane ainda estavam pela primeira vez, subindo no alto das suas omoplatas. Seu brilho parecia quase fosforescente na noite incolor, mas todo o resto sobre Arriane, de seu cabelo preto curto para seus pálidos, lábios desenhados, parecia assustadoramente sombrio e tranquilo.

O anjo ao lado de Arriane estava mais silencioso do que o habitual, também. Annabelle olhou fixamente para os confins da noite. Suas asas eram de prata escuro, quase cor de estanho. Elas eram largas e musculosas, se estendendo em torno dela e de Arriane em um arco largo e protetor. Havia um longo tempo desde que Daniel a tinha visto.

Gabbe parou atrás de Arriane e Annabelle e ficou de frente para o outro lado: Roland, Molly, e Cam, que estavam compartilhando um cobertor de peles grossas. Foi estendida sobre suas asas. Ao contrário dos anjos, do outro lado do fogo, os demônios estavam tremendo.

“Nós não esperávamos o seu lado esta noite” disse-lhes Gabbe “nem estamos felizes em ver vocês”.

“Nós temos uma causa nisso também” Molly disse asperamente.

“Não, da mesma forma que nós”Arriane disse. “Daniel nunca irá se juntar a vocês.”

Se Daniel não tivesse recordado onde ele tinha se sentado neste encontro mais de mil anos antes, ele poderia ter esquecido seu eu anterior inteiramente. Aquele eu anterior estava sentado sozinho, no centro do grupo, diretamente do outro lado da pedra. Atrás da rocha Daniel deslocou-se para ter uma visão melhor.

As asas do seu eu anterior floresceram para fora atrás dele, grande velas brancas tão imóveis como a noite. Enquanto os outros falavam sobre ele como se ele não estivesse lá, Daniel se comportou como se estivesse sozinho no mundo. Ele jogou punhados de neve no fogo, observando o chiado dos amontoados congelados se dissolverem em vapor.

“Oh, realmente?” Molly disse. “Se importa de explicar por que ele está se aproximando do nosso lado a cada vida? Aquelas pequenas blasfêmias a Deus que ele faz, toda vez que Luce explode? Eu duvido que vai tão bem lá em cima.”

“Ele está em agonia!” Annabelle gritou para Molly. “Você não entenderia, porque você não sabe amar.” Ela deslizou mais perto de Daniel, as pontas de suas asas arrastando na neve, e se dirigiu a ele diretamente. “Esses são apenas picos temporários. Nós todos sabemos que sua alma é pura. Se você quisesse finalmente escolher um lado, nos escolher, Daniel -se a qualquer momento...”

“Não”

A clara finalidade da palavra empurrou Annabelle tão rápido quanto se Daniel tivesse sacado uma arma. O eu anterior de Daniel não iria olhar para nenhum deles. E atrás da pedra, observando-os, Daniel se lembrou do que tinha acontecido durante este conselho, e estremeceu com o horror proibido da memória.

“Se você não vai se juntar a eles” Roland disse a Daniel “por que não se juntar a nós? Pelo o que eu

posso dizer, não há inferno pior do que o que você se coloca, cada vez que você a perde."

"Ah golpe baixo, Roland!" Arriane disse. "Você nem acha isso. Você não consegue acreditar" Ela torceu as mãos. "Você está só dizendo isso para me provocar."

Atrás de Arriane, Gabbe repousou a mão em seu ombro. As pontas das suas asas tocaram, piscando um estouro brilhante de prata entre elas. "O que Arriane quer dizer é que o inferno nunca é uma alternativa melhor. Não importa o quão terrível a dor de Daniel pode ser. Há apenas um lugar para Daniel. Há apenas um lugar para todos nós. Vocês veem como estão arrependidos os renegados."

"Poupe-nos a pregação, sim?" Molly disse. "Há um coro lá em cima que poderia estar interessado em sua lavagem cerebral, mas eu não estou, e eu não acho que o Daniel esteja também."

Os anjos e demônios todos se viraram para olhá-lo juntos, como se fossem ainda parte da tropa. Sete pares de asas lançando uma aura brilhante de luz prateada dourada. Sete almas que ele conhecia bem como a sua própria.

Mesmo atrás de sua pedra, Daniel se sentia sufocado. Ele se lembrou neste momento: Eles exigiam muito dele. Quando ele estava tão enfraquecido por seu coração partido. Ele sentiu o ataque da súplica de Gabbe para ele se juntar com o céu mais uma vez. Roland, também, para se juntar com o inferno. Daniel sentiu novamente o formato da palavra que ele havia falado na reunião, como um estranho fantasma em sua boca: Não.

Lentamente, com uma sensação de mal estar rastejando em cima dele, Daniel se lembrou de mais uma coisa: Que não? Ele não quis dizer isso. Naquele momento, Daniel tinha estado à beira de dizer sim.

Esta foi a noite que ele tinha quase desistido.

Agora seus ombros queimavam. A súbita vontade de deixar suas asas saírem para fora quase o levou até os joelhos. Suas entranhas se agitavam cheio de horror pela vergonha. Isso estava aumentando nele, a tentação que ele lutou tanto tempo para reprimir.

No círculo em volta do fogo, o eu passado de Daniel olhou para Cam. "Você está anormalmente quieto esta noite."

Cam não respondeu imediatamente. "O que você quer que eu diga?"

"Você enfrentou esse problema uma vez. Você sabe..."

"E o que você quer eu diga?"

Daniel sugou sua respiração. "Alguma coisa encantadora e persuasiva."

Annabelle bufou. "Ou algo dissimulado e absolutamente mal."

Todos esperavam. Daniel queria irromper por detrás da pedra, para arrancar o seu próprio passado para longe daqui. Mas ele não podia. Seu Anunciador lhe trouxera aqui por uma razão. Ele tinha que passar por tudo novamente.

"Você está preso" Cam disse por fim. "Você acha que porque houve uma vez um começo, e porque você está em algum lugar no meio agora, que haverá um fim. Mas nosso mundo não está enraizado

na teleologia. É o caos."

"Nosso mundo não é o mesmo que o seu..." Gabbe começou a dizer.

"Não há maneira de sair deste ciclo, Daniel" Cam continuou. "Ela não pode quebrá-lo, e nem você pode. Escolha Céu, escolha o inferno, eu realmente não me importo e você também não. Não vai fazer nenhuma diferença..."

"Chega." A voz de Gabbe estava perturbada. "Vai fazer a diferença. Se Daniel vier para casa, para o lugar que ele pertence, então Lucinda... então Lucinda..."

Mas ela não podia continuar. Falar as palavras eram blasfêmia, e Gabbe não faria isso. Ela caiu de joelhos na neve.

Atrás da rocha Daniel viu seu eu anterior estender uma mão para Gabbe e levantá-la do solo. Ele assistiu isso se desenrolar diante de seus olhos agora, assim como ele se lembrava:

Ele olhou para sua alma e viu como brilhantemente queimou. Ele olhou para trás e viu os outros- Cam e Roland, Arriane e Annabelle, mesmo Molly- e ele pensou em quanto tempo ele arrastou os outros através de sua tragédia épica.

E para que?

Lucinda. E a escolha que os dois tinham feito há muito tempo várias e várias vezes: colocar o amor deles acima de tudo.

Naquela noite nos fiordes, a alma dela estava entre as encarnações recém-eliminadas do seu último corpo. E se ele parasse de procurá-la? Daniel estava cansado até seu âmago. Ele não sabia se ainda o tinha nele.

Assistindo sua luta anterior, sentindo a chegada iminente de colapso absoluto, Daniel lembrou o que ele tinha que fazer.

Era perigoso. Proibido. Mas era absolutamente necessário. Agora, pelo menos, ele compreendeu por que seu futuro eu, o tinha tomado há muito tempo- para emprestar-lhe força, para mantê-lo puro. Ele tinha enfraquecido nesse momento-chave no seu passado. E o futuro Daniel não podia deixar a fraqueza ser ampliada em toda a extensão da história, não poderia deixar isso corromper as chances dele e Lucinda.

Então ele repetiu o que havia acontecido com ele 900 anos antes. Ele iria fazer reparações hoje à noite unindo-se com- não, substituindo o seu passado.

Clivagem (divisão).

Esse era o único jeito.

Ele girou os ombros para trás, abriu suas asas trêmulas na escuridão. Ele podia senti-las pegar o vento em suas costas. Uma aurora de luz pintou o céu de uma centena de metros acima dele. Foi brilhante o suficiente para cegar um mortal, brilhante o suficiente para capturar a atenção dos sete anjos.

Agitação do outro lado da pedra. Gritos e suspiros e o bater de asas se aproximando.

Daniel impulsionou-se do chão, voando rápido e forte para que ele disparasse sobre o pedregulho enquanto Cam veio ao redor por atrás dele. Eles perderam-se um do outro por uma envergadura, mas Daniel continuou em movimento, desceu sobre o seu próprio passado tão rápido quanto seu amor por Luce poderia levá-lo.

Seu eu passado recuou e estendeu as mãos, afastando Daniel.

Todos os anjos sabiam os riscos da clivagem. Uma vez juntos, era quase impossível livrar-se de seu próprio passado, para separar duas vidas que tinha sido divididas juntas. Mas Daniel sabia que ele tinha se fundido no passado e tinha sobrevivido. Então ele tinha que fazer isso.

Ele estava fazendo isso para ajudar Luce.

Ele apertou suas asas juntas e mergulhou em seu próprio passado, batendo tão forte que ele deveria ter sido esmagado, se ele não tivesse sido absorvido. Ele estremeceu, e seu próprio passado estremeceu, e Daniel apertou os olhos fechados e rangeu os dentes para suportar a estranha doença aguda que inundou seu corpo. Ele sentiu como se estivesse caindo morro abaixo: imprudente e imparável. Sem caminho de volta até ele atingir o fundo.

Então, de repente, tudo parou.

Daniel abriu os olhos e podia ouvir apenas a respiração dele. Sentia-se cansado, mas alerta. Os outros estavam olhando para ele. Ele não podia ter certeza se eles tinham alguma ideia do que tinha acontecido. Todos olharam com medo de chegar perto dele, até mesmo para falar com ele.

Abriu as asas e girou em um círculo completo inclinando, com a cabeça em direção ao céu. “Eu escolho o meu amor por Lucinda” ele chamou ao Céu e a Terra, aos anjos ao seu redor e os que não estavam lá. Para a alma da única e verdadeira coisa que ele mais amava, onde quer que ela estivesse. “Agora eu reafirmo a minha escolha: eu escolho Lucinda sobre tudo. E eu vou até o fim.”

QUINZE

O SACRIFÍCIO

Chichén Itzá, Mesoamérica • 5 Wayeb[1]

[1]Os cinco dias sem nome no fim do ano do calendário Maia (mais ou menos séc. VI a.C), chamados Wayeb', eram dias que se acreditavam perigosos. Foster (2002) escreve que "durante o Wayeb' , os portais entre o reino mortal e o submundo se dissolviam. Nenhum limite impedia que as deidades mal-intencionadas causassem desastres". Para afastar os maus espíritos, os maias tinham costumes e rituais que eram praticadas durante o Wayeb' . Por exemplo, as pessoas evitavam sair de casas e lavar ou pentear o cabelo.

O Anunciador cuspiu Luce no sufocante calor de um dia de verão. Sob seus pés, o chão estava seco, toda a terra rachada e amarelada, lâminas de grama seca. O céu estava um azul árido, nenhuma única nuvem a prometer chuva. Até o vento parecia sedento.

Ela ficou no centro de um campo plano, limitado por três lados por um estranho muro alto. A partir desta distância, parecia um pouco como um mosaico feito de pérolas gigantes. Elas tinham formas irregulares, não exatamente esférica, variando na cor de marfim e o castanho claro. Aqui e ali haviam pequenas rachaduras entre as pérolas, deixando passar a luz do outro lado. Além de uma meia dúzia de abutres grasnando enquanto eles voavam em círculos apáticos, não havia ninguém por perto. O vento soprava furiosamente pelos cabelos dela e cheirava ... ela não podia reconhecer o cheiro, mas tinha um gosto metálico, quase enferrujado.

O vestido pesado que ela estava usando desde o baile em Versalhes estava encharcado de suor. Ele cheirava a fumaça e cinzas e transpiração cada vez que ela inspirava. Ele tinha que ir. Ela se esforçou para alcançar os laços e botões. Ela poderia usar uma mão- até mesmo uma pedra pequena.

Onde estava Bill, afinal? Ele estava sempre desaparecendo. Às vezes, Luce tinha a sensação de que o gárgula tinha uma agenda própria, e que ela estava sendo reordenada de acordo com sua agenda.

Ela lutou com o vestido, rasgando as rendas verde em torno da gola, arrebentando os ganchos enquanto ela caminhava. Felizmente, não havia ninguém ao redor para ver. Finalmente, ela ficou de joelhos e deslizou livre, puxando as saias sobre sua cabeça.

Enquanto ela se sentava sobre os calcanhares em seu turno de algodão fino, atingiu Luce em como ela estava exausta. Quanto tempo tinha passado desde que ela tinha dormido? Ela tropeçou em direção à sombra da parede, seus pés roçando pela grama frágil, pensando que talvez ela pudesse deitar um pouco e fechar os olhos.

Suas pálpebras tremeram, tão sonolentas.

Em seguida, dispararam em aberto. E sua pele começou a formigar.

Cabeças.

Luce finalmente percebeu do que o muro foi feito. As estacas cor de osso fincadas no solo, paliçadas- a aparência meio inocente de longe- eram prateleiras interligadas de cabeças humanas empaladas.

Ela sufocou um grito. De repente, ela podia reconhecer o odor sendo transportado no vento- era o cheiro de podridão e sangue derramado, de carne em putrefação.

A parte inferior do muro estava branqueado pelo sol, encharcada de crânios brancos e limpos, desgastados pelo vento e o sol. Na parte superior, os crânios pareciam mais frescos. Isto é, eles ainda eram claramente cabeças de pessoas- espessas jubas de cabelo preto, pele praticamente intacta. Mas os crânios no meio estavam em algum lugar entre o mortal e o monstruoso: A pele desgastada estava descascando atrás, deixando o sangue marrom seco no osso. Os rostos estavam esticados com o que poderia ter sido terror ou raiva.

Luce cambaleou para longe, esperando por um sopro de ar que não cheirasse a podridão, mas não encontrando-o.

“Não é tão horrível quanto parece.”

Ela virou-se apavorada. Mas era só o Bill.

“Onde você estava? Onde nós estamos?”

“É realmente uma grande honra ser empilhado assim” ele disse, marchando direto para perto da linha mais baixa. “Todos esses pequenos cordeiros inocentes vão direto para o céu. Apenas o desejo dos fiéis.”

“Por que você me deixou aqui com estas...”

“Ah, vamos lá. Eles não vão morder.” Ele olhou-a de lado. “O que você fez com as suas roupas?”

Luce encolheu os ombros. “Está quente.”

Ele suspirou longamente, com um cansaço do mundo. “Agora me pergunte onde eu estive. E desta vez, tente manter o julgamento fora da sua voz.”

Sua boca se contorceu. Havia algo impreciso sobre os desaparecimentos ocasionais de Bill. Mas ele estava lá agora, com suas garras pequenas escondidas cuidadosamente atrás das costas, dando-lhe um sorriso inocente. Ela suspirou. “Onde você estava?”

“Comprando!” Bill alegremente estendeu ambas as asas dele, revelando uma saia marrom envolvente pendurada na ponta de uma asa e uma túnica curta combinando pendurada na outra. “E o golpe de misericórdia!” Disse ele, retirando de trás das costas um colar de pedaços brancos. Ossos.

Ela pegou a túnica e a saia, mas jogou fora o colar. Ela tinha visto ossos o suficiente. “Não, obrigado.”

“Você quer se misturar? Então você tem de usar as mercadorias.”

Engolindo seu desgosto, ela colocou-o sobre sua cabeça. As peças polidas de ossos tinham sido amarradas ao longo de algum tipo de fibra. O colar era longo e pesado e, Luce tinha que admitir, meio bonito.

“E eu acho que isso” ele deu a ela uma faixa de metal pintado “vai no seu cabelo.”

“Onde você conseguiu tudo isso?” Ela perguntou.

“É seu. Quero dizer, não é seu -Lucinda Price- mas é seu em um amplo sentido cósmico. Ele pertence à você nesta vida Ix-Cuat.”

“Ix quem?”

“Ix Cuat. Seu nome nesta vida significava ‘Pequena Serpente’.” Bill olhou a mudança em seu rosto. “Era um termo carinhoso na cultura maia. Mais ou menos.”

“Da mesma forma que ter a sua cabeça empalada em uma vara era uma honra?”

Bill rolou seus olhos de pedra. “Pare de ser tão etnocêntrica. Que significa pensar que sua própria cultura é superior a outras culturas.”

“Eu sei o que isso significa” ela disse, colocando a faixa em seu cabelo sujo. “Mas eu não estou sendo superior. Eu só não acho que ter a cabeça presa em uma dessas prateleiras seria tão bom.” Havia uma fraca vibração no ar, como tambores distantes.

“O que é exatamente o tipo de coisa que Ix Cuat diria! Você sempre foi um pouco atrasada!”

“O que você quer dizer?”

“Veja, você- Ix Cuat -nasceram durante o 'Wayeb, que são estes cinco dias ímpares, no final do ano maia que todo mundo fica bem supersticioso sobre os porquês de não se encaixarem no calendário. Tipo como dias do ano bissexto. Não é exatamente sorte nascer durante Wayeb '. Assim, ninguém ficou chocado quando você cresceu para ser uma solteirona.”

“Uma solteirona?” Luce perguntou. “Pensei que nunca tivesse vivido depois dos dezessete ... mais ou menos.”

“Dezessete aqui em Chichén Itzá é idoso” Bill disse, flutuando de cabeça em cabeça, suas asas zumbindo enquanto ele flutuava. “Mas é verdade, você não costumava viver muito depois dos dezessete ou perto disso. Tem sido uma espécie de mistério a respeito do porque na vida de Lucinda Price, você conseguiu ficar por tanto tempo.”

“Daniel disse que era porque eu não fui batizada.” Agora Luce tinha certeza que ela ouviu tambores e que eles estavam se aproximando. “Mas como isso pode importar? Quero dizer, eu aposto que Ix Cuat- por mais que fosse batizada...”

Bill bateu a mão com desdém. “O batismo é apenas uma palavra para uma espécie de sacramento ou aliança, em que sua alma está mais ou menos reclamada. Quase todas as crenças tem algo similar. Cristianismo, Judaísmo, Islamismo, até mesmo a religião maia que está prestes a ir desfilar” ele apontou para os tambores que agora estavam tão alto que Luce perguntou se eles deveriam se esconder. “Todas as características dos sacramentos de algum tipo se exprimem na devoção de alguém a um deus.”

“Então, eu estou viva na minha vida atual em Thunderbolt porque meus pais não me batizaram?”

“Não” disse Bill “você é capaz de ser morta em sua vida atual em Thunderbolt porque seus pais não batizaram você. Você está viva em sua vida atual, porque, bem ... ninguém sabe realmente o porquê.”

Deve ter havido uma razão. Talvez tenha sido a brecha que Daniel tinha falado no hospital em Milão. Mas mesmo ele, não parecia entender como Luce era capaz de viajar através dos Anunciadores. Com cada vida que ela visitou, Luce podia sentir que estava se aproximando para encaixar as peças do seu passado juntas ... mas ela não estava lá ainda.

“Onde está a aldeia?” Ela perguntou. “Onde estão as pessoas? Onde está o Daniel?” Os tambores aumentaram tão alto que ela tinha que levantar a voz.
“Oh” Bill disse “eles estão do outro lado do tzompantlis.”

“Do que?”

“Este muro de cabeças. Vamos, você tem que ver isso!”

Através dos espaços abertos nas prateleiras de crânios, flashes de cores dançaram. Bill conduziu Luce para a borda da parede de crânios e gesticulou para ela olhar.

Além do muro, uma civilização inteira passou desfilando. Uma longa fila de pessoas dançaram e bateram seus pés contra uma larga estrada de terra batida que serpenteava através da área dos ossos. Eles tinham cabelos negros sedosos e pele da cor de castanha.

Eles tinham idades entre três anos e velho o suficiente para tentar adivinhar. Todos eles eram vibrantes, belos e estranhos. Suas roupas eram escassas, resistentes peles de animais que mal cobriam sua carne, exibindo tatuagens e rostos pintados. Era a mais notável arte corporal - elaboradas representações coloridas de brilhantes penas de pássaros, sóis, e desenhos geométricos espalhados em suas costas, braços e peito.

Ao longe, haviam construções- uma rede ordenada de estruturas de pedra branqueada e um aglomerado de pequenos prédios com telhados de palha plana. Além disso, havia selva, mas as folhas de suas árvores pareciam murchas e quebradiças.

A multidão passou marchando, cegos para Luce, apanhados no frenesi de sua dança.

“Vamos lá!” Bill disse e empurrou-a para fora no fluxo de pessoas.

“O quê?” Ela gritou. “Ir lá? Com eles?”

“Vai ser divertido!” Bill gargalhou, voando em frente. “Você sabe dançar, não é?”

Cuidadosamente no início, ela e o pequeno gárgula se juntaram ao desfile enquanto passavam o que parecia ser um mercado- uma longa e estreita faixa de terra cheia de tonéis de madeira e taças cheias de produtos para venda: abacate preto com covinhas, talos de milho vermelho, ervas secas amarradas com fio, e muitas outras coisas que Luce não reconhecia. Ela virou a cabeça de um lado para o outro, para ver o máximo possível enquanto ela passava, mas não havia maneira de parar. O aumento súbito da multidão a empurrou inevitavelmente para a frente.

Os Maias seguiram a estrada que curvava para baixo em uma planície larga e rasa. O estrondo de sua dança desapareceu, e eles se reuniram silenciosamente, murmurando um com o outro. Eles chegaram a centenas. Na repetida pressão das garras afiadas de Bill sobre os seus ombros, Luce abaixou-se de joelhos, como o resto deles e seguiu o olhar da multidão para cima.

Por trás do mercado, um edifício era mais alto que todos os outros: uma pirâmide com degraus de pedra do mais branco. Os dois lados visíveis a Luce, cada um tinha escadarias íngremes subindo para seus centros, que terminavam em uma única estrutura da história pintada de azul e vermelho. Um arrepio percorreu Luce, parte de reconhecimento e parte do medo inexplicável.

Ela tinha visto essa pirâmide antes. Nas imagens do livro de história, o templo maia tinha caído em ruínas. Mas estava longe de ruínas agora. Era magnífico.

Quatro homens segurando tambores feitos de madeira, estavam esticados afastados em uma fileira na beirada em torno do topo da pirâmide. Seus rostos bronzeados estavam pintados com pinceladas de vermelho, amarelo e azul para parecer com máscaras. Seus tambores batiam em uníssono, cada vez mais rápido até que alguém saiu da porta.

O homem era mais alto que os tocadores de tambor; debaixo de um cocar vermelho e branco de penas altas, com o rosto todo pintado com desenhos labirínticos turquesa. Seu pescoço, punhos,

tornozelos e orelhas eram adornados com o mesmo tipo de joias de osso que Bill tinha dado a Luce para usar. Ele estava carregando alguma coisa- uma vara longa decorada com penas pintadas e fragmentos brilhantes de branco. Em uma extremidade, algo prata brilhava.

Quando ele encarou o povo, a multidão ficou em silêncio, quase como por encanto.

“Quem é aquele homem?” Luce sussurrou para Bill. “O que ele está fazendo?”

“Esse é o líder tribal, Zotz. Muito abatido, certo? Os tempos são difíceis quando o seu povo não vê chuva por 364 dias. Não que eles estejam contando com esse calendário de pedra lá, nem nada.” Ele apontou para uma laje de pedra cinzenta marcada com centenas de linhas pretas de fuligem.

Nenhuma gota de água por quase um ano inteiro? Luce quase podia sentir a sede saindo da multidão. “Eles estão morrendo” ela disse.

“Eles esperam que não. É aí que você entra” disse Bill. “Você e alguns outros miseráveis infelizes. Daniel, também- ele tem um papel menor. Chaat está com muita fome até agora, por isso é realmente todos os homens no convés.”

“Chaat?”

“O deus da chuva. Os maias têm essa crença absurda de que a comida favorita de um deus colérico é sangue. Vê aonde eu quero chegar com isso?”

“Sacrifício humano.” Luce disse vagarosamente.

“Sim. Este é o começo de um longo dia para eles. Mais crânios para acrescentar as prateleiras. Emocionante, não é?”

“Onde está Lucinda? Quero dizer, Ix-Cuat?”

Bill apontou para o templo. “Ela está trancada lá dentro, junto com outros sacrifícios, esperando o jogo de bola acabar.”

“O jogo de bola?”

“Isso é o que essa multidão está a caminho de assistir. Veja, o líder tribal gosta de promover um jogo de bola antes de um grande sacrifício.” Bill tossiu e roçou suas asas atrás.

“É uma espécie de cruzamento entre basquete e futebol, cada equipe tinha apenas dois jogadores e a bola pesava uma tonelada, e os perdedores têm suas cabeças cortadas e o sangue deles alimentava Chaat.”

“Para a quadra!” Zotz berrou do degrau mais alto do templo. As palavras do maia soaram estranhamente guturais e ainda eram compreensíveis para Luce. Ela se perguntou como eles fizeram Ix Cuat se sentir, trancada no quarto atrás de Zotz.
A grande alegria irrompeu da multidão. Como grupo, os Maias se levantaram e saíram correndo em direção ao que parecia ser um grande anfiteatro de pedra no lado mais distante da planície. Era oblongo e baixo- um campo de jogos de terra marrom rodeado por arquibancadas de pedra escalonada.

“Ah- lá está o nosso menino!” Bill apontou para a ponta da multidão enquanto se aproximavam do

estádio.

Um magro menino musculoso, estava correndo mais rápido do que os outros, de costas para Luce. Seu cabelo era castanho escuro e brilhante, com os ombros muito bronzeados e pintados com interseção de faixas vermelha e preta. Quando ele virou a cabeça levemente para a esquerda, Luce teve um vislumbre rápido de seu perfil. Ele não era nada como o Daniel que ela tinha deixado no quintal de seus pais. E ainda...

“Daniel!” Luce disse “Ele parece...”

“Diferente e ao mesmo tempo precisamente o mesmo?” Bill perguntou.

“Sim”

“Essa é a alma dele que você reconhece. Independentemente de como vocês dois podem parecer do lado de fora, vocês sempre conhecem a alma um do outro.”

Não tinha ocorrido a Luce até agora quão extraordinário era que ela reconhecia Daniel em cada vida. Sua alma encontrou a dele. “Isso é ... lindo.”

Bill arranhou uma crosta no braço com uma garra retorcidas. “Se você diz.”

“Você disse que Daniel estava envolvido no sacrifício de alguma forma. Ele é um jogador de bola, não é?” Luce disse, esticando o pescoço em direção à multidão, assim que Daniel desapareceu dentro do anfiteatro.

“Ele é” disse Bill. “Há uma pequena cerimônia adorável” ele levantou uma sobrancelha de pedra “Em que os vencedores guiam os sacrifícios para suas próximas vidas.”

“Os vencedores matam os prisioneiros?” Luce disse calmamente.

Eles assistiram a multidão enquanto afunilavam para dentro do anfiteatro. Tambores soaram de dentro. O jogo estava prestes a começar.

“Não matar. Eles não são assassinos comuns. Sacrifício. Primeiro eles cortavam as cabeças. Cabeças voltam para lá.” Bill acenou com a cabeça sobre o ombro para a prateleira de crânios. “Os corpos são jogados em um - me perdoe - santo escoadouro de calcário na floresta” Ele fungou. “Eu? Não vejo como isso vai trazer chuva, mas quem sou eu para julgar?”

“Daniel vai ganhar ou perder?” Luce perguntou, sabendo a resposta antes que as palavras tinham sequer deixado seus lábios.

“Eu posso ver como a ideia de Daniel decapitar você, talvez, não grite romance” Bill disse: “mas realmente, qual é a diferença entre ele matar você pelo fogo e pela espada?”

“Daniel não faria isso.”
Bill pairou no ar na frente de Luce. “Não faria?”

Houve um grande estrondo de dentro do anfiteatro. Luce sentiu que ela devia correr para o campo, ir até Daniel, e tomá-lo em seus braços; dizer-lhe o que ela, deixou o Globo, muito cedo para dizer: que ela entendia agora tudo o que ele passou para estar com ela. Que seus sacrifícios fizeram dela ainda mais comprometida com seu amor. “Eu deveria ir até ele” ela disse.

Mas havia também Ix Cuat. Trancada em uma sala no topo da pirâmide esperando para ser morta. Uma garota que poderia conter dentro dela um pedaço valioso de informações que Luce precisava para aprender a quebrar a maldição.

Luce hesitou no local- um pé em direção ao anfiteatro, um em direção à pirâmide.

“Qual é que vai ser?” Bill zombou. Seu sorriso era grande demais.

Ela saiu correndo, para longe de Bill e em direção a pirâmide.

“Boa escolha!” Ele chamou, voando rapidamente ao redor para manter o ritmo ao seu lado.

A pirâmide se erguia sobre ela. O templo pintado no topo- onde Bill havia dito que Ix Cuat estaria- parecia tão distante como uma estrela. Luce estava com muita sede. Sua garganta doía por água, a terra queimou as solas dos seus pés. Parecia que o mundo inteiro estava queimando.

“Este lugar é muito sagrado” Bill murmurou em seu ouvido. “Este templo foi construído em cima de um templo anterior, que foi construído em cima de outro templo, e assim por diante, todos eles orientados para marcar os equinócios de primavera e outono. Nesses dois dias ao pôr do sol, a sombra de uma serpente pode ser vista correndo os degraus das escadas do norte. Legal, né?”

Luce apenas bufou e começou a subir as escadas.

“Os Maias eram gênios. A esta altura em sua civilização, eles já previram o fim do mundo em 2012.” Ele tossiu teatralmente. “Mas ainda não se sabe. O tempo dirá.”

Conforme Luce se aproximava do topo, Bill voou próximo novamente.

“Agora, escute” ele disse. “Desta vez, se e quando você for em 3-D...”

“Shhh” Luce disse.

“Ninguém pode me ouvir, além de você!”

“Exatamente. Shhh!” Ela deu mais um passo para cima da pirâmide, em silêncio agora, e ficou na beirada no topo. Ela pressionou seu corpo contra a pedra quente do muro do templo, a centímetros de distância da porta aberta. Dentro, alguém estava cantando.

“Eu faria isso agora” disse Bill “enquanto os guardas estão na quadra da bola.”

Luce moveu-se para a porta e olhou para dentro.

A luz do sol entrando através da porta aberta iluminava um grande trono no centro do templo. Tinha a forma de um jaguar e pintado de vermelho, com manchas de jade incrustada. À esquerda estava uma grande estátua de uma figura reclinada na lateral com uma mão sobre seu estômago. Pequenas lâmpadas acesas feitas de pedra e cheias de óleo cercavam a estátua e lançavam uma luz piscando. As únicas outras coisas na sala, eram três meninas unidas nos pulsos por uma corda, amontoadas no canto.

Luce ofegou, e a cabeça de todas as três meninas levantaram. Eram todas bonitas, com cabelos escuros com tranças, e piercings de jade através de seus orelhas. A da esquerda tinha a pele mais

escura. A da direita tinha profundas linhas azuis em espiral pintadas de cima a baixo nos braços. E a outra no meio ... era Luce.

Ix Cuat era pequena e delicada. Seus pés estavam sujos, e seus lábios estavam rachados. Das três meninas aterrorizadas, seus olhos escuros eram os mais selvagens.

“O que você está esperando?” Bill gritou de seu assento na cabeça da estátua.

“Elas não me verão?” Luce sussurrou por meio de uma mandíbula cerrada. Das outras vezes que ela clivou com seus eus do passado, elas tinham estado sozinhas ou Bill ajudou a protegê-la. O que pareceria para essas outras garotas se Luce fosse para dentro do corpo Ix Cuat?

“Essas meninas têm estado meio loucas, desde que foram selecionadas para serem sacrificadas. Se elas gritarem sobre qualquer negócio esquisito, adivinhe quantas pessoas vão se importar?” Bill fez um show de contagem nos dedos. “Certo. Zero. Ninguém nem sequer vai ouvi-las.”

“Quem é você?” Uma das garotas perguntou, a voz estilhaçada com medo.

Luce não podia responder. À medida que ela se adiantou, os olhos de Ix Cuat se inflamaram com o que parecia terror. Mas então, para o grande choque de Luce, enquanto ela estendia a mão, seu eu passado alcançou-a com as mãos atadas e agarrou rápido e forte a mão de Luce. As mãos de Ix Cuat eram quentes, suaves e trêmulas.

Ela começou a dizer alguma coisa. Ix Cuat tinha começado a dizer- ‘Leve-me para longe’.

Luce ouviu isso em sua mente enquanto a terra estremecia debaixo delas e tudo começou a tremer.

Ela viu Ix Cuat, a menina que tinha nascido sem sorte, cujos olhos disseram a Luce que ela não sabia nada sobre os Anunciadores, mas que tinha agarrado Luce como se Luce fosse sua libertação. E ela se viu, fora de si mesma, parecendo cansada, faminta, esfarrapada e áspera. E mais velha de alguma forma. E mais forte.

Então o mundo se estabeleceu novamente.

Bill tinha ido embora da cabeça da estátua, mas a Luce não podia se mover para procurá-lo. Os seus pulsos amarrados estavam apertados e marcadas com pretas tatuagens de sacrifício. Seus tornozelos, ela percebeu, tinham sido presos, também. Não que as ligações importassem muito- o medo ligou a sua alma com mais força do que qualquer corda nunca poderia. Esta não era como as outras vezes que a Luce tinha entrado no passado dela. Ix Cuat sabia exatamente o que estava vindo para ela. A morte. E ela não parecia acolhê-la como Lys tinha feito em Versailles.

Em ambos os lados de Ix Cuat, suas companheiras tinham se afastado para longe dela, mas elas podiam se mover apenas alguns centímetros. A menina do lado esquerdo, com a pele escura- Hanhau- chorava; a outra, com o corpo pintado de azul –Ghanan- estava orando. Todas estavam com medo de morrer.

“Você está possuída!” Hanhau soluçava em meio às lágrimas. “Você vai contaminar a oferenda!”

Ghanan estava sem palavras.

Luce ignorou as meninas e sentiu ao redor o próprio medo incapacitante de Ix Cuat. Algo estava correndo em sua mente: a oração. Mas não uma oração de preparação sacrificial. Não, Ix Cuat

estava orando por Daniel.

Luce sabia que a ideia dele fazia a pele de Ix Cuat corar e seu coração bater mais rápido. Ix Cuat o amou a vida toda, mas só de longe. Ele havia crescido alguns edifícios longe da casa de sua família. Às vezes ele trocava abacates com sua mãe no mercado. Ix Cuat vinha tentando há anos criar coragem de falar com ele. O conhecimento de que ele estava na quadra da bola agora a atormentava. Ix Cuat estava orando, percebeu Luce, que ele perdesse. Sua única oração era que ela não queria morrer em suas mãos.

“Bill?” Luce sussurrou.

A gárgula pequeno voou de volta para dentro do templo. “O jogo acabou! A multidão está se dirigindo para o cenote agora. Essa é a piscina de pedra calcária, onde o sacrifício acontece. Zotz e os jogadores vencedores estão a caminho daqui para guiar vocês garotas para a cerimônia.”

Conforme o barulho da plebe desaparecia, Luce estremeceu. Havia passos na escada. A qualquer momento, Daniel entraria por aquela porta.

Três sombras escureceram a entrada da porta. Zotz, o líder com o cocar de penas vermelha e branca, entrou no templo. Nenhuma das meninas se mexeu, elas estavam todas olhando com horror a longa lança decorativa que ele segurava. Uma cabeça humana foi cravada em cima dela. Os olhos estavam abertos, cruzados com a tensão; o pescoço ainda estava pingando sangue.

Luce desviou o olhar e seus olhos caíram sobre o outro homem muito musculoso entrando no túmulo. Ele estava carregando outra lança pintada, com outra cabeça empalada em seu topo. Pelo menos os olhos deste estavam fechados. Havia o mais fraco sorriso sobre os lábios mortos.

“Os perdedores” Bill disse, zunindo perto de cada uma das cabeças para examiná-las. “Agora você não está contente que a equipe de Daniel ganhou? Principalmente graças a esse cara.” Ele bateu no ombro do homem musculoso, embora o companheiro de equipe de Daniel, parecia não sentir nada. Em seguida, Bill estava fora da porta novamente.

Quando Daniel entrou no templo, finalmente, sua cabeça estava pendurada. Suas mãos estavam vazias e seu peito estava nu. Seus cabelos e pele eram escuros, e sua postura estava mais rígida do que Luce estava acostumada. Tudo, desde a maneira como os músculos de seu abdômen encontravam os músculos do peito, à forma como ele segurava as mãos sem vida ao seu lado era diferente. Ele ainda estava lindo, ainda era a coisa mais linda que Luce já tinha visto, embora ele não se parecesse nada com o menino a quem Luce tinha se habituado.

Mas então ele olhou para cima, e seus olhos brilhavam exatamente o mesmo tom de violeta de sempre.

“Oh” ela disse suavemente, batendo contra suas amarras, desesperada para fugir da história que eles estavam presos durante esta vida- os crânios, da seca e do sacrifício- e segurá-lo por toda a eternidade.

Daniel balançou a cabeça ligeiramente. Seus olhos pulsaram para ela, brilhando. Seu olhar acalmou-a. Como se ele estivesse dizendo a ela para não se preocupar.

Zotz acenou com a mão livre para as três meninas ficarem em pé, em seguida, deu um aceno rápido, e todos saíram pela porta norte do templo. Hanhau primeiro, com Zotz ao seu lado, Luce bem atrás dela, e Ghanan na retaguarda. A corda entre elas era apenas longa o suficiente para cada menina

segurar os dois punhos juntos a seu lado. Daniel veio e caminhou ao seu lado, e o outro vencedor andou ao lado de Ghanan.

Por um breve instante, as pontas dos dedos de Daniel roçaram seus pulsos amarrados. Ix Cuat vibrou com o toque.

Bem na porta do templo, os quatro bateristas estavam esperando na borda. Eles ficaram na fila atrás da procissão e, enquanto a festa descia a escada íngreme da pirâmide eles tocaram a mesma batida frenética que Luce tinha ouvido quando ela chegou nesta vida. Luce focou em andar, sentindo como se estivesse montada numa maré em vez de escolher colocar um pé na frente do outro para baixo da pirâmide, e então, na base dos degraus, pelo caminho poeirento que a levou para a sua morte.

Os tambores eram tudo que ela podia ouvir, até que Daniel se inclinou e sussurrou: “Eu vou salvar você.”

Algo dentro de Ix Cuat disparou. Esta foi a primeira vez que ele tinha falado com ela nesta vida.

“Como?” Ela sussurrou de volta, inclinando-se para ele, ansiando por ele para libertá-la e levá-la para muito, muito distante.

“Não se preocupe.” Seus dedos encontraram os dela novamente, acariciando-os suavemente. “Eu prometo, eu vou cuidar de você.”

Lágrimas escorreram de seus olhos. O chão ainda estava queimando as solas dos seus pés, e ela ainda estava marchando para o lugar onde Ix Cuat deveria morrer, mas pela primeira vez desde que chegou nesta vida, Luce não tinha medo.

O caminho conduziu por uma linha de árvores e para dentro da selva. Os bateristas pausaram. Cânticos encheram seus ouvidos, os cânticos da multidão no fundo da selva, no cenote. Uma canção que Ix Cuat tinha crescido cantando, uma oração para a chuva. As outras duas meninas cantavam suavemente, suas vozes tremendo.

Luce pensou nas palavras que Ix Cuat parecia dizer enquanto Luce entrava em seu corpo: ‘Leve-me para longe’, ela gritou dentro de sua cabeça. ‘Leve-me para longe.’

De repente, eles pararam de andar.

No fundo da seca, árida selva, o caminho diante deles se abriu. Uma enorme cratera cheia de água no calcário se estendia uma centena de metros diante de Luce. Em torno dela estavam os brilhantes, ávidos olhos do povo maia. Centenas de pessoas. Eles tinham parado de cantar. O momento que eles estavam esperando estava aqui.

O cenote era um poço de pedra calcária, cheio de musgo, profundo e cheio de água verde brilhante. Ix Cuat tinha estado lá antes- ela tinha visto outros doze sacrifícios humanos assim como este. Abaixo, naquela água tranquila, estavam os restos em decomposição de uma centena de outros corpos, uma centena de almas que deveriam ter ido direto para o céu- apenas, naquele momento, Luce sabia que Ix Cuat não tinha certeza se acreditava em nada disso.

A família de Ix Cuat estava perto da borda do cenote. Sua mãe, seu pai, duas irmãs mais novas, ambas segurando bebês em seus braços. Eles acreditavam- no ritual, no sacrifício que iria levar sua filha para longe e quebrar seus corações. Eles a amavam, mas eles pensavam que ela estava sem sorte. Eles pensavam que este era o melhor caminho para ela se redimir.

Um homem desdentado, com longos brincos dourado guiou Ix Cuat e as outras duas meninas diante de Zotz, que tomou um lugar de destaque perto da borda do lago de pedra calcária. Ele olhou para baixo na água profunda. Então ele fechou os olhos e começou um novo canto. A comunidade e os bateristas se juntaram.

Agora o homem desdentado ficou entre Luce e Ghanan e derrubou seu machado na corda que amarrava elas juntas. Luce sentiu um solavanco para a frente e a corda foi cortada. Os pulsos ainda estavam ligados, mas agora ela estava ligada apenas a Hanhau à sua direita. Ghanan estava sozinha e marchou diretamente na frente de Zotz.

A menina se balançou para trás e para frente, cantando baixinho. O suor escorreu por trás de seu pescoço.

Quando Zotz começou a dizer palavras de oração para o deus da chuva, Daniel inclinou-se para Luce. “Não olhe.”

Então Luce fixou o seu olhar em Daniel, e ele nela. Em todo o cenote, a multidão puxou sua respiração. O companheiro de equipe de Daniel grunhiu e deixou o machado cair com força no pescoço da menina. Luce ouviu o corte limpo da lâmina, e então o baque surdo da cabeça de Ghanan caindo no chão.

O rugido da multidão levantou-se novamente: gritos de agradecimento a Ghanan, orações por sua alma no céu, desejos vigorosos para a chuva.

Como as pessoas podiam realmente pensar que matando uma menina inocente iria resolver os seus problemas? Este era o lugar onde Bill normalmente aparecia. Mas Luce não o via em qualquer lugar. Ele tinha um modo de desaparecer quando Daniel estava ao redor.

Luce não queria ver o que havia acontecido com a cabeça do Ghanan. Então ela ouviu um profundo splash reverberando e sabia que o corpo da menina havia chegado ao seu lugar de descanso final.

O homem desdentado se aproximou. Desta vez ele cortou a ligação de Ix Cuat com Hanhau. Luce estremeceu enquanto ele a guiava diante do líder tribal. As pedras eram afiadas sob seus pés. Ela olhou por cima da borda da pedra calcária no cenote. Ela achou que poderia estar doente, mas, em seguida, Daniel apareceu ao seu lado e ela se sentiu melhor. Ele acenou para ela olhar para Zotz.

O líder tribal sorriu largamente para ela, mostrando dois topázios colocados em seus dentes da frente. Ele entoou uma oração que Chaat aceitaria ela e traria a comunidade muitos meses de chuva nutritiva.

‘Não’ Luce pensou. Estava tudo errado. ‘Leve-me embora!’ ela gritou para Daniel em sua cabeça. Ele se virou para ela, quase como se tivesse ouvido.

O homem desdentado limpou o sangue de Ghanan do machado com um pedaço de pele de animal. Com grande pompa, ele entregou a lâmina para Daniel, que se voltou para ficar cara a cara com Luce. Daniel parecia cansado, como se arrastado para baixo pelo peso do machado. Seus lábios estavam franzidos e branco, e seu olhar violeta nunca deixou o dela.

A multidão ficou em silêncio, segurando suas respirações. O vento quente agitava as árvores enquanto o machado brilhava ao sol. Luce podia sentir que o fim estava chegando, mas por quê? Por que sua alma a arrastou até aqui? Que visão sobre seu passado, ou a maldição, ela poderia obter

por ter sua cabeça cortada?

Então, Daniel deixou o machado cair no chão.

“O que você está fazendo?” Luce perguntou.

Daniel não respondeu. Ele rolou os ombros para trás, virou o rosto para o céu, e abriu os braços. Zotz adiantou-se para interferir, mas quando ele tocou o ombro de Daniel, ele gritou e recuou como se tivesse sido queimado.

E então...

As asas brancas de Daniel desfraldaram de seus ombros. Quando elas se estenderam totalmente de seus lados, enormes e surpreendentemente brilhantes contra a paisagem seca marrom, elas arremessaram vinte Maias para trás.

Gritos ressoaram em todo o cenote:

“O que ele é?”

“O menino está com asas!”

“Ele é um deus! Enviado para nós por Chaat!”

Luce se debatia contra as cordas que amarravam seus pulsos e tornozelos. Ela precisava correr para Daniel. Ela tentou se mover em direção a ele, até que...

Até que ela não podia se mover mais.

As asas de Daniel eram tão brilhantes que eram quase insuportáveis. Só que, agora não era só as asas de Daniel que estavam brilhando. Era ... tudo dele. Todo o seu corpo brilhava. Como se tivesse engolido o sol.

Música encheu o ar. Não, não a música, mas um único acorde harmonioso. Ensurdecedor e sem fim, glorioso e assustador.

Luce tinha ouvido isso antes ... em algum lugar. No cemitério de Sword & Cruz, a última noite que ela esteve lá, a noite que Daniel tinha lutado com Cam, e Luce não foi autorizada a assistir. A noite que a senhorita Sophia tinha arrastado-a para longe e Penn tinha morrido e nada jamais tinha sido o mesmo. Tinha começado exatamente com o mesmo acorde, e estava saindo de Daniel. Ele estava tão brilhantemente iluminado, o seu corpo realmente cantarolava.

Ela balançou onde estava, incapaz de desviar os olhos. Uma intensa onda de calor acariciou sua pele.

Atrás de Luce, alguém gritou. O grito foi seguido por outro e depois outro, e depois todo um coro de vozes gritando.

Algo estava queimando. Era acre, sufocante e revirou seu estômago instantaneamente. Então, no canto de sua visão, houve uma explosão de chamas, exatamente onde Zotz esteve em pé um momento antes. O boom derrubou-a para trás, e ela se afastou do brilho ardente de Daniel, tossindo sobre as cinzas preta e fumaça amarga.

Hanhau se foi, o solo onde ela estava chamuscado de preto. O homem desdentado estava escondendo seu rosto, tentando não olhar para irradiação de Daniel. Mas foi irresistível. Luce observou enquanto o homem espiou por entre os dedos e explodiu em um pilar de fogo.

Em todo o cenote, os maias olhavam para Daniel. E um por um, o seu brilho transformava-os em chamas. Logo, um anel brilhante de fogo iluminou a floresta, iluminava a todos, menos Luce.

“Ix Cuat!” Daniel estendeu a mão para ela.

Seu brilho fez Luce gritar de dor, mesmo que ela sentisse que estivesse à beira da asfixia, as palavras saíram de sua boca. “Você é glorioso.”

“Não olhe para mim” ele implorou. “Quando um mortal vê a verdadeira essência de um anjo, então- você pode ver o que aconteceu com os outros. Eu não posso deixar você me deixar de novo tão cedo. Sempre tão cedo”

“Eu ainda estou aqui” Luce insistiu.

“Você ainda está...” Ele estava chorando. “Você pode me ver? O verdadeiro eu?”

“Eu posso ver você.”

E por apenas uma fração de segundo, ela podia. Sua visão clareou. Seu brilho era ainda radiante mas não tão ofuscante. Ela podia ver sua alma. Era um branco quente e imaculado, e parecia- não havia outra maneira de dizer isso- como o Daniel. E parecia como voltar para casa. Uma onda de alegria incomparável se espalhou através de Luce. Em algum lugar no fundo da sua mente, um sino de reconhecimento soou. Ela o tinha visto assim antes.

Não tinha?

Enquanto sua mente forçava para extrair sobre o passado que ela não conseguia tocar, a luz dele começou a dominá-la.

“Não!”ela chorou, sentindo o fogo selar seu coração e seu corpo tremer livre de alguma coisa.

“Bem?” A voz áspera de Bill chiou em seu tímpanos.

Ela se deitou contra um bloco de pedra fria. De volta em uma das cavernas do Anunciador, presa em um frígido local intermediário onde era difícil de se agarrar a qualquer coisa fora. Desesperadamente, ela tentou imaginar o que Daniel parecia lá fora- a glória de sua alma sem disfarces- mas ela não podia. Isso já estava escorregando para longe dela. Aquilo realmente tinha acontecido?

Luce fechou os olhos, tentando lembrar exatamente o que ele parecia. Não havia palavras para isso. Era apenas uma incrível, alegre conexão.

“Eu o vi.”

“Quem, Daniel? Sim, eu o vi, também. Ele foi o cara que deixou o machado cair quando era sua vez de fazer o corte. Grande erro. Enorme.”

“Não, eu realmente o vi. Como ele realmente é.” Sua voz tremeu. “Ele era tão bonito.”

“Oh, isso.” Bill sacudiu a cabeça, irritado.

“Eu o reconheci. Eu acho que eu o vi antes.”

“Duvido.” Bill tossiu. “Essa foi a primeira e última vez que você será capaz de vê-lo assim. Você o viu, e então você morreu. Isso é o que acontece quando carne mortal olha para a glória desenfreada de um anjo. Morte instantânea. Queimada pela beleza do anjo.”

“Não, não era assim.”

“Você viu o que aconteceu com todos os outros. Poof. Se foram.” Bill se sentou ao lado dela e deu um tapinha no joelho. “Porque você acha que os maias começaram a fazer sacrifícios pelo fogo depois disso? Uma tribo vizinha descobriu os restos carbonizados e teve que explicar isso de alguma forma.”

“Sim, eles explodiram em chamas imediatamente. Mas eu durei mais tempo...”

“Alguns segundos extras? Quando você estava virada? Parabéns.”

“Você está errado. E eu sei que eu já vi isso antes.”

“Você já viu as suas asas antes, talvez. Mas Daniel tirando seu disfarce humano e mostrando-lhe sua verdadeira forma, como um anjo? Mata você toda vez.”

“Não.” Luce balançou a cabeça. “Você está dizendo que ele nunca pode me mostrar quem ele realmente é?”

Bill deu de ombros. “Não sem vaporizar você e todos ao seu redor. Porque você acha que Daniel é tão cauteloso sobre beijar você o tempo todo? Sua glória brilha bastante resplandecente quando vocês dois ficam quentes.”

Luce sentiu que ela mal podia se segurar. “É por isso que eu às vezes morro quando nos beijamos?”

“Que tal uma salva de palmas para a garota, pessoal?” Bill disse impacientemente.

“Mas e todas aquelas outras vezes, quando eu morro antes de nos beijarmos, antes de...”

“Antes mesmo de ter a chance de ver como seu relacionamento pode se tornar tóxico?”

“Cala a boca.”

“Sinceramente, quantas vezes você tem que ver a mesma trama antes de você perceber que nada nunca vai mudar?”

“Alguma coisa mudou” Luce disse. “É por isso que eu estou nesta jornada, por isso eu ainda estou viva. Se eu pudesse vê-lo novamente- tudo dele- eu sei que eu poderia lidar com isso.”

“Você não entendeu.” A voz de Bill estava subindo. “Você está falando sobre essa coisa toda em termos muito mortais.” Enquanto ele ficava mais agitado, a saliva saía de seus lábios. “Este é o grande momento, e você certamente não pode lidar com isso.”

“Por que você está tão bravo, de repente?”

“Porque! Porque” Ele andava no parapeito, rangendo os dentes. “Ouça-me: Daniel vacilou desta vez, ele se mostrou, mas ele nunca faz isso de novo. Nunca. Ele aprendeu sua lição. Agora que você aprendeu uma, também:. Carne mortal não pode contemplar a verdadeira forma de um anjo sem morrer.”

Luce se afastou dele, ficando ela mais irritada. Talvez Daniel mudou depois desta vida, em Chichén Itzá, talvez ele se tornou mais cauteloso no futuro. Mas e quanto ao passado?

Ela se aproximou do limite da borda dentro do Anunciador, olhando para a vasta, escancarada escuridão, que abria para o escuro desconhecido.

Bill pairou sobre ela, circulando sua cabeça como se estivesse tentando entrar dentro dela. “Eu sei o que você está pensando, e você só vai acabar decepcionada.” Ele chegou perto de seu ouvido e sussurrou. “Ou pior.”

Não havia nada que ele pudesse dizer para detê-la. Se houvesse um Daniel anterior que ainda estivesse de guarda baixa, então Luce estava indo encontrá-lo.

DEZESSEIS

O MELHOR HOMEM

JERUSALÉM, ISRAEL • 27 NISSAN 2760

(Aproximadamente 01 de abril de 1000 aC)

Daniel não estava totalmente sozinho.

Ele ainda estava preso ao corpo que ele tinha se juntado sobre os fiordes no escuro da Groenlândia. Ele tentou abrandar quando ele deixou o Anunciador, mas seu impulso era muito bom. Muito fora de equilíbrio, ele girou para fora da escuridão e a terra rochosa rolou até a sua cabeça bateu forte.

Interagir com o seu próprio passado tinha sido um grande erro. A maneira mais simples de se separar duas almas entrelaçadas carnalmente era matar o corpo. Libertando gaiola da carne, as alma libertariam a si mesmas. Mas se matar não era realmente uma opção para Daniel.

A menos que...

A starshot.

Na Groenlândia, ele arrancou-a de onde estava aninhada na neve ao redor dos anjos. Gabbe trouxe-a como uma proteção simbólica, mas ela nunca teria esperado que Daniel fosse interagir com ele mesmo e roubá-la. Tinha ele realmente pensado que poderia simplesmente ficar a ponta prata no peito e separar sua alma, mandando seu próprio passado para trás no tempo?

Estúpido.

Não. Era muito provável que escorregar, falhar, e depois em vez de dividir sua alma, ele pode acidentalmente matá-la. Sem alma, o terreno disfarce de Daniel, este corpo maçante, iria vagar pela terra em perpetuidade, em busca de sua alma, mas se contentaria com a segunda melhor coisa: Luce. Eu não iria assombrá-la até o dia em que morresse, e talvez depois disso. O que Daniel precisava era de um parceiro. O que ele precisava era impossível.

Ele grunhiu e rolou de costas, olhando para o sol brilhante diretamente acima.

"Veem?" Uma voz acima dele disse. "Eu disse que nós estávamos no lugar certo. "

"Não vejo isso", outra voz, um menino nesta época "é a prova de que nós não estamos fazendo nada direito."

"Oh, vamos, Miles. Não deixe que a sua implicância com Daniel nos impeça de encontrar Luce. Ele obviamente sabe onde ela está."

As vozes se aproximavam. Daniel abriu os olhos estrábico e viu um braço cortar a luz do sol, estendendo em direção a ele.

"Hey aqui. Precisar de uma mão?"

Shelby. Amiga Nephilim de Luce em Shoreline. E Miles. O que ela tinha beijado.

"O que vocês dois estão fazendo aqui?" Daniel sentou-se acentuadamente, rejeitando a mão oferecida por Shelby. Esfregou a testa e olhou para trás, e colidiu com o tronco cinza de uma oliveira.

"O que você acha que estamos fazendo aqui? Estamos procurando Luce." Shelby respondeu rispidamente para Daniel e franziu o nariz. "O que há de errado com você?"

"Nada." Daniel tentou levantar, mas ele estava tão tonto que ele rapidamente deitou-se. Entrar no corpo do passado de uma outra vida, tinha deixado ele doente. Ele lutava contra o seu passado por dentro, batendo-se contra as bordas, hematomas em sua alma sob os ossos e pele. Ele sabia que o Nephilim podia sentir que algo inominável lhe tinha acontecido. "Vão para casa, invasores. Que Anunciador vocês usaram para chegar aqui? Você sabe quantos problemas vocês poderiam ter?"

Algo prata brilhou em repentino em seu nariz.

"Nos leve até Luce." Miles estava apontando uma starshot para o pescoço de Daniel. A aba do seu boné de beisebol escondeu seus olhos, mas sua boca estava enrugada em uma careta nervosa.

Daniel ficou mudo. "Você-você tem uma starshot ".

"Miles!" Shelby sussurrou ferozmente. "O que você está fazendo com essa coisa?"

A ponta da seta maçante tremeu. Miles estava claramente nervoso. "Você deixou-o no quintal após os renegados saírem", ele disse a Daniel. "Cam pegou uma, e no caos, ninguém notou quando peguei esta. Você decolou depois de Luce. E saímos atrás de você. "Ele virou-se para Shelby. "Eu pensei que poderia precisar dela. Auto defesa."

"Não se atreva a matá-lo", afirmou Shelby para Miles. "Você é um idiota."

"Não", disse Daniel, muito lentamente sentando-se. "Eu não está bem."

Sua mente estava girando. Quais eram as probabilidades? Ele só tinha visto este feito antes. Daniel não era especialista em machucar-se. Mas seu passado se contorcia dentro dele -ele não podia continuar assim. Havia apenas uma solução. Miles estava segurando em suas mãos. Mas como ele poderia pedir ao menino para atacá-lo sem explicar tudo? E ele poderia confiar no Nephilim?

Daniel inclinou para trás até seus ombros irem contra o tronco de árvore. Ele deslizou para cima dele, mostrando suas duas mãos vazias, mostrando a Miles que não havia nada para ter medo. "Você praticou esgrima?"

"O quê?" Miles olhou perplexo.

"Em Shoreline. Você teve aula de esgrima ou não?"

"Nós todos fizemos. Eu era uma espécie de inútil e eu não era tão bom, mas... "

Isso era tudo que Daniel precisava ouvir. "En garde!", Ele gritou, pegando a sua starshot escondida como uma espada.

Os olhos de Miles se arregalaram. Em um instante ele levantou sua flecha também.

"Oh, droga", disse Shelby, saindo fora do caminho. "Vocês, sério. Parem!"

As starshots eram mais curtas do que as espadas de esgrima, mas alguns centímetros mais longas do que flechas normais. Elas eram brilhantes, mas tanto como diamantes, e se Daniel e Miles não fossem muito, muito cuidadosos, os dois poderiam acabar esta vida. De alguma forma, com a ajuda de Miles, Daniel pode ficar livre do seu passado.

Ele cortou o ar de sua starshot, avançou alguns passos na direção do Nephilim.

Miles respondeu, lutando contra o golpe de Daniel, sua flecha para a direita. Quando as starshots se enfrentaram, eles não fizeram o barulho que as espadas fariam. Foi um som profundo, ecoando pelas montanhas e sacudiu o chão sob seus pés.

"Sua aula de esgrima não era inútil", disse Daniel quando sua flecha atravessava o ar em direção a Miles. "Tinha que estar preparado para um momento como este."

"Um momento" Miles resmungou quando ele pulou para a frente, varrendo sua starshot até que ele deslizou contra Daniel no ar "como o quê?"

Seus braços tensos. As starshots fizeram um X congeladas no ar.

"Eu preciso de você para me libertar de uma encarnação anterior que está fendida em minha alma ", disse Daniel simplesmente.

"O que o...", murmurou Shelby do lado de fora.

Confusão passou pelo rosto de Miles, e seu braço vacilou. Sua lâmina caiu, e sua starshot estatelou no chão. Ele engasgou e se atrapalhou, procurando-a de volta, apavorado.

"Eu não estou lutando com você", disse Daniel. "Eu preciso que você lute comigo." Ele conseguiu um sorriso competitivo. "Vamos lá. Você sabe que você quer. Você sempre quis por um longo tempo."

Miles a pegou, segurando a starshot como uma flecha em vez de uma espada. Daniel estava pronto para ele, mergulhar para o lado e girando sua starshot contra Miles. Eles ficaram atracados: Daniel com sua starshot apontando ombro de Miles, usando a sua força para segurar o menino Nephilim, e Miles com sua starshot a polegadas do coração de Daniel.

"Você vai me ajudar?" Daniel exigiu.

"O que está em jogo?" Miles perguntou. Daniel tinha que pensar sobre isso por um momento. “A felicidade de Luce", disse por fim.

Miles não disse sim. Mas ele não disse não.

"Agora", a voz de Daniel hesitou quando ele deu as instruções "com muito cuidado, arraste sua lâmina em linha reta até o centro do meu peito. Não perfure a pele ou você vai me matar."

Miles estava suando. Seu rosto estava branco. Ele olhou para Shelby.

"Faça isso, Miles," ela sussurrou.

O starshot tremeu. Eram suas mãos. O fim brusco da starshot tocando a pele de Daniel e viajando para baixo.

"Oh meu Deus." Os lábios de Shelby se contorceram em horror. "Ele está trocando de pele."

Daniel podia sentir, que uma camada de pele estava descolando de seus ossos. O corpo de seu próprio passado foi lentamente saindo do seu. O veneno da separação passou através dele, enfiando-se em profundidade nas fibras de suas asas. A dor era tão crua e nauseante, dentro dele como grandes marés. Sua visão embaçou; um zumbido encheu seus ouvidos. A starshot em sua mão caiu no chão. Então, de uma só vez, ele sentiu um grande empurrão e um sopro afiado, frio. Lá foi um grunhido comprido e dois estrondos, e então sua visão estava limpa. O zumbido cessou. Sentiu-se leve, simplesmente. Livre.

Miles estava no chão abaixo dele, o peito arfando. A starshot na mão de Daniel tinha desaparecido. Daniel virou-se para encontrar um fantasma do seu próprio passado em pé atrás dele, sua pele cinza e seu corpo espectral, com os olhos e os dentes pretos como carvão, agarrou a starshot na mão. Seu perfil vacilou no vento quente, como a imagem em uma televisão em curto.

"Sinto muito", disse Daniel, avançando e segurando o próprio passado na base de suas asas. Quando Daniel levantou a sombra de si mesmo fora da terra, seu corpo estava escasso e insuficiente. Seus dedos encontraram o portal do Anunciador através do qual ambos tinham viajado pouco antes de ele se desfazer. "O seu dia virá ", disse ele.

Então ele armou a sua volta para o próprio passado no Anunciador.

Ele assistiu ao desvanecimento no sol quente. O corpo fez um som de assobio arrastado quando ele caiu no tempo, como se fosse cair de um penhasco. O Anunciador se dividiu em traços infinitesimais, e foi embora.

"O que diabos aconteceu?" Shelby perguntou ajudando Miles a ficar em pé.

O Nephilim estava branco fantasmagórico, com suas mãos para baixo, examinando-os como se ele nunca os tivesse visto antes.

Daniel virou-se para Miles. "Obrigado."

Olhos azuis do menino Nephilim pareciam ansiosos e apavorados, ao mesmo tempo, como se quisesse todos os detalhes de Daniel sobre o que tinha acabado de acontecer, mas não queria mostrar a sua excitação. Shelby ficou sem palavras, que foi um feito sem precedentes.

Daniel tinha desprezado Miles até então. Ele tinha ficado irritado com Shelby, que tinha praticamente levado os renegados diretamente para Luce. Mas naquele momento, sob a oliveira, ele poderia ver porque Luce tinha amizade com ambos. E ele estava feliz.

Um berrante choramingou à distância. Miles e Shelby saltaram.

Eu era um shofar, um berrante de carneiro que fez uma nota nasal, muitas vezes usado para anunciar serviços religiosos e festivais. Até então, Daniel não tinha olhado ao redor o suficiente para perceber onde eles estavam.

Os três estavam sob a sombra da oliveira na crista de uma colina baixa. Na frente deles, a colina descia para um vale largo e chato, com gramíneas nativas de altura que nunca tinha sido cortadas por alguém. No meio do vale tinha uma faixa estreita de verde, onde flores silvestres cresciam ao lado de um estreito rio.

A leste do leito do rio, um pequeno grupo de barracas estavam agrupadas, de frente para uma de estrutura maior feita de pedras brancas, com um telhado de madeira. A explosão do shofar deve ter vindo daquele templo. A fila de mulheres em capas coloridas que caíam até os tornozelos saia para fora do templo. Elas carregavam jarros de barro e bandejas de bronze com alimentos, como uma preparação para uma festa.

"Oh," Daniel disse em voz alta, sentindo uma profunda melancolia se instalar sobre ele.

"Oh o quê?" Shelby perguntou.

Daniel segurou o moletom de camuflagem de Shelby. "Se você está procurando Luce aqui, você não vai encontrá-la. Ela está morta. Ela morreu há um mês."

Miles quase engasgou.

"Você quer dizer a Luce desta vida", disse Shelby. "Não nossa Luce. Certo?"

"Nossa Luce não esteve aqui, também. Ela nunca soube que existia este lugar, então ela não faria os Anunciadores trazê-la aqui."

Shelby e Miles trocaram um olhar. "Você diz que está procurando Luce," Shelby disse:" mas se você sabe que ela não está aqui, por que você ainda veio aqui?"

Daniel olhou por eles, no vale abaixo. "Negócios inacabados".

"Quem é essa?" Miles perguntou, apontando para uma mulher em um longo vestido branco. Ela era alta e esbelta, com cabelos vermelhos que brilhavam à luz do sol. Seu vestido estava cortado baixo, mostrando uma grande quantidade de pele dourada. Ela estava cantando algo macio e encantador, uma provocação de uma canção que mal conseguia ouvir.

"Essa é Lilith," Daniel disse lentamente. "Ela deveria se casar hoje."

Miles deu alguns passos ao longo de um caminho que conduzia para baixo da oliveira para o vale onde estava o templo de pé, cerca de cem metros abaixo deles, como se para obter uma visão melhor.

"Miles, espere!" Shelby foi depois dele. "Isso não é como quando estávamos em Vegas. Isto é algo estranho... outro momento ou o que quer que seja. Você não pode apenas ver uma menina atraente e ir passear como se você fosse o dono do lugar."

Ela se virou para olhar para Daniel para obter ajuda.

"Fiquem abaixados", Daniel instruiu-os. "Mantenham-se sob a linha de grama. E parem quando eu disser para parar."

Cuidadosamente, eles seguiram o caminho, parando perto da margem do rio, perto do templo. Todas as tendas na pequena comunidade tinham sido enfeitadas com guirlandas de malmequeres e flores de cassis. Eles estavam ouvindo as vozes de Lilith e das meninas que estavam ajudando a prepará-la para o casamento. As meninas riam e juntaram-se na canção de Lilith enquanto elas trançavam seu longo cabelo vermelho em uma coroa de flores ao redor de sua cabeça. Shelby virou para Miles. "Ela não parece como Lilith da nossa classe no Shoreline?"

"Não", disse Miles instantaneamente. Ele estudou a noiva por um momento. "Ok, talvez um pouco. Estranho."

"Luce provavelmente nunca mencionou isso", Shelby explicou a Daniel. "Ela é uma cadela total do inferno."

"Eu não fazia ideia", disse Daniel. "Sua Lilith pode ter vindo da mesma linha das mulheres más. Eles são todas descendentes da original mãe Lilith. Ela era a primeira esposa de Adão."

"Adão tinha mais de uma esposa?" Shelby ficou boquiaberta.

"E quanto a Eva?"

"Antes de Eva".

"Pré-Eva? De jeito nenhum."

Daniel assentiu. "Eles não foram casados por muito tempo quando Lilith o deixou. Partiu seu coração. Ele esperou por ela um longo tempo, mas eventualmente, ele conheceu Eva. E Lilith nunca perdoou Adão por isso. Ela passou o resto de seus dias vagando pela terra e amaldiçoando Adão e a família que tinha com Eva. E seus descendentes -Às vezes, eles começavam bem, mas, eventualmente, bem, nunca a maçã realmente caia longe da árvore".

"Isso é confuso", disse Miles, apesar de parecer hipnotizado pela beleza de Lilith.

"Você está me dizendo que Lilith Clout, a menina que pôs fogo em meu cabelo na nona série, poderia ser literalmente uma cadela do inferno? Que todos os meus vudus em sua direção poderia ter sido justificados?"

"Eu acho que sim." Daniel encolheu os ombros.

"Eu nunca me senti tão justificada." Shelby riu. "Por que isso não está em qualquer um dos nossos livros de angelologia em Shoreline?"

"Shhh". Miles apontou em direção ao templo. Lilith tinha deixado as donzelas para completar a decoração para o casamento com papoulas amarelas e brancas perto da entrada do templo, fitas teciam em pequenas carrilhões de prata para os ramos mais baixos das árvores de carvalho e se afastou a partir delas, a oeste, em direção ao rio, para onde Daniel, Shelby, e Miles estavam escondidos.

Ela carregava um buquê de lírios brancos. Quando ela alcançou a margem do rio, ela arrancou algumas pétalas e as espalhou sobre a água, ainda cantando suavemente sob sua respiração. Então ela virou-se para o norte ao longo da caminho, em direção a uma alfarrobeira grande com ramos que caíam no rio.

Um menino sentou debaixo dela, olhando para ela. Suas pernas longas estavam apoiadas perto de seu peito, com um braço sobre elas. O outro braço estava jogando pedras na água. Seus olhos verdes brilhavam contra a sua pele bronzeada. Seu cabelo preto estava um pouco desgrenhado, e úmido de um mergulho recente.

"Oh meu Deus, Sim. Aí" o grito de Shelby foi cortado pela mão de Daniel fixando sobre a boca. Este foi o momento de que ele estava com medo. "Sim, é Cam, mas não é o Cam que você conhece. Esta é uma versão anterior dele. Somos de milhares de anos atrás."

Miles estreitou os olhos. "Mas ele ainda era mal".

"Não", disse Daniel. "Ele não é."

"Huh?" Shelby perguntou.

"Houve um tempo em que éramos todos parte de uma família. Cam era meu irmão. Ele não era mau, ainda não. Talvez nem mesmo agora. "

Fisicamente, a única diferença entre este Cam e o que Shelby e Miles conheciam era que seu pescoço estava sem a tatuagem que ele obteve de Satanás quando ele tinha jogado sua sorte com o inferno. Caso contrário, Cam parecia exatamente como ele estava agora.

Só que enfrentar esse Cam há muito tempo foi difícil e preocupante. A expressão de Daniel era de que não tinha visto Cam em milênios. Provavelmente não mais que este momento.

Lilith parou atrás de Cam e colocou os braços em torno de seu pescoço para que suas mãos descansassem um pouco mais em seu coração. Sem dizer uma palavra, Cam alcançou suas mãos e colocou sua mão na dela. Ambos fecharam seus olhos.

"Isso parece realmente privado", disse Shelby. "Vejamos, quero dizer, eu me sinto estranha."

"Então, saia", disse Daniel lentamente. "Não faça uma cena em seu caminho para fora" Daniel respondeu.

Alguém estava caminhando em direção a Cam e Lilith. O jovem era alto e bronzeado, vestido com uma longa túnica branca e carregando um rolo grosso de pergaminho. Sua cabeça loira estava abaixada, mas era obviamente, Daniel.

"Eu não estou saindo." Os olhos de Miles estavam presos em Daniel do passado.

"Espere, eu pensei que acabou de enviar aquele cara de volta para os Anunciadores ", disse Shelby, confusa.

"Essa foi uma versão posterior minha", Daniel afirmou.

"A versão mais recente de mim, ele diz!" Shelby bufou. "Daniels exatamente quantos existem?"

"Ele veio de dois mil anos no futuro além do momento em que estamos agora, que é ainda mil anos no passado verdadeiro. Que Daniel não deveria ter estado aqui."

"Estamos três mil anos no passado agora?" Miles perguntou.

"Sim, e você realmente não deveria estar." Daniel olhou Miles. "Mas a versão passada de mim", ele apontou para o menino que tinha parado ao lado de Cam e Lilith - "Pertence aqui."

Do outro lado do rio, Lilith sorriu. "Como vai você, Dani?"

Eles assistiram a Daniel se ajoelhar ao lado do casal e desenrolou o rolo de pergaminho. Daniel lembrou: Eu era a sua licença de casamento. Ele tinha escrito a coisa toda em aramaico. Ele supostamente iria realizar a cerimônia. Cam pediu a ele meses antes.

Lilith e Cam leram o documento. Eles estavam bem juntos, Daniel lembrou. Ela escreveu canções para ele e passou horas escolhendo flores silvestres, tecendo suas roupas. Ele deu tudo de si para ela. Ele ouviu seus sonhos e a fazia rir quando ela estava triste. Ambos tiveram seus lados voláteis, e quando eles discutiam, toda a tribo ouvia falar sobre isso, mas nenhum deles era ainda essa coisa sombria que ambos tornam-se depois que eles se separaram.

"Esta parte aqui," Lilith disse, apontando para uma linha no texto. "Você diz vai se casar pelo rio. Mas você sabe que eu quero ser casado no templo, Cam".

Cam e Daniel compartilharam um olhar. Cam alcançou a mão de Lilith. "Meu amor. Eu já te disse que eu não posso."

Algo quente subiu na voz de Lilith. "Você se recusa a casar comigo sob os olhos de Deus? No único

lugar onde a minha família vai aprovar a nossa união! Por quê?"

"Whoa," Shelby sussurrou do outro lado. "Eu vejo o que está acontecendo. Cam não pode se casar casado no templo ... ele não pode sequer colocar o pé no templo, porque..."

Miles começou a sussurrar, também: "Nenhum anjo caído entra no santuário de Deus..."

"Toda a coisa explode em chamas," Shelby acabou.

Os Nefilins estavam certos, é claro, mas Daniel estava surpreendido por sua própria frustração. Cam amou Lilith, e Lilith adorava Cam. Eles tiveram uma chance de fazer seu amor dar certo, e na medida em que Daniel estava em causa, para o inferno com todo o resto. Por que Lilith foi tão insistente em se casar no templo? Por que não poderia Cam dar-lhe uma boa explicação para a sua recusa?

"Eu não vou pôr os pés lá dentro." Cam apontado para o templo.

Lilith foi à beira das lágrimas. "Então você não me ama."

"Eu te amo mais do que eu jamais imaginei ser possível, mas não muda nada."

O corpo magro de Lilith parecia inchar de raiva. Poderia haver mais algum motivo por trás da recusa Cam negar-lhe? Daniel não pensa assim.

Ela cerrou os punhos e soltou um longo e estridente grito. Parecia abalar a terra. Lilith agarrou Cam pelos pulsos e apertou contra a árvore. Ele nem sequer lutou.

"Minha avó nunca gostou de você." Seus braços tremiam enquanto ela segurava-o para baixo. "Ela sempre dizia as coisas mais terríveis, e eu sempre defendi você. Agora eu o vejo. Em seus olhos e sua alma." Seus olhos penetraram nele. "Diga isto."

"Dizer o quê?" Cam perguntou, horrorizado.

"Você é um homem mau. Você é um, eu sei o que você é."

Não estava claro o que Lilith sabia. Ela estava se apegando aos rumores de que surgiu em torno da comunidade -Que ele era mau, um assistente, um membro do ocultismo. Tudo o que ela queria era ouvir a verdade de Cam. Daniel sabia que Cam poderia contar a Lilith, mas ele não queria. Ele estava com medo.

"Eu não sou nenhuma das coisas ruins que dizem que eu sou, Lilith ", disse Cam. Era a verdade e Daniel sabia, mas parecia tão bem como uma mentira. Cam estava à beira da pior decisão que ele nunca quis fazer. Era esse: o momento em que partiu o coração de Cam, de modo que ele apodreceu em uma coisa preta.

"Lilith", Daniel, a puxou deixando suas mãos longe da garganta da Cam. "Ele não é"

"Dani", Cam advertiu. "Nada que você possa dizer vai corrigir isso".

"É isso mesmo. " Lilith o soltou, e Cam caiu para trás, para a sujeira. Ela pegou o seu pergaminho de casamento e arremessou-a no rio. Ele girava lentamente e afundou. "Eu espero viver mil anos e ter mil filhas de modo que sempre haverá uma mulher que poderá amaldiçoar o seu nome. "Ela

cuspiu em sua cara, então se virou e correu de volta ao templo, o seu vestido branco fluindo atrás dela como uma vela.

O rosto de Cam ficou tão branco como o vestido de casamento de Lilith. Ele pegou a mão de Daniel para ajudar a si mesmo.

"Você tem um starshot, Dani?"

"Não." A voz de Daniel sacudiu. "Não fale assim. Você vai recuperá-la, ou então... "

"Eu fui ingênuo em pensar que eu poderia ter o amor de uma mulher mortal."

"E se você apenas dissesse a ela", disse Daniel.

"Dizer a ela? O que aconteceu a todos nós? A Queda e tudo desde então? "Cam se inclinou mais perto de Daniel. "Talvez ela esteja certa sobre mim. Você a ouviu falar: A aldeia inteira acha que eu sou um demônio. Mesmo se eles não usem a palavra."

"Eles não sabem de nada."

Cam se afastou. "Todo esse tempo eu tenho tentado, mas o amor é impossível, Dani ".

"Eu não acho."

"É. Para as almas como as nossas. Você vai ver. Você pode deter por mais tempo do que eu poderia, mas você vai ver. Tantos de nós eventualmente, tem de escolher."

"Não."

"Tão rápido para protestar, irmão." Cam apertou o ombro de Dani. "Isso faz me perguntar sobre você. Você nunca pensa sobre isso...atravessar?"

Dani deu de ombros para longe. "Penso nela e só ela. Eu conto os segundos até que ela esteja comigo novamente. Eu a escolho, como ela me escolhe."

"Só isso."

"Não é solitário," Dani latiu. "É amor. O amor que você deseja para si mesmo, também"

"Eu quis dizer: Eu sou solitário. E muito menos nobre do que o seu dia está. Temo que uma mudança está chegando".

"Não." Agora Daniel moveu-se em direção a Cam. "Você não faria isso."

Cam saiu fora e cuspiu. "Nem todos de nós temos sorte o suficiente para estarmos ligadas à nossa amante por uma maldição."

Daniel lembrou-se deste insulto vazio: Tinha deixado ele furioso. Mas ainda assim, ele não deveria ter dito o que veio a seguir:

"Vá, então. Você não fará falta." Lamentou instantaneamente, mas já era tarde demais.

Cam reverteu ombros e jogou seus braços. Quando as asas dele floresceu ao seu lado, mandaram uma rajada de vento quente através da grama onde Daniel, Shelby, e Miles estavam escondidos. Os três olharam para cima. Suas asas eram enormes e brilhantes.

"Espere um minuto", sussurrou Shelby. "Elas não são douradas!"

Miles piscou. "Como eles não podem ser douradas?"

É claro que os Nefilins estavam confusos. A divisão da cor da asa era tão clara como o dia e a noite: ouro para demônios, prata ou branco para todos os outros. E Cam eles sabiam que era um demônio. Daniel estava sem ânimo para explicar a Shelby porque as asas Cam mudaram de branco puro e brilhante, radiante como diamantes, como o sol beijando neve.

Este Cam, desse tempo não tinha atravessado ainda. Ele estava apenas à beira. Naquele dia Lilith perdeu Cam como amante, e Daniel perdeu-o como irmão. Desse dia em diante, eles seriam inimigos. Daniel poderia ter parado ele? E se ele não tivesse ido para longe de Cam e desfraldasse suas próprias asas como uma forma de escudo que ele assistiu Daniel fazer agora?

Ele deveria ter. Ele queimaria, a partir do arbustos e pararia Cam agora. Quanto poderia ter sido diferente!

As asas de Cam e Daniel ainda não tinham atração magnética que torturava uma ao o outro. Tudo o que os repelia neste momento era uma teimosa diferença de opinião, a rivalidade filosófica entre irmãos.

Ambos os anjos se levantaram do chão ao mesmo tempo, cada um para uma direção diferente. Por isso, quando Daniel disparou ao leste através do céu e Cam disparou para oeste, os três Anacronismos esconderam-se na grama e foram os únicos a ver o brilho dourado nas asas de Cam. Como um relâmpago brilhante.

DEZESSETE

ESCRITO EM OSSO

Yin, China• Qing Ming

Esse nome chinês significa "dia do brilho luminoso".
O Qing Ming é uma festividade tradicional chinesa que se celebra no 104º dia após o solstício de Inverno, que coincide com o 15º dia do equinócio da Primavera, e que acontece normalmente no quarto ou quinto dia do mês de Abril do calendário gregoriano.
No calendário lunar, o Qing Ming marca o primeiro dia do quinto período, e é tradicionalmente um dia indicado para as pessoas saírem à rua, celebrarem a Primavera e cuidarem dos túmulos dos antepassados.
O Qing Ming é uma festividade cujas origens remontam há 2500 anos, na Dinastia Tang, com o Imperador Xuanzong, no ano 732

Na outra extremidade do túnel do Anunciador estava submergindo um brilho. Ele beijou sua pele como uma manhã de verão na casa de seus pais na Geórgia.

Luce mergulhou em direção a ela.

‘Glória desenfreada.’ Foi o que Bill tinha chamado a luz ardente da verdadeira alma de Daniel. Meramente olhando para o puro Daniel angelical, fez toda uma comunidade de pessoas no sacrifício maia entrar em combustão espontaneamente- incluindo Ix Cuat, o eu passado de Luce.

Mas houve um momento.

Um momento de pura maravilha pouco antes de morrer, quando Luce se sentiu mais perto de Daniel do que nunca antes. Ela não se importou com o que Bill disse: Ela reconheceu o brilho da alma de Daniel. Ela tinha de vê-lo novamente. Talvez houvesse alguma forma dela poder viver através disso. Ela tinha que pelo menos tentar.

Ela explodiu do Anunciador no frio vazio de um quarto colossal.

A câmara era pelo menos dez vezes maior do que qualquer quarto que Luce já tinha visto, e tudo sobre ele era generoso. Os pisos foram trabalhados a partir de um suave mármore e coberto por tapetes enormes feitos de peles de animais inteiros, um deles tinha a cabeça de um tigre intacto. Quatro pilares de madeira se levantavam até um teto de palha finamente empenado. As paredes eram feitas de bambu trançado. Perto da janela aberta estava um enorme cama de dossel com folhas dourada e verde de seda.

Um telescópio minúsculo repousava sobre parapeito da janela. Luce pegou, separando a cortina dourada de seda para espiar do lado de fora. O telescópio era pesado e frio quando ela o segurou até seu olho.

Ela estava no centro de uma grande cidade murada, olhando para baixo do segundo andar. Um labirinto de estradas de pedra conectadas e abarrotadas, a aparência antiga de estruturas de pau-a-pique. O ar estava quente e cheirava suavemente a flores de cerejeira. Um par de *orioles cruzou o céu azul. *(uma espécie de pássaro)

Luce virou-se para Bill. “Onde estamos?” Este lugar parecia tão estranho quanto o mundo dos maias, e tão longe no tempo.

Ele deu de ombros e abriu a boca para falar, mas então...

“Shhh” Luce sussurrou.

Fungando.

Alguém estava chorando suavemente, lágrimas abafadas. Luce virou em direção ao barulho. Lá, através de um arco do outro lado da sala, ela ouviu o som novamente.

Luce moveu-se em direção ao arco, deslizando ao longo do chão de pedra em seus pés descalços. O choro ecoou, acenando-a. Uma passagem estreita se abriu em outra câmara cavernosa. Esta era sem janelas, com teto baixo, mal iluminado pelo brilho de uma dúzia de pequenas lâmpadas de bronze.

Ela podia distinguir uma bacia de pedra grande, e uma pequena mesa envernizada abastecida com frascos de cerâmica preta de óleos aromáticos, que deu a toda a sala um cheiro quente e picante. Um gigantesco guarda-roupa esculpido de jade estava no canto da sala. Finos dragões verde gravados na sua superfície zombavam de Luce, como se soubessem tudo o que ela não sabia.

E no centro da câmara, um homem morto estava deitado no chão.

Antes que Luce pudesse ver algo mais, ela foi cegada por uma luz brilhante se movendo em direção a ela. Era o mesmo brilho que ela sentiu do outro lado do Anunciador.

“O que é aquela luz?” Ela perguntou ao Bill.

“Isso ... er, você vê isso?” Bill pareceu surpreso. “É a sua alma. Mais uma maneira para você reconhecer suas vidas passadas, quando elas aparecem fisicamente diferentes de você.” Ele fez uma pausa. “Você nunca percebeu isso antes?”

“Essa é a primeira vez, eu acho.”

“Hum.” Disse Bill. “Esse é um bom sinal. Você está fazendo progresso”

Luce se sentiu pesada e exausta de repente. “Eu pensei que ia ser Daniel.”

Bill limpou a garganta como se ele fosse dizer algo, mas não disse. O brilho queimou brilhantemente por mais um momento, então estourou tão de repente que ela não podia ver por um momento, até seus olhos ajustarem.

“O que você está fazendo aqui?” Uma voz perguntou grosseiramente.

Onde a luz tinha estado no centro da sala, estava uma garota chinesa, magra e bonita com cerca de dezessete anos- muito jovem e muito elegante para estar de pé sobre o corpo de um homem morto.

Cabelos escuros pendurados até a cintura, em contraste com seu vestido de seda branco até o chão. Delicada como ela era, ela parecia o tipo de garota que não fugia de uma luta.

“Então, essa é você” A voz de Bill disse no ouvido de Luce. “Seu nome é Lu Xin e você viveu fora da capital Yin. Estamos no final da dinastia Shang, algo como mil *AEC, no caso de você querer fazer uma nota para o seu scrapbook.” *(Antes da Era Comum)

Luce provavelmente parecia louca para Lu Xin, se intrometendo aqui vestindo uma pele de animal chamuscado e um colar feito de osso, seu cabelo um emaranhado selvagem. Quanto tempo se passou desde que ela se olhou em um espelho? Tomou um banho? Além disso, ela estava conversando com um gárgula invisível.

Mas, novamente, Lu Xin estava velando um cara morto, dando a Luce um olhar de ‘não mexa comigo’, de modo que ela mesma parecia um pouco louca.

Ah não. Luce não tinha notado a faca de jade com o punho cravejado de turquesa, ou o pequeno lago de sangue no meio do chão de mármore.

“O que eu...” ela começou a perguntar a Bill.

“Você.” A voz de Lu Xin era surpreendentemente forte. “Ajude-me a esconder esse corpo.”

O cabelo do morto era branco em torno de sua têmporas, ele parecia ter 60 anos de idade, magro e musculoso sob muitas vestes elaboradas e mantos bordados.

“Eu- hum, eu realmente não acho...”

“Tão logo eles souberem que o rei está morto, você e eu estaremos mortas também.”

“O que?” Luce perguntou “Eu?”

“Você, eu, a maioria das pessoas dentro destas paredes. Onde mais eles vão encontrar os mil corpos de sacrifício que devem ser enterrados com o déspota?” A menina enxugou o rosto com os finos dedos com anéis de jade. “Você vai me ajudar ou não?”

A pedido da menina, Luce moveu-se para ajudar a pegar os pés do rei. Lu Xin preparava-se para levantá-lo pelo seus braços. “O rei” Luce disse, declamando as velhas palavras Shang como se ela as tivesse sempre falado. “Ele estava...”

“Não é o que parece.” Lu Xin grunhiu com o peso do corpo. O rei era mais pesado do que parecia. “Eu não o matei. Pelo menos não -ela fez uma pausa - fisicamente. Ele estava morto quando entrei na sala.” Ela fungou. “Ele esfaqueou-se no coração. Eu costumava dizer que ele não tinha um, mas ele me provou o contrário.”

Luce olhou para o rosto do homem. Um dos olhos estava aberto. Sua boca estava torcida. Ele parecia alguém que tinha deixado este mundo em agonia. “Ele era seu pai?”

Àquela altura elas tinham atingido o enorme guarda-roupa jade. Lu Xin abriu a porta com seu quadril, deu um passo para trás, e colocou a sua metade do corpo do morto dentro do armário.

“Ele era para ser meu marido” ela disse friamente. “E um péssimo nisso. Os ancestrais aprovaram nosso casamento, mas eu não. Homens mais velhos, ricos e poderosos não tem porque serem gratos,

se alguém gosta de romance."

Ela estudou Luce, que baixou os pés do rei lentamente para o piso do guarda-roupa. "De qual parte das planícies você vem que a palavra do noivado do rei não alcançou você?" Lu Xin notou as roupas maias de Luce. Ela pegou na bainha da saia curta marrom. "Será que eles contrataram você para representar no nosso casamento? Você é algum tipo de dançarina? Um palhaço?"

"Não exatamente." Luce sentiu suas bochechas corarem quando ela puxou a saia mais baixo nos quadris. "Olha, não podemos simplesmente deixar o corpo aqui. Alguém vai descobrir. Quero dizer, ele é o rei, certo? E há sangue por toda parte."

Lu Xin enfiou a mão no guarda-roupa de dragão e puxou um robe de seda vermelho. Ela se ajoelhou e rasgou uma tira grande de tecido disso. Era uma bela roupa de seda, com pequenas flores bordadas em preto ao redor do decote. Mas Lu Xin não pensou duas vezes antes de usá-lo para enxugar o sangue no chão. Ela pegou um segundo manto azul e jogou-o para Luce ajudar a limpar.

"Ok" Luce disse "bem, ainda há aquela faca." Ela apontou para o punhal de bronze brilhando revestido até o punho com o sangue do rei.

Em um flash, Lu Xin colocou a faca dentro de uma dobra de seu manto. Ela olhou para Luce, como se dissesse 'Mais alguma coisa?'

"O que é isso lá?" Luce apontou para o que parecia ser o topo da concha de uma tartaruga pequena. Ela tinha visto cair da mão do rei quando elas moveram seu corpo.

Lu Xin estava de joelhos. Ela jogou o pano encharcado, manchado de sangue e pegou a concha entre as mãos. "O osso oráculo" ela disse suavemente. "Mais importante do que qualquer rei."

"O que é isso?"

"Isto contem respostas da Divindade Acima."

Luce se aproximou, ajoelhando-se para ver o objeto que tinha tal efeito sobre a garota. O osso oráculo não era nada mais do que uma tartaruga, mas ela era pequena, polida e imaculada. Quando Luce se aproximou, viu que alguém tinha pintado algo em suaves pinceladas pretas na parte lisa de baixo da casca:

'Lu Xin é verdadeira comigo ou ela ama outro?'

Lágrimas frescas brotaram nos olhos de Lu Xin, uma fresta na determinação ponderada que ela tinha mostrado para Luce. "Ele perguntou aos ancestrais" ela sussurrou, fechando os olhos. "Eles devem ter dito a ele do meu engano. Eu não pude me proteger."

Daniel. Ela deve estar falando sobre Daniel. Um amor secreto que ela tinha escondido do rei. Mas ela não tinha sido capaz de escondê-lo bem o suficiente.

O coração de Luce passou para Lu Xin. Ela compreendeu com cada fibra de sua alma precisamente o que a menina estava sentindo. Elas compartilhavam um amor que nenhum rei poderia tirar, que ninguém poderia extinguir. Um amor mais poderoso que a natureza.

Ela envolveu Lu Xin em um abraço profundo.

E sentiu o chão desprender abaixo delas.

Ela não teve a intenção de fazer isso! Mas seu estômago já estava revirando, e sua visão mudou de forma incontrolável, e ela se viu de fora, parecendo exótica e selvagem e segurando sua preciosa vida ao seu passado. Em seguida, o quarto parou de girar e Luce estava sozinha, apertando o osso oráculo em sua mão. Foi feito. Ela tinha se tornado Lu Xin.

“Eu desapareço por três minutos e você vai em 3-D?” Bill disse, reaparecendo zangado. “Não pode um gárgula desfrutar de uma boa xícara de chá de jasmim sem voltar ao descobrir que sua responsabilidade cavou sua própria sepultura? Você já pensou sobre o que vai acontecer quando os guardas baterem na porta?”

Uma batida soou fortemente na grande porta de bambu na câmara principal.

Luce pulou.

Bill cruzou os braços sobre o peito. “Falando no diabo” disse. Então, em um grito alto e afetado, ele gritou “Oh, Bill! Ajude-me, Bill, o que eu faço agora? Eu não pensei em perguntar alguma coisa antes de me colocar em uma situação muito estúpida, Bill!”

Mas Luce não tinha que perguntar nada a Bill. Conhecimento estava surgindo na mente de Lu Xin: Ela sabia que esse dia seria marcado não apenas pelo suicídio de um rei de baixa qualidade, mas por algo ainda maior, ainda mais escuro, ainda mais sangrento: um choque enorme entre exércitos. Essa batida na porta? Era do conselho do rei esperando para escoltá-lo para a guerra, para liderar as tropas na batalha.

Mas o rei estava morto e enfiado em um guarda-roupa.

E Luce estava no corpo de Lu Xin, enfurnada em seus aposentos particulares. Se eles a encontrassem aqui sozinha ...

“Rei Shang.” Pesadas batidas ecoavam por toda a sala. “Estamos aguardando suas ordens.”

Luce permaneceu bem imóvel, congelada no robe de seda de Lu Xin. Não havia nenhum Rei Shang. Seu suicídio havia deixado a dinastia sem um rei, os templos sem um sumo sacerdote, e o exército sem general, antes de uma batalha para manter a dinastia.

“Falar sobre um regicídio inoportuno” disse Bill.

“O que eu faço?” Luce girou de volta para o guarda-roupa de dragão, estremecendo quando ela olhou para a rei. Seu pescoço estava dobrado em um ângulo não natural, e o sangue em seu peito estava secando em um marrom enferrujado. Lu Xin odiava o rei quando ele estava vivo. Luce sabia agora que as lágrimas que ela chorou não eram lágrimas de tristeza, mas de medo pelo o que seria de seu amor, De.

Até três semanas antes, Lu Xin viveu na fazenda de sua família nas margens do Rio Huan. Passando por ela no vale do rio em sua carruagem brilhante, uma tarde, o rei havia vislumbrado Lu Xin cuidando da colheita. Ele decidiu que gostava dela. No dia seguinte, dois milicianos haviam chegado em sua porta. Ela teve que deixar sua família e sua casa. Ela teve que deixar De, o pescador jovem e bonito da aldeia próxima.

Antes da convocação do rei, De mostrou para Lu Xin como pescar usando seu par de biguás de

estimação, amarrando um pouco de corda frouxamente em torno de seus pescoços para que eles pudessem pegar vários peixes em suas bocas, mas não engoli-los. Observando De suavemente retirar os peixes do fundo dos bicos engraçados das aves, Lu Xin havia se apaixonado por ele. Na manhã seguinte, ela tinha que dizer adeus a ele. Para sempre.

Ou assim ela pensava.

Se passaram dezenove pôr-do-sol desde que Lu Xin tinha visto De, sete pôr-do-sol desde que ela tinha recebido um pergaminho de casa com uma má notícia: De e alguns outros meninos das fazendas vizinhas fugiram para se juntar ao exército rebelde, e nem bem ele havia partido, os homens do rei tinham saqueado a vila, procurando pelos desertores.

Com a morte do rei, os homens de Shang não mostrariam nenhuma misericórdia por Lu Xin, e ela nunca iria encontrar De, nunca se reunir com Daniel.

A menos que o conselho do rei não descobrisse que seu rei estava morto.

O guarda-roupa estava atolado com coloridas roupas exóticas, mas um objeto chamou sua atenção: um capacete de grandes curvas. Era pesado, feito principalmente de tiras de couro grosso costurado com costuras apertadas. Na frente havia uma placa de bronze com um suave dragão que cospe fogo ornado e entalhado no metal. O dragão era o animal do zodíaco do ano do nascimento do rei.

Bill flutuou em sua direção. “O que você está fazendo com o capacete do rei?”

Luce deslizou o capacete em sua cabeça, prendendo seu cabelo preto dentro dele. Então ela abriu o outro lado do guarda-roupa, emocionada e nervosa pelo o que ela tinha encontrado.

“A mesma coisa que estou fazendo com a armadura do rei” ela disse, reunindo um emaranhado de objetos pesados em seus braços. Ela vestiu um par de calças de couro largo, uma túnica grossa de couro, um par de luvas de corrente, chinelos de couro que eram certamente muito grandes, mas que ela teria que fazer funcionar, e um protetor de peito feito de bronze de placas de metal sobrepostas. O mesmo negro, dragão cuspidor de fogo no capacete estava bordado na parte da frente da túnica. Era difícil acreditar que alguém poderia lutar uma guerra sob o peso dessas roupas, mas Lu Xin sabia que o rei não lutava realmente- ele apenas conduzia batalhas do assento do seu carro de guerra.

“Esta não é a hora de brincar de se vestir!” Bill apontou uma garra para ela. “Você não pode ir lá fora assim.”

“Por que não? Serve. Quase.” Ela dobrou o topo das calças para que pudesse apertá-la firmemente.

Perto da bacia de água, ela encontrou um espelho bruto de estanho polido dentro de uma armação de bambu. No reflexo, a face de Lu Xin estava disfarçada pela chapa grossa de bronze do capacete. Seu corpo parecia volumoso e forte sob a armadura de couro.

Luce começou a caminhar para fora da câmara de vestir, de volta para o quarto.

“Espere!” Bill gritou. “O que você vai dizer sobre o rei?”

Luce virou-se para Bill e levantou o capacete de couro pesado para que ele pudesse ver seus olhos. “Eu sou o rei agora.”

Bill piscou, e pela primeira vez não fez nenhum esforço de um retorno.

Um raio de força surgiu através de Luce. Disfarçando-se como o chefe do exército, ela percebeu, exatamente o que Lu Xin teria feito. Como um soldado comum, é claro De estaria na linha de frente nesta batalha. E ela estava indo encontrá-lo.

As pancadas na porta novamente. “Rei Shang, o exército Zhou está avançando. Devemos solicitar a sua presença!”

“Eu creio que há alguém falando com você, rei Shang.” A voz de Bill mudou. Era profunda, arranhada e ecoou ao redor da sala tão violentamente que Luce se encolheu, mas ela não se virou para olhar para ele. Ela destrancou a alça de bronze pesada e abriu a porta de bambu grosso.

Três homens em extravagantes vestes marciais vermelha e amarela cumprimentaram-na ansiosamente. Instantaneamente, Luce reconheceu os três conselheiros mais próximos do rei: Hu, com os dentes minúsculos e apertados, olhos amarelados. Cui, o mais alto, com ombros largos e olhos grandes. Huang, o mais jovem e mais gentil no conselho.

“O rei já está vestido para a guerra” disse Huang espiando Luce passando para a câmara vazia, intrigado. “O rei ... parece diferente.”

Luce congelou. O que dizer? Ela nunca tinha ouvido a voz do rei morto, e ela era excepcionalmente ruim em imitações.

“Sim.” Hu concordou com Huang. “Bem descansado.”

Após um profundo suspiro aliviado, Luce assentiu com firmeza, cuidando para não deixar o capacete cair de sua cabeça.

Os três homens gesticularam para o rei- para Luce- andar pelo corredor de mármore. Huang e Hu do lado dela, e murmuravam em voz baixa sobre o triste estado de moral entre os soldados. Cui caminhava logo atrás de Luce, deixando-a desconfortável.

O palácio prosseguiu para sempre, tetos altos triangulares, todo branco reluzente, as mesmas estátuas de jade e ônix em cada volta, os mesmos espelhos emoldurados de bambu em todas as paredes. Quando eles finalmente cruzaram a última entrada e entraram na manhã cinzenta, Luce viu o carro vermelho de madeira na distância, e os joelhos quase se dobraram sob ela.

Ela tinha que encontrar Daniel nesta vida, mas ir para a batalha a aterrorizava.

Na carruagem, os membros do conselho do rei curvaram-se beijaram-lhe a luva. Ela estava grata pelas luvas blindadas, mas se afastou rapidamente, com medo que seu aperto pudesse entregá-la. Huang entregou-lhe uma longa lança com cabo de madeira e um prego curvado alguns centímetros abaixo da ponta da lança. “Sua alabarda, Majestade.”

Ela quase deixou cair a coisa pesada.

“Eles vão levá-lo à vista acima das linhas da frente” disse. “Nós vamos seguir atrás e lhe encontrar lá com a cavalaria.”

Luce virou-se para a carruagem. Era basicamente uma plataforma de madeira em cima de um eixo ligando duas grandes rodas de madeira, puxado por dois imensos cavalos pretos. A carruagem era

feita de madeira vermelha envernizada brilhante e tinha espaço suficiente para cerca de três pessoas sentarem ou levantarem. Um toldo de couro e cortinas podiam ser removidos durante a batalha, mas por enquanto, eles desciam, dando ao passageiro um pouco de privacidade.

Luce escalou, passou por entre as cortinas, e tomou assento. Era preenchido com peles de tigre. Um motorista com um bigode fino tomou as rédeas, e um outro soldado com os olhos caídos e um machado de guerra subiu para ficar ao seu lado. No estalo de um chicote, os cavalos começaram a galopar e ela sentiu as rodas abaixo dela começarem a virar.

Enquanto eles passavam pelos altos portões austeros do palácio, o sol passava através da neblina em uma grande extensão de terra verde para o oeste. A terra era bela, mas Luce estava muito nervosa para apreciá-la.

“Bill” ela sussurrou. “Ajuda?”

Nenhuma resposta. "Bill?"

Ela espiou para fora das cortinas, mas só atraiu a atenção do soldado de olhos caídos que deveria ser o guarda-costas do rei durante a viagem. “Vossa Majestade, por favor, para sua segurança, devo insistir.” Ele gesticulou para Luce se retirar.

Luce gemeu e recostou-se contra o assento estofado da carruagem. As ruas pavimentadas da cidade devem ter terminado, porque o passeio tornou-se incrivelmente acidentado. Luce foi arremessada contra o banco, sentindo como se estivesse em uma montanha russa de madeira. Seus dedos agarraram o pelo felpudo da pele de tigre.

Bill não queria que ela fizesse isso. Ele estava ensinando a ela uma lição por garantia agora, quando ela mais precisava de sua ajuda?

Seus joelhos chacoalhavam a cada solavanco na estrada. Ela não tinha absolutamente nenhuma ideia de como ela iria encontrar De. Se os guardas do rei nem mesmo a deixaram olhar para fora pela cortina, como eles iriam deixá-la perto da linha de frente?

Mas então:

Uma vez, há milhares de anos, seu eu passado tinha sentado sozinha em sua carruagem, disfarçada como falecido rei. Luce podia sentir- mesmo que ela não se juntasse com o seu corpo passado, Lu Xin estaria aqui agora.

Sem a ajuda de algum estranho gárgula genioso. E, mais importante, sem todo o conhecimento que Luce tinha acumulado até agora em sua busca. Ela tinha visto a glória desenfreada de Daniel em Chichén Itzá. Ela tinha testemunhado e finalmente compreendido as profundezas de sua maldição, em Londres. Ela o tinha visto ir de suicida no Tibete à salvá-la de uma vida podre em Versailles. Ela observou-o dormir com a dor da sua morte na Prússia como se estivesse sob um feitiço. Ela tinha visto ele se apaixonar por ela, mesmo quando ela era arrogante e imatura em Helston. Ela tocou as cicatrizes de suas asas em Milão e compreendeu o quanto ele tinha desistido no céu só por ela. Ela tinha visto o olhar torturado em seus olhos quando ele a perdeu em Moscou, a mesma miséria várias e várias vezes.

Luce devia a ele encontrar uma maneira de quebrar essa maldição.

O carro sacudiu até parar, e Luce quase foi arremessada para fora de seu assento. Lá fora, houve um

estrondosa batida de cascos de cavalos -o que era estranho porque a carruagem do rei estava parada.

Alguém estava lá fora.

Luce ouviu um choque de metal e um grunhido longo e doloroso. O carro foi empurrado bruscamente. Algo pesado bateu no chão.

Houve mais colisão, mais grunhido, um grito áspero, e outra pancada no chão. Suas mãos trêmulas, Luce separou as cortinas de couro um pouquinho e viu o soldado de olhos caídos deitado em uma poça de sangue no chão abaixo.

A carruagem do rei tinha sido emboscada.

As cortinas diante dela foram empurradas para além de um dos insurgentes. O lutador estrangeiro levantou sua espada.

Luce não pode evitar: ela gritou.

A espada vacilou no ar e, em seguida, o sentimento mais quente passou sobre Luce, inundando suas veias, acalmando seus nervos, e abrandando as batidas do seu coração.

O lutador na carruagem era De.

Seu capacete de couro cobria seu cabelo preto na altura dos ombros, mas deixou seu rosto maravilhosamente desobstruído. Seus olhos violeta destacaram-se contra a sua pele clara verde-oliva. Ele parecia confuso e esperançoso ao mesmo tempo. Sua espada estava puxada, mas ele segurou-a como se pressentisse que ele não deveria atacar. Rapidamente, Luce levantou seu capacete sobre sua cabeça e arremessou-o sobre o assento.

Seu cabelo escuro desceu em cascata, seus cachos caindo por todo o caminho até a parte inferior de sua couraça de bronze. Sua visão embaçou enquanto os seus olhos enchiam de lágrimas.

“Lu Xin?” De apanhou-a com força em seus braços. Roçou seu nariz no dela e ela descansou a bochecha na dele, sentindo-se quente e segura. Ele parecia incapaz de parar de sorrir. Ela levantou a cabeça e beijou a curva bonita de seus lábios. Ele respondeu-lhe com um beijo faminto, e Luce absorveu cada momento maravilhoso, sentindo o peso de seu corpo contra o dela, desejando que não houvesse tanta armadura pesada entre eles.

“Você é a última pessoa que eu esperava ver” De disse suavemente.

“Eu poderia dizer o mesmo para você” ela disse. “O que você está fazendo aqui?”

“Quando juntei forças com os rebeldes Zhou, jurei matar o rei e ter você de volta.”

“O rei está- Oh, nada disso importa mais” Luce sussurrou, beijando seu rosto e suas pálpebras, segurando firme em volta do seu pescoço.

“Nada importa” De disse. “Só que eu estou com você.”

Luce pensou de novo em seu brilho luminoso em Chichén Itzá. Vê-lo nessas outras vidas, em locais e horários que estavam tão longe de casa, cada um confirmava o quanto ela o amava. A ligação entre eles era inquebrável- era claro desde a maneira como eles se olhavam, o jeito que podiam ler

os pensamentos um do outro, a maneira como um fazia o outro se sentir inteiro.

Mas como ela pôde esquecer a maldição que eles vinham sofrendo pela eternidade? E a busca em que ela estava para quebrá-la? Ela tinha chegado longe demais para esquecer que ainda havia obstáculos no caminho antes de ficar verdadeiramente com Daniel.

Todas as vidas a tinham ensinado algo até então. Certamente, esta vida deve ter sua própria chave. Se ela soubesse o que procurar.

“Nós tivemos a garantia que o rei chegaria aqui para dirigir as tropas abaixo” De disse. “Os rebeldes tinham planejado uma emboscada a cavalaria do rei.”

“Eles estão a caminho” Luce disse, lembrando as instruções de Huang. “Eles vão estar aqui a qualquer momento.”

Daniel assentiu. “E quando eles chegarem aqui, os rebeldes vão esperar que eu lute.”

Luce estremeceu. Ela já esteve com Daniel por duas vezes quando ele estava se preparando para a batalha, e nas duas vezes isso levou a algo que ela nunca quis ver de novo. “O que devo fazer enquanto você está...”

“Eu não estou indo para a batalha, Lu Xin.”

“O que?”

“Esta não é nossa guerra. Nunca foi. Podemos ficar e lutar as batalhas de outras pessoas ou podemos fazer como sempre fizemos e escolher o outro sobre todo o resto. Você entende o que quero dizer?”

“Sim” ela sussurrou. Lu Xin não sabia o significado mais profundo das palavras de De, mas Luce estava quase certa de que ela entendeu- que Daniel a amava, que ela o amava, e que eles estavam escolhendo ficar juntos.

“Eles não vão nos deixar ir facilmente. Os rebeldes vão me matar por desertar.” Ele recolocou o capacete na cabeça. “Você terá que lutar pelo seu caminho para fora disto também.”

“O quê?” Ela sussurrou. “Eu não consigo lutar. Eu mal posso levantar essa coisa” ela apontou para a alabarda. “Eu não posso...”

“Sim” ele disse, dando significado profundo com a única palavra. “Você pode.”

A carruagem se encheu de luz. Por um momento Luce pensou que era isso, o momento em que seu mundo iria inflamar, quando Lu Xin iria morrer, quando sua alma seria exilada para as sombras.

Mas isso não aconteceu. O brilho vinha do peito de De. Era o brilho da alma de Daniel. Não era tão forte ou tão radiante como foi no sacrifício maia, mas era ainda de tirar o fôlego. Luce lembrou do brilho de sua própria alma, quando ela viu Lu Xin pela primeira vez. Talvez ela estava aprendendo a realmente ver o mundo como ele era. Talvez, por fim, a ilusão estava desaparecendo.

“Ok” disse ela, enfiando seu longo cabelo dentro do capacete. “Vamos lá.”

Eles separaram as cortinas e ficaram na plataforma da carruagem. Diante deles, uma força rebelde

de vinte homens montados à cavalo, esperava perto da borda de uma colina, talvez 15 metros à frente de onde o carro do rei foi surpreendido. Eles estavam vestidos com simples roupas de camponeses, calça marrom e camisas sujas, grossas. Seus escudos tinham o sinal do rato, o símbolo do exército Zhou. Eles estavam todos olhando para De, esperando ordens.

Do vale abaixo veio um estrondo de centenas de cavalos. Luce entendeu que todo o exército Shang estava lá embaixo, sedento de sangue. Ela podia ouvi-los cantar uma velha canção de guerra que Lu Xin conhecia desde que ela podia falar.

E em algum lugar atrás deles, Luce sabia que Huang e o resto dos soldados particulares do rei estavam em seu caminho para o que eles achavam que seria um encontro no mirante. Eles estavam andando para um banho de sangue, uma emboscada, e Luce e Daniel tinham que ir embora antes que eles chegassem.

“Siga minha liderança” De murmurou. “Nós vamos para as montanhas a oeste, o mais longe, desta batalha que os nossos cavalos podem nos levar.”

Ele libertou um dos cavalos do carro e guiou-o para Luce. O cavalo era impressionante, preto como carvão, com uma mancha branca em forma de diamante em seu peito. De ajudou Luce na sela e levantou a alabarda do rei em uma mão e uma balestra no outro. Luce nunca tinha atirado ou sequer tocado uma balestra em sua vida, e Lu Xin só tinha usado uma vez, para assustar um lince para longe do berço do bebê de sua irmã. Mas a arma parecia leve nas mãos de Luce, e ela sabia que quando chegasse a hora, ela poderia atirar.

De sorriu para sua escolha e assobiou para seu cavalo. Uma bela égua manchada trotou. Ele pulou em suas costas.

“De! O que você está fazendo?” Uma voz alarmada chamou da linha de cavalos. “Era para você matar o rei! Não montá-lo em um dos nossos cavalos!”

“Sim! Mate o rei!” Um coro de vozes raivosas chamou.

“O rei está morto!” Luce gritou, silenciando os soldados. A voz feminina por trás do capacete trouxe arquejos de todos eles. Eles ficaram congelados, incertos se deveriam levantar suas armas.

De passou seu cavalo perto de Luce. Ele tomou-lhe as mãos. Eles eram mais quentes, mais fortes e mais reconfortantes do que qualquer coisa que ela já tinha sentido.

“Aconteça o que acontecer, eu te amo. Nosso amor vale tudo para mim.”

“E para mim” Luce sussurrou de volta.

De soltou um grito de batalha, e seus cavalos arrancaram em um ritmo alucinante. A balestra quase escapou do aperto de Luce enquanto ela balançava-se para frente para agarrar as rédeas.

Em seguida, os soldados rebeldes começaram a gritar. “Traidores!”

“Lu Xin!” A voz de De subiu acima do mais estridente grito, do mais pesado casco de cavalo. "Vá!" Ele levantou o braço alto, apontando para as colinas.

Seu cavalo galopava tão rápido que era difícil ver alguma coisa claramente. O mundo passou zunindo em um whoosh aterrorizante. Um emaranhado de soldados rebeldes foram atrás deles, os

cascos dos seus cavalos tão alto quanto um terremoto que durou para sempre.

Até o rebelde vir em Daniel com sua alabarda, Luce tinha esquecido a balestra em suas mãos. Agora ela a levantou sem esforço, ainda incerta de como usá-la, sabendo apenas que abateria quem tentasse machucar Daniel.

Agora.

Ela lançou sua seta. Para sua surpresa, isso parou o rebelde morto, jogando-o fora de seu cavalo. Ele desabou em uma nuvem de poeira. Ela olhou para trás com horror para o homem morto com a seta em seu peito no chão.

“Continue indo!” De gritou.

Ela engoliu em seco, deixando seu cavalo guiá-la. Alguma coisa estava acontecendo. Ela começou a se sentir mais leve em sua sela, como se a gravidade de repente tivesse menos poder sobre ela, como se a fé de De nela estivesse impulsionando ela por tudo isso. Ela podia fazer isso. Ela poderia fugir com ele. Ela deslizou outra flecha para a balestra, disparou, e disparou novamente. Ela não tinha como meta ninguém, exceto em legítima defesa, mas haviam tantos soldados vindo, que logo, ela estava quase sem flechas. Apenas duas restaram.

“De!” Ela gritou.

Ele estava quase totalmente fora da sela, usando um machado para bater com força em um soldado Shang. As asas de De não estavam estendidas, mas poderiam muito bem ter estado- ele parecia mais leve que o ar, ainda habilmente mortal. Daniel matou seus inimigos de modo tão limpo, que suas mortes foram instantâneas, o mais indolor possível.

“De!” Ela gritou mais alto.

Ao som de sua voz, sua cabeça levantou. Luce se inclinou sobre sua sela para mostrar-lhe sua aljava quase vazia. Ele atirou-lhe uma espada em forma de gancho

Ela pegou-a pelo punho. Ela parecia estranhamente natural em sua mão. Então, ela se lembrou- da lição de esgrima que ela tinha tomado na Shoreline. Em sua primeira partida, ela destruiu Lilith, um colega de classe fresca e cruel que tinha esgrimado toda sua vida.

Certamente, ela podia fazer isso de novo.

Só então, um guerreiro saltou de seu cavalo para o dela. O peso repentino dele, fez sua montaria falhar e fez Luce gritar, mas um momento depois, sua garganta foi cortada e seu corpo empurrado para o chão e a lâmina da espada dela brilhou com sangue fresco.

Houve um jato quente sobre o seu peito. Seu corpo inteiro zumbia. Ela seguiu em frente, estimulando seu cavalo até a velocidade máxima, cada vez mais rápido até que...

O mundo ficou branco.

Em seguida, fechou-se em preto.

Finalmente, chamejou em uma labareda de cores brilhantes.

Ela levantou a mão para bloquear a luz, mas não vinha de fora dela. Seu cavalo ainda galopava abaixo dela. Sua adaga ainda estava presa no seu punho, ainda cortando direita e esquerda, em gargantas, em peitos. Inimigos ainda caiam a seus pés.

Mas de alguma forma Luce não estava mais lá completamente. Uma manifestação de visões atacaram sua mente, visões que devem ter pertencido a Lu Xin- e, em seguida, algumas visões que não poderiam ter pertencido a Lu Xin.

Ela viu Daniel pairar sobre ela em suas roupas de camponês simples ... mas então, um momento depois, ele estava sem camisa, com longos cabelos loiros ... e de repente ele usava o capacete de um cavaleiro, cujo visor ele levantou para beijar seus lábios ... mas antes dele beijar, ele se transformou em seu eu presente, o Daniel que ela tinha deixado no quintal de seus pais em Thunderbolt, quando ela atravessou no tempo.

Este era o Daniel, ela percebeu, que ela estava procurando o tempo todo. Ela alcançou ele, ela chamou o nome dele, mas depois ele mudou de novo. E de novo. Ela viu mais Daniels do que ela jamais imaginou ser possível, cada um mais lindo que o anterior. Eles se entrelaçavam dentro de cada um como um vasto acordeão, cada imagem dele inclinando e alterando à luz do céu atrás dele. O corte do nariz, a linha de seu maxilar, o tom de sua pele, a forma dos lábios, todos rodopiavam dentro e fora de foco, se transformando o tempo todo. Tudo mudou, exceto os olhos.

Seus olhos violeta sempre permaneceram os mesmos. Eles assombraram ela escondendo algo terrível, algo que ela não entendia. Algo que ela não queria entender.

Medo?

Nas visões, o terror nos olhos de Daniel era tão intenso que Luce, na verdade, queria olhar para longe de sua beleza. O que poderia alguém tão poderoso quanto Daniel temer?

Havia apenas uma coisa: a morte de Luce.

Ela estava passando por uma montagem de sua morte, uma e outra e outra vez. Isso era o que os olhos de Daniel pareciam, ao longo do tempo, pouco antes de sua vida ser consumida pelas chamas.

Ela tinha visto esse medo nele antes. Ela odiava, porque ele sempre significava que o tempo deles estava acabado. Ela viu isso agora em cada uma de suas faces. O medo brilhou de infinitas vezes e lugares. De repente, ela sabia que havia mais:

Ele não tinha medo por ela, não porque ela estava andando para a escuridão de uma outra morte. Ele não tinha medo de que isso pudesse causar sua dor.

Daniel estava com medo dela.

“Lu Xin!” A voz dele gritou para ela do campo de batalha. Ela podia vê-lo através da névoa de visões. Ele era a única coisa vindo de forma clara- porque todo o resto ao seu redor estava assustadoramente iluminado de branco. Tudo dentro dela também estava. Era o seu amor por Daniel que a queimava? Era sua própria paixão, não a dele, que a destruiu todas as vezes?

“Não!” Sua mão se estendeu para a dela. Mas já era tarde demais.

Sua cabeça doía. Ela não queria abrir os olhos.

Bill estava de volta, o chão estava frio, e Luce estava em um bolso de boas-vindas das trevas. Uma cachoeira borrifava em algum lugar no fundo, chuviscando em suas bochechas quente.

“Você foi bem lá fora, afinal” ele disse.

“Não pareça tão desapontado” Luce disse. “Que tal explicar para onde você desapareceu?”

“Não posso.” Bill sugou seus lábios gordos para mostrar que eles estavam selados.

“Porque não?”

“Pessoal.”

“É Daniel?” Ela perguntou. “Ele é capaz de vê-lo, não é? E há alguma razão para você não querer que ele saiba que você está me ajudando.”

Bill bufou. “Meu negócio não é sempre sobre você, Luce. Eu tenho outras coisas assando na panela. Além disso, você parece bastante independente recentemente. Talvez seja hora de acabar com o nosso pequeno arranjo, tirar suas rodas de treinamento. Para que diabos você precisa de mim mais?”

Luce estava exausta demais para agradar ele, e muito chocada com o que ela tinha acabado de ver. “Não há esperança.”

Toda a raiva deixou Bill como o ar saindo de um balão. “Como assim?”

“Quando eu morro, não é por causa de alguma coisa que Daniel faz. É algo que acontece dentro de mim. Talvez seu amor traga isso à tona mas- a culpa é minha. Isso tem que ser parte da maldição, só não tenho ideia do que significa. Tudo que sei é, que eu vi um olhar em seus olhos um pouco antes de eu morrer- é sempre o mesmo.”

Ele inclinou a cabeça. “Até agora.”

“Eu faço ele miserável mais do que faço feliz” disse ela. “Se ele não desistiu de mim, ele deveria. Eu não posso mais fazer isso com ele.”

Ela baixou a cabeça em suas mãos.

“Luce?” Bill sentou-se no joelho dela. Havia uma estranha ternura que ele mostrou quando ela o conheceu. “Você quer colocar essa charada sem fim para descansar? Pelo amor de Daniel?”

Luce olhou para cima e enxugou os olhos. “Quer dizer, então ele não terá que passar por isso novamente? Há algo que eu possa fazer?”

“Quando você assume um dos corpos do seu eu passado, há um momento em cada uma de suas vidas, pouco antes de morrer, onde sua alma e os dois corpos- passado e presente- se separaram. Isso só acontece por uma fração de um instante.”

Luce apertou os olhos. “Eu acho que eu senti isso. No momento em que eu percebo que eu vou morrer, um pouco antes de realmente morrer?”

“Exatamente. Tem a ver com como suas vidas abrem caminho juntas. Naquela fração de segundo, há uma maneira de separar a sua alma amaldiçoada de seu corpo presente. Mais ou menos como

esculpir sua alma. Seria, efetivamente, extinguir esse elemento irritante de reencarnação de sua maldição."

"Mas eu pensei que já estava no final do meu ciclo de reencarnações, que eu não ia voltar mais. Por causa da coisa batismo. Porque eu nunca..."

"Isso não importa. Você ainda é obrigada a ver o ciclo até o fim. Assim que você voltar para o presente, você ainda pode morrer a qualquer momento por causa de..."

"Meu amor por Daniel."

"Claro, algo assim" disse Bill. "-Aham. Isto é, a menos que você quebre o vínculo com seu passado."

"Então eu clivaria no meu passado e ela ainda morreria como sempre..."

"E você ainda seria expulsa, assim como você foi antes, você apenas deixaria a sua alma para trás para morrer também. E o corpo para o qual você voltaria- ele cutucou a no ombro- esse aqui- estaria livre para viver fora da maldição que tem pairado sobre você desde a aurora dos tempos."

"Sem mais mortes?"

"Não, a menos que você pule de um prédio ou entre em um carro com um assassino ou tomar um monte de Unisom ou..."

"Eu entendi" ela o cortou. "Mas não é como- ela esforçou-se para manter a voz firme - não é como se Daniel me beijasse e eu ... ou..."

"Não é como se Daniel fosse fazer qualquer coisa." Bill olhou para ela propositadamente. "Você não seria mais destinada para ele. Você seguiria em frente. Provavelmente, se casar com algum namorado tedioso e ter seu próprios doze filhos."

"Não."

"Você e Daniel estariam livres da maldição que vocês tanto desprezam. Livre. Ouviu isso? Ele poderia seguir em frente e ser feliz, também. Você não quer que Daniel seja feliz?"

"Mas Daniel e eu..."

"Daniel e você não seriam nada. É uma dura realidade, ok, tudo bem. Mas pense nisso: Você não teria que machucá-lo mais. Cresça Luce. Há mais na vida do que a paixão adolescente."

Luce abriu a boca, mas ela não queria ouvir sua voz se quebrar. Uma vida sem Daniel era inimaginável. Mas também era, voltar para sua vida atual e tentar estar com Daniel e isso matá-la para sempre. Ela tentou arduamente encontrar uma maneira de quebrar essa maldição, mas a resposta ainda escapava dela. Talvez esse fosse o caminho. Parecia horrível agora, mas se ela voltasse para sua vida e nem sequer conhecesse Daniel, ela não iria sentir falta dele. E ele não sentiria falta dela. Talvez isso seria melhor. Para ambos.

Mas não. Eles eram almas gêmeas. Daniel trouxe mais para sua vida do que apenas o seu amor. Arriane, Roland, e Gabbe. Até Cam. Foi por causa de todos eles que ela havia aprendido sobre si mesma- o que ela queria, o que ela não queria, como se defender. Ela cresceu e se tornou uma

pessoa melhor. Sem Daniel, ela nunca teria ido para a Shoreline, nunca teria encontrado os verdadeiros amigos que ela tinha feito: Shelby e Miles. Será que ela ainda teria ido para Sword & Cross? Onde na terra ela estaria? Quem seria ela?

Ela poderia ser feliz um dia sem ele? Se apaixonar por outra pessoa? Ela não podia suportar pensar sobre isso. A vida sem Daniel soava incolor e sombria- com exceção de um ponto brilhante que Luce continuava rondando:

E se ela nunca tivesse que machucá-lo novamente?

“Digamos que eu queira considerar isso.” Luce mal conseguia reunir um sussurro. “Só para pensar sobre isso. Como é que isso sequer funciona?”

Bill alcançou atrás dele e lentamente tirou algo longo e prata de uma cinta preta pequena em suas costas. Ela nunca tinha notado antes. Ele estendeu uma seta de prata de ponta chata que ela reconheceu imediatamente.

Então, ele sorriu. “Você já viu uma starshot?”

DEZOITO

MÁS INDICAÇÕES

Jerusalém, Israel• 27 Nissan 2760

Nissan ("primeiros frutos") é o nome dado ao primeiro mês do calendário judaico religioso (sétimo mês do calendário civil), que se inicia com a primeira Lua nova da época da cevada madura em Israel. O nome Nissan tem origem babilônica: na Torá o nome do mês é Abib. Nissan é um mês de 30 dias que marca o ínicio da primavera no hemisfério norte. **Esses dados são de acordo com a época. Posteriormente, 27 Nissan se tornou feriado nacional em Israel como dia da recordação das vítimas do Holocausto.

“Então você, na verdade, não é um cara tão ruim?” Shelby disse para Daniel.

Eles estavam sentados no banco exuberante no leito do rio da antiga Jerusalém, observando o horizonte onde os dois anjos caídos tinha acabado de se separar. O mais leve sopro de luz em tons de ouro pendurou-se no céu onde Cam tinha estado, e o ar estava começando a cheirar, um pouco, como ovos podres.

“É claro que eu não sou.” Daniel mergulhou a mão na água fria. Suas asas e sua alma ainda estavam quente de assistir Cam fazer a sua escolha. Quão simples pareceu para ele. Tão fácil e tão rápido.

E tudo por causa de um coração partido.

“É que quando Luce descobriu que você e Cam iniciaram aquela trégua, ela ficou arrasada. Nenhum de nós conseguia entender.” Shelby olhou para Miles por afirmação. “Podíamos?”

“Nós pensamos que você estava escondendo algo dela.” Miles tirou o boné de beisebol e esfregou sua cabeça. “Tudo o que sabíamos de Cam é que ele era supostamente o puro mal.”

Shelby fez garras com os dedos. “Todo selvagem! e rawr! e algo assim.”

“Poucas almas são puramente qualquer coisa” Daniel disse “no Céu, no inferno, ou na Terra.” Ele se virou, olhando no alto do céu ao leste para uma pitada de pó de prata que Dani teria deixado quando ele desfraldou suas asas e voou para longe. Não havia nada.

“Desculpe” Shelby disse “mas é tão estranho pensar em vocês como irmãos.”

“Nós éramos todos uma família em um ponto.”

“Sim, mas, há muito tempo atrás.”

“Você acha que só porque algo tem seguido um caminho por alguns milhares de anos, aquilo está

fixado por toda a eternidade." Daniel balançou a cabeça. "Tudo está em fluxo. Eu estava com Cam no Aurora do Tempo e eu vou vê-lo no Fim dos Tempos."

As sobrancelhas de Shelby dispararam em descrença. "Você acha que Cam vai voltar? Como, ver o lado da luz novamente?"

Daniel começou a levantar. "Nada permanece o mesmo para sempre."

"E o seu amor por Luce?" Miles perguntou.

Isso congelou Daniel. "Isso está mudando também. Ela vai ser diferente, depois desta experiência. Eu só espero que ..." Ele olhou para Miles, que ainda estava sentado no banco, e Daniel percebeu que não odiava Miles. Do seu jeito imprudentemente idiota, o Nephilim estava tentando ajudar.

Pela primeira vez, Daniel podia dizer sinceramente que ele não precisa mais de ajuda, ele tinha conseguido toda a ajuda que ele precisava ao longo do caminho de cada um de seus eus anteriores. Agora, finalmente, estava pronto para alcançar Luce.

Por que ele ainda estava parado aqui?

"Está na hora de você dois irem para casa" disse ele, ajudando Shelby, então Miles a levantar.

"Não" Shelby disse, estendendo a mão para Miles, que lhe apertou a mão. "Nós fizemos um pacto. Nós não vamos voltar enquanto não soubermos se ela está..."

"Não vai demorar" Daniel disse. "Eu acho que sei onde encontrá-la, e não é um lugar que vocês dois podem ir."

"Vamos, Shel." Miles já estava descascando a sombra da oliveira perto da margem do rio. Ela minou e rodou em suas mãos e parecia desajeitado por um momento, como oleiro de barro, a ponto de tirar o molde da roda. Mas então Miles dominou-a, girando-a em um portal preto impressionantemente grande. Ele abriu o Anunciador levemente, apontando para Shelby atravessar primeiro.

"Você está ficando bom nisso." Daniel havia tirado seu próprio Anunciador, convocando-o da sombra de seu próprio corpo. Ele tremeu diante dele.

Porque os Nefilins não estavam aqui através de suas próprias experiências passadas, eles teriam de saltar de anunciador para anunciador de voltar para seu próprio tempo. Seria difícil, e Daniel não invejava a sua jornada, mas ele os invejava porque estavam indo para casa.

"Daniel." A cabeça de Shelby saiu do Anunciador. Seu corpo parecia distorcido e turvo através das sombras. "Boa sorte."

Ela acenou, e Miles acenou, e os dois atravessaram. A sombra se fechou em um ponto pouco antes de ela desaparecer. Daniel não viu isso acontecer. Ele já tinha ido.

Vento frio corroía ele.

Ele acelerou, mais rápido do que ele já tinha viajado antes, de volta a um lugar e um tempo, para o qual ele nunca pensou que iria voltar.

“Ei” uma voz gritou. Era rouca, grosseira e parecia vir bem ao lado de Daniel. “Vá com calma, sim?”

Daniel se afastou para longe do som. “Quem é você?” Ele gritou para a escuridão invisível. “Faça-se conhecido.”

Quando nada apareceu diante dele, Daniel desfraldou suas ondulantes asas brancas- tanto para desafiar o intruso dentro de seu Anunciador como para ajudá-lo a diminuir sua velocidade. Eles iluminaram o Anunciador com seu brilho, e Daniel sentiu a tensão dentro dele amenizar um pouco.

Totalmente estendidas, suas asas mediam a largura do túnel. Suas pontas estreitas eram as mais sensíveis ao toque; quando roçaram nas paredes úmidas do Anunciador, Daniel teve um sensação nauseada e claustrofóbica.

Na escuridão diante dele, uma figura lentamente filtrou à vista.

Primeiro, as asas: demasiadamente pequenas, leves e finas. Então, o corpo se aprofundou na cor apenas o suficiente para Daniel ver um pequeno e pálido anjo, partilhando seu Anunciador. Daniel não o conhecia. As características do anjo eram suaves e de aparência inocente, como as de um bebê. No túnel apertado, o seu cabelo loiro soprou em seus olhos prateado com o vento que as asas de Daniel mandavam a cada vez que pulsavam. Ele parecia tão jovem, mas é claro, ele era tão velho quanto qualquer um deles.

“Quem é você?” Daniel perguntou novamente. “Como você chegou aqui? Você é Escala?”

“Sim.” Apesar de sua aparência inocente e infantil, a voz do anjo era profunda e grave. Ele estendeu a mão por trás das costas por um momento, e Daniel pensou que talvez ele estava escondendo alguma coisa lá- talvez, seu tipo de dispositivo de captura- mas o anjo simplesmente virou-se para revelar a cicatriz na parte de trás do pescoço. A insígnia de ouro de sete pontas da Escala. “Eu sou Escala.” Sua voz profunda voz era áspera e coagulada. “Eu gostaria de falar com você.”

Daniel rangeu os dentes. A Escala deve ter sabido que ele não tinha respeito por eles ou suas intrometidas funções. Mas não importava o quanto ele detestava suas maneiras elevadas, buscando sempre empurrar os caídos para um lado: Ele ainda tinha que honrar seus pedidos. Algo parecia estranho sobre este, mas quem além de um membro da Escala poderia ter encontrado um caminho para dentro de seu Anunciador?

“Estou com pressa.”

O anjo assentiu como se ele já soubesse disso. “Você busca por Lucinda?”

“Sim” Daniel deixou escapar. “Eu-Eu não preciso de ajuda.”

“Você precisa.” O anjo balançou a cabeça. “Você perdeu a sua saída” ele apontou para baixo, em direção ao lugar no túnel vertical, onde Daniel tinha acabado de vir. “Bem lá atrás.”

“Não...”

“Sim.” O anjo sorriu, mostrando uma fileira de dentes minúsculos e irregulares. “Nós esperamos e observamos. Vemos quem viaja pelos Anunciadores e para onde vão.”

“Eu não sabia que o policiamento dos Anunciadores caiu sob a jurisdição da Escala.”

“Há muito que você não sabe. Nosso monitor pegou um vestígio da passagem dela. Ela estará bem em seu caminho até agora. Você deve ir atrás dela.”

Daniel enrijeceu. A Escala eram os únicos anjos que tinham a visão concedida entre Anunciadores. Era possível que um membro da Escala teria visto as viagens de Luce.

“Por que você quer me ajudar a encontrá-la?”

“Oh, Daniel.” O anjo fez uma careta. “Lucinda é uma parte do seu destino. Nós queremos que você encontre-a. Nós queremos que você seja fiel à sua natureza.”

“E então, passar para o lado do Céu” Daniel rosnou.

“Um passo de cada vez.” O anjo comprimiu suas asas ao seu lado e despencou através do túnel. “Se você quiser pegá-la” sua voz profunda ressoou. “Eu estou aqui para lhe mostrar o caminho. Eu sei onde os pontos de conexão estão. Eu posso abrir um portal entre a série de tempos passados.” Então, ligeiramente “Sem compromisso”.

Daniel estava perdido. A Escala tinha sido um incômodo para ele desde a Guerra no Céu, mas pelo menos seus motivos eram transparentes. Eles queriam que ele passasse para o lado do céu. Era isso. Ele imaginou que isso conviria a eles, levá-lo até Luce se pudessem.

Talvez o anjo estivesse certo. Um passo de cada vez. Tudo o que importava era Luce.

Ele enfiou as asas ao seu lado como o anjo tinha feito e sentiu seu corpo se movimentando através da escuridão. Quando ele alcançou o anjo, ele parou.

O anjo apontou. “Lucinda atravessou por ali.”

O caminho da sombra era estreito e perpendicular ao caminho que Daniel estava. Não parecia mais certo ou errado do que para onde Daniel tinha se dirigido antes.

“Se isso funcionar” ele disse “Eu lhe devo. Se não, eu vou te caçar.”

O anjo não disse nada.

Então, Daniel saltou antes de olhar, sentindo um vento úmido lamber suas asas, uma corrente apanhá-lo novamente e acelerando-o junto, e ouvindo- em algum lugar distante atrás dele- o mais fraco repique de risadas.

DEZENOVE

A ESPIRAL MORTAL

Memphis • Egito. Peret*. “A estação da Semeadura.”
(Outono, aproximadamente 3100 a.C)

Você aí - uma voz gritou em quando Luce cruzou o limiar do anunciador. Gostaria de meu vinho. Em uma bandeja. E traga meus cães. Não... meus leões... Não. Ambos.
Ela atravessou uma vasta sala branca com paredes grossas com colunas de alabastro segurando um teto alto. Um leve odor de carne assada estava no ar.

A sala estava vazia, exceto por uma plataforma alta na outra extremidade, que tinha sido revestida com pele de antílope. Em cima dela estava um trono colossal, esculpido em mármore, acolchoado com almofadas felpudas verde-esmeralda e adornado ao longo das costas com cristas de dentes de marfim entrelaçado.

O homem no trono - com olhos delineados, peito musculoso nu, dentes de ouro, dedos cheios de joias e uma torre de cabelo ébano – estava falado com ela. Ele tinha se afastado um escriba de lábios finos, vestido de azul segurando um papiro manuscrito, e agora os dois homens olhavam para Luce.

Ela limpou a garganta.

Sim, Faraó, Bill sussurrou em seu ouvido. Basta dizer Sim, Faraó.

Sim, Faraó! Luce gritou do outro lado da câmara sem fim.

Bom, Bill disse. Agora suma!

Indo para trás através de uma porta sombreada, Luce se viu num pátio interior em torno de um lago tranquilo. O ar estava frio, mas o sol era forte, queimando as linhas de flores em vasos de lótus que ladeavam a passarela. O pátio era enorme, mas, estranhamente, Luce e Bill tinha a coisa toda para si.

Há algo estranho sobre este lugar, certo? Luce ficou perto das paredes. O faraó não pareceu alarmado ao ver-me sair do nada.

Ele é importante demais para ser realmente incomodado com as pessoas observando. Ele viu o movimento em sua visão periférica e deduziu que alguém estava lá para que ele o manda chuva. Isso é tudo. Isso explica porque ele também não pareceu perturbado pelo fato de que você estar vestindo trajes de batalha chinês de dois mil anos no futuro, Bill disse, estalando os dedos de pedra. Ele apontou para um nicho de sombra no canto do pátio.

Espere ali e eu estarei de volta com algo um pouco mais na moda para você usar. - Antes Luce fosse capaz de retirar armadura pesada do rei Shang, Bill estava de volta com um vestido branco simples egípcio. Ele ajudou a tirar a roupa de couro e deslizou o vestido pela cabeça. Era drapeado sobre um

ombro, amarrado na cintura, e cônico em uma saia estreita terminando alguns centímetros acima dos tornozelos.

Esqueceu alguma coisa? Bill disse com uma estranha intensidade.

Oh - Luce buscou dentro da armadura de Shang pela starshot com ponta dobrada para dentro. Quando ela puxou para fora, ela sentiu muito mais pesada do que ela sabia que realmente era.

Não toque na ponta! Bill disse rapidamente, enrolando a ponta em tecido e amarrando. Ainda não.

Eu pensei que só podia prejudicar os anjos. Ela inclinou a cabeça, lembrando a batalha contra os renegados, lembrando a seta rebatendo no braço Callie sem um arranhão, lembrando Daniel dizendo-lhe para ficar longe do alcance das flechas.

Quem lhe disse isso não contou toda a verdade, Bill disse. Ela afeta apenas imortais. Você tem uma parte imortal – a parte amaldiçoada, sua alma - que é a parte que você vai matar aqui, lembra? De modo que seu eu mortal, Lucinda Price, possa ir e viver uma vida normal.

Se eu matar a minha alma. Luce, disse, segurando a starshot sob seu novo vestido. Mesmo através do grosso tecido, era quente ao toque. Eu ainda não decidi...

Pensei que estávamos de acordado. Bill engoliu em seco. Starshots são muito valiosas. Eu não teria dado a você, a menos que...

Vamos s apenas encontrar Layla.

Não era apenas o lúgubre silêncio do palácio que era inquietante. Algo parecia estranho entre Luce e Bill. Desde que ele lhe dado a flecha de prata, que estavam nervosos em torno de si.

Bill respirou profunda e roucamente. Ok. Antigo Egito. Este é o início do período dinástico na capital de Memphis. Nós estamos muito longe para trás agora, cerca de cinco mil anos antes de Luce Price honrar o mundo com sua magnífica presença.

Luce revirou os olhos. Onde está meu eu passado?

Por que eu sequer me preocupo com as aulas de história? Bill disse a um público imaginário. Tudo que ela quer saber é onde seu eu passado está. Tão egocêntrico, que é nojento.

Luce cruzou os braços. Se você estava indo matar a sua alma, acho que você deve querer acabar com isso antes que você tenha uma chance de mudar de ideia.

Assim, agora você é quem decide? Bill soou um pouco ofegante. Oh, vamos, Luce. Este é o nosso último show juntos. Imaginei que você ia querer saber os detalhes, pelos velhos tempos? Sua vida aqui foi realmente uma das mais românticas de todas. Ele agachou-se no ombro dela, no modo de contar histórias. Você era uma escrava chamada Layla. Asilada, solitária, nunca foi além dos muros do palácio. Até que um dia, em uma caminhada, encontrou o novo comandante bonito do exercito... Adivinha quem? Bill flutuava ao seu lado quando Luce deixou a armadura empilhadas na alcova e caminhou lentamente ao longo da borda da piscina.

Você e o vistoso Donkor. Só vamos chamá-lo Don. Se apaixonaram e tudo era cor de rosa com exceção de uma realidade cruel: Don era noivo da megera filha do faraó, Auset. Agora, qual é o drama nisso?

Luce suspirou. Havia sempre alguma complicação. Mais uma razão para pôr fim a tudo isso. Daniel não estaria acorrentado a um corpo terrestre, nem ficaria apanhado em um inutil drama mortal, apenas para que ele pudesse estar com Luce. Não era justo com ele. Daniel vinha sofrendo por muito tempo. Talvez ela realmente poderia terminar. Ela poderia encontrar Layla e junte-se com seu corpo. Em seguida, Bill lhe diria como matar a sua alma amaldiçoada, e ela iria dar a Daniel a sua liberdade.

Ela havia andando pelo pátio oblongo, meditando. Quando ela virou na parte do caminho mais próxima da lagoa, dedos apertaram seu pulso.

Peguei você! A menina que pegou Luce era magra e musculosa com traços sensuais e características dramáticas sob camadas de maquiagem.

Suas orelhas eram furadas por pelo menos dez arcos de ouro e um pingente de ouro pesado pendurado do pescoço, ornamentados com um quilo de joias preciosas.

A filha do faraó.

Eu... Luce começou a dizer.

Não ouse dizer uma palavra! Auset vociferou. O som da sua patética voz é como pedra-pomes em meus tímpanos. Guarda!

Um homem enorme apareceu. Ele tinha um longo rabo de cavalo preto e antebraços mais grossos do que as pernas de Luce. Ele carregava uma longa lança de madeira com uma lâmina afiada de cobre.

A prenda. Auset disse.

Sim, Alteza, o guarda vociferou. Por que razão, Majestade?

A questão acendeu um fogo furioso dentro da filha do faraó. Roubo. De minha propriedade pessoal.

Eu vou prendê-la até que o conselho decida sobre o assunto.

Nós fizemos isso uma vez antes, Auset disse. E ainda aqui está ela, como uma áspide, capaz de deslizar livre de quaisquer cativeiros. Precisamos prendê-la em algum lugar que ela nunca possa escapar.

Vou atribuir a ela um guarda permanente.

Não, isso não será bom o suficiente. Algo obscuro cruzou o rosto de Auset. Nunca mais quero ver essa menina de novo. A Jogue na tumba do meu avô.

Mas vossa alteza, ninguém mais que o sumo sacerdote está permitido...

Precisamente, Kafele. Auset disse, sorrindo. A jogue pelas escadas da entrada e fecha a porta atrás de você. Quando o sumo sacerdote for realizar a cerimônia de vedação do túmulo, esta noite, ele vai descobrir essa assaltante de tumbas e vai puni-la como lhe convir.

Ela se aproximou de Luce e zombou. Você vai descobrir o que acontece com aqueles que tentam

roubar da família real.
Don. Ela quis dizer que Layla estava tentando roubar Don.

Luce não se importava de ser trancada e que jogassem a chave fora, enquanto ela tivesse a chance de se unir com Layla primeiro. Caso contrário, como ela poderia libertar Daniel?

Bill passeava pelo ar, intrigado, as garras batendo contra os lábios de pedra.

O guarda tirou um par de algemas da bolsa na cintura e prendeu as correntes de ferro sobre os pulsos de Luce.

Eu vou a vigiarei eu mesmo, Kafele disse, puxando-a pela ponta da corrente.

Bill! Luce sussurrou. Você tem que me ajudar!

Nós vamos pensar em alguma coisa, Bill sussurrou quando Luce foi arrastada pelo pátio. Viraram uma esquina em um corredor escuro, onde uma escultura de pedra - maior do que a real - de Auset em pé, parecia tristemente bela.

Quando Kafele virou-se para olhar Luce, porque ela estava falando com ela mesma, seus longos cabelos negros caíram em seu rosto e deu uma ideia a Luce.

Ele nunca viu acontecer. Ela lutou para levantar suas mãos algemadas para cima e puxou com força em seu cabelo, agarrando a cabeça com as unhas. Ele gritou e cambaleou para trás, sangrando de um arranhão em seu couro cabeludo. Em seguida, Luce deu uma cotovelada com força no seu estomago. Ele gemeu e se dobrou. A lança escorregou de suas mãos.

Você pode tirar fora esses grilhões? Luce sussurrou para Bill.

A gárgula sacudiu as sobrancelhas. Um pequeno raio negro caiu nas algemas e a livrou de tudo. A pele de Luce estava quente onde estavam, mas ela estava livre.

Huh, disse ela, olhando brevemente para seus pulsos nus. Ela agarrou a lança do chão. Ela virou-se para desenhar a lâmina no pescoço Kafele.

Um passo à frente de você Luce, Bill anunciou. Quando ela se virou, Kafele estava deitado de costas com os pulsos algemados ao redor do tornozelo estatua de pedra de Auset.

Bill passou uma mão na outra. Trabalho em equipe. Ele olhou para o guarda de cara branca. Melhor nós nos apressamos. Ele vai encontrar suas cordas vocais novamente em breve. Vem comigo.

Bill levou Luce rapidamente pelo corredor escuro, um pequeno lance de escadas de arenito, e através de um outro salão iluminado por pequenas lâmpadas de lata e cheio de figuras de barro de gaviões e hipopótamos. Um par de guardas andavam no corredor, mas antes que pudessem ver Luce, Bill a empurrou por uma porta coberta por uma cortina de junco.

Ela se viu em um quarto. Colunas de pedra esculpida para se parecer com hastes de papiro que cresciam para um teto baixo. Uma cadeira de madeira entalhada em ébano, ficava perto de uma janela aberta em frente a uma cama estreita, que era esculpida em madeira e pintada com folha de tanto ouro que brilhava.

O que eu faço agora? Luce se pressionou contra a parede no caso de alguém andando olhar para

dentro. Onde estamos?
Esta é a câmara do comandante. Antes que Luce pudesse juntar as peças para entender que Bill se referia a Daniel, uma mulher abriu a cortina de junco e entrou no quarto.

Luce estremeceu.

Layla usava um vestido branco com o mesmo corte estreito como o que Luce usava. Seu cabelo era grosso e reto e brilhante. Ela tinha uma peônia branca atrás de uma orelha.

Com uma forte sensação de tristeza, Luce assistiu Layla deslizar para a vaidade de madeira e despejar óleo fresco na vasilha da lâmpada que ela carregava em uma bandeja de resina preta. Esta era a última vida que Luce iria visitar, o corpo do qual ela separaria sua alma para que tudo isso pudesse acabar.

Quando Layla virou-se para encher as lâmpadas ao lado da cama, ela notou Luce.

Olá, ela disse em uma voz suave e rouca. Você está procurando alguém?

O seus olhos delineados pareciam muito mais naturais do que a maquiagem de Auset.

Sim, eu estou. Luce não perdeu tempo. Bem quando ela avançou para pegar o pulso da menina, Layla olhou por ela em direção à porta e seu rosto se endureceu com alarme.

Quem é esse? Luce se virou e viu apenas Bill. Seus olhos estavam arregalados.

Você pode... ela ficou boquiaberto com Layla. Você pode vê-lo?

Não! Bill disse. Ela está falando sobre os passos que ela ouve correndo pelo corredor de fora. Melhor se apressar, Luce.

Luce girou para trás e pegou a cálida mão do seu eu passado, batendo na lata de óleo que caiu no chão. Layla engasgou e tentou ir embora, mas então aconteceu.

O sentimento de buraco no estômago era quase familiar Luce. A sala rodou e a única coisa em foco era a menina que está à sua frente. Seu cabelo preto e olhos salpicados de dourado, o resplendor do amor fresco em seu rosto.

Confusa, Luce piscou e Layla piscou, e do outro lado do piscar...

O chão se estabilizou. Luce olhou para suas mãos. As mãos de Layla. Elas tremiam.
Bill tinha ido embora. Mas tinha uma razão: Havia passos no corredor.

Ela se abaixou para pegar o frasco de óleo e se afastou da porta para começar a derramar óleo na lâmpada. Era melhor não ser vista por qualquer um que passasse fazer qualquer coisa, mas o seu trabalho.

Os passos atrás dela pararam. Um toque quente de mãos subiram por seus braços em quanto um peito firme pressionava suas costas.

Daniel. Ela podia sentir o seu brilho, sem sequer virar. Ela fechou os olhos. Seus braços em volta de sua cintura e seus lábio macio varreu seu pescoço, parando logo abaixo da orelha.

Eu te encontrei, ele sussurrou.
Ela virou-se lentamente em seus braços. A visão dele levou seu fôlego. Ele ainda era seu Daniel, é claro, mas sua pele era da cor de chocolate quente e rico, e seu cabelo ondulado preto foi cortado muito curto. Ele usava apenas uma tanga de linho curto, sandálias de couro, e uma gargantilha de prata no pescoço. Seus olhos de profundo violeta varreram ela com alegria.

Ele e Layla estavam profundamente apaixonados.

Ela descansou a bochecha em seu peito e contou as batidas do seu coração. Seria essa a última vez que ela fazia isso, a última vez que ele a segurava contra o seu coração?

Ela estava prestes a fazer a coisa certa. Algo bom para Daniel. Mas ainda assim doeu pensar nisso. Ela o amava! Se esta jornada lhe tinha ensinado alguma coisa, foi o quanto ela realmente o amava Daniel Grigori. Quase não parecia justo que ela era forçada a tomar essa decisão.

No entanto, aqui ela estava.

No antigo Egito.

Com Daniel. Para a última vez. Ela estava prestes a libertá-lo.

Seus olhos embaçaram em lágrimas quando ele beijou a parte no centro de seu cabelo.

Eu não tinha certeza de ter a chance de dizer adeus, disse ele. Parto esta tarde para a guerra da Nubia.

Quando Luce levantou a cabeça, Daniel pegou seu rosto úmido em suas mãos.

Layla, eu retorno antes da colheita. Por favor, não chore. Dentro em breve você estará de volta escapulindo a noite no meu dormitório com pratos de romãs como sempre. Eu prometo.

Luce respirou profundamente, estremecendo. Adeus.

Adeus por agora. Seu rosto ficou sério. Diga: Adeus por agora.

Ela balançou a cabeça. Adeus, meu amor. Adeus.

A cortina de junco se abriu. Layla e Don se separaram de seu abraço quando um grupo de guardas entraram com suas lanças no quarto. Kafele os liderava, com o rosto sombrio de raiva.

Peguem a menina, ele disse apontando para Luce.

O que está acontecendo? Daniel gritou enquanto os guardas rodeado Luce e prendiam suas mãos. Eu te ordeno que pare. Solte ela.

Desculpe comandante, Kafele disse. Ordens do Faraó. Você deve saber por agora que quando a filha do Faraó não está feliz, o Faraó não é feliz.

Eles marcharam afastado Luce enquanto Daniel gritou: Eu virei por você, Layla! Eu vou encontrar você!

Luce sabia que ele iria. Não era dessa forma que sempre funcionava? Eles se conheciam, ela se

metia em problemas e ele aparecia e salvou o dia. Ano após ano em toda a eternidade, o anjo mergulhava no último minuto para resgatá-la. Era cansativo pensar nisso.

Mas desta vez quando ele chegasse lá, ela teria a espera a starshot. O pensamento enviou uma pontada de dor através de seu estomago. Um poço de lágrimas brotou dentro dela novamente, mas ela resistiu. Pelo menos ela tinha chegado a dizer adeus.

Os guardas a conduziram por uma série interminável de corredores e foram para o sol escaldante. Eles marcharam nas ruas feitas de lajes de pedras irregulares, através de um portão em arco monumental e passaram por casas de arenito e cintilantes terrenos agrícolas na saída da cidade. Eles estavam arrastando-a para uma colina enorme dourada. Apenas quando se aproximava Luce percebeu que era uma estrutura artificial. A necrópole, ela percebeu, ao mesmo tempo que a mente de Layla se retorcia confusa e com medo.

Todos os egípcios sabiam que esse era o túmulo do último faraó, Meni. Ninguém, exceto alguns dos mais sagrados sacerdotes, e os mortos, se atreviam a chegar perto do lugar onde os corpos reais eram enterrados. Ele era selado com feitiços e encantamentos, algumas para guiar os mortos em sua jornada rumo à próxima vida, e outros para afastar qualquer ser vivo que se atrevesse se aproximar. Mesmo os guardas arrastando-a para ali parecia com um crescente nervosismo quando se aproximaram.

Logo eles estavam entrando em um túmulo em forma de pirâmide feita de tijolos de barro cozido. Todos, menos dois dos guardas corpulentos permaneceram fora da entrada. Kafele empurrou Luce por uma porta escura e descer um lance de escadas escuras. O outro guarda seguiu-os, carregando uma tocha de fogo para iluminar seu caminho.

A luz das tochas tremeluziam nas paredes de pedra. Elas foram pintadas com hieróglifos e de vez em quando os olhos de Layla pegavam pedaços de orações para Tait, a deusa da tecelagem, pedindo ajuda para que a alma do faraó se mantenha em uma só peça durante sua viagem para o além.

Cada poucos passos passaram portas falsas de pedra - profundos reentrâncias nas paredes - algumas delas, Luce percebeu, havia sido as entradas para os lugares de descanso final dos membros da família real. Agora elas estavam fechadas com pedra e cascalho, para que nenhum mortal pudesse passar.

Seu caminho ficou mais frio e mais escuro. O ar tornou-se pesado com o mosto desbotado da morte. Quando eles se aproximaram da porta aberta no final do corredor, o guarda com a tocha não foi mais longe.

Eu não vou ser amaldiçoado pelos deuses por causa desta menina insolente. Assim Kafele fez isso ele mesmo. Ele lutou para colocar para o lado o ferrolho de pedra que cobria a porta, e um forte cheiro de vinagre inundou o ar, envenenando o ar.

Pensa que você tem alguma esperança de escapar agora? Perguntou ele, liberando os pulsos das algemas e empurrando para dentro.

Sim - Luce sussurrou para si mesma quando a porta de pedra pesada se fechou atrás dela e bateu o ferrolho de volta no lugar - apenas uma.

Ela estava sozinha na completa escuridão, o frio se cravou em sua pele. Então algo estalou – pedra contra pedra, tão reconhecível - E uma pequena luz dourada floresceu no centro da sala. Era sustentada em concha entre as duas mãos de pedra de Bill.

“Olá, olá.” Ele flutuou para o lado do quarto e despejou a bola de fogo fora de suas mãos, em uma opulenta lâmpada de pedra, pintada de roxo e verde. “Nós nos encontramos novamente.”

Quando os olhos de Luce se ajustaram, a primeira coisa que viu foi a escrita nas paredes: elas foram pintadas com os mesmos hieróglifos do corredor, só que desta vez elas eram orações ao faraó - "Não decaia. Não apodreça. Transponha para as Estrelas Imperecíveis.” Haviam arcas que não fechariam porque transbordavam de moedas de ouro e brilhantes gemas laranja. Uma enorme coleção de obeliscos espalhados à sua frente. Pelo menos dez cães e gatos embalsamados pareciam olhar para ela.

A câmara era enorme. Ela circulou um conjunto da mobília do quarto, completo com o toucador empilhado com cosméticos. Havia uma paleta de oferendas com uma serpente de duas cabeças esculpidas em sua superfície. Os pescoços entrelaçados formava uma cavidade na pedra negra, que formavam a sombra de um brilhante olho azul.

Bill observou Luce pegá-la. “Tem que parecer melhor na vida após a morte.”

Ele estava sentado no topo da cabeça de uma escultura surpreendentemente realista do faraó anterior. A mente de Layla disse a Luce que esta escultura representa o faraó Ka, sua alma, e ela vigiaria o túmulo - o verdadeiro faraó mumificado está atrás dele. Dentro do sarcófago de pedra calcária haviam caixões de madeira; dentro do menor deles: o faraó embalsamado.

“Cuidado” disse Bill. Luce nem sequer percebeu que ela estava descansando com as mãos em um pequeno baú de madeira. “Isso contém as entranhas do faraó.”

Luce se afastou e retirou a starshot de seu vestido. Quando ela a pegou, sua haste aqueceu os seus dedos. “Será que vai funcionar?”

“Se você prestar atenção e fizer como eu digo.” Bill disse “Agora, as almas residem, precisamente, no centro do seu ser. Para alcançá-la, você deve passar a lâmina, exatamente, no meio do seu peito, bem no momento crítico, bem quando Daniel beija você e você se sente começando a cozinhar. Então você, Lucinda Price, será arremessada para fora do seu eu passado, como de costume, mas sua alma amaldiçoada ficará presa no corpo de Layla, onde ela queimará e partirá.”

“Eu- Eu estou com medo.”

“Não fique. É como tirar seu apêndice. Você estará muito melhor sem ele.” Bill olhou para seu pulso vazio, cinza. “Pelo meu relógio, Don estará aqui a qualquer momento.”

Luce segurou a seta de prata, para que a lâmina apontasse para seu peito. Os desenhos gravado formigava sob seus dedos. Suas mãos tremiam com os nervos.

“Firme agora” A chamada séria de Bill soou distante.

Luce estava tentando prestar atenção, mas seu coração estava martelando em seus ouvidos. Ela tinha que fazer isso. Ela tinha. Por Daniel. Para libertá-lo da punição que ele tinha aceitado só por causa dela.

“Você terá que fazer isso muito mais rápido durante a coisa real ou Daniel certamente vai parar você. Um rápido corte em sua alma. Você vai sentir algo se desprender, um sopro frio, e então- bam!”

"Layla!" Don apareceu em sua visão. A porta atrás dela ainda estava trancada. De onde ele veio? O starshot caiu das mãos dela e retiniu no chão. Ela pegou-a e colocou de volta dentro do vestido. Bill tinha ido embora. Mas Don estava- Daniel estava bem aonde ela queria que ele estivesse.

“O que você está fazendo aqui?” A voz dela rompeu com a força de ter que atuar surpresa ao vê-lo. Ele não pareceu escutar isso. Ele correu na direção dela e envolveu-a em seus braços.

“Salvando sua vida.”

“Como você entrou?”

“Não se preocupe com isso. Nenhum homem mortal, nenhum pedaço de pedra pode obstruir um amor tão verdadeiro como o nosso. Eu sempre vou encontrar você.”

Em seus braços bronzeados e nus, estava no instinto de Luce se sentir confortada. Mas ela não podia naquele momento. Seu coração se sentiu esfarrapado e frio. Essa felicidade fácil, estes sentimentos de total confiança, cada uma das encantadoras emoções que Daniel mostrou-lhe como sentir em cada vida- elas eram uma tortura para ela agora.

“Não tema” ele sussurrou. “Deixe-me dizer, amor, o que acontece depois desta vida. Você volta, você nasce de novo. Seu renascimento é belo e real. Você volta para mim, de novo e de novo...”

A luz da lâmpada piscou e fez seus olhos violeta brilharem. Seu corpo estava tão quente contra o dela.

‘Mas eu morro de novo e de novo.”

“O que?” Ele inclinou a cabeça. Mesmo quando seu físico parecia exótico para ela, ela conhecia, muito bem, suas expressões- essa adoração perplexa, quando ela expressava algo que ele não esperava que ela entendesse.

“Como você... Deixa pra lá. Isso não importa. O que importa é que nós estaremos, novamente, juntos. Nós sempre encontraremos um ao outro, sempre amaremos um ao outro, não importa o que aconteça. Eu nunca deixarei você.”

Luce caiu de joelhos sobre os degraus de pedra. Ela escondeu o rosto nas mãos. “Eu não sei como você consegue aguentar isso. Repetidas vezes, a mesma tristeza...”

Ele levantou-a. “O mesmo êxtase...”

“O mesmo fogo que mata tudo...”

“A mesma paixão que acende tudo de novo. Você não sabe. Você não consegue lembrar o quão maravilhoso...”

“Eu já vi. Eu sei.”

Agora ela tinha a atenção dele. Ele não parecia certo se devia ou não acreditar nela, mas pelo menos ele estava ouvindo.

“E se não há esperança de algo, alguma vez, mudar?” Ela perguntou.

“Há apenas a esperança. Um dia, você vai viver através disso. Essa verdade absoluta é a única coisa que me faz continuar. Eu nunca vou desistir de você. Mesmo que isso leve uma eternidade.” Ele enxugou as lágrimas dela com o polegar. “Eu amarei você com todo o meu coração, em cada vida, através de cada morte. Eu não estarei preso a nada, além do meu amor por você.”

“Mas é tão difícil. Não é difícil pra você? Você alguma vez não pensou e se...”

“Um dia, o nosso amor vai conquistar este ciclo escuro. Isso vale tudo para mim.”

Luce olhou para cima e viu o amor brilhando em seus olhos. Ele acreditava no que estava dizendo. Ele não se importava se ele sofresse novamente e novamente, ele seguiria adiante, perdê-la de novo e de novo, impulsionado pela esperança de que um dia isso não seria o fim deles. Ele sabia que estava condenado, mas ele tentou várias vezes de qualquer maneira, e ele sempre tentaria.

Seu comprometimento com ela, com eles, tocou uma parte dela que ela achava que tinha desistido. Ela ainda quis argumentar: Este Daniel não sabia dos desafios vindo na direção deles, as lágrimas que iriam derramar ao longo dos tempos. Ele não sabia que ela tinha visto ele em seus momentos de profundo desespero. O que a dor de suas mortes fariam com ele.

Mas então. - Luce sabia. E isso fez toda a diferença no mundo.

Os piores momentos de Daniel tinham aterrorizado ela, mas as coisas tinham mudado. Durante todo o tempo, ela se sentiu presa a esse amor, mas agora ela sabia como proteger isso. Agora ela tinha visto o amor deles de muitos ângulos diferentes. Ela entendeu de uma maneira que ela nunca pensou que entenderia. Se Daniel alguma vez fraquejasse, ela podia levantá-lo.

Ela tinha aprendido como fazer isso do melhor: Daniel. Lá estava ela, prestes a matar a sua alma, a ponto de tirar o amor deles de forma permanente e cinco minutos a sós com ele a trouxe de volta à vida.

Algumas pessoas passaram a vida inteira à procura de um amor como este. Luce teve isso o tempo todo.

O futuro não guardava nenhuma starshot para ela. Apenas Daniel. Seu Daniel, aquele que ela tinha deixado no quintal de seus pais em Thunderbolt. Ela tinha que ir.

“Me beije.” Ela sussurrou.

Ele estava sentado na escada com os joelhos separados apenas o suficiente, para deixar o corpo dela deslizar entre eles. Ela se ajoelhou e encarou-o. Suas testas estavam se tocando. As pontas de seus narizes.

Daniel pegou suas mãos. Ele parecia querer dizer-lhe algo, mas ele não conseguia encontrar as palavras.

“Por favor” ela implorou, com os lábios avançando em direção aos dele. “Beije-me e me liberte.”

Daniel avançou sobre ela, a tomou em seus braços e a colocou em seu colo, para embalar ela em seus braços. Seus lábios encontraram os dela. Eles eram tão doces quanto néctar. Ela gemeu quando uma corrente profunda de alegria fluiu através dela, cada centímetro dela. A morte de Layla estava próxima, ela sabia disso, mas ela nunca se sentiu mais segura ou mais viva do que ela se sentia

quando Daniel a segurava.
Suas mãos se entrelaçaram em torno de seu pescoço, sentindo os nervos firmes de seus ombros, sentindo as pequenas cicatrizes salientes protegendo suas asas. As mãos dele percorriam as costas dela, através de seus cabelos, longos e grossos. Cada toque era arrebatador, cada beijo tão maravilhoso e puro que a deixou tonta.

“Fique comigo” ele implorou. Os músculos do seu rosto tinham ficado tensos, e seus beijos se tornaram mais famintos, mais desesperados.

Ele deve ter sentido o corpo de Luce aquecendo. O calor crescente em seu núcleo, espalhando-se através de seu peito e corando suas bochechas. Lágrimas encheram os olhos dela. Ela beijou-o com mais força. Ela tinha passado por isso tantas vezes antes, mas por algum motivo isso parecia diferente.

Com um ruidoso whoosh ele estendeu suas asas e, então, habilmente as envolveu em torno dela, um berço de branco macio, segurando os dois firmemente.

“Você realmente acredita nisso?” Ela sussurrou. “Que um dia superaremos isso?”

“Com todo o meu coração e alma.” Ele disse, pegando o rosto dela em suas mãos, apertando suas asas ao redor deles. “Eu vou esperar por você o tempo que for preciso. Eu vou te amar cada momento ao longo do tempo.”

A essa altura, Luce estava assando. Ela gritou de dor, se debatendo nos braços de Daniel enquanto o calor a afligia. Ela estava queimando a pele dele, mas ele não a soltou.

O momento tinha chegado. A starshot estava enfiada dentro de seu vestido, e agora -neste momento- era quando ela teria que usá-la. Mas ela nunca ia desistir. Não de Daniel. Não quando ela sabia, não importa o quão difícil isso fosse, que ele nunca iria desistir dela.

Sua pele começou a empolar. O calor era tão brutal, que ela não podia fazer nada além de tremer. E então, ela apenas conseguiu gritar.

Layla entrou em combustão e as chamas envolveram seu corpo, Luce sentiu seu corpo e alma estavam compartilhando, se unindo, buscando o mais rápido fugir do calor implacável. A coluna de fogo cresceu mais alto e ampla, até que encheu o quarto e o mundo, até que tudo se foi, e Layla era nada.

Luce esperar a escuridão e encontrou a luz.

Onde estava o anunciador? Ela poderia ainda estar dentro de Layla?

O fogo ardia. Não extinguiu. Espalhou-se. As chamas consumiram mais e mais da escuridão, chegando até o céu, como se a noite em si fosse inflamáveis, até que as chamas quentes de vermelho e dourado era tudo que podia ver Luce.

Todas as outras vezes que um de seus eus passado tinha morrido, Luce se libertava das chamas e entrava dentro do Anunciador. Tinha sido simultâneo. Algo estava diferente, algo estava fazendo ela ver coisas que não podiam ser reais.

Asas em chamas.

“Daniel!” Ela gritou. O que pareciam as asas de Daniel, dispararam através de ondas de chamas, pegando fogo, mas não latente, como se elas fossem feitas de fogo. Tudo o que ela conseguia entender eram as asas brancas e olhos violeta.

“Daniel?”

O fogo rolou através da escuridão como uma onda gigante em um oceano. Ele caiu em uma terra invisível e passou furiosamente sobre Luce, correndo até seu corpo, sobre sua cabeça, e muito atrás dela.

Então, como se alguém tivesse apagado uma vela, houve um chiado rápido e tudo ficou escuro. Um vento frio subiu atrás dela. Arrepios se espalharam por sua pele. Ela abraçou seu corpo mais perto, levantando seus joelhos e percebendo com um choque de surpresa que nenhuma terra segurou seus pés. Ela não estava voando exatamente, apenas pairando, sem direção. Esta escuridão não era um Anunciador. Ela não tinha usado o starshot, mas ela tinha de alguma forma ... morrido?

Ela estava com medo. Ela não sabia onde estava, só que ela estava sozinha.

Não. Havia outra pessoa. Um ruído de raspagem. Uma luz fraca cinza.

“Bill!” Luce gritou antes de ver ele, tão aliviada que ela começou a rir. “Oh, graças a Deus. Eu pensei que estava perdida- eu pensei- Oh, não importa.” Ela respirou fundo. “Eu não poderia fazer isso. Eu não poderia matar a minha alma. Vou encontrar outra maneira de quebrar a maldição. Daniel e eu - nós não vamos desistir um do outro.”

Bill estava longe, mas flutuando em sua direção, fazendo loops no ar. Quanto mais próximo ele chegava, maior ele parecia, inchando, até que ele tinha dois, depois três, depois dez vezes o tamanho do pequeno gárgula de pedra, com quem ela tinha viajado. Então a verdadeira metamorfose começou:

Atrás de seus ombros, um par de grossas, cheias, asas pretas irrompeu, destruindo suas familiares asas pequenas de pedra em um caos de pedaços quebrados. As rugas em sua testa se aprofundaram e expandiram em todo o seu corpo até que ele parecia horrivelmente enrugado e velho. As garras em seus pés e mãos ficaram mais longas, mais nítidas, amareladas.

Elas brilhavam na escuridão, afiadas. Seu peito inchou, surgindo grossos, encaracolados cabelos negros enquanto ele crescia infinitamente maior do que ele havia sido antes.

Luce se esforçou para suprimir o grito subindo na garganta. E ela conseguiu – Bem ali em frente aos olhos cinzentos de pedra de Bill, sua íris desbotadas sob camadas de catarata, brilhavam vermelhas como fogo.

Então ela gritou.

“Você sempre fez a escolha errada.” A voz de Bill tinha se tornado monstruosa, profunda, cheia de catarro e irritante, e não apenas nos ouvidos de Luce, mas em sua própria alma. Sua respiração perfurava ela, fedendo a morte.

“Você é...” Luce não conseguiu terminar sua sentença. Existia apenas uma palavra para a criatura maligna diante dela, e a ideia de dizer isso em voz alta era assustadora.

“O cara mau?” Bill gargalhou. “Surpresa!” Ele estendeu o som da letra ‘a’ tanto tempo que Luce

tinha certeza que ele iria se dobrar e tossir, mas não o fez.
“Mas... você me ensinou tanto. Você me ajudou a descobrir... Por que você...Como...O tempo todo?”

“Eu estava enganando você. É o que eu faço, Lucinda.”

Ela se importou com Bill, malandro e nojento como ele era. Ela confiou nele, escutou-o, ela quase matou a alma dela, porque ele disse para ela fazer isso. O pensamento a feriu. Ela tinha quase perdido Daniel por causa do Bill. Ela ainda podia perder Daniel por causa do Bill. Mas ele não era o Bill...

Ele não era um mero demônio, não como Steven, ou mesmo Cam no seu pior.

Ele era o mal encarnado.

E ele tinha estado com Luce, respirando em seu pescoço o tempo todo.

Ela tentou afastar-se dele, mas a sua escuridão estava em toda parte. Era como se ela estivesse flutuando em um céu noturno, mas todas as estrelas estavam impossivelmente longe, não havia nenhum sinal da Terra. Por perto, estavam os trechos mais escuros de escuridão, abismos rodopiando. E de vez em quando um feixe de luz aparecia, um farol de esperança, iluminação. Então a luz desapareceria.

“Onde nós estamos?” Ela perguntou.

Satanás zombou da inutilidade de sua pergunta. “Lugar nenhum” ele disse. Sua voz já não tinha o tom familiar de seu companheiro de viagem. “O coração escuro do nada no centro de tudo. Nem o Céu, nem a Terra, nem o inferno. Um lugar de trânsitos mais escuros. Nada que sua mente nesse estágio pode compreender, por isso, provavelmente, isso apenas pareça - os olhos vermelhos se arregalaram - assustador para você.”

“ E aqueles flashes de luz?” Luce perguntou, tentando não deixar transparecer o quão assustador o lugar parecia para ela. Ela já tinha visto pelo menos quatro flashes de luz, incêndios brilhantes acendendo do nada, desaparecendo rapidamente em regiões mais escuras no céu.

“Oh, aqueles.” Bill observou um que brilhou e desapareceu sobre o ombro de Luce. “Viagens de anjo. Viagens de demônio. Noite movimentada, não é? Todo mundo parece estar indo para algum lugar.”

“Sim.” Luce estava esperando por outra explosão de luz no céu. Quando aconteceu, lançou uma sombra através dela, e ela agarrou-a, desesperada para invocar um Anunciador antes que a luz desaparecesse. “Incluindo a mim.”

O Anunciador expandiu-se rapidamente em suas mãos, tão pesado, urgente e flexível que, por um momento, ela pensou que poderia conseguir.

Em vez disso, ela sentiu um aperto escabroso ao redor dos seu lados. Bill tinha seu corpo inteiro aninhado em sua garra suja. “Eu apenas não estou pronto para dizer adeus ainda.” ele sussurrou com uma voz que a fez estremecer. “Veja, eu tenho ficado tão apaixonado por você. Não, espere, não é isso. Eu sempre fui... apaixonado por você.”

Luce deixou a sombra em seus dedos se afastar.

“E como todos os amados, eu preciso de você na minha presença, especialmente agora, para que não sejam corrompidos meus projetos. De novo.”

“Pelo menos agora você me deu um objetivo” Luce disse, lutando contra seu aperto. Não adiantava. Ele agarrou-a mais apertado, espremendo seus ossos.

“Você sempre teve um fogo interior. Eu amo isso sobre você.” Ele sorriu e foi uma coisa terrível. “Se apenas a sua centelha permanecesse dentro, hmm? Algumas pessoas apenas não tem sorte no amor.”

“Não fale comigo sobre amor” Luce cuspiu. “Eu não posso acreditar que eu sequer já ouvi uma palavra que saiu de sua boca. Você não sabe nada sobre o amor.”

“Eu ouvi isso antes. E acontece que eu sei de uma coisa importante sobre o amor: Você acha que o seu é maior do que o Céu e o Inferno e do destino de tudo o que repousa entre os dois. Mas você está errada. O seu amor por Daniel Grigori é menor do que insignificante. Não é nada!”

Seu grito era como uma onda de choque que soprou para trás o cabelo de Luce. Ela ofegou e se esforçou para respirar. “Diga o que quiser. Eu amo o Daniel. Eu sempre amarei. E isso não tem nada a ver com você.”

Satanás segurou-a próxima aos seus olhos vermelhos, beliscando a pele dela com a garra mais afiada do indicador.

“Eu sei que você o ama. Você é uma idiota por ele. Apenas me diga o porquê.”

“Por que?”

“Porque. Por que ele? Coloque isso em palavras. Me faça, realmente, sentir isso. Eu quero ser comovido.”

“Um milhão de razões. Eu apenas amo.”

Seu sorriso se aprofundou e um som como mil cães rosnando veio de dentro dele. “Isso foi um teste. Você falhou, mas não é culpa sua. Não realmente. Isso é um efeito colateral infeliz, da maldição que você carrega. Você não consegue mais fazer escolhas.”

“Isso não é verdade. Se você se lembrar, eu acabei de fazer uma grande escolha não matando minha alma.”

Isso o irritou - ela podia ver isso na maneira como as narinas dele inflaram, no jeito que ele estendeu a mão e cerrou sua garra em um punho e fez um fragmento do céu estrelado sair como se um interruptor de luz tivesse ligado em algum lugar. Mas ele não disse nada por muito tempo. Apenas olhou para dentro da noite.

Um pensamento horrível atingiu Luce. “Você estava mesmo falando a verdade? O que realmente teria acontecido se eu tivesse usado a starshot para...” Ela estremeceu, nauseada por ter chegado tão perto. “O que há em tudo isso para você? Você me quer fora de cena ou algo assim, para que você possa chegar ao Daniel? É por isso que você nunca se mostraria na frente dele? Porque ele teria ido atrás de você e...”

Satanás riu. Sua risada esmaeceu as estrelas. “Você acha que eu estou com medo de Daniel Grigori? Você pensa muito bem dele. Diga-me, que tipo de mentiras ferozes ele tem enchido sua cabeça, a cerca de seu lugar grandioso no céu?”

“Você é o mentiroso” Luce disse. “Você não fez nada, além de mentir desde o momento que te conheci. Não é à toa todo o universo despreza você.”

“Temem. Não desprezam. Há uma diferença. O medo tem inveja em algum lugar. Você pode não acreditar, mas há muitos que desejam dispor do poder que eu tenho. Que... me adoram.”

“Você está certo. Eu não acredito em você.”

“Você simplesmente não sabe o suficiente. Sobre qualquer coisa. Eu tenho levado você em uma excursão no seu passado - mostrando a futilidade de sua existência, na esperança de te despertar para a verdade, e tudo quanto ganho de você é ‘Daniel! Eu quero Daniel!’”

Ele arremessou-a e ela caiu na escuridão, vindo a parar somente quando ele olhou para ela, como se ele pudesse prendê-la no lugar. Ele se moveu em um círculo apertado em torno dela, com as mãos atrás das costas, suas asas puxadas apertadas, a cabeça inclinada em direção ao céu.

“Tudo que você vê aqui é tudo que há para ver. De muito longe, sim, mas está tudo lá - todas as vidas e mundos e mais, muito além da concepção débil dos mortais. Olhe para isso.”

Ela olhou e parecia diferente de antes. O véu de estrelas era interminável, a escuridão da noite dobrou repetidas vezes, sobre tantos pontos brilhantes que o céu era mais luz do que preto.

“É lindo.”

“Tem a ver com ser uma *tabula rasa**.” Seus lábios se torceram em um sorriso. “Eu tenho ficado cansado deste jogo.”

“Isso tudo é um jogo pra você?”

“É um jogo para ele.” Ele passou a mão no céu e deixou um rastro escuro da noite em seu caminho. E eu me recuso a conceder isso a aquele Outro, simplesmente, por causa de uma escala cósmica. Simplesmente, porque os nossos lados estão em equilíbrio.”

“Equilíbrio. Você quer dizer, a escala entre os anjos caídos que se aliaram com você, e aqueles que se aliaram com...”

“Não diga isso. Mas sim, aquele Outro. Neste momento, há um equilíbrio, e...”

“E mais um anjo tem que escolher um lado.” Luce disse, lembrando a longa conversa de Arriane, no restaurante em Las Vegas.

*Tabula rasa é uma expressão latina que significa literalmente "tábua raspada", e tem o sentido de "folha de papel em branco". A palavra tabula, neste caso, refere-se às tábuas cobertas com fina camada de cera, usadas na antiga Roma, para escrever, fazendo-se incisões sobre a cera com uma espécie de estilete. As incisões podiam ser apagadas, de modo que se pudesse escrever de novo sobre a tabula rasa, isto é, sobre a tábua raspada ou apagada. Como metáfora.

“Uhum. Só que desta vez, não vou deixar ao acaso. Foi um objetivo de visão curta o meu, toda a história da starshot, mas eu vi o erro dos meus métodos. Eu estive conspirando. Eu estive planejando. Muitas vezes, enquanto você e algumas interações passadas de Grigori, estavam preocupados em se acariciar. Então, veja, ninguém será capaz de sabotar o que eu planejei a seguir. “Eu vou limpar a lousa. Começar de novo. Eu posso pular os milênios que levaram até você e sua brecha de uma vida, Lucinda Price” Ele bufou “e começar de novo. E desta vez, vou jogar com mais sabedoria. Desta vez vou ganhar.”

“O que isso significa ‘limpar a lousa’?”

“Todo o tempo é como uma lousa grande, Lucinda. Nada está escrito que não pode ser apagado por um tipo inteligente. É um movimento drástico, sim, e isso significa que eu vou estar jogando fora milhares de anos. Um grande contratempo para todos os envolvidos - mas hey, o que são um punhado de milênios perdidos, no conceito da eternidade?”

“Como você pode fazer isso?” Disse ela, sabendo que ele podia sentir ela tremer em seu aperto. “O que isso significa?”

“Significa que eu vou voltar para o começo. Para a queda. Para todos nós, sendo expulsos do Céu porque ousamos exercer o livre arbítrio. Eu estou falando sobre a primeira grande injustiça.”

“Reviver seus maiores sucessos?” Ela disse, mas ele não estava escutando, perdido nos detalhes de seu esquema.

“Você e o cansativo Daniel Grigori farão a viagem comigo. Na verdade, a sua alma gêmea está a caminho de lá agora.”

“Por que o Daniel...”

“Eu mostrei a ele o caminho, é claro. Agora tudo o que tenho a fazer, é chegar lá a tempo de ver os anjos expulsos e começar sua queda para a Terra. Que belo momento será.”

“Quando eles começaram a cair? Quanto tempo demorou?”

“Nove dias, segundo algumas versões” ele murmurou “mas pareceu uma eternidade para nós expulsos. Você nunca perguntou a seus amigos sobre isso? Cam. Roland. Arriane. O seu precioso Daniel? Todos nós estávamos lá.”

“Então você verá isso acontecer novamente. E daí?”

“Então eu vou fazer algo inesperado. E você sabe o que é isso?” Ele riu, e seus olhos vermelhos brilhavam.

“Eu não sei” ela disse suavemente. “Matar Daniel?”

“Não matar. Capturar. Eu vou pegar cada passado de um de nós. Eu vou abrir um Anunciador como uma grande rede, lançando-o à frente no tempo. Então eu vou clivar ao meu velho eu e levar a tropa cheia de anjos para o presente comigo. Até mesmo os desagradáveis.”

“Então o quê?”

“Então o que? Estaremos mais uma vez começando no início. Porque a queda é o começo. Não é

uma parte da história, é quando a história começa. E tudo o que veio antes? Deixará de ter acontecido."

"Não terá acontec...Você quer dizer, como aquela vida no Egito?"

"Nunca aconteceu."

"China? Versalhes? Las Vegas?"

"Nunca, nunca, nunca. Mas é mais do que apenas você e seu namorado, criança egoísta. É o império romano e o também chamado Filho desse Outro. É a triste, extensa chaga da humanidade aumentando da escuridão primordial da terra e transformando seu mundo em uma fossa. É tudo o que já ocorreu, levado por um minúsculo pulo ao longo do tempo, como uma pedra pulando sobre a água."

"Mas você não pode simplesmente... apagar todo o passado!"

"Claro que posso. Como o encurtamento do cós de uma saia. Basta remover o excesso de tecido e desenhar as duas partes juntas e é como se a parte do meio nunca existisse. Será um novo começo. Todo o ciclo se repetirá, e eu vou ter outra chance de atrair almas importantes. Almas como..."

"Você nunca vai pegá-lo. Ele nunca se juntará ao seu lado."

Daniel não tinha cedido nenhuma vez, em todo os cinco mil anos que ela testemunhou. Não importa que eles matassem ela de novo e de novo e negassem a ele o seu único e verdadeiro amor, ele não iria desistir e escolher um lado. E mesmo se ele de alguma maneira, perder a sua determinação, ela estaria lá para apoiá-lo: Ela sabia agora que ela era forte o suficiente para carregar Daniel se ele vacilasse. Assim como ele a carregou.

"Não importa, quantas vezes você limpar a lousa" ela disse "isso não vai mudar nada."

"Oh." Ele riu como se estivesse envergonhado por Luce - uma gargalhada grossa e assustadora. "Claro que vai. Vai mudar tudo. Devo contar as maneiras?" Ele estendeu uma garra amarelada pontiaguda. "Primeiro de tudo, Daniel e Cam serão irmãos de novo, assim como eram nos primórdios após a queda. Não será divertido para você? Pior ainda: nada de Nefilins. Nenhum momento terá passado para os anjos andarem na Terra e copularem com os mortais, por isso diga adeus aos seus amiguinhos da escola."

"Não..."

Ele tirou suas garras. "Oh, mais uma coisa que eu esqueci de mencionar: Sua história com Daniel? Será apagada. Então, tudo que você descobriu na sua pequena missão, todas aquelas coisas que você, tão seriamente me disse que tinha aprendido, entre as nossas excursões no passado? Você pode dizer adeus."

"Não! Você não pode fazer isso!"

Ele a observou em seu aperto frio, mais uma vez. "Oh, querida, está praticamente feito." Ele gargalhou, e seu riso soou como uma avalanche como se o tempo e espaço se cruzassem em torno deles. Luce estremeceu e se encolheu e lutou para afrouxar suas garras, mas ele a tinha aninhada com muita força, muito profundamente debaixo de sua asa vil. Ela não conseguia ver nada, só podia sentir uma onda de vento rasgá-los e uma explosão de calor, e depois um calafrio inabalável

fixando-se sobre sua alma.

VINTE

FIM DA JORNADA

A porta do céu • A queda

Naturalmente, só havia um lugar para encontrá-la.

O primeiro deles. O começo.

Daniel se dirigiu para a sua primeira vida, pronto para esperar lá por quanto tempo fosse necessário para Luce abrir caminho até lá também. Ele iria pegá-la em seus braços, sussurrar em seu ouvido, Enfim. Eu encontrei você. Eu nunca vou deixar você ir.

Ele saiu da sombra e congelou no brilho ofuscante.

Não. Este não era o seu destino.

Este ar ambrosíaco e céu opalescente. Este abismo de luz cósmica adamantina. Sua alma se encolheu à vista das ondas de nuvens brancas roçando contra o anunciador negro. Lá estava, na distância: o zumbido de três notas inconfundíveis tocando suavemente, sem parar. A música do Trono do Monarca Celestial feita puramente por irradiar luz.

Não. Não! Não!

Ele não deveria estar aqui. Ele queria encontrar Lucinda em sua primeira encarnação na Terra. Como ele chegou aqui, de todos os lugares?

Suas asas tinham instintivamente se desfraldado. O desdobramento era diferente do que fazia na Terra, não a enorme liberação que for fim o deixava livre, mas uma ocorrência tão comum quanto a respiração era para os mortais. Ele sabia que ele estava brilhando, mas não da forma como ele às vezes brilhava sob o luar mortal. Sua glória não tinha que esconder aqui e nada para mostrar também. Era só isso.

Tinha passado tanto tempo desde que Daniel esteve em casa.

O aproximou, o aproximou de tudo, da forma como o cheiro da infância em casa - pinheiros ou biscoitos caseiros, a doce chuva de verão ou o almíscar do charuto de um pai poderia fazer a

qualquer mortal. Ele tinha um grande poder. Foi por isso que Daniel havia ficado afastado esses últimos seis mil anos.

Ele estava de volta agora e não por vontade própria.

Esse querubim!

O anjo pálido e delgado em seu anunciador - ele tinha enganado Daniel.

As plumas das asas de Daniel ficaram em pé. Tinha havido algo não muito certo sobre isso anjo. Sua marca de escala era muito fresca. Ainda inchada e avermelha na parte de trás do pescoço, como se tivesse sido recém-esculpida...

Daniel tinha voado para algum tipo de armadilha. Ele tinha que sair, não importa o quê.

No alto. Você estava sempre no ar aqui em cima. Sempre deslizando através do ar mais puro. Ele abriu as asas e sentiu a ondulação da névoa branca sobre ele. Ele voou acima das florestas peroladas, mergulhando acima do pomar do conhecimento, curvando ao redor do Bosque da Vida. Ele passou no branco lago acetinado e no sopé da prateada e brilhante Montanhas Celeste.

Ele tinha passado tantas épocas felizes aqui.

Não.

Tudo isso deve permanecer no recôndito de sua alma. Não era hora para nostalgia.

Ele diminuiu e se aproximou do Prado do Trono. Estava exatamente como se lembrava: a planície de solo de nuvens brancas e brilhantes que conduzia para o centro de tudo. O próprio Trono, deslumbrantemente brilhante, irradiando o calor da bondade pura, tão luminoso que, mesmo para um anjo, era impossível olhar diretamente para ele. Não se podia sequer chegar perto para ver o Criador, que estava sentado sobre o Trono vestido de brilho, de modo que a habitual sinédoque — chamando a entidade inteira o Trono — era adequada.

O olhar de Daniel foi para o arco de prata de bordas onduladas circundando o Trono. Cada uma foi marcada com a patente de um Arcanjo diferente. Isto costumava ser seu quartel general, um local para adoração, para assistir, para pegar e entregar mensagens do Trono.

Lá estava o altar brilhante que tinha sido o seu lugar, perto do canto superior direito do Trono. Havia estado lá por tanto tempo quanto o Trono existia.

Mas havia apenas sete altares agora. Uma vez ali tinham havido oito.

Espere.

Daniel fez uma careta. Ele sabia que estava vindo através dos Portões do Céu, mas não tinha pensado exatamente quando. O que importava. O Trono só havia sido desequilibrado por um período muito curto: um pequeno pedaço de tempo, logo depois que Lúcifer declarou seus planos defeituosos, mas antes que o resto deles tivesse sido chamado a escolher um lado.

Ele chegou nesse piscar de tempo após a traição de Lúcifer, mas antes da queda.

A grande divisão estava chegando durante a qual um lado ficaria com o céu e outro lado ficaria com

o Inferno, quando Lúcifer se transformaria em Satanás diante de seus olhos, e o Grande Braço do Trono varreria legiões deles para fora da superfície do Céu os expulsando em queda livre.

Ele se aproximava para perto do Campo. A nota harmoniosa ficava mais alta, assim como o sussurro do coral de anjos. O Campo estava brilhando com a reunião de todas as almas cintilantes. Seu eu passado estava lá em baixo, todos eles estavam. Estava tão incandescente que Daniel não podia ver claramente, mas sua memória lhe dizia que Lúcifer tinha sido permitido a manter-se no tribunal no seu altar de prata reposicionado na extremidade do Prado, em oposição direta — embora não tão alto quanto — o Trono. Os outros anjos estavam reunidos diante do Trono, no meio do Campo.

Esta era a lista de chamada, o último momento de união antes do Céu perder metade de suas almas. O momento em que Daniel tinha se perguntado por que o Trono nunca permitiu correr a chamada. Ele, que tinha o domínio sobre tudo, achou que o apelo de Lúcifer para os anjos terminaria em pura humilhação? Como poderia o Trono ter estado tão errado?

Gabbe ainda falava sobre a lista de chamada com uma clareza impressionante. Daniel mal podia se lembrar dela — Além do roçar macio de uma asa alcançando ele em solidariedade. O toque que lhe disse: Você não está sozinho.

Será que ele poderia se atrever a olhar para aquela asa agora?

Talvez houvesse um jeito de fazer com que a chamada saísse de maneira diferente, de modo que a maldição que se abateu depois sobre eles não batesse tão duramente. Com um arrepio que atingiu o seu próprio âmago, Daniel percebeu que poderia transformar esta armadilha em uma oportunidade.

É claro! Alguém tinha refeito a maldição para que houvesse uma saída para Lucinda. O tempo todo que ele esteve correndo atrás dela, Daniel tinha assumido que devia ter sido a própria Lucinda. Que em algum lugar em seus desatentos voos ao longo do tempo para o passado, ela abriu uma brecha. Mas talvez... talvez tivesse sido Daniel o tempo todo.

Ele estava aqui agora. Ele poderia fazê-lo. Em certo ponto, ele já deve ter feito isso. Sim, ele estava perseguindo as implicações através dos milênios e tinha viajado para chegar aqui. O que ele fez aqui, agora, no início, seria uma ondulação para frente, para cada uma de suas vidas. Finalmente, as coisas estavam começando a fazer sentido.

Ele seria o único a amenizar a maldição, para permitir Lucinda de viver e viajar em seu passado — tinha que ter começado aqui. E tinha que ter começado com Daniel.

Ele desceu para a planície de nuvens, movendo-se ao longo da fronteira brilhante. Havia centenas de anjos lá, milhares, enchendo-o com luminosa ansiedade. A luz era surpreendente de onde ele se enfiou no meio da multidão. Ninguém percebeu seu anacronismo; a tensão e medo entre os anjos estavam muito intensos.

Chegou a hora, Lúcifer. Sua voz chamou do Trono. Essa voz tinha dado a Daniel imortalidade, e tudo o que vinha com ela. Isto é verdadeiramente o que deseja?

Não só para nós, mas para nossos companheiros anjos ― Lúcifer estava dizendo. ― Livre arbítrio seria merecido por todos, não apenas os homens e mulheres mortais que vemos de cima. ―Lúcifer agora apelava para os anjos, queimando mais brilhante que a estrela da manhã. ― A linha foi desenhada no solo de nuvens do Campo. Agora todos vocês estão livres para escolher.

O primeiro escriba celeste ficou na base do Trono em incandescência tremulante e começou a

chamar os nomes. Tudo começou com o anjo de mais baixa patente, o filho sete mil, oitocentos e doze do Céu:

Geliel, — o escriba chamou. — o último dos 28 anjos que governam as mansões da lua. —

Foi assim que começou.

O escriba mantinha um registro ativo no céu opalescente enquanto Chabril, o anjo da segunda hora da noite, optou por Lúcifer, e Tiel, o anjo do vento norte, escolheu o Céu, junto com Padiel, um dos guardiões dos partos, e Gadal, um anjo envolvido com ritos mágicos para os doentes. Alguns dos anjos fizeram apelos longos, alguns deles mal disseram uma palavra; Daniel acompanhou pouco da contagem. Ele estava em uma busca para encontrar a si mesmo, e, além disso, ele já sabia como isso terminaria.

Ele nadou através do campo de anjos, grato pelo tempo que demorou em se declarar todas as escolhas. Ele tinha que reconhecer a si mesmo antes dele se levantar das massas e dizer as ingênuas palavras que vinha pagando desde então.

Houve comoção no Campo—murmúrios e luzes piscando, um estrondo baixo de um trovão. Daniel não tinha ouvido o nome chamado, não tinha visto o anjo voar ao local de declarar sua escolha. Ele empurrou completamente as almas na frente dele para obter uma visão melhor.

Roland. Ele se curvou diante do Trono. — Com todo respeito, eu não estou pronto para escolher. — Ele olhou para o trono, mas apontou para Lúcifer. Você está perdendo um filho hoje, e todos nós estamos perdendo um irmão. Muitos mais, ao que parece, irão seguir. Por favor, não entre facilmente nesta decisão sombria. Não force nossa família a se separar

Daniel quase chorou com a visão da alma de Roland—o anjo da poesia e música, o irmão de Daniel e seu amigo—pedindo no céu claro.

Você está errado, Roland — do Trono explodiu. E ao desafiar-me, você fez sua escolha. Receba-o ao seu lado, Lúcifer.

Não! — Ariane gritou, e voou para fora do centro de luzes para ficar ao lado de Roland. Por favor, apenas lhe dê tempo para entender o que significa sua decisão!

A decisão está tomada — foi o que o Trono disse em resposta. Eu posso dizer o que está em sua alma, apesar de suas palavras, ele já escolheu.

Uma alma roçou levemente contra a de Daniel. Quente e deslumbrante, imediatamente reconhecível.

Cam.

O que é você? — Cam sussurrou. Ele sentiu que havia algo naturalmente diferente sobre Daniel, mas não tinha jeito de explicar quem Daniel realmente era à um anjo que nunca deixou o céu, que não tinha noção do que estava por vir.

Irmão, não se preocupe, — Daniel confessou. Sou eu.

Cam agarrou seu braço. Eu percebi isso e também vejo que não é. — Ele balançou a cabeça tristemente. — Eu acredito que esteja aqui por uma razão. Por favor, você pode impedir que isso

aconteça?

Daniel. — O escriba estava chamando seu nome. Anjo dos Observadores silenciosos, o Grigori.

Não. Ainda não. Ele não tinha trabalhado no que dizer, no que fazer. Daniel rasgou através das luzes ofuscantes das almas ao seu redor, mas era tarde demais. Seu eu anterior ergueu-se lentamente, olhando nem para o Trono nem para Lúcifer.

Ao invés disso, ele estava olhando dentro da distância nebulosa. Olhando, Daniel lembrou, para ela.

Com todo respeito, eu não farei isso. Não escolherei nem o lado de Lúcifer e não escolherei nem o lado do Céu.

Um rugido subiu dos campos dos anjos, de Lúcifer, e do Trono.

Em vez disso, escolho o amor - Algo que vocês todos esqueceram. Eu escolho o amor e deixarei vocês com sua guerra. Vocês estão errados em trazer isto para cima de nós, — disse Daniel diretamente para Lúcifer. Então, voltando, ele dirigiu-se ao Trono. Tudo que é bom no Céu e na Terra nasce do amor. Esta guerra não é justa. Esta guerra não é boa. O amor é a única coisa pela qual vale a pena lutar.

Meu filho, — a voz rica e estável cresceu do Trono. — Você compreendeu mal. Eu estou permanentemente firme na minha decisão pelo amor—amor para todas as minhas criações.

Não, — Daniel disse suavemente. — Esta guerra é sobre o orgulho. Expulse-me, se for preciso. Se for esse o meu destino, eu me rendo a ele, mas não a você.

O riso de Lúcifer era um arroto fétido. Você tem a coragem de um deus, mas a mente de um adolescente mortal. E a sua punição deve ser a de um adolescente. — Lúcifer passou a mão para um lado. O inferno não o terá.

E ele já fez sua clara escolha de abandonar o Céu, — veio a voz decepcionada do Trono. — Tal como acontece com todos os meus filhos, vejo o que está em sua alma. Mas não sei agora o que será de ti, Daniel, nem do teu amor.

Ele não terá o seu amor! — Lúcifer gritou.

Então você tem algo a propor, Lúcifer? — Perguntou o Trono.

Um exemplo deve ser feito. — Lúcifer fervilhava. Você não pode ver? O amor que ele fala é destrutivo! — Lúcifer sorriu quando as sementes de seu ato mais maligno começaram a brotar. Então que destrua os amantes e não o resto de nós! Ela morrerá!

Arquejos vieram dos anjos. Era impossível, a última coisa que alguém esperava.

Ela vai morrer sempre e para todo sempre, — Lúcifer continuou, com a voz grossa e venenosa. Ela nunca sairá da adolescência—vai morrer de novo e de novo e de novo, precisamente no momento em que se lembrar de suas escolhas. De modo que nunca estarão verdadeiramente juntos. Está será a punição dela. E quanto a você, Daniel —

Isso é suficiente, — o Trono disse.— Caso Daniel opte por ficar por sua decisão, o que você propôs Lúcifer, será castigo suficiente. — Houve uma pausa longa e tensa.— Entendam: Eu não desejo isso

a nenhum dos meus filhos, mas Lúcifer está certo. Um exemplo deve ser dado.

Este era o momento que tinha que acontecer, a chance de Daniel para abrir uma brecha na maldição. Corajosamente, ele voou por cima do Campo e pairou lado a lado com o seu eu anterior. Agora era a hora de mudar as coisas, para alterar o passado.

O que é esta duplicidade? — Lúcifer fervilhava. Seus olhos vermelhos se estreitando nos dois Daniels.

O exército de anjos abaixo de Daniel piscava em confusão. Seu eu anterior olhava com admiração. Por que você está aqui? — Ele sussurrou.

Daniel não esperou ninguém questioná-lo ainda mais, nem sequer esperou Lúcifer se sentar ou o Trono recuperar-se desta surpresa.

Eu vim do nosso futuro, de milênios de sua punição.

O calor enviado pelas almas dos anjos com a confusão era palpável. Claro, isso era além de qualquer coisa que qualquer um deles poderia imaginar. Daniel não podia ver o Trono com clareza suficiente para dizer qual o efeito que teve o seu retorno sobre ele, mas a alma de Lúcifer brilhava vermelha intensa de raiva. Daniel se esforçou para continuar:

Venho aqui pedir clemência. Se nós devemos ser punidos—e meu Mestre, eu não questiono sua decisão—por favor, pelo menos, lembre-se que uma das grandes virtudes de seu poder é sua misericórdia, que é imensa e misteriosa e humilha a todos nós.

Clemência? — Lúcifer gritou. Depois do tamanho da traição de vocês? E seu eu futuro lamenta sua escolha?

Daniel balançou a cabeça. — Minha alma é antiga, mas meu coração é jovem, — ele disse, olhando para o seu eu anterior, que parecia atordoado. Então, ele olhou para a alma de sua amada, bela e queimando incandescente.— Não posso ser diferente do que eu sou, e eu sou as escolhas de todos os meus dias. Eu continuo por elas.

A escolha está feita. — os Daniels disseram em uníssono.

Então permaneceremos com o castigo já imposto. — o Trono cresceu. A grande luz estremeceu, e no longo momento de silêncio absoluto, Daniel se perguntou se ele teve razão em vir à frente de tudo.

Então, finalmente: Mas vamos conceder o seu pedido de misericórdia.

Não! — Lúcifer gritou. O Céu não é o único partido prejudicado!

Quieto! — A voz do Trono ficando mais alta enquanto falava. Ele parecia cansado e ressentido, e menos determinado, algo que Daniel jamais imaginou ser possível. — Se um dia a alma dela vier a existir sem o peso do sacramento escolhendo um lado por ela, então ela estará livre para crescer e escolher por si mesma, para reviver esse momento. Para escapar do castigo ordenado. E, assim fazendo, colocar o teste final a este amor que você alega substituir os direitos do Céu e da família; a escolha dela será a redenção de vocês ou o selo final sobre suas punições. Isso é tudo o que pode ser feito.

Daniel inclinou-se e seu próprio passado inclinou-se ao lado dele.

Eu não posso tolerar isso! — Lúcifer berrou. Eles nunca devem! Nunca!

Está feito, a Voz trovejou, como se tivesse atingido a sua cota de compaixão. Não vou tolerar aqueles que discutirem comigo sobre este ou qualquer outro assunto. Vão-se embora, todos aqueles que tiverem escolhido mal ou não tiverem escolhido inteiramente. As Portas do Céu estão fechadas para vocês!

Algo cintilou. A luz mais brilhante de todas, de repente sumiu.

O céu ficou escuro e mortalmente frio.

Os anjos arfaram e estremeceram, amontoando-se mais próximos.

Então: silêncio.

Ninguém se mexeu e ninguém falou.

O que aconteceu em seguida era inimaginável—mesmo para Daniel, que já havia testemunhado a coisa toda uma vez antes.

O céu embaixo deles tremeu e o lago transparente transbordou, enviando uma onda escaldante de água clara cheia de vapor que inundou tudo. O Pomar do Conhecimento e o Bosque da Vida caíram dentro um do outro, e tudo do Céu sacudia enquanto eles tremiam de medo.

Um raio de prata partiu da frente do trono e atingiu o extremo oeste do Campo. O chão de nuvem ferveu na escuridão, e um poço do mais escuro desespero abriu-se como um gigante buraco direto sob Lúcifer. Com toda a sua raiva impotente, ele e os anjos mais próximos a ele—desapareceram.

Assim como os anjos que ainda não tinham escolhido, eles também perderam seu valor nas planícies do Céu e deslizaram para o abismo. Gabbe era um deles; Ariane e Cam, também, bem como a outros queridos ao seu coração—efeito colateral da escolha de Daniel. Mesmo seu próprio passado, com olhos arregalados, foi varrido para dentro do buraco negro no Céu e desapareceu.

Mais uma vez, Daniel não podia fazer nada para impedir que isso acontecesse.

Ele sabia que uma fuga de nove dias de queda sempre para baixo, ficava entre os caídos e o momento em que atingiriam a Terra. Nove dias que ele não podia se dar ao luxo de gastar sem encontrá-la. Ele mergulhou em direção ao abismo.

No meio do nada, Daniel olhou para baixo e viu uma mancha de brilho, mais longe do que a coisa mais distante que se possa imaginar. Não era um anjo, mas uma besta com imensas asas negras, mais escuras do que a noite. E estava voando em direção a ele, movendo-se para cima. Como?

Daniel tinha acabado de ver Lúcifer no Juízo acima. Ele tinha caído em primeiro lugar e devia estar muito abaixo. Ainda assim, não poderia ser mais ninguém. A visão de Daniel focalizou nitidamente e suas asas queimaram com o impulso de se virar quando compreendeu que o animal estava carregando alguém escondido debaixo de sua asa.

“Lucinda!” — ele gritou, mas a besta já a tinha soltado.

Seu mundo inteiro parou.

Daniel não viu para onde Lúcifer foi depois disso, pois estava mergulhando no céu em direção a Luce. A queima de sua alma era tão brilhante e tão familiar. Ele se atirou para frente, suas asas fecharam-se perto do corpo deixando-o rasgar o céu mais rapidamente do que parecia possível, tão rápido que o mundo ao seu redor ficou turvo. Ele estendeu a mão e—

Ela caiu em seus braços.

Imediatamente, suas asas moveram-se para frente, fazendo um escudo protetor em torno dela. Ela parecia assustada no início, como se tivesse acabado de acordar de um sonho terrível, e olhou profundamente em seus olhos, deixando sair todo o ar em seus pulmões. Ela tocou seu rosto, passou os dedos entre os cumes de suas asas.

“Até que enfim”.Ele soprou nela, encontrando seus lábios.

“Você me encontrou” ela sussurrou.

“Sempre”.

Logo abaixo deles, a massa de anjos caídos iluminava o céu como milhares de estrelas resplandecentes. Todos pareciam estar sendo puxados pela atração de uma força invisível, agarrando-se uns aos outros durante o longo mergulho do Céu. Foi trágico e inspirador. Por um momento, todos pareciam cantarolar e queimar com uma perfeição bonita. E enquanto ele e Luce observavam, um raio negro disparou pelo céu e pareceu cercar a massa brilhante da queda.

Então tudo, exceto Luce e Daniel, tornou-se absolutamente escuro. Como se todos os anjos, todos de uma só vez, tivessem caído inteiramente em um bolso no céu.

EPÍLOGO

NADA MAIS, EXCETO ISTO.

Savannah, Georgia • 27 de novembro de 2009

Este era o último Anunciador que Luce queria percorrer por um longo tempo. Quando Daniel esticou a sombra projetada pelo inexplicável brilho das estrelas naquele estranho céu em lugar nenhum, Luce não olhou para trás. Ela segurou firme sua mão, dominada pelo alívio. Ela estava com Daniel agora. Onde quer que eles fossem estaria em casa.

Espere — ele disse antes que ela mergulhasse dentro da sombra.

O que foi?

Os lábios dele traçaram sua clavícula. Ela arqueou as costas e pegou a parte de trás do seu pescoço e

puxou-o mais perto. Seus dentes se tocaram e a língua dele encontrou a dela e enquanto ela pudesse permanecer assim, não precisaria respirar.

Eles deixaram o passado distante entrelaçados em um tão esperado e tão apaixonado beijo que fez tudo ao redor Luce desaparecer. Foi um beijo que a maioria das pessoas sonhou em toda a sua vida. Aqui estava a alma que Luce tinha procurando desde que ela o deixou no quintal de seus pais. E eles ainda estavam juntos quando Daniel mergulhou-os para fora do Anunciador deslizando calmamente em uma nuvem de prata.

Mais — ela disse quando finalmente ele se afastou. Eles estavam tão alto, Luce podia ver pouco do chão. Um trecho de oceano sob o luar. Minúsculas ondas brancas batendo contra uma praia escura. Daniel riu e puxou-a para perto novamente. Ele não conseguia parar de sorrir. Seu corpo se sentia tão bem contra o dela e sua pele parecia tão espetacular sob a luz das estrelas. Quanto mais eles se beijavam, mais certeza Luce tinha de que nunca seria o suficiente. Existia pouca diferença e ainda assim, toda a diferença no mundo entre os Daniels que ela conheceu quando visitou as outras vidas e o Daniel que pressionava os lábios nos dela agora. Finalmente, Luce poderia retornar seu beijo sem duvidar de si mesma, ou do amor deles. Ela sentia uma felicidade sem limites. E pensar que ela tinha quase desistido disso.

A realidade começou a se definir. Ela havia falhado em sua missão de acabar com a sua maldição e de Daniel. Tinha sido enganada, iludida... por Satanás. Embora ela odiasse interromper o beijo, Luce segurou o rosto quente de Daniel entre as mãos. Ela olhou em seus olhos violeta, tentando buscar forças.

Me desculpe — ela disse. Por fugir como eu fiz.

Não se desculpe — disse ele, lentamente e com absoluta sinceridade. Você tinha que ir. Foi predestinado, tinha que acontecer. — ele sorriu de novo. Nós fizemos o que precisávamos fazer, Lucinda.

Um jato de calor inundou seu corpo, deixando-a tonta. Eu estava começando a pensar que eu nunca mais veria você de novo.

Quantas vezes tenho que lhe dizer que sempre a encontrarei? — então Daniel a virou de costas pressionando-a contra seu peito. Ele beijou sua nuca e envolveu os braços em torno dela – em posição de voo – e partiram dali.

Voar com Daniel era algo do qual Luce nunca se cansava. Suas asas brancas estendidas no ar, batendo contra o céu da meia-noite se movendo com tamanha graciosidade. A umidade das nuvens molhava sua testa e nariz, enquanto os braços fortes de Daniel envolvidos em torno dela faziam ela se sentir mais segura e confiante do que sentira em muito tempo.

Olha, — Daniel disse, estendendo ligeiramente o pescoço. A lua.

O satélite parecia perto o bastante e grande o suficiente para Luce tocá-lo.

Eles foram chicoteados pelo ar, mal fazendo qualquer barulho. Luce respirou fundo e arregalou os olhos, surpresa. Ela sabia que ar era aquele! Era uma brisa particular, salgada de oceano, do litoral da Geórgia. Ela estava... em casa. Lágrimas escorreram de seus olhos enquanto ela pensava em sua mãe e seu pai e no seu cachorro, Andrew. Quanto tempo ela esteve fora? O que aconteceria quando ela voltasse?

Estamos indo para minha casa? — ela perguntou.
Primeiro durma — Daniel disse. Você esteve fora por poucas horas e seus pais estão ficando preocupados. Já é quase meia-noite. De manhã, a primeira coisa que faremos, quando estiver descansada, será passarmos lá.

Daniel estava certo: Ela devia descansar agora e vê-los pela manhã. Mas se ele não estava levando-a para casa, onde estavam indo?

Eles se aproximaram da linha das árvores. Os topos estreitos dos pinheiros balançavam ao vento, e a areia da praia brilhava enquanto eles sobrevoavam. Eles estavam chegando perto de uma pequena ilha não muito longe da costa. Tybee.

Ela tinha estado lá uma dúzia de vezes quando criança. E uma vez, mais recentemente... Uma pequena cabana de madeira com um telhado triangular e fumaça saindo de sua chaminé. A porta vermelha com o painel de vidro manchado de sal. A janela que se via dentro o pequeno sótão. Parecia familiar, mas Luce estava tão cansada e tinha ido a tantos lugares recentemente que não foi — até seus pés tocarem no solo macio e lodoso – reconhecer a cabine que tinha ficado logo após ter deixado a Espada & Cruz.

Depois que Daniel contou pela primeira vez sobre suas vidas passadas juntos, depois da batalha feia no cemitério, depois da senhorita Sophia ter se transformado em algo mal e Penn ter sido morta e todos os anjos terem dito que a vida de Luce estava em perigo, de repente, ela tinha dormido ali, sozinha, por três dias delirantes.

Podemos descansar aqui. — Daniel disse. É um porto seguro para os anjos caídos. Temos algumas dezenas desses lugares espalhados pelo mundo.

Ela devia ter ficado entusiasmada com a perspectiva de descansar por uma noite inteira—com Daniel ao seu lado!—mas algo a estava incomodando.

Preciso te contar uma coisa. — Ela encarou-o no caminho. Uma coruja piou do pinheiro e a água batia ao longo da costa, mas por outro lado a ilha escura estava tranquila.

Eu sei.

Você sabe?

Eu vi. — os olhos de Daniel ficaram um cinza tempestuoso. — Ele te enganou, não foi?

Sim! — Luce chorou, corando com a vergonha disso.

Quanto tempo ele esteve com você? — Daniel inquietou-se, quase como se estivesse tentando suprimir ciúme.

Muito tempo. — Luce estremeceu. Mas fica pior... ele está planejando algo terrível.

Ele sempre está planejando algo terrível. — Daniel murmurou.

Não, isso era grande. — Ela deu um passo para os braços de Daniel e apertou as mãos contra o peito. Ele me disse, ele disse que queria limpar a lousa.

Daniel enrijeceu apertando o braço em volta de sua cintura.— Ele disse o quê?

Eu não entendi tudo. Ele disse que estava voltando para a queda e ia abrir um Anunciador para pegar todos os anjos com ele e partir daquele momento em linha reta até o presente. Ele disse que estava indo...

Limpar o tempo no meio. Limpar nossa existência. — Daniel disse com a voz rouca.

Sim.

Não. — ele agarrou a mão dela e a puxou para a cabine. Eles podem estar nos espionando.

Sophia. Os Párias. Qualquer um. Vem para dentro, onde é seguro. Você tem que me dizer tudo o que ele disse, Luce, tudo.

Daniel praticamente arrancou a porta vermelha de madeira da cabine ao abri-la, trancando-a ao entrarem. Um instante depois, antes que eles pudessem fazer qualquer outra coisa, um par de braços envolveu Luce e Daniel em um gigante abraço.

Vocês estão seguros. — a voz rompeu com alívio.

Cam. Luce virou a cabeça para ver o demônio vestido todo de preto, tal como o uniforme que tinha usado na Espada & Cruz. Suas enormes asas douradas foram puxadas para trás de seus ombros. Elas enviavam brilhos de luz, refletindo nas paredes. Sua pele estava pálida e parecia magro, seus olhos se destacavam como esmeraldas.

Estamos de volta, — disse Daniel cautelosamente, dando palmadas no ombro de Cam. Eu não tenho certeza se diria seguros.

Cam varreu atentamente Luce com o olhar. Por que ele estava aqui? Por que Daniel parecia feliz em vê-lo?

Daniel levou Luce para a cadeira de balanço de vime próxima da lareira crepitante e gesticulou para ela se sentar. Ela desabou na cadeira, e ele sentou-se no braço, descansando a mão sobre as costas dela.

A cabana estava como ela se lembrava: quente e seca e com cheiro de canela. A cama estreita de lona no canto onde ela dormia estava bem feita. Havia a escada estreita de madeira levando até o pequeno sótão que dava para a sala principal. A lâmpada verde ainda pendia de uma viga.

Como você sabia que estaríamos aqui? — Daniel perguntou a Cam.

Roland leu algo nos Anunciadores esta manhã. Ele pensou que você poderia estar voltando e que algo a mais poderia estar se desenvolvendo. — Cam olhou Daniel. Algo que afeta a todos nós.

Se o que Luce diz é verdade, isso não é algo que qualquer um de nós possa assumir sozinho.
Cam inclinou a cabeça para Luce. Eu sei. Os outros estão a caminho. Tomei a liberdade de espalhar a notícia.

Quase em seguida, no sótão, uma janela quebrou. Daniel e Cam se abaixaram junto aos pés.

Somos nós! — a voz de Ariane cantou para baixo. Temos Nefilins no reboque, por isso viajamos com a graça de um time de hóquei de faculdade.

Uma grande explosão de luz ouro e prata que vinha de cima fizeram com que as paredes da cabana estremecessem. Luce saltou para seus pés apenas a tempo de ver Ariane, Roland, Gabbe, Molly, e Annabelle — a menina que Luce tinha visto em Helston era um anjo — lentamente voando para baixo das vigas, todos com suas asas estendidas. Juntos, eles eram uma miríade de cores: preto e dourado, branco e prata. As cores ficaram para lados diferentes, mas lá estavam eles. Juntos.
Um momento depois, Shelby e Miles desceram trovejando a escada de madeira. Eles ainda estavam vestidos com as roupas — Shelby com o suéter verde e Miles com jeans e boné de beisebol — que tinham usado para o jantar de Ação de Graças, que parecia uma eternidade atrás.

Luce sentia como se estivesse sonhando. Foi tão maravilhoso ver estes rostos familiares agora — rostos que ela realmente se perguntou se jamais veria novamente. As únicas pessoas faltando eram seus pais, é claro, e Callie, mas ela iria vê-los em breve.

Começando com Ariane, os anjos e todos os Nefilins circularam Luce e Daniel em outro abraço em massa. Mesmo Annabelle, a quem Luce mal conhecia. Mesmo Molly.

De repente, todo mundo estava gritando um por cima do outro — Annabelle, batendo as trêmulas pálpebras rosa: Quando você voltou? Temos tanta coisa para por em dia! — e Gabbe, beijando Luce na bochecha: Espero que você tenha sido cuidadosa... e espero que você tenha visto o que precisava ver. — e Ariane: Você nos trouxe de volta alguma coisa boa? — e Shelby, sem fôlego: Nós estávamos procurando por você para, tipo, sempre. Não estávamos, Miles? — e Roland: Bem legal ver que você chegou em casa inteira, garota. — e Daniel silenciando a todos com a gravidade do seu tom: Quem trouxe os Nefilins?

Eu trouxe. — Molly passou o braço ao redor de Shelby e Miles. Você tem algo a dizer sobre isso?

Daniel lançou os olhos sobre os amigos de Luce da Shoreline. Antes que ela tivesse a chance de interceder por eles, os cantos dos lábios dele repuxaram para cima em um sorriso, e ele disse: Bom. Nós vamos precisar de toda a ajuda que pudermos obter. Todos se sentem.

Lúcifer não deve pretender isso. — disse Cam, balançando a cabeça atordoado. — Isto é apenas um último recurso desesperado. Ele não poderia. Ele está, provavelmente, apenas tentando obter Luce para...

Ele faria. — completou Roland.

Eles estavam espalhados em um círculo perto do fogo, de frente para Luce e Daniel na cadeira de balanço. Gabbe tinha encontrado cachorro-quente, marshmallows e pacotes de chocolate quente em pó no armário da cozinha e montou uma pequena estação de cozinha na frente do fogo.

Ele prefere começar de novo do que perder seu orgulho, — Molly acrescentou. Além disso, ele não tem nada a perder, apagando o passado.

Miles deixou cair o cachorro-quente e o prato fez barulho no chão de madeira. Isso não significaria que Shelby e eu—não existiríamos mais? E o que dizer sobre Luce, onde ela estaria?

Ninguém respondeu. Luce se sentia vergonhosamente ciente de seu status não angélico. Um jato quente se espalhou através do topo de seus ombros.

Como nós ainda estamos aqui se o tempo foi reescrito? — Shelby perguntou.

Porque eles não terminaram a queda ainda — disse Daniel. Quando caímos, o ato é feito e não pode ser interrompido.

Então nós temos — Ariane prendeu a respiração. Nove dias.

Daniel? — Gabbe olhou para ele. Nos diga o que podemos fazer.

Só há uma coisa a fazer. — Daniel disse. Todas as asas brilhantes na cabine puxadas para ele em expectativa. Temos que chamar todos para o primeiro local onde os anjos caíram.

Que fica onde? — Miles perguntou.

Ninguém falou por um tempo muito longo

É difícil dizer. — Daniel finalmente respondeu. Aconteceu há muito tempo, e éramos todos novos na Terra. Mas, — ele olhou para Cam. Nós temos meios de descobrir isso.

Cam assobiou humildemente. Ele estava com medo?

Nove dias não é muito tempo para achar o local da queda, — Gabbe disse. Muito menos descobrir como parar Lúcifer se e quando nós chegarmos.

Temos que tentar. — Luce respondeu sem pensar, surpreendida por sua própria certeza.

Daniel examinou a reunião de anjos, os supostos demônios e os Nefilins. Seu olhar abrangia todos eles, sua família. Estamos juntos nisso, então? Todos nós? — Finalmente, seus olhos descansaram em Luce.

E embora ela não pudesse imaginar o amanhã, Luce deu um passo para os braços de Daniel e disse:

Sempre.

FIM